



VITOR ALEXANDRE CHNEE

O PROJETO SECRETO DE EINSTEIN

**Vitor Alexandre
Chnee**

**O PROJETO
SECRETO DE
EINSTEIN**



LANDMARK, 2005

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial sempre me fascinou. Em especial por eu ter vários parentes que estiveram envolvidos diretamente no conflito. Assim, sempre ouvi muitas histórias a esse respeito. Por isso, resolvi fazer um tributo a um grande cientista, meu ídolo Albert Einstein, que em 2005 foi lembrado durante o Ano Mundial da Física, celebrado internacionalmente. Pois foi 1905 o "Ano Miraculoso" de Einstein, em que ele elaborou três de suas principais teorias, entre elas a famosa Teoria Especial da Relatividade.

Einstein, que teve dificuldades para aprender a falar, chegou até ser cogitado como deficiente mental. Concluiu sem brilhantismo o estudo secundário cursando, apesar de ser judeu, um liceu católico de Munique, Alemanha. Se tivesse considerado os conselhos de um de seus professores, teria abandonado a escola. Com boas notas somente em matemática, foi admitido, em 1896, no Instituto Politécnico de Zurique, onde se graduou com dificuldade em 1901. Einstein tentou ser professor, mas conseguiu apenas um emprego no serviço federal de patentes em 1902, em Berna, na Suíça. No entanto, foi o que precisava para tornar-se o cientista do século, à semelhança de Newton, outro

"mau" aluno. As muitas horas vagas que o modesto emprego lhe oferecia foram aproveitadas para refletir sobre os grandes problemas da física contemporânea. De fato, em 1905 o mundo tomou conhecimento de sua existência e desde então o nome Einstein é sinônimo de genialidade.

Este livro é fruto de uma ampla pesquisa e baseia-se em fatos reais, que podem ser facilmente comprovados em farta literatura a respeito da Segunda Guerra Mundial e também sobre Einstein. No final do livro apresento uma série de referências, incluindo *sites* que possuem interessante acervo fotográfico.

Aproveito para agradecer a meu pai, Igor, que infelizmente foi obrigado a sofrer os horrores da guerra. Sua experiência foi importante na revisão do livro, dando mais conteúdo a ele. Gostaria também de agradecer a meu sogro Dino Celani, que gentilmente cedeu parte do material que muito contribuiu para esta obra.

Agradeço a Fábio Cyrino pelas sugestões e pelo apoio, sem os quais não teria terminado esta obra.

Dedico esta obra a Rodrigo, Marina e Patrícia, que são a razão de minha perseverança.

Vitor Alexandre Chnee

CAPÍTULO I

*Há somente duas coisas infinitas,
o Universo e a estupidez humana,
mas eu não tenho tanta certeza
sobre a primeira.*

Albert Einstein

"Pelo amor de Deus, não!" - disse em desespero o senhor Isaiiah. Mas sua súplica não evitou que o punho fechado rasgasse o ar e acertasse em cheio a face de sua mulher, provocando um estalo horrível. Aquele som fez com que o senhor Isaiiah contorcesse todo seu

corpo como se tivesse, ele mesmo, levado o soco.

O senhor Isaiiah, amarrado com cordas em uma cadeira, nada pôde fazer contra aquele ataque covarde. Com o soco, sua mulher foi lançada sobre o sofá que estava bem à sua frente. Ela agora estava deitada de bruços sobre o sofá e seus cabelos, já ralos, caíam desarrumados em volta de sua cabeça. O sangue começava a sair de sua boca, mas principalmente do nariz.

"Que fiz eu?" - encheu-se de remorso o senhor Isaiiah, pois sabia que aquilo devia-se à sua teimosia. "Estaria morta?" - lamentou-se em seus pensamentos.

Mas percebeu que ela se mexia levemente. Devagar, ela abriu os olhos azuis que ele tanto amava. Seu olhar assustado suplicava por misericórdia. Sentindo um pequeno alívio, o senhor Isaiah soltou a respiração e tentava relaxar quando escutou um berro:

"Die Papiere!"

O senhor Isaiah sabia exatamente de quais papéis aquele alemão bruto e enorme estava falando. Mas ele também havia se comprometido com seu amigo Albert, décadas antes, a não entregá-los a ninguém, jamais, a não ser ao próprio Albert ou a um expresso enviado seu.

O dia, aliás, não podia ter sido pior. Primeiro foram as terríveis notícias

ouvidas no início da noite sobre o torpedeamento de navios brasileiros na rota para os Estados Unidos, com muitas mortes e perda de valiosas cargas. O rádio, única distração daqueles tempos, era ligado todas as noites logo após escurecer. O casal Estelvich estava distraído ouvindo um pouco de música brasileira quando, logo depois do jantar, a casa foi invadida por dois desconhecidos que simplesmente arreventaram a porta da frente. Dois alemães brutos que ele nunca havia visto antes.

Após bater nele, um deles socou sua amada esposa Sarah, com quem estava casado há meio século. Aquilo foi demais para um casal idoso. Haviam

vindo para o Brasil logo depois da Primeira Guerra Mundial como refugiados. Estabeleceram-se no Rio de Janeiro, capital de um país que parecia estar muito longe dos horrores da guerra. Mas, após pouco mais de duas décadas de vida tranqüila, em maio de 1942 algumas pessoas fizeram questão de trazer os horrores para perto. Muito perto.

"Não me faça pedir de novo!" - berrou o alemão. Virou-se para o outro agente e ordenou:

"Bata nela de novo!"

Antes mesmo que o agente pensasse em cumprir aquela ordem, uma voz cansada, porém decidida ecoou pela sala:

"Basta!" - suplicou finalmente o senhor Isaiiah. Sem saída, pediu:

"Chega de violência."

A sessão de tortura havia durado pouco mais de meia hora, uma eternidade para um casal de idade avançada. A força dos golpes desferidos no senhor Isaiiah fora sempre cuidadosamente controlada, pois era vital mantê-lo acordado. Mas ele era muito teimoso e possuía uma resistência excepcional. Não se dobrara àquilo nem às súplicas de sua mulher Sarah, que não agüentava vê-lo apanhar.

Ao ver que aquilo não surtia efeito e temendo desacordar o velho, mudaram de estratégia e resolveram expor o senhor Isaiiah a algo ainda mais terrível.

De fato, bastou um único soco em sua mulher para que ele resolvesse colaborar.

"Então nos entregue o que viemos buscar e iremos embora imediatamente." - disse com voz gélida o menor dos dois alemães, falando em um português carregado pelo sotaque. Era menor e não se parecia tanto com um alemão, pois tinha cabelos e olhos castanho escuro. Além disso, não tinha o mesmo porte atlético e arrogante do segundo homem. Talvez por isso mesmo a *Geheime Staats Polizei* (Polícia Secreta do Estado), ou simplesmente *Gestapo*, o havia enviado para o Rio de Janeiro, pois não chamaria tanto a atenção.

A *Gestapo* era um dos departamentos da SS ou *Schutzstaffel* (Esquadrão de Proteção). A SS era uma extensa organização paramilitar que pertencia ao partido nazista. Os nazistas tinham a SS como uma unidade de elite, baseada na Guarda Pretoriana, com todo seu pessoal selecionado com base em requisitos ideológicos e raciais. A SS se diferenciava dos outros corpos militares alemães com suas próprias insígnias, uniformes e patentes. As unidades de combate da SS chamavam-se *Waffen-SS* e provaram ser realmente eficazes, em muitos casos ainda mais eficazes que o próprio exército regular, a *Wehrmacht*. A expansão da SS foi feita por Himmeler, que se baseou em modelos de outros

grupos organizados, tais como os Cavaleiros Templários, a Ordem Jesuíta e as Brigadas Negras Italianas.

O outro alemão, com quase dois metros de altura, não falava português. Era muito branco, tinha olhos azuis, cabelos louros e visivelmente era o chefe da dupla. Com certeza havia acabado de chegar à cidade, provavelmente enviado em especial para aquela *missão*.

O senhor Isaiah concordou com a cabeça, bem devagar. Conseguiu movê-la apenas uma vez para cima e outra para baixo. Seu moral estava baixo e já não pensava mais em resistir.

Um dos agentes, que parecia servir o líder, desamarrou o senhor Isaiah. Este

se levantou com muita dificuldade e, como quem vai a um funeral, começou a caminhar pela sala, arrastando os pés. Lançou um olhar grave a sua mulher Sarah e percebeu que os olhos dela o desaprovavam, pois ela também sabia das eventuais conseqüências daquele ato. Mesmo tendo jurado segredo, com os anos Isaiah acabou contando a ela o que guardava com tanto cuidado em certo baú da casa. Mas, naquele momento, não teve outra saída senão entregar o conteúdo aos agressores - não poderia permitir que aquela violência continuasse.

O outro alemão, o maior dos dois e que parecia ser o líder, empurrou o senhor Isaiah para que este andasse mais

rápido. Com o empurrão o senhor Isaiiah, velho e cansado de tudo aquilo, tropeçou em seu próprio pé e caiu no chão. Por sorte caiu no felpudo tapete que estava por cima do assoalho de madeira e não se machucou. Tentou então valorizar a cena ficando deitado no chão o quanto pôde. O agente não se comoveu com aquilo e, pegando na cintura da calça do senhor Isaiiah, o levantou do chão deixando-o na horizontal algumas dezenas de centímetros acima do solo. O senhor Isaiiah movimentava seus braços e pernas para manter o equilíbrio ao mesmo tempo em que tentava se proteger de uma iminente queda. Ao ver aquilo sua mulher se desesperou, pois também

pressentiu que o agente iria soltar seu marido, que certamente arrebentaria alguma coisa com o impacto no chão. Apesar de muito fraca, protestou:

"Não!"

O agente podia ser bruto, mas certamente não era burro. Percebeu que se fizesse aquilo talvez o velho ficasse realmente incapacitado de dar-lhe o que viera buscar. Para ele foi um gesto pensado, mas para os demais foi um gesto inesperado. O fato é que, com a outra mão, o agente empurrou as pernas do senhor Isaiah, colocando-o na posição vertical. Certificou-se de que o velho estava de pé e que não perderia seu equilíbrio, e então o soltou.

Ao perceber o chão pressionando seus pés novamente, o senhor Isaiah sentiu-se muito aliviado. Olhou com o canto dos olhos para sua esposa e achou que ela agüentaria. Mas não havia muito o que fazer. Sabia que se tentasse algo assim de novo seria severamente castigado de alguma forma. Ficou sem opção e disse:

"Preciso achar uma chave. Os papéis estão bem guardados. Mas sem a chave não poderei pegá-los."

A única resposta obtida foi um olhar ameaçador, claramente entendido pelo senhor Isaiah.

O líder resolveu seguir o senhor Isaiah. Virou-se para o outro agente e ordenou secamente:

"Fique aqui e vigie-a."

"Onde estariam os prometidos agentes americanos?" - pensou ele enquanto tentava retardar ao máximo a entrega dos *papéis*.

CAPÍTULO II

Coloque sua mão sobre um fogão quente por um minuto e parecerá como uma hora. Sente-se com uma moça bonita por uma hora e parecerá como um minuto. Isso é relatividade.

Albert Einstein

Enquanto fingia procurar uma chave, para aliviar o nervosismo o senhor Isaiah recordava seu último encontro com o amigo de tantos anos.

A senhora Sarah já o havia perdido de vista, juntou suas forças e sentou-se no sofá com a cabeça para trás, na tentativa de estancar o sangramento. O sangue parecia vir de dentro do nariz, que poderia estar quebrado. O agente a seu lado apenas assistia, impassível.

O amigo Albert, em todo aquele tempo, nunca havia deixado de se corresponder com ele. Mas depois que o casal Estelvich deixou a Alemanha, por apenas uma vez, em maio de 1925, voltou a se encontrar com o querido amigo. Com o pretexto de proferir palestras científicas, Albert Einstein fizera uma viagem para a América do Sul.

No entanto, é sabido que a viagem

serviu para inúmeros contatos com judeus, alguns deles em segredo. Sua missão pessoal foi levantar fundos para a causa sionista e mobilizar os judeus contra o crescente movimento anti-semita europeu. Einstein foi um dos poucos judeus com visão suficiente para saber que eles precisavam se organizar contra os anti-semitas.

Sua visita iniciou-se em 24 de março por Buenos Aires, na Argentina, onde ficou três semanas. Dali ele seguiu para Montevidéu, no Uruguai, onde permaneceu por uma semana e ministrou três conferências em francês. Do Uruguai ele partiu para o Brasil, para uma semana de permanência no Rio de Janeiro, onde também apresentou

conferências. No entanto, era sabido que a platéia em geral não estava preparada para uma palestra *científica*. Na verdade, as pessoas iam às palestras apenas para conhecer a celebridade de perto. Até mesmo várias crianças compareceram. Em relação às palestras proferidas na América do Sul,

Einstein chegou a comentar em seu diário:

"As questões científicas eram tão estúpidas que era difícil permanecer sério."

Estranhamente, no Rio de Janeiro ele acertou a programação apenas no dia da sua chegada. O próprio senhor Isaiah, líder local, o ajudou na programação e,

até onde se sabe, foi o grande articulador para que Einstein viesse também ao Brasil. Além dos compromissos sociais, incluindo uma visita ao presidente da República, Arthur Bernardes, Einstein fez duas conferências sobre a Teoria da Relatividade, no Clube de Engenharia e na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e também uma comunicação na Academia Brasileira de Ciências.

No Clube de Engenharia, por exemplo, encontrou o salão superlotado. Não por cientistas ou estudantes mas por embaixadores, generais do Exército e representantes dos ministros. Havia alguns engenheiros, é verdade, mas muitos deles estavam acompanhados de

suas esposas e filhos. Não era uma platéia apropriada para conferências científicas. As pessoas estavam ali com o objetivo de conhecer um astro mundial.

Naquela rápida visita ao Brasil, o ilustre visitante esteve muito ocupado, mas reservou várias horas para reencontrar o amigo em cuja casa foi tomar chá, no final daquela agradável tarde de outono.

O casal Isaiah e Sarah Estelovich mal podia conter a ansiedade pela chegada do ilustre visitante. Muitos anos haviam se passado desde o último encontro, na despedida do casal na Alemanha. Na época Einstein já era famoso mas fez questão de se despedir pessoalmente

dos amigos quando estes embarcaram em um vapor, no porto de Hamburgo.

Em pé, na porta de sua casa, o casal estava de braços dados quando um carro oficial brasileiro parou em frente. De dentro saiu um sujeito meio desengonçado e com uma grande cabeleira. O casal caminhou em direção ao visitante, encontrando-o ainda na calçada. Os três abriram largos sorrisos, deram-se as mãos e trocaram gestos de carinho. Algumas lágrimas rolaram e certamente foi o maior sorriso que Einstein deu em toda aquela viagem.

"*Herr* Isaiah, como vai?" - disse por fim o visitante, para quebrar o silêncio incômodo.

"Muito bem, querido amigo. Esta terra, com seu clima ameno, é uma bênção para nós." - respondeu polidamente Isaiiah.

"Realmente deve ser. *Frau* Sarah, a senhora parece que não envelheceu nem um dia desde nosso último encontro." - disse Einstein, virando-se para a elegante senhora que, com o elogio, mostrou brilho em seus olhos.

"O senhor é sempre muito gentil." - disse meio sem jeito a senhora Sarah.

A seguir o senhor Isaiiah convidou o amigo para entrar e caminharam os três juntos para dentro da casa.

Ao entrarem, o senhor Isaiiah puxou Einstein um pouco de lado e comentou

com o velho camarada:

"Herr Albert, há quanto tempo, hein? Parece que foi ontem quando nós estávamos na Alemanha, e depois em Berna." - disse o senhor Isaiah, com os olhos começando a marejar. Einstein não conseguiu responder e ele continuou: "Mas o senhor não está com uma aparência muito boa. O que há? Vai dizer que já quer voltar para a Europa."

"Não, não é nada disso. Estou aproveitando bem a viagem. Tenho feito ótimos contatos com cavalheiros aqui da América do Sul. Estou muito surpreso com o tamanho e grandiosidade de sua gente. Mas acontece que ontem eu comi um prato típico daqui que fizeram questão que eu provasse. Protestei, não

queria fazer nenhum tipo de aventura gastronômica, mas não houve jeito. Acho que o nome do prato é vatapá com pimenta. Não me recuperei ainda. Mas isso passa."

A senhora Sarah, olhando para o marido, sorriu levemente. Ela virou-se de novo para Einstein e disse:

"Então vamos nos sentar e tomar um pouco de chá preto, o que vai ajudá-lo nessa sua recuperação. Não se envergonhe porque esse tipo de desarranjo também acontece com freqüência comigo ou com o senhor Isaiah. Mas, normalmente, quando faz mais calor. O senhor nem queira saber o calor que faz aqui no verão. Veja que estamos no outono e a temperatura está

bastante agradável."

"De fato, é bastante diferente da Europa." - disse Einstein, soltando um leve, mas forçado sorriso.

"O senhor não gostaria de me dar seu chapéu?" - perguntou gentilmente a senhora Sarah.

Einstein entregou o chapéu para a senhora Sarah, que foi pendurá-lo. Ao mesmo tempo o senhor Isaiah conduziu o visitante à sala de estar, onde puderam se sentar. Após se sentarem o senhor Isaiah, ansioso, disparou:

"E quais as novidades da Europa? O senhor sabe que aqui as notícias, quando chegam, nem sempre são muito corretas. Além do atraso, é claro."

"Os países europeus ainda estão se recuperando do trauma da Guerra Mundial de alguns anos atrás. As economias estão muito abaladas e o desemprego ainda é grande. Minha impressão é que ficará uma cicatriz que nunca sumirá."

"Foi por causa desse mesmo trauma que eu e Sarah imigramos para cá. Aqui estamos longe das disputas européias. Esta terra pode ser atrasada, mas tem suas belezas e seu povo é muito hospitaleiro."

"Então parece que vocês estão muito bem." - concluiu Einstein.

O senhor Isaiah deu como resposta apenas um sorriso satisfeito. Achava

que, realmente, tinha acertado em sair da Europa. Einstein então, de repente, ficou bastante sério e disse:

"O pior de tudo, senhor Isaiah, é a perseguição que nós judeus enfrentamos. Em especial em nossa pátria, a Alemanha. E eu ainda mais, por assumir uma atitude pacifista. Um judeu pacifista. É tudo o que os nacional-socialistas querem para alvo." - disse o senhor Albert com voz triste.

O senhor Isaiah apenas acompanhou com atenção aquelas palavras. Ele, homem instruído, sabia daquele tipo de problema. Só não tinha idéia da gravidade que assumira. Os três fizeram alguns instantes de silêncio e o ar da sala ficou pesado. A ocasião era de

festa e, esperta, a senhora Sarah mudou de assunto rápido, lembrando um alegre acontecimento:

"Ficamos sabendo de seu grande sucesso. Chegou a receber um Prêmio Nobel. Isso não é para qualquer um."

"Sim, é verdade. Mas há outros cientistas mundo afora que talvez o mereçam tanto quanto eu." - respondeu o modesto Einstein.

A senhora Sarah virou-se de novo para seu marido e, outra vez, sorriu levemente.

"Mas o que está achando desta terra longínqua?" - perguntou o senhor Isaiah.

"É linda. O Rio de Janeiro é lindo. Uma paisagem deslumbrante como nunca vi

em outra parte do mundo. E o povo é muito hospitaleiro."

"É o que achamos também."

"Fiquei desapontado apenas com o grande número de habitações impróprias que se vê pela cidade. Existe miséria na Europa, mas de algum modo ela é diferente dessa daqui. Talvez pelos europeus serem mais instruídos, parece que lá há uma saída." - disse Einstein.

"Se o senhor sair dos grandes centros, então ficará chocado de verdade. A miséria do sertão é ainda pior. Além da falta de recursos, ainda por cima há o problema das enchentes e das secas. E o senhor tem razão quanto a instrução. Falando apenas do básico, não é difícil

encontrar pessoas que não conseguem escrever o próprio nome. Imagine então tentar encontrar alguém que realmente tenha estudado."

"É preciso fazer algo pelo povo mais sofrido." - concluiu Einstein, como se o problema também o afetasse.

"Sei que se o senhor quiser, o senhor conseguirá. Afinal, é teimoso como uma pedra."

Todos deram algumas gargalhadas. O senhor Isaiah, espirituoso, tinha feito uma piada com o nome de Einstein, que em alemão quer dizer "uma pedra" ou "a pedra" (*cin Stein*).

De fato, no futuro Einstein se tornaria um socialista convicto, defendendo

aquela idéia abertamente. Com certeza a visão de pessoas vivendo em condições subumanas na América do Sul e em outras partes do mundo contribuiu para seu posicionamento político.

A senhora Sarah apenas ouvia a conversa e, subitamente, lembrou-se da chaleira no fogo da cozinha.

"Os senhores me desculpem, mas preciso ir até a cozinha ver se a água para nosso chá já ferveu." - disse ela gentilmente enquanto se levantava. Ambos os cavalheiros acompanharam seu movimento, levantando-se ligeiramente das poltronas enquanto arqueavam o dorso. Em seguida sentaram de novo, olhando um para o outro satisfeitos por reconhecerem um

semelhante.

O senhor Albert havia trazido consigo uma pasta volumosa, que estava em suas mãos. Aproveitando-se do momento em que a senhora Sarah esteve ausente da sala, virou-se para o amigo, mostrando a pasta negra:

"Preciso pedir-lhe um enorme favor. Mas se o que vou pedir-lhe estiver fora de seu alcance, avise-me e entenderei."

"Meu amigo, por ti faço e farei qualquer coisa." - respondeu gentilmente o senhor Isaiah.

"Aliás, já estava ficando bem curioso a respeito dessa pasta, que o senhor não larga um minuto." - aproveitou para provocar o amigo.

Einstein deu um sorriso forçado mas voltou a ficar sério rápido. Ele sabia da gravidade do problema.

"Muito obrigado por se colocar à disposição tão prontamente. Para mim, sua amizade é de um enorme valor."

Fez uma rápida pausa para respirar fundo e continuou:

"Ocorre que esta pasta contém documentos sobre um trabalho científico que desenvolvo há vários anos. Mas ela não pode mais ficar na Alemanha. Há perigosos boatos sobre este trabalho e as pesquisas que fiz em campo. Tenho feito algumas perguntas e trocado idéias com nossos antigos amigos e sei que os boatos estão partindo de nossos colegas

da Academia Olímpia."

"Academia Olímpia! Há quanto tempo não escuto esse nome ..." - emocionou-se o senhor Isaiiah enquanto seus olhos brilhavam.

"Mas e os boatos? São verdadeiros?" - perguntou o senhor Isaiiah com certo ar de camaradagem, como quem de fato já conhecia a capacidade do amigo de longa data. A resposta foi exatamente aquela que ele esperava.

"Temo que sim, meu amigo." - Einstein respondeu sorrindo, como quem ficou sem graça. Uma de suas características era ser humilde em relação ao próprio trabalho. Fez uma breve pausa e continuou:

"Mas tem mais. Tenho receio de que caia em mãos erradas. No final da Guerra Mundial foi fundado na Alemanha, ainda em 1919, um partido chamado *National Sozialistische Deutsche Arbeits Partei*. O povo tem associado as primeiras sílabas de *National* e de *Sozialistische* formando a palavra *Nazi*. Seus participantes têm sido chamados, portanto, de *nazistas*. Com forte apelo popular, tudo indica que nos próximos anos os nacional-socialistas vão crescer no país. Se tomarem o poder, só Deus sabe o que acontecerá. E se utilizarem estes planos, poderão desenvolver em pouco tempo uma potente arma que os tornaria virtualmente invencíveis."

"O que está me dizendo é horrível, Albert." - disse o senhor Isaiah, boquiaberto. E continuou:

"O senhor, que se declara pacifista, projetou uma arma invencível?" Sempre bem-humorado, Einstein respondeu: "Arma invencível é esse vatapá com pimenta." Ambos riram bastante. Einstein, novamente sério, continuou, porque sabia que devia uma explicação melhor:

"Não é bem isso, meu caro Isaiah." - disse Albert pacientemente a seu amigo. Ele sabia que o amigo havia estudado ciência por imposição de sua família. Mas a natureza prevaleceu e pouco a pouco ele foi perdendo o interesse pelo que estudara. O amigo então se dedicou

à religião, e portanto aquelas palavras podiam ser mal interpretadas. Deveria haver muito cuidado com elas.

"Isaiah, veja bem. Os planos que estão nesta pasta *não têm cópia*. Este estudo eu desenvolvi em segredo e trata-se de uma tecnologia que hoje ainda não existe. Consegui comprovar em laboratório muito do que desenvolvi na teoria e quase posso garantir que a tecnologia é viável. Mas, se cair em mãos erradas, pode sim ser aplicada para tornar-se uma arma terrível, que por sua vez pode tornar invencível o exército que a desenvolver."

"Entendo." - assentiu o senhor Isaiah, com a cabeça, bem devagar.

"Fique tranqüilo, Albert. Não vou questionar seu projeto, pois entendo perfeitamente suas razões. Deixe aqui sua pasta, este país está muito longe dos conflitos europeus e seu segredo ficará seguro comigo. Se algum dia eu temer por ele, entro em contato contigo para que providencie o resgate de sua pasta."

Percebendo a volta da senhora Sarah, mudaram rapidamente de assunto e voltaram a falar do tal vatapá com pimenta. Ela entrou na sala com uma bandeja com três xícaras e um bule.

Deu uma xícara a cada um dos cavalheiros e separou uma outra para si mesma. Derramou a água quente dentro da xícara do convidado e, com um leve e doce sorriso, perguntou apenas:

"Diga-me o quanto estiver bom, *Herr* Einstein."

O ambiente era muito agradável. As janelas com cortinas brancas filtravam levemente a luz do sol deixando o ambiente claro e alegre naquele fim de tarde. Não havia nenhum luxo ali, mas os sofás e poltronas eram muito confortáveis. Espalhados pelo ambiente, havia inúmeros símbolos judaicos que confirmavam o caráter religioso do anfitrião.

Enquanto a senhora Sarah enchia as xícaras com água quente, a sala adquiria o odor característico do chá preto. A visita continuou com muita cordialidade entre os três amigos. Era muito bom recordar os bons tempos da juventude. A

verdadeira amizade, Einstein sabia, era aquela que vinha ainda dos bancos escolares. Agora que ele era uma celebridade, as pessoas se aproximavam dele apenas por interesse. Depois que foi agraciado com o Prêmio Nobel, muito mais ainda pelo dinheiro. Estar ali com verdadeiros amigos era um prazer ao qual ele já não estava mais acostumado. Entre eles, no entanto, o passado guardava alguns segredos difíceis de ocultar.

Einstein casou-se duas vezes. A primeira com a matemática Sérvia Mileva Maric (1875 -1948). Ela foi a colega, companheira e finalmente confidente de Einstein: o grau de participação em suas descobertas é alvo

de controvérsias até hoje. Mileva nasceu em Titel, no seio de uma família servia. Durante seus primeiros anos na universidade ela foi aceita por Nikola Tesla como estudante de matemática. Em 1886, entrou na Politécnica Federal Suíça como a única estudante do sexo feminino. No mesmo ano, Einstein iniciou ali seus estudos. Einstein e Maric se apaixonaram, tiveram uma filha, Lieserl, e se casaram em seis de janeiro de 1903.

Após o casamento, Mileva sacrificou suas metas profissionais, priorizando a carreira de Einstein. Ela entrou na vida de Einstein em um período crucial de suas conquistas científicas. Tiveram mais dois filhos além de Lieserl, que

morreu ainda na infância, e sobre quem há suspeitas de ter sido adotada. Hans Albert, o filho mais velho, tornou-se professor de engenharia hidráulica na Universidade da Califórnia, Berkeley. O outro filho era psicótico, e Mileva cuidou dele até sua morte, em 1948. Einstein admirava a independência intelectual e a ambição de Mileva. Disse, certa vez, que teve sorte em achar Mileva, "uma criatura que é meu igual e que é forte e independente como eu sou".

No entanto, eles se divorciaram em 14 de fevereiro de 1919, após o crescente desgaste do casamento. Talvez ainda não fosse a hora da "grande paixão". Como consolo, Mileva acabaria ficando com o dinheiro que Einstein ganhou com

o Prêmio Nobel, em 1921.

Einstein deixou Mileva por outra mulher. Casou-se com sua prima Elsa, com quem viveu até sua morte em 1936. Elsa possuía uma beleza clássica e, segundo os historiadores, soube manter a vida privada de Einstein em perfeita ordem, mesmo antes de se casarem. No entanto, ele teria comentado em 1952:

"Até agora tudo bem. Eu sobrevivi à Alemanha nazista e a duas esposas."

Einstein era dado a romances com seus contatos femininos e alguns anos antes do divórcio de Mileva, uma outra mulher o abalou profundamente. O que não é muito difundido é quem seria aquela mulher. Mas os três que tomavam

chã naquela sala do Rio de Janeiro
sabiam muito bem quem ela era.

CAPÍTULO III

Quem apresentou Sarah a Isaiiah foi o próprio Einstein, logo após os tempos de faculdade, ainda na Alemanha. Naquele tempo não havia nada entre eles, apenas uma sadia amizade. Mas despertou em Sarah um sentimento por Einstein que era diferente de simples amizade. Da mesma maneira, no jovem Isaiiah despertaria também o mesmo tipo de sentimento por Sarah, e estava formado o triângulo amoroso. Isaiiah, ingenuamente ou talvez até por ser um genuíno cavalheiro, fingia não saber que Sarah havia tido um caso amoroso com

Einstein. Esperto, percebeu isso logo nos primeiros olhares.

Sarah, na verdade, havia se cansado de lutar contra a dedicação excessiva de Einstein ao trabalho e às suas teorias. Era o ano de 1905, que depois seria considerado o Ano Miraculoso de Einstein. Obcecado por suas novas e revolucionárias idéias, naquele ano sua mente produtiva lançou três de suas principais teorias, entre vários outros trabalhos. Aquilo foi demais para Sarah, totalmente deixada de lado por Einstein.

"Se ao menos fosse interesse por outra mulher, eu poderia lutar por ele. Mas não posso fazer nada contra um fantasma." - ela se lamentou para uma amiga quando precisou desabafar.

Apaixonada e carente de atenção, Sarah não conseguiu competir com o desafio intelectual de Einstein que, afinal de contas, ainda era um homem casado naquela época. Ela ainda, vez por outra, se encontrava com Einstein, e tentava desesperadamente despertar seu interesse, fingindo estar desinteressada. Ao contrário do resto do mundo, Sarah era a única que não comemorou o sucesso dos projetos de Einstein naquele ano. Foi aí que o jovem Isaiiah percebeu sua chance.

Mas o destino pregou-lhe uma peça e fez com que se apaixonasse perdidamente por Sarah. A paixão da mulher que ele amava por Einstein começou a incomodá-lo e, com muita delicadeza,

soube pouco a pouco afastar-se do amigo. De fato, com os anos se viram cada vez menos. Então veio a Primeira Guerra Mundial e o útil uniu-se ao agradável: resolveram emigrar da Alemanha para um local distante.

Alheio a tudo isso, Einstein apenas se lamentaria da ausência dos dois amigos, e nos anos que se seguiram focaria cada vez mais seu trabalho, cujo sucesso teve início no Ano Miraculoso, em 1905.

No primeiro de três documentos, Einstein examinou o fenômeno descoberto por Max Planck de acordo com o qual a energia eletromagnética era emitida em quantidades discretas. A energia do quanta era diretamente proporcional à frequência da radiação.

Isso parecia contradizer a teoria eletromagnética clássica, baseada nas equações de Maxwell, e as leis termodinâmicas, que admitiam que aquela energia eletromagnética consistia em ondas que poderiam conter qualquer quantidade pequena de energia. Einstein utilizou a hipótese do quantum de Planck para descrever a Radiação Eletromagnética da luz. Aliás, Max Planck formulou com sua *lei* o que seria o comportamento de *corpos negros* (em física um corpo negro é um objeto que absorve toda a luz que cai sobre ele: nenhuma luz passa através dele, nem é refletida. Apesar do nome, corpos negros realmente emitem radiação térmica, como a luz por exemplo). Não

seria justo deixar de mencionar que o termo *corpo negro* foi introduzido por Gustav Kirchhoff ainda em 1862, e que a luz emitida por um corpo negro é chamada de *radiação de um corpo negro*. Essa teoria se tornaria mais popular ainda no século XX, com os *buracos negros*.

O segundo trabalho de Einstein em 1905 propôs o que é chamado hoje de Teoria Especial da Relatividade. Ele fundou a nova teoria em uma re-interpretação do princípio clássico da relatividade, isto é, que as leis da física devem ter a mesma forma em qualquer referencial. Como uma segunda hipótese fundamental, Einstein assumiu que a velocidade da luz permanece constante

em todos os referenciais, como requer a teoria de Maxwell. No mesmo ano, Einstein mostrou como massa e energia são equivalentes. Esse princípio é mostrado pela fórmula $E = mc^2$, ou seja, se multiplicarmos a massa de um corpo qualquer pela velocidade da luz ao quadrado, obteremos a energia equivalente. Isso é de conhecimento geral, ou pelo menos daqueles que prestaram um pouco de atenção às aulas de física no ensino médio. Mas o que pouca gente sabe é que, de acordo com o historiador de matemática Umberto Bartocci, da Universidade de Perugia, a famosa equação foi publicada dois anos antes por Olinto de Pretto, um industrial de Vicenza, Itália. No entanto isso não

costuma ser lembrado pois, mesmo que Olinto de Pretto tenha feito isso, foi Einstein quem conectou a fórmula com a Teoria da Relatividade. De qualquer modo a maioria dos cientistas considerou essa teoria apenas como mais uma curiosidade até a década de 1930, quando os problemas de energia começaram a rondar o globo. O petróleo era adotado como força motriz global, devido, entre outros fatores, à popularização dos automóveis. A crescente utilização dessa fonte de energia por todos os níveis industriais foi mais rápida do que a capacidade de crescimento de sua produção. A palavra *energia* começou a sair lentamente dos livros de física para ser inserida no

vocabulário popular. De fato, poucas décadas depois já havia discussões sobre o assunto nos jornais. Hoje em dia a discussão é diária.

Einstein não foi o primeiro a propor todos os componentes da Teoria Especial da Relatividade. Sua contribuição foi a de unificar as partes importantes da mecânica clássica e a teoria eletrodinâmica de Maxwell.

Alguns desavisados costumam dizer:
"Einstein disse que tudo é relativo."

Não é verdade, como já dito anteriormente. Para seu trabalho, ele admitiu que a velocidade da luz é constante em qualquer ambiente. Aliás, muitos cientistas têm tentado quebrar

essa regra, mas sem sucesso até hoje.

Einstein recebeu o Prêmio Nobel em 1921, mas não por seu mais famoso trabalho, a Teoria da Relatividade. Por questões políticas, a Academia Real de Ciências da Suécia decidiu dar o prêmio a Einstein por um trabalho não tão polêmico. Segundo a Academia, Einstein ganhou o prêmio por sua explicação dos efeitos fotoelétricos e por "suas contribuições para a Física Teórica".

O terceiro dos principais documentos de Einstein em 1905 foi sobre mecânica estatística. O cientista estava mesmo muito a frente de seu tempo. Muitas de suas teorias só puderam ser comprovadas em laboratórios décadas

depois de formuladas. Esses foram os três trabalhos oficiais divulgados. Não existe, entretanto, nenhuma estatística sobre esboços ou trabalhos que Einstein, por conveniência, não tenha tornado oficiais. Mas sabe-se que não apenas em 1905, mas por vários anos, Einstein tenha trabalhado sempre com muito afinco.

Cientista que começou a galgar a fama mundial a partir daquele ano, Einstein teve contato com vários expoentes mundiais, muitos cientistas como ele. Desse contato certamente surgiram boas idéias e talvez o que Einstein apresentou de melhor foi a enorme capacidade de catalisar idéias.

Não se sabe exatamente o por que, se foi

o reencontro com Sarah ou se foi por deixar tão pesado encargo com seu pacífico amigo mas, após a visita e naquela mesma noite, Albert Einstein teve uma crise nervosa. Apesar de ser um homem discreto e apesar da discrição de sua comitiva, esse fato acabou chegando à imprensa local. Esta noticiou seu problema durante a viagem, e que o obrigou a adiar a visita à Califórnia, nos Estados Unidos. Essas publicações podem ser encontradas ainda hoje em fac-símiles de jornais da época.

CAPÍTULO IV

Subitamente um berro fez com que o senhor Isaiah voltasse abruptamente à realidade.

"Schnell!"

"Rápido!" - repetiu o alemão, agora em português. Como se a mudança de língua pudesse fazer com que o velho andasse mais rápido.

"Nós já passamos por aqui!" - berrou novamente o alemão.

"Desculpe-me, senhor. Minha memória já não é mais a mesma." - disse seriamente o senhor Isaiah.

O agente, resignado, apenas cerrou os punhos, respirou fundo e resolveu aguardar mais um pouco.

Porém na mesma velocidade que a paciência do agente alemão ia se esgotando, o senhor Isaiah também perdia a esperança de que algum agente americano chegasse a tempo à sua casa. Seu amigo Einstein manteve contato nos anos seguintes àquele encontro e deralhe seu novo endereço nos Estados Unidos. Conforme o combinado, tão logo começou a Segunda Guerra Mundial, o senhor Isaiah não achou prudente ficar com os planos de Einstein e escreveu a este, solicitando seu resgate.

De fato, em 1939, Albert Einstein

escreveu para o presidente dos Estados Unidos, o senhor Franklin Delano Roosevelt. Já naquela época, prevendo o que ia acontecer, Einstein pediu pela construção da bomba atômica, ainda pouco mais do que uma teoria. Na mesma carta, disponível em sites da internet, percebe-se uma dúvida de Einstein. Ele não sabia se seria possível transportar a bomba via aérea, pois temia que o artefato fosse pesado demais. Essa questão em especial intrigou Roosevelt e fez com que Einstein acabasse por revelar ao presidente americano detalhes de seu projeto deixado catorze anos antes no Rio de Janeiro, que poderia ajudar a resolver o problema. O projeto também

traria outras vantagens como transportar *mais rápido e mais longe*.

Por considerarem o Brasil um local seguro e por não estarem diretamente envolvidos na guerra, os americanos decidiram não fazer nada naquele momento em relação aos documentos do Rio de Janeiro. Além disso, não era possível investir em dois projetos tão distintos. Focariam a construção da bomba atômica ou o desenvolvimento do projeto que estava no Rio de Janeiro.

Não se sabe se foi apenas por problemas com o orçamento ou se o fato de não haver uma cópia do projeto com Einstein também influenciou a decisão final. Mas após longos debates, o alto comando americano, com envolvimento

do próprio Roosevelt, decidiu que a arma a ser desenvolvida seria a bomba atômica e que o projeto no Rio de Janeiro teria que esperar. Como se sabe hoje, o desenvolvimento da bomba atômica se tornou o super secreto *Projeto Manhattan*.

O que chama a atenção, no entanto, é o tempo decorrido entre a carta de Einstein e a primeira explosão atômica. Anos se passaram e hoje é consenso entre muitos historiadores que isso se deve ao fato de que os americanos - e seus aliados - achavam que os alemães estavam muito longe daquela bomba. Na verdade acreditavam que, devido aos problemas técnicos e ao alto custo, os alemães nem deveriam estar

pesquisando tal arma. Isso, no entanto, durou até 1943, quando Niels Bohr fugiu da Dinamarca ocupada para a Inglaterra e contou aos aliados sobre um encontro que tivera com Heisenberg, líder da pesquisa atômica alemã. Segundo Bohr pôde entender, os alemães estavam focados no desenvolvimento da bomba atômica e estariam sim próximos de obtê-la. Essa declaração teria horrorizado os líderes aliados que, então, tornaram o Projeto Manhattan prioridade máxima.

Mas o fato é que os cientistas alemães informaram o então responsável nazista por armamentos, Albert Speer, que não teriam a bomba em menos de alguns anos. Speer, no verão de 1943, deu

permissão para o uso de núcleos de urânio em munição de núcleo resistente. Muito depois da guerra, apresentou em sua biografia: "A liberação por mim de nossos estoques de urânio, de cerca de mil e duzentas toneladas métricas, mostrava que não mais pensávamos em produzir bombas atômicas".

Mas Niels Bohr não sabia disso e, em suas memórias - que até hoje não foram totalmente liberadas por sua família - expõe uma mente atormentada como sendo indireta mas decisivamente culpada pelas explosões atômicas.

Com efeito, às 05h29m45s de 16 de julho de 1945, em uma madrugada chuvosa, os Estados Unidos explodiram o primeiro artefato nuclear da história,

conhecido como *Gadget*. Aquele foi o objetivo atingido pelo Projeto Manhattan, que visou desenvolver e construir armas nucleares. Julius Oppenheimer dirigia um grupo de cientistas americanos e de refugiados europeus em Los Alamos, Novo México. Na ocasião, Oppenheimer citou um trecho do *Bhagavad Gita*, quando Vishnu procura convencer o príncipe a cumprir seu dever e para isso toma sua forma de muitos braços:

"Agora, tornei-me a morte, o destruidor dos mundos."

Sobre o experimento em si, Oppenheimer disse ainda:

"Esperamos até que a explosão

passasse, saímos do abrigo e depois era tudo muito solene. Sabíamos que o mundo nunca mais seria o mesmo. Alguns riram, outros choraram. Muitos permaneceram calados."

A bomba de Alamogordo era composta de duas pequenas bolas de plutônio, recobertas por níquel e em cujo centro estava um núcleo de berílio e urânio. Os preparativos finais, que incluíam a montagem do núcleo de plutônio, não ficaram prontos no prazo. Com isso a equipe foi obrigada a adiar o teste do concorrido quatro de Julho - data da independência dos Estados Unidos - para o dia doze de julho.

A explosão experimental aconteceu no meio do deserto do Novo México, a

cerca de cem quilômetros da cidade de Alamogordo. A região deserta era habitada apenas por formigas e escorpiões.

Sem dispor de dados antecedentes, os cientistas foram colocados a uma distância então considerada segura do epicentro da explosão, a trinta e dois quilômetros. Câmeras e instrumentos de medição, ligados por oitocentos quilômetros de fios e cabos, foram colocados a distâncias variando de nove a dezoito quilômetros do ponto da explosão.

O Projeto Manhattan foi considerado o mais ambicioso projeto norte-americano durante a Segunda Guerra. Seu auge foi a explosão de Alamogordo. O projeto

levou esse nome por estar ligado ao Distrito de Engenharia de Manhattan do *US Army Corps of Engineers* e porque boa parte da pesquisa inicial foi realizada em *New York*. Esse projeto levou mais de seis anos e consumiu 1,8 bilhões de dólares - agosto de 1945 / valor atualizado após cinquenta anos - vinte bilhões de dólares - e teve 150 mil pessoas envolvidas. O general Leslie Groves, do *Army Corps of Engineers*, que tinha sido o responsável pela construção do edifício do Pentágono em Washington D.C., foi o comandante militar do projeto. O processo mais importante, no entanto, foi desenvolvido dentro dos meios acadêmicos. Na Universidade de Chicago, em *Stagg*

Field, outro célebre cientista, Enrico Fermi, conseguiu executar uma reação controlada.

Em relação ao projeto em si, antes de mais nada, sabia-se que o programa de enriquecimento de urânio teria que ser desenvolvido primeiro, somente depois disso um artefato militar poderia ser confeccionado. O local para esse processo, que é baseado em difusão gasosa, foi *Oak Ridge*, no *Tennessee*, que utilizava a energia elétrica da TVA - *Tennessee Valley Authority*. *Daí em diante*, foram vinte e sete meses até o teste, muito menos que os quatro anos avaliados inicialmente.

A carga necessária de plutônio foi

produzida em Hanford, no estado de Washington. Com o sucesso dos testes em laboratório, a procura por um local apropriado de teste de campo finalmente começou, em maio de 1944. Era necessário um lugar plano, isolado e com bom clima. Tal local deveria estar a uma distância razoável de *Los Alamos*. Oito lugares em quatro estados do oeste americano foram visitados. Um deles foi o Vale de Jornada dei Muerto, que ficava dentro da área da base de *Alamogordo*, no Novo México, que estava sob controle do governo americano. Não apenas cientistas, mas mulheres e crianças passaram a viver ali. Ao sul de *Los Alamos*, uma área foi escolhida e denominada secretamente de

Trinity. A casa do rancho de George McDonald foi reformada para ser o laboratório de campo. Uma torre pré-fabricada de aço foi levantada no ponto zero do campo de *Trinity*. Para acionar a bomba, havia explosivos e 32 detonadores. A primeira bomba atômica da história tinha uma potência de 18,6 toneladas de TNT. Isso quer dizer que uma única bomba atômica eqüivalia a essa quantidade de TNT se explodida conjuntamente.

Finalmente, em doze de julho, o teste de campo foi realizado.

A torre de trinta metros de altura foi vaporizada sob o efeito da explosão e uma cratera de quatrocentos metros de diâmetro foi aberta. Dentro dela, surgiu

um material verde e transparente, resultado da fundição dos minerais. A substância foi chamada *trinitita*, em referência ao ponto do deserto onde ocorreu a explosão.

Muitos cientistas, após o teste em *Trinity*, firmaram um abaixo-assinado pedindo o engavetamento do projeto, como Niels Bohr e Joseph Rotblat. Einstein se retirou do projeto dizendo se opor ao uso bélico da energia nuclear.

Em maio de 1946 Einstein tornou-se o presidente do Comitê de Vigilância dos Cientistas Atômicos. Ele teria dito ainda:

"Eu não sei com que armas a terceira Guerra Mundial será lutada, mas

certamente a quarta Guerra Mundial será lutada com paus e pedras."

Várias empresas privadas estiveram envolvidas no desenvolvimento dessa tecnologia e a saúde de trabalhadores e a preservação do meio ambiente não estavam entre as prioridades. Anos mais tarde as conseqüências apareceram na forma de câncer de várias espécies.

Em 1944, quando os aliados já haviam tomado a maioria dos territórios ocupados pelos nazistas, descobriram documentos que mostravam que os alemães tentaram realmente construir a bomba, mas tomaram o rumo errado em suas pesquisas.

Três horas após o teste no deserto, o

navio *Indianapolis* deixou o porto de São Francisco com destino ao arquipélago das Marianas, carregando outro exemplar da bomba. O secretário da Guerra, Henry Stimson, foi ao encontro de Truman, que assumira a presidência americana após a morte de Roosevelt, e seu secretário de Estado James Byrnes, que estavam em Potsdam, Alemanha, para se reunirem com Winston Churchill, primeiro ministro inglês, e Josef Stalin, líder da União Soviética.

Stimson comunicou o feito obtido e buscou o uso diplomático da bomba, enquanto Byrnes preferiu o lançamento da bomba para desestimular os russos e, ainda, obter a rendição incondicional

dos japoneses. Hoje se sabe que o secretário de Estado impôs sua vontade.

Quando a bomba dos Estados Unidos foi testada, a Segunda Grande Guerra Mundial já estava encerrada na Europa e o conflito se restringia ao Pacífico - forças aliadas contra o Japão. O campo de provas foi transferido do deserto do Novo México para o arquipélago do Japão com a autorização do presidente americano Harry Truman, que assumiu a presidência após a morte de Roosevelt, em 24 de julho de 1945, conforme declaração oficial do governo americano. Assim, o mundo tomou conhecimento de uma nova arma originada nos laboratórios de pesquisa nuclear, que abriu caminho para outras

pesquisas.

A bomba *Little Boy* foi lançada sobre Hiroshima - seis de agosto de 1945 -, e outra bomba batizada de Fat Man, caiu em Nagasaki apenas alguns dias depois - nove de agosto de 1945.

No caso das bombas lançadas sobre o Japão, ventos de 644 a 965 quilômetros por hora e poeira foram sugados para cima, criando uma gigantesca nuvem em forma de cogumelo que espalhou material radioativo por uma vasta área adjacente. Para se ter uma idéia do impacto, um furacão de nível cinco (nível mais alto) atinge ventos a partir de 250 quilômetros por hora.

Até hoje nunca mais foram lançadas

bombas atômicas contra alvos civis ou militares em nenhum outro lugar do mundo.

O resultado de ambos os lançamentos foi o total aniquilamento das duas cidades. Mas o uso da bomba atômica era, afinal, apenas prático. Pois esse mesmo efeito poderia ser conseguido com um bombardeio maciço por centenas de aeronaves, como já havia sido feito em algumas cidades na Alemanha até meses antes. No entanto, se acredita que o efeito psicológico da destruição das duas cidades foi a rendição incondicional do Império do Japão.

O fato é que somente após o ataque japonês a *Pearl Harbor*, em sete de

dezembro de 1941, que acarretou a entrada efetiva dos americanos na Segunda Guerra Mundial, o projeto secreto de Einstein tomou importância para o governo americano. Até então os americanos davam apenas suporte logístico aos países atacados pela Alemanha, notadamente para o Reino Unido. Mas a entrada oficial dos Estados Unidos na guerra forçou seu governo a procurar todas as alternativas para vencer.

Com o torpedeamento de navios brasileiros, no início de 1942, o senhor Isaias entrou em pânico e enviou uma carta solicitando que seu amigo Albert desse um jeito de mandar resgatar aqueles documentos de qualquer

maneira. Não era possível que a Alemanha pusesse as mãos naqueles papéis. A alternativa seria queimar o projeto, mas conforme seu amigo mesmo havia dito: "Não há cópia".

Einstein repassou toda a ansiedade do amigo para o governo americano que, finalmente, resolveu resgatar o projeto. Em Washington o alarme foi dado e uma mensagem criptografada (em código) foi enviada para a embaixada americana no Rio de Janeiro. A ordem era para que dois agentes fossem imediatamente para a residência dos Estelvích com objetivo de recuperar o projeto secreto de Einstein. A mensagem seria enviada à noite, hora local do Rio de Janeiro, para que houvesse tempo para que o senhor

Einstein telegrafasse para seu amigo avisando que os papéis seriam resgatados por agentes americanos.

Instado a descrever o rádio e o telégrafo, o físico Albert Einstein respondeu: "Você sabe, o telégrafo é como um gato comprido, muito comprido. Você puxa seu rabo em *New York* e a cabeça mia em Los Angeles. Entende isso? E o rádio opera exatamente da mesma forma: você envia os sinais aqui, eles os recebem lá. A única diferença é que não existe o gato".

CAPÍTULO V

Do outro lado do Atlântico, depois de dois anos de guerra, havia ficado claro até mesmo para o orgulhoso Hitler que não seria assim tão fácil vencer tantos inimigos. Sua política de sistematicamente declarar guerra a quem se opusesse contra ele já tinha colocado um grande número de países e recursos contra seus ambiciosos sonhos de dominar o mundo. Ele então incumbiu pessoalmente uma equipe especial da Gestapo de equipar seus exércitos com o que houvesse de mais avançado tecnologicamente. Hitler sabia que o

único meio de derrotar tantos exércitos inimigos era com supremacia tecnológica. A essa equipe foram dados acessos ilimitados à informação, e recursos também ilimitados para conseguir seus objetivos. Não demorou muito e um agente da equipe fez contato em Zurique com o cientista alemão Johannes Stark, um ardoroso nazista e ferrenho anti-semita. Ele fora ganhador do prêmio Nobel de 1919 e conhecia muito bem seu colega Albert Einstein. Com o tempo, devido ao posicionamento político de Stark, naturalmente a amizade com Einstein desapareceu. A guerra começou mais ou menos quando Stark estava se aposentando de suas atividades acadêmicas. Ao se aposentar

foi então trabalhar em um rentável emprego, em um laboratório em Eppenstat, próximo a Traunstein, na Bavária. Foi ali que os agentes da Gestapo o encontraram.

"Boa tarde, Herr *Doctor* Johannes Stark." - cumprimentou respeitosamente o agente da Gestapo.

Stark nem se mexeu. Arrogante, estava acostumado a homens que vinham falar com ele, sempre para pedir alguma coisa. Muitas vezes apenas dinheiro. Rico e famoso, não tinha mais preocupações em sua vida. Trabalhava apenas para "passar o tempo".

Após uma breve pausa, um dos agentes apresentou a si mesmo e a seu colega:

"Sou o agente Gunther e este é o agente Wilhelm da Gestapo."

Ao ouvir aquela palavra, "Gestapo", os olhos de Stark se iluminaram. Abriu um sorriso e disse de forma prestativa:

"Boa tarde, senhores. Em que posso ajudar?"

"Estamos em uma missão especial para ajudar o esforço de guerra do III *Reich*. Hitler nos convocou para que descobríssemos com nossos cientistas tecnologias, ou projetos de tecnologias, que possam ser desenvolvidas e utilizadas contra os inimigos do império."

"Minha pesquisa não tem aplicação militar, infelizmente. Lamento não poder

ajudar o esforço de guerra."

"*Herr Doctor*, estamos cientes de suas pesquisas." - disse Gunther, para surpresa de Stark. Continuou:

"Pedimos ao senhor que colabore com qualquer informação. Talvez algum colega ou trabalho mais antigo que possa nos ter escapado."

Stark coçou os cabelos brancos por alguns instantes e um nome veio-lhe instantaneamente à cabeça:

"Albert Einstein." - disse ele.

"Perdão *Herr Stark*?"

"Vou explicar. Sentem-se um momento. Anos atrás, o cientista judeu Albert Einstein trabalhou secretamente aqui na

Alemanha em um projeto que poderia ter incríveis usos militares. Mais do que isso, a posse daquele estudo daria acesso a uma arma que poderia selar o destino da guerra."

"Muito interessante, *Herr Doctor*. É exatamente isso que estávamos procurando. Continue, por favor."

"No entanto, segundo soube, Einstein entregou seus planos a um amigo para guardar, e não há cópia."

Os dois agentes da Gestapo entreolharam-se confusos até que um deles perguntou, intrigado:

"Então no que isso pode nos ajudar? O senhor tem alguma idéia ou pista para que nós possamos tentar localizar esse

projeto?"

"Pelo que ouvi, Einstein teria encaminhado a única cópia a algum amigo íntimo. Um amigo de sua total confiança."

"O senhor teria alguma idéia de quem seria esse amigo?"

"Certamente não sou eu!" - disse isso soltando uma gargalhada.

Os agentes se entreolharam novamente, não entendendo bem o estranho senso de humor do cientista, pois para eles o assunto era muito sério.

Stark parou de rir e então coçou novamente os cabelos brancos, e outro nome veio à sua cabeça. Um nome que ele não ouvia nem dizia há muitos anos,

na verdade, há várias décadas:

"Academia Olímpia."

"Academia Olímpia?" - perguntou novamente o mesmo confuso agente.

"Sim, é uma associação que o próprio Einstein fundou. Dali saíram alguns de seus mais fiéis amigos. Não tenho dúvida alguma de que Einstein deixou seu projeto com alguém que pertenceu à Academia Olímpia. E tem mais: naturalmente, devido a sua posição totalmente contrária a nós, eu procuraria por alguém que tenha, como o próprio Einstein, emigrado. É o que eu faria no lugar dele. Entregaria o projeto a alguém que estivesse o mais longe possível da Alemanha. Achem a pessoa e acharão o

projeto."

"O senhor sabe onde podemos encontrar essa Academia?"

"Não se trata de uma academia propriamente dita. Era um grupo de discussões formado por Einstein e seus amigos, entre eles Maurice Solovine e Conrad Habicht. Desses nomes me lembro bem, mas sei que havia outros. Einstein formou essa *academia* quando morava em Berna, na Suíça. Segundo soube, as discussões ali foram muito úteis para formular alguns de seus principais pensamentos e teorias."

"Então o senhor acha que devemos procurar esses dois homens? Talvez eles nos levem até outros participantes."

"Certamente é um começo." - respondeu Stark.

"Em nome do III *Reich*, gostaríamos de lhe agradecer imensamente."

"Não há nada que eu não faça com prazer pelo sucesso ariano." - disse Stark, com um brilho nos olhos.

Os dois agentes colocaram-se de pé e fizeram a saudação nazista para Stark. Este ia responder à saudação, mas disse de repente:

"Esperem. Acho que tenho mais alguma coisa para ajudar. Dos tempos que Einstein e eu éramos amigos."

Os dois agentes desfizeram a saudação e olharam um para o outro com cara de "o

que será?" enquanto Stark os deixava sozinhos no escritório.

Após alguns minutos Stark voltou:

"Vejam, a última carta que Einstein me escreveu. Não sei por que a guardei, mas agora tem uma validade muito grande. O endereço de Einstein em Berna: *Kramgasse-49.*"

Desta vez a saudação nazista foi respondida com empolgação e os três homens se despediram.

Os dois agentes, dali mesmo, partiram em direção da fronteira com o país vizinho, a Suíça.

CAPÍTULO VI

Cercada por todos os lados - pelas potências do Eixo ou por territórios ocupados por ela - a Suíça mesmo assim tentou manter sua tradicional política de neutralidade. Isso era um tanto difícil por numerosas razões incluindo o fato básico de que a maior parte dos alimentos e combustíveis tinha que ser importada por aquele país. Assim, em nove de agosto de 1940, a Alemanha e a Suíça assinaram um acordo comercial que garantiria o fornecimento para a Suíça de matéria-prima, incluindo carvão e ferro. Em retorno, a Suíça

concordou em permitir que os alemães transitassem livremente através de seu território para trazer bens da Itália. A ferrovia suíça transportava carvão, aço e produtos agrícolas entre as potências do eixo.

A despeito de que os Aliados criaram uma lista negra contendo as firmas que negociavam com o Eixo, a Suíça vendeu para o Eixo e seus aliados, entre outros produtos, instrumentos de precisão, fusíveis, relógios e relógios de precisão. E os bancos suíços, que ofereciam um refúgio seguro e confiável para depósitos estrangeiros, aumentaram seus fundos durante a guerra, recebendo carregamentos de ouro da Alemanha regularmente. Ouro este que, até hoje, é

alvo de polêmica.

Havia também outras conexões com o Eixo. De acordo com um historiador, ao final de 1944 estimava-se que os investimentos e contas alemãs na Suíça totalizavam nada menos que seiscentos bilhões de francos suíços.

Em contas particulares estimava-se que havia mais de quinhentos milhões de francos suíços. Essas contas eram fáceis de acobertar uma vez que o Ato de Sigilo permitia aos bancos suíços a não divulgação dos reais donos das contas numeradas. Esse tão famoso sigilo bancário suíço vem dos tempos imediatamente anteriores à Segunda Guerra Mundial. Logo que os nazistas subiram ao poder baixaram uma lei que

proibia, sob pena de morte, que qualquer alemão tivesse contas não declaradas no exterior. "Mesmo que não propositalmente", segundo a mesma lei. Ocorre que em 1934 a Alemanha nazista condenou à morte três alemães que tinham contas na Suíça. As autoridades suíças então decidiram que deviam ter leis que garantissem o sigilo bancário para proteger correntistas suíços. Com a ameaça de prisão para qualquer banqueiro que violasse o sigilo bancário, o governo suíço impôs um mecanismo de bloqueio contra as pretensas leis extraterritoriais de seus vizinhos fascistas. Isso protegeu os clientes e os banqueiros suíços, uma vez que nenhuma autoridade poderia forçá-

los a cometer um crime.

Durante a guerra a Suíça foi o centro de batalhas de inteligência entre o Eixo e os Aliados. A contra-espionagem suíça prendeu 387 espiões, a maioria suíços, mas incluindo cem alemães, que foram levados a julgamento, e dos quais dezessete foram executados.

A Suíça, conhecida como tendo uma longa história humanitária e cercada pelo Eixo, era o paraíso para os refugiados durante a guerra. Em maio de 1945 existiam cento e quinze mil refugiados, pessoal militar e prisioneiros que haviam escapado da guerra em campos suíços. Juntando-se todos havia ao redor de quatrocentos mil refugiados e emigrantes que estavam ou

passaram pelo país.

Após a tomada de poder por Adolf Hitler em 1933, as expressões de ódio por Einstein atingiram um novo patamar. Ele foi acusado pelo regime Nacional Socialista de criar "física judia" em contraste com a "física alemã" ou física ariana. Físicos nazistas - notadamente ganhadores do Prêmio Nobel, como Johannes Stark e Philipp Lenard - continuaram a tentar desacreditar as teorias de Einstein e a incluir em uma lista negra política os físicos alemães, incluindo os que os ensinaram - tal como Werner Heisenberg. Einstein já tinha ido para os Estados Unidos, onde foi dada a ele residência permanente. Ele aceitou um cargo no recém fundado Instituto de

Estudos Avançados em Princeton, no estado de New Jersey nos Estados Unidos. Ele acabaria se tornando cidadão americano em 1940 apesar de nunca ter renunciado à cidadania suíça.

Ironicamente, Einstein não estaria seguro de perseguições políticas ao emigrar para os Estados Unidos. Ali ele teve estreito contato com comunistas e, por isso mesmo, foi alvo de extensa investigação por parte do FBI, o serviço secreto americano. Einstein foi membro, patrocinador ou afiliado de 34 organizações comunistas entre 1937 e 1954. Ele também foi presidente honorário de três delas.

O acesso à Suíça era muito fácil para agentes alemães. Em Berna os agentes

da Gestapo Gunther e Wilhelm não perderam muito tempo. Lá descobriram alguns documentos que comprovavam a existência da Academia Olímpia. Também puderam pegar a lista total de participantes. Após alguns interrogatórios, o nome do amigo de infância de Einstein, Isaiah Estelvich, naturalmente se encaixou nas condições previstas por Stark. Ele foi apontado por várias testemunhas como o "amigo fiel". Faltava apenas descobrir seu paradeiro.

Os dois agentes enviaram para todos os escritórios e repartições do governo alemão, no mundo todo, uma ordem prioritária de busca por esse cidadão. Não demorou muito e uma repartição de emigração da Alemanha respondeu que

aquele homem e sua esposa Sarah haviam emigrado para a América do Sul em 1920. Mais precisamente, partiram em um vapor para a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil. Mas as informações paravam aí. Não havia mais nenhum dado referente a Isaiah Estelvich ou sua mulher após o ano de 1920. Por um ou dois dias o assunto ficou parado nas mesas burocráticas da Gestapo, mas pouco a pouco galgou posições dentro da organização até que o assunto fosse parar nas mãos do chefe da *Schutzstaffel-Leibstandarte*, a guarda pessoal de Hitler, o temível *Reichsführer* Heinrich Himmler.

CAPÍTULO VII

"Excelente!" - comemorou Himmler em seu escritório enquanto ajustava as lentes redondas de seus óculos.

"Esse é um trabalho para nosso melhor agente." - calculou ele enquanto esfregava impacientemente seus dedos sobre seu pequeno e bem cuidado bigode. Voltando-se para seu interfone, ordenou:

"Fraulein Gertrude, localize e mande chamar aqui o coronel Franz von Wiesen imediatamente."

Do mesmo aparelho voltou uma voz

abafada: "Sim, senhor."

Após alguns minutos a mesma voz abafada quebrou novamente o silêncio do escritório:

"Herr Himmler, o coronel encontra-se em missão na França, próximo da fronteira com a Alemanha. Pegará o próximo transporte e deverá se apresentar amanhã, assim que possível."

Himmler não respondeu. Soltou um grunhido que não podia ser ouvido na ante-sala ocupada por sua secretária e conformou-se em esperar mais um dia. Na verdade ele sabia que Von Wiesen devia estar em missão na França, pois seguia sua carreira de perto. Inicialmente foi uma sugestão do próprio

Hitler, mas com o tempo Himmler encontrou em Von Wiesen um eficiente cumpridor de ordens.

Mas de fato, no dia seguinte, apresentava-se no escritório de Himmler um alemão alto, loiro e de porte atlético. Que contraste em relação ao próprio

Himmler que, de tão magro, em comparação com o coronel Franz von Wiesen parecia até raquítico. Ao entrar ele não disse nada. Colocou-se em posição de sentido e fez uma saudação nazista. Himmler não se levantou e limitou-se a responder sentado à saudação. Mas os olhos de Himmler brilhavam atrás de seus óculos. Foi diretamente ao assunto:

"Franz, tenho uma missão muito importante. Quero que pegue um submarino e vá até o Rio de Janeiro resgatar importantes papéis *a qualquer custo*".

Von Wiesen ficou confuso com tantas informações sendo jogadas ao mesmo tempo e perguntou:

"Rio de Janeiro, *Herr* Himmler?"

"Sim, fica na América do Sul, na capital federal do Brasil."

"Sem dúvida, *Herr* Himmler. Sei onde fica. Mas posso saber do que tratam esses papéis tão importantes?"

"São a chave para a nossa vitória, para a vitória do III Reich."

Von Wiesen ainda não havia entendido por quê um projeto tão relevante - se é que era tão importante assim - estaria em um país tão distante e tão sem importância.

"Desculpe, Herr Himmler. Não compreendo."

Himmler, por outro lado, não tinha muita paciência para explicar os detalhes. Von Wiesen teria que deduzir muitas coisas por conta própria.

"Einstein, Franz. É o projeto do próprio Einstein que nos permitirá desenvolver uma super arma."

Von Wiesen, instruído, sabia exatamente quem era Einstein. Estava surpreso com tudo aquilo mas também estava ali para

seguir ordens. Enquanto Von Wiesen tentava desesperadamente colocar as idéias em ordem, Himmler apertou novamente o botão de seu interfone e ordenou:

"Fraulein Gertrude, chame o doutor."

A mesma voz abafada e a mesma resposta:

"Sim, senhor."

Himmler virou-se para Von Wiesen que continuava em posição de sentido, e finalmente convidou-o para se sentar.

O doutor trabalhava naquele mesmo prédio e havia sido designado pelo próprio Himmler como gestor da busca por novas tecnologias. Ao chamar Von

Wiesen, Himmler havia pedido a ele que preparasse um dossiê sobre Einstein.

Em questão de minutos entrou na sala um senhor de meia-idade, cabelos ligeiramente desarrumados e com óculos de lentes grossas. Não disse nada ao entrar, apenas fez uma saudação nazista sem muito entusiasmo e sem direção. Respondesse quem quisesse, e então ninguém respondeu. Ele vestia um pesado sobretudo e, isto sim, chamou a atenção de Himmler que disse secamente:

"Doutor, não acredito que o senhor ainda precise usar um casaco como esse. Estamos no meio da primavera e a temperatura está amena hoje."

"Desculpe, Herr Himmler. É o hábito. Minha família vem das montanhas alemãs mais altas, onde sempre há neve."

Himmler, na verdade, não tinha o menor interesse na explicação. Ele fazia isto porque achava que era seu dever chamar a atenção de quem quer que fosse e por qualquer motivo. Demonstrou isso mudando radicalmente de assunto:

"Doutor, este é o coronel Franz von Wiesen, o homem que vai resgatar nosso projeto." - disparou Himmler.

O doutor esticou o braço em direção a Von Wiesen e entregou uma pasta para o coronel, com vasta documentação. O doutor resolveu, por conta própria, fazer

uma breve explicação sobre seu conteúdo:

"Esta pasta contém tudo que pudemos levantar sobre o cientista alemão Albert Einstein e..."

Nesse momento foi imediatamente interrompido por Himmler, que esmurrou sua mesa. Ele cuspiu em vez de falar:

"Ele não é alemão! É judeu!"

Assustado com a reação de seu chefe, o doutor emendou:

"Desculpe, Herr Himmler. O senhor tem toda razão. Eu quis dizer que temos toda documentação desse cientista, desde os tempos que morava na Alemanha até sua vida atual nos Estados Unidos, incluindo

sua passagem pela Suíça."

Von Wiesen examinou por alto a documentação enquanto Himmler já o interrompia:

"Isso é tudo, coronel. O senhor examine esses papéis depois, durante sua longa viagem. O senhor deve apresentar-se imediatamente neste porto."

Von Wiesen recebeu das mãos de Himmler um papel em que estava escrito o nome de uma cidade costeira francesa que ele não conhecia: *Lorient*. No mesmo papel estava também escrito:

"Comando Naval Alemão. Comandante Rainer Winter."

Ele imediatamente fechou a pasta e

levantou-se fazendo com que seu corpo novamente se parecesse com uma tábua. Fez a saudação nazista para Himmler que foi respondida, como sempre, impacientemente. Era outro cacoete de Himmler que queria sempre mostrar a todos que "o estavam atrapalhando". Como se isso ajudasse a mostrar sua superioridade.

Von Wiesen acenou com a cabeça para o doutor e saiu da sala. Himmler sorriu satisfeito enquanto dispensava também o doutor. Ele não via a hora de dar as boas novas para o próprio Hitler.

CAPÍTULO VIII

No início de 1942 o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo. No entanto, isso não fez a menor diferença no decorrer da guerra. Os Estados Unidos, por exemplo, nunca declararam guerra à Alemanha.

Para o Brasil, que ainda não estava em guerra, o rompimento era uma forma política de protesto. Ao contrário do que muitos pensam, não foram submarinos americanos que afundaram navios brasileiros. Durante aquele ano o Brasil foi duramente castigado. Vários navios foram afundados por submarinos

alemães e por pelo menos um submarino italiano, o que causou a perda de muitas vidas e de valiosas cargas, normalmente exportadas para países em guerra e também para os Estados Unidos.

Em 25 de abril de 1942 - em um porto militar chamado Lorient, na França ocupada pela Alemanha nazista - o *Unterwasserboot* U-162 fazia uma manutenção de rotina. O submarino havia acabado de voltar de mais uma vitoriosa missão e já estava quase pronto para retornar ao mar. Na sede do Comando Naval, o capitão Jürgen Wattenberg entrou na sala do comandante para receber instruções sobre a nova missão. Entrou, colocou-se em posição de sentido e fez continência

militar. O homem sentado do outro lado da escrivaninha olhou para ele, respondeu à continência e disse, com voz cansada:

"Sente-se, Jürgen. O que você está pensando? Aqui não é a SS." - disse o comandante Rainer Winter, quase em tom de deboche.

O capitão Wattenberg abriu um leve sorriso e sentou-se. Sabia que ali sentado estava um verdadeiro militar mas que, acima disso, era seu amigo pessoal. Velhos companheiros, haviam feito carreiras similares na Marinha alemã. Apenas por um golpe de sorte, justamente pelo comandante ter afundado importantes navios ingleses, é que foi promovido. No entanto sabe-se

que nem sempre um bom homem de ação torna-se um bom homem administrativo.

"Capitão, esta missão tem três objetivos, que passo agora para o senhor não necessariamente por ordem de importância." - começou seu superior a exposição daquela nova missão.

"O primeiro é que o senhor, como é a regra, ataque quaisquer cargueiros que não pertençam aos países do Eixo. Conceitualmente, o Alto Comando Militar estabeleceu que quem não está ao nosso lado é nosso inimigo."

"Sim, senhor." - afirmou o capitão, para mostrar que havia entendido a ordem.

"Segundo: o senhor deverá estar nas coordenadas que lhe passo neste

documento. Ali o senhor vai se encontrar com um agente local da Gestapo. Uma noite antes, o senhor deverá fazer contato para avisá-lo de sua chegada."

"Agente local da Gestapo?" - perguntou o capitão Wattenberg, enquanto dava uma rápida olhada no documento com as coordenadas. Ah ele leu:

"Latitude 22°59'50" S Longitude 43°13'05" W."

Não sabia exatamente onde era aquele ponto mas calculou corretamente:

"Atlântico Sul."

Depois de fazer a conta e rapidamente, voltou seus olhos para o chefe, que

continuava a falar:

"Sim. Então, vamos para a terceira tarefa: o senhor levará consigo um outro agente, que vai desembarcar nas coordenadas que lhe passei."

O capitão Wattenberg fez uma careta, mas estava habituado a levar consigo passageiros incômodos, agentes da Gestapo.

"Tem mais uma coisa." - prosseguiu o comandante.

"Ele é um coronel." - disse solenemente Rainer.

"Um coronel!" - repetiu o capitão.

"Certamente dessa vez não será uma missão de rotina, estamos falando de

algo muito especial." - calculou Wattenberg.

"Não tenho os dados da missão do agente, mas você está certo. Desejo-lhe sorte e isso é tudo." - concluiu Rainer.

O capitão Wattenberg levantou-se, olhou para o amigo e adivinhou que ele não queria apenas uma despedida formal. Fez uma respeitosa continência, e em seguida estendeu o braço para receber a mão de seu amigo em um cumprimento amigável. O comandante sabia exatamente pelo que o capitão iria passar e os perigos que teria que enfrentar. Literalmente, perigo de morte.

Como rastilho de pólvora, a notícia se espalhou rápido entre a tripulação,

deixando todos ainda mais ansiosos do que de costume.

Finalmente o barco foi liberado e seu capitão, Jürgen Wattenberg, foi chamado para embarcar. Caminhando pelo píer ele observou seu barco ancorado. Olhou com admiração aquela maravilha da engenharia. Um barco que poderia navegar por baixo da água em um ambiente extremamente hostil como o fundo do mar. Uma vez submersos, navegariam guiados apenas por sonar e, quanto mais fundo descessem, mais baixas seriam as temperaturas enquanto a pressão externa tentaria implodir o aparelho. Enquanto caminhava, o capitão olhou para seus homens perfilados no convés. Tinha muito

orgulho deles. A única coisa que o incomodava era o símbolo nazista. Ele era um militar, não um político. Fazia aquilo por amor à Alemanha e não por um partido. Mas suspirou fundo e apresentou-se para o embarque, trazendo consigo o alvo de todas as curiosidades.

Mas para frustração geral no U-162, o coronel Franz von Wiesen não falava com ninguém. Limitava-se a responder as respeitosas continências dos demais ocupantes da embarcação, inclusive à do capitão.

"Talvez esteja com medo de viajar de submarino." - pensou um dos marujos enquanto abria um enigmático sorriso.

O submarino saiu de Lorient no mesmo

dia. O coronel sabia da extrema importância daquela missão, poderia significar a vitória ou a derrota da Alemanha nazista. Para o coronel, qualquer missão que não fosse a sua, seria secundária.

"Um verdadeiro atraso." - amargurou-se, ao pensar o quanto a viagem seria mais rápida se não precisassem se preocupar com as outras embarcações.

Mas o capitão Wattenberg estava consciente de que deveria torpedear qualquer navio que não pertencesse a aliados alemães. Não sendo aliada da Alemanha, a embarcação era considerada inimiga. Por isso a trajetória não era a mais curta possível. O submarino faria uma curva em direção

ao Caribe, onde poderiam estar vários navios aliados, em especial cargueiros levando matéria-prima da América do Sul para os Estados Unidos.

Quando o submarino iniciou a jornada, o capitão pegou algumas plantas e separou a da América do Sul. Verificou as coordenadas que havia recebido do comandante e procurou por seu destino. Uma coordenada completa é formada por latitude - afastamento horizontal em relação à linha do Equador - e por uma longitude - afastamento vertical em relação ao meridiano de Greenwich. Tanto a latitude como a longitude são formadas por grau, minuto e segundo. O conjunto desses números indica um ponto muito preciso no globo terrestre.

Pelos graus e minutos o capitão concluiu que seu destino era próximo da costa do Brasil, mais precisamente no sudeste daquele país. Pegou outra carta de navegação, que mostrava com mais detalhes a região. Considerando os segundos nas coordenadas, assinalou com precisão um X em seu mapa. Muito próximo do ponto marcado havia terra e um nome latino chamou-lhe a atenção:

"Leblon."

CAPÍTULO IX

Se você só sabe falar de assuntos técnicos usando termos técnicos é porque você não os entende.

Albert Einstein

O capitão sabia do dever de procurar e de interceptar navios cargueiros onde provavelmente estivessem. Satisfeito, traçou a rota saindo do porto francês ocupado até o Caribe. Dali, rumaria para o destino de seu passageiro, descendo pela costa do Brasil até um ponto marcado com X, no litoral da

cidade do Rio de Janeiro.

O coronel, por sua vez, refletia sobre sua missão que, apesar de importantíssima, considerava fácil demais. Orgulhoso, imaginava por que um descendente de nobres alemães e alto oficial da Gestapo teria sido designado para "roubar papéis de um velho judeu". No entanto, se havia uma coisa que ele jamais faria era questionar uma ordem. Nunca fez e não iria começar agora. Apesar de ser comum um oficial da Gestapo acompanhar uma missão submarina, aquela era a primeira vez para o coronel Von Wiesen. Sem ter muito que fazer, resolveu caminhar pela embarcação para conhecer o submarino do tipo IXC, que tinha a incrível

autonomia de quase vinte e cinco mil quilômetros - 13.400 milhas náuticas - sem necessidade de reabastecimento. Isso permitia a essa classe de submarinos permanecer várias semanas em missão.

Dispondo de acesso livre a todos os compartimentos, o coronel Von Wiesen resolveu ir em direção à popa. Ao entrar na casa das máquinas deparou-se com os motores diesel MAN M9V40/46 que trabalhavam fazendo um barulho ensurdecedor. O coronel passou por entre os motores que tinham cerca de sete metros de comprimento e quase dois metros de altura cada um. Pela passagem estreita ele podia sentir todo o poder dos potentes motores pela

vibração, barulho e calor que chegavam até ele. Logo após a sala dos motores diesel ele entrou na sala dos motores elétricos. Confuso por um instante, viu o maquinista de segunda classe Walter Holz e perguntou diretamente:

"Diga-me uma coisa: para que servem os motores deste compartimento?"

Muito feliz por ter sido alvo do mais alto oficial a bordo, o solícito maquinista se esmerou em responder a pergunta do coronel.

"Herr coronel, ocorre que somente podemos utilizar os motores diesel quando estamos próximos da superfície. Neste momento, como não estamos em missão de perseguição, utilizamos um

dos motores a diesel para movimentar a hélice e o outro para recarregar as baterias dos motores elétricos. Quando submergimos, utilizamos os motores elétricos para nos movimentar."

O coronel então virou-se para os dois motores Siemens e exclamou:

"Então é por isso que o submarino é silencioso. Mas somente quando submerso."

"Exatamente. Esses motores são muito úteis especialmente por nos ajudar a escapar dos sonares inimigos." - concordou Holz. E continuou: "É uma relação de confiança. Apesar de os motores a diesel serem mais rápidos, não podemos utilizá-los submersos. Os

motores elétricos têm somente a metade da potência, mas não duram tanto devido a carga limitada do grupo de baterias. E temos que fazer todas as comutações manualmente."

"Manualmente?" - surpreendeu-se o coronel.

"Sim. A cada passagem temos que dar partida nos motores a serem usados após engatar o conjunto no respectivo eixo da hélice."

Holz percebeu que o coronel olhou para baixo com olhar intrigado e não esperou pela pergunta.

"Aqui embaixo, coronel, há uma máquina sob o piso que cria água doce a partir da água do mar. É uma das

máquinas que mais necessitam de manutenção. Mas não preciso nem dizer o quanto ela é vital."

"Compreendo." - disse apenas o coronel. Ele olhou para a popa e não precisou dizer nada. O maquinista imediatamente pôs-se o mais que pôde fora do caminho do coronel para deixá-lo à vontade.

Sem falar nada o coronel deu então mais dois passos e entrou no último compartimento, a sala de torpedos de popa. O maquinista Holz, muito desapontado, voltou a seus afazeres.

Devido à superlotação do barco, essa sala também era utilizada como dormitório por alguns marinheiros. Dois

deles, de folga, estavam sentados em uma das camas, jogando baralho. Ao perceberem a entrada do coronel, se levantaram imediatamente e esticaram o corpo o máximo que puderam.

"A vontade." - disse ele simplesmente, sem olhar para os rostos dos marujos. Seu interesse era apenas o de conhecer o barco. Deu uma ligeira olhada no ambiente e voltou pelo caminho de onde veio, pois achou que pouco teria a aprender com aqueles dois rapazes. Os marujos olharam um para o outro sem entender bem a situação. Mas sentiram-se aliviados com a saída do coronel e voltaram a seu jogo.

O coronel então passou novamente pela sala dos motores elétricos e pela sala

dos motores a diesel até chegar novamente à sala de controle, na parte central do submarino. Passou por dezenas de válvulas cuja utilidade pouco conhecia. Mais uma vez ele olhou para a escada que dava acesso à torre, que, por sua vez, era a saída do barco. Continuou em direção à proa passando pela cabine do capitão, que ficava à sua esquerda. Olhou rapidamente para a direita e viu os operadores na sala de rádio e sonar, o centro nervoso do barco. Entre eles estava aquilo que os aliados chamavam de *Enigma*. Parecia-se com uma máquina de escrever comum. Ela foi patenteada por Arthur Scherbius em 1918. A máquina Enigma era eletromecânica, construída com

rotores, e era utilizada tanto para encriptação como para a decríptação de mensagens secretas. Foi usada de várias formas na Europa a partir dos anos 1920, em seu modelo inicial. A marinha alemã interessou-se pela Enigma e comprou alguns exemplares, adaptando-os ao seu uso em 1926. Essas primeiras máquinas de uso militar denominavam-se *Funkschlüssel C*. Em 1928 o exército elaborou a sua própria versão, a chamada Enigma G.

A sua fama vem de ter sido adotada pela maior parte das forças militares alemãs a partir de 1930, aproximadamente, já com um modelo mais sofisticado e exclusivo. A facilidade de uso e a suposta indecifrabilidade do código

foram as principais razões para a sua popularidade. No entanto o código foi decifrado e a informação contida nas mensagens que ela não protegeu é geralmente tida como responsável pelo fim da Segunda Guerra Mundial pelo menos um ano antes do que seria de se prever.

Apesar da máquina ter uma fraqueza criptográfica, na prática foi a combinação com outros fatores que permitiu a quebra do código. Erros de operadores, falhas de procedimento e a ocasional captura da máquina e de seu livro de códigos.

Havia dois acessórios interessantes. O primeiro era uma espécie de impressora - *Schreibmax* - que podia ser acoplada

na Enigma e conseguia imprimir as vinte e seis letras do alfabeto em um pequeno pedaço de papel.

Hoje, uma impressora acoplada a um dispositivo qualquer parece banal. Mas para a época isso foi um enorme avanço científico. Mas seu resultado prático é que assim não era necessário um segundo operador para ler as lâmpadas que indicavam a decifração e escrever o texto *compreensível*. Isso era especialmente importante em um submarino.

O outro interessante acessório era um painel remoto com as lâmpadas do sinal decifrado. Se a máquina fosse equipada com esse acessório, seria possível o

operador não ficar sabendo do conteúdo da mensagem. Além disso o destinatário poderia ficar até mesmo em outra sala.

Ao coronel, no entanto, pouco interessava aquela máquina e ele continuou sua caminhada passando pelo alojamento dos oficiais onde ele mesmo estava hospedado. A seguir passou pela minúscula cozinha onde o cozinheiro dizia ao oficial de mergulho de onde havia retirado os últimos mantimentos. Isso era absolutamente necessário e tinha que ser feito constantemente, caso contrário o submarino poderia não realizar suas manobras conforme previsto. O coronel Von Wiesen havia escutado que doze toneladas de mantimentos haviam subido a bordo. Em

seu passeio ficou imaginando onde conseguiram esconder tudo aquilo, mas o fato é que cada fresta era utilizada para o armazenamento de víveres, deixando muito pouco espaço para objetos pessoais. Continuou sua jornada passando por outros alojamentos até chegar finalmente na sala de torpedos de proa. Olhou para cada um dos dez torpedos imaginando se todos seriam utilizados. Alguns homens estavam dormindo ali mesmo, entre a comida pendurada no teto e os torpedos embaixo deles.

A palavra torpedo vem do gênero Torpedo, das raias elétricas da ordem *Torpediniforme*, que por sua vez vem do latim *torpere*, que significa ficar

adormecido ou paralisado - raias elétricas têm a forma de minas e não são como os modernos torpedos.

A primeira pessoa que utilizou o termo torpedo no mundo naval foi Robert Fulton. Ele usou a palavra para descrever a descarga da arma da popa de seu submarino *Nautilus* entre 1800 e 1805, para demonstrar que podia afundar navios de guerra.

O termo tornou-se genericamente utilizado para referir-se a minas navais, desenvolvidas durante a Guerra Civil Americana na década de 1860 por Matthew F. Maury, um almirante confederado - essas eram a que se referia David Farragut quando ordenou a seus homens: "danem-se os torpedos,

velocidade máxima à frente". O uso dessa palavra para se referir ao que nós hoje chamamos de minas durou até a Primeira Guerra Mundial. Como foram desenvolvidos torpedos auto-propulsados, então as minas ficaram sendo torpedos estacionários e, mais tarde, apenas minas.

Os primeiros protótipos de um torpedo autopropulsado foram criados por um croata aposentado, o engenheiro naval Ivan Lupis-Vukic, que serviu na Marinha austro-húngara. O desenho foi apresentado ao imperador Franz Joseph, na cidade portuária de Rijeka, em 1860. Robert Whitehead, engenheiro e empresário inglês, trabalhava no porto de Trieste em projetos navais e, em

1864, Lupís fechou contrato com ele para aperfeiçoar a invenção. Disso resultou o *Minenschiff*, o primeiro torpedo auto-propulsado da história, oficialmente apresentado para uma comissão da Marinha Imperial em 21 de dezembro de 1866.

Após o governo decidir financiar a invenção, Whitehead começou a construção da primeira fábrica de torpedos, em Rijeka. Em 1870 eles melhoraram alguns dispositivos, fazendo o torpedo navegar até 914 metros. Pouco mais de dez anos depois já exportavam seus torpedos para outros dez países. O torpedo era empurrado por ar comprimido e Whitehead trabalhou para desenvolver dispositivos mais

eficientes, chegando a velocidades cada vez maiores nos anos seguintes.

O maior torpedo que Whitehead desenvolveu chegou a ter 5,80 metros e 457 milímetros de diâmetro. Era geralmente construído com aço polido e a carga explosiva podia atingir noventa quilos. O ar era comprimido até nove MPa e acionava duas hélices com um motor de três cilindros. Foi feito um considerável esforço no sentido de fazer com que o torpedo pudesse auto-corrigir seu curso e a profundidade.

O navio *Blanco Encalada* foi o primeiro a ser afundado em ação militar por um torpedo auto-propulsado, que foi disparado do navio *Lynch* durante a

Guerra Civil Chilena em 21 de abril de 1891. Durante essa época o barco torpedo inventado por John Ericsson ganhou reconhecimento por sua eficiência, e os primeiros barcos destruidores de torpedos (*destróieres*) foram construídos para contê-lo.

Torpedos são comumente lançados de quatro maneiras: do convés de um navio na superfície; de um tubo de torpedos montado tanto abaixo da linha d'água de um navio na superfície quanto em um submarino; de um avião ou helicóptero; como estágio final de um foguete - às vezes chamado de torpedo assistido. A maioria das Marinhas de Guerra tem duas classes de pesos de torpedos: torpedos leves, que são primariamente

utilizados como arma de ataque a curta distância, particularmente por aviões; torpedos pesados, que são particularmente utilizados por submarinos.

O coronel Von Wiesen respirou longamente, frustrado por não ter mais para onde ir. Deu meia volta e reparou a porta do tubo número sete, aberta. Os marinheiros chamavam assim o banheiro de proa, fazendo alusão a ele como sendo uma arma ofensiva. Afinal, os dejetos dali eram bombeados para fora do submarino manualmente. Isso, no entanto, impedia seu uso em grandes profundidades, pois a pressão externa tornaria impossível a operação. Ou seja, a partir de trinta metros de

profundidade, os ocupantes do barco teriam que deixar seus dejetos provisoriamente em baldes até que uma profundidade menor fosse alcançada e permitisse utilizar a bomba novamente.

De certa maneira o coronel admirava aqueles cinquenta homens. Estavam confinados em um espaço reduzidíssimo, por dias a fio, cercados pelo ambiente extremamente hostil do fundo do mar. Mas ele mesmo sentia-se muito incomodado naquela situação e isso estava externado em sua expressão facial. Procurava lembrar-se daquela palavra complicada, que reflete a ansiedade que as pessoas têm em locais apertados, quando um jovem tenente parou diante dele. Desinibido e como se

adivinha-se no que o coronel estava pensando, exclamou apenas o tenente:

"Claustrofobia."

O coronel fez cara de espanto. Ia passar uma reprimenda, mas, intrigado, aguardou explicações. O tenente então continuou:

"É natural que as pessoas se sintam assim na primeira vez em que entram em um submarino. Elas normalmente acham que são claustrofóbicas. Mas fique tranqüilo que se o senhor sofresse mesmo dessa doença não teria ficado aqui dentro nem por cinco minutos. Já estamos navegando por várias horas, então está provado que é apenas desconforto. Vai passar."

O tenente julgou que assim faria um importante amigo. Mas estava muito enganado. O coronel apenas fechou a cara, virou-se e saiu do compartimento sem nada dizer. Frustrado, o tenente voltou a suas tarefas.

O barco ia rasgando a água do mar em profundidade de rastreamento da superfície por sonar, ainda próximo da costa francesa. O clima a bordo era normal e os homens tentavam seguir com suas tarefas rotineiras, apesar da presença daquele homem arrogante, e a missão prosseguiu até que o operador de sonar, alarmado, chamou a atenção do capitão.

"Capitão, contato do sonar!"

O capitão Wattenberg e seu imediato foram imediatamente até o sonar para acompanhar mais de perto o que estava acontecendo.

"Direção?" - perguntou o capitão.

"Um-zero-zero!" - respondeu o operador do sonar. Após uma curta pausa, completou, sem esperar que seu capitão perguntasse:

"Aproximando-se velozmente!"

Segundo sua experiência esse sinal indicava grande possibilidade de séria ameaça, ou seja, poderia ser um destróier.

Ao contrário dos japoneses, que utilizaram o submarino como arma de defesa, os alemães a utilizaram como

arma de ataque. Empreitada de altíssimo risco, dos cerca de quarenta mil homens que saíram em missões submarinas, apenas dez mil voltaram. Por isso mesmo o sangue de todos gelou quando o capitão voltou correndo em direção ao posto de comando. Confirmando seu temor, ele gritou: "Alarm!"

CAPÍTULO X

Em meio às dificuldades surgem as oportunidades.

Albert Einstein

Sem condições de tiro e com o destróier vindo direto para cima do submarino, imediatamente o capitão ordenou submersão máxima.

"Submergir! Rápido!" - foram as ordens repassadas e repetidas por todo o submarino. Tudo o que o coronel conseguiu fazer foi arregalar bem os olhos e tomar muito cuidado para não

atrapalhar ninguém.

Alguns homens abriam e fechavam registros freneticamente fazendo com que o ar escapasse das laterais do submarino, tornando seu volume efetivo menor. Da mesma maneira quando expiramos ao flutuar em uma piscina, isso fez com que em segundos o submarino já estivesse afundando na água. O piloto forçou o manche para frente, o que empurrou a popa para cima e fez com que o submarino se inclinasse para o fundo. Com os motores elétricos já engatados e em velocidade máxima, o submarino dirigiu-se rapidamente para as profundezas do oceano. O mesmo oceano que, apesar de hostil, serviria de abrigo.

"Cento e cinqüenta metros." - avisou o imediato.

"Estabilizar o submarino." - ordenou o capitão.

"Estabilizar o submarino." - repetiu o imediato para o piloto.

O piloto puxou o manche do barco para fazer com que esse voltasse para a posição horizontal.

Após uma curta pausa, o capitão ordenou:

"Silêncio total."

Até que as ordens fossem cumpridas o submarino ainda desceu alguns metros, aproximando-se de sua profundidade máxima de projeto.

"Submarino em posição horizontal." - disse o piloto.

"Submarino na horizontal, capitão." - repetiu o imediato, ao conferir o posicionamento da embarcação.

Na superfície, não muito longe dali, os batimentos cardíacos do capitão William Shepard aumentavam sem parar no DD-427 USS Hilary P. Jones. O navio de guerra era um destróier americano da classe Benson. O capitão tinha experiência suficiente para saber que um ataque a um submarino somente o destruiria se fosse extremamente preciso. O efeito hidráulico chamado *martelo de água*, criado por uma carga de profundidade de trezentas libras, destruiria o submarino apenas se

detonada até dez metros do casco. Entre dez e trinta metros de distância só danificaria o casco do submarino e, a partir de trinta metros de distância, o máximo que conseguiria era dar um grande susto nos seus tripulantes.

Ocorre que, no começo da guerra, os americanos não dispunham de um bom dispositivo para atacar submarinos e, para economizar tempo, resolveram utilizar o modelo britânico denominado *Mark 6*. Este dispositivo tinha um elemento fusível por profundidade que detonava a carga quando ela atingia uma profundidade pré-definida. Era preciso, portanto, que o artefato fosse calibrado com informações passadas pelo operador do sonar imediatamente antes

de ser atirado ao mar. Naturalmente, se o submarino se deslocasse, ainda que apenas na vertical, após o lançamento da carga de profundidade, dificilmente ele seria atingido com seriedade, devido ao tempo que a carga levaria para chegar até ele. O truque era lançar várias cargas com ajustes de profundidade diferentes, na esperança de que uma delas explodisse perto o suficiente do submarino.

O esforço de guerra americano havia melhorado o dispositivo de disparo e o comando naval havia ordenado que o DD-427 testasse o recém lançado modelo *Mark 8*. Esse novo modelo, dotado de impulso magnético, somente dispararia quando próximo a uma grande

superfície metálica submersa, ou seja, muito provavelmente um submarino. O DD-427 ainda não havia entrado em combate desde que saíra de seu porto e estava com todas as cem cargas a bordo.

As cargas de profundidade levavam entre cinquenta e setenta e cinco segundos para afundar duzentos metros, a profundidade máxima de projeto conhecida dos submarinos alemães. Esse tempo parece pouco, mas foi suficiente para uma última manobra do U-162, para que se posicionasse fora da área de perigo. Pelo menos para fugir das cargas de profundidade até então conhecidas.

O capitão Wattenberg também sabia que era vital manter o ruído da cavitação

formada pelo movimento da hélice na água em um nível inaudível pelos sonares da superfície. Para tanto, deveria haver um perfeito controle da velocidade da embarcação que não poderia ultrapassar os cinco nós. Assim que o submarino se posicionou horizontalmente, o capitão Wattenberg ordenou:

"Piloto, manter a velocidade em cinco nós!"

"Cinco nós." - confirmou o piloto, para mostrar ao capitão que entendera a ordem.

Acostumados com as cargas que detonavam a esmo, os homens no submarino estavam se sentindo cada vez

mais seguros. Até mesmo o coronel, que não sabia de todos esses detalhes, foi se contaminado pela tranqüilidade dos demais e começou a relaxar.

"Capitão, cargas de profundidade estão sendo lançadas." - informou o operador do sonar.

"Qual o curso do destróier?" - perguntou o capitão.

"Continua vindo rapidamente em nossa direção. Provavelmente passará por cima de nós." - respondeu o operador do sonar.

O capitão ouviu todas aquelas informações, mas estava realmente confiante que as cargas lançadas não os atingiriam e não ordenou qualquer

alteração de curso ou de profundidade.

Apesar de todo o sangue frio, no entanto, os segundos que se seguiram pareciam uma eternidade.

Mas onde estavam as cargas que o destróier havia lançado? Por que não se escutava o estrondo de sua explosão na profundidade anterior?

Mal sabiam os alemães que as *Mark 8* estavam esperando contato para detonar. Procuravam o casco metálico do barco para fazer contato. De fato, não demorou muito e uma grande explosão foi violentamente sentida a estibordo, chacoalhando todo o submarino. Felizmente a carga explodiu a cerca de trinta e cinco metros do casco e não foi

suficiente para danificá-lo.

A um princípio de vozes que começavam a se alarmar, o capitão disse com voz enérgica:

"Silêncio!"

Muito surpreso com o acontecido, o capitão Wattenberg ordenou que o submarino fosse ainda mais fundo, atingindo a profundidade de duzentos metros, a maior profundidade que ele já havia estado com o barco e que também era a profundidade de projeto. Ou seja, o submarino não era projetado para ir ainda mais fundo. Sem saber da nova arma americana, achou que estaria definitivamente seguro tão fundo.

Mas as cargas continuaram sua busca, e

uma nova explosão sacudiu mais uma vez todo o submarino, agora a bombordo. Os homens esforçavam-se ao máximo para controlar o pânico e o capitão estava realmente confuso. Mas, inteligente, não acreditou que se tratasse apenas de sorte e rapidamente concluiu que só podia se tratar de uma nova arma. No entanto não poderia fazer a menor idéia de qual seria seu princípio tecnológico. Pensando rápido, concluiu que o único lugar onde talvez houvesse uma chance de escapar era onde os perseguidores jamais pensariam que ele pudesse ir.

CAPÍTULO XI

"Piloto, avante cinco nós!" - ordenou o capitão Wattenberg.

"Avante cinco nós." - respondeu o piloto.

"Submergir."

Assim que deu a ordem, todos na sala de comando olharam espantados para o capitão. Ninguém duvidava de que ele soubesse que já estavam na profundidade máxima de projeto do submarino e estavam confusos. Sentindo a hesitação, o capitão achou que precisava reforçar a ordem com uma

sucinta explicação.

"Submergir! Rápido! É o único lugar onde os malditos não vão nos procurar!" - disparou o capitão.

"Rápido!" - ordenou ele novamente para que não houvesse mais dúvidas quanto a emergência da situação.

Em não sendo o submarino uma democracia, os marujos rapidamente obedeceram e um dos oficiais na sala de comando leu em voz alta as marcas do pressostato, que indicavam a profundidade em metros do submarino.

"Duzentos e cinco metros... Duzentos e dez metros..."

Leu as medidas até atingir duzentos e cinqüenta metros. Os homens em pânico

sentiam o aumento da pressão nos ouvidos. Alguns estalos metálicos podiam ser ouvidos ao longo do submarino. Será que agüentaria?

Ao chegar a duzentos e cinqüenta metros, no entanto, o capitão ordenou estabilização. Ele também não tinha como ter certeza até que profundidade ir. Mas o fato é que a excelente engenharia náutica alemã fez barcos excepcionais. O submarino estava agüentando e era perfeitamente operacional.

O capitão ordenou novamente parada total e silêncio absoluto. Agora nada mais poderiam fazer a não ser esperar. Com os nervos a flor da pele, todos na sala de comando suavam frio. Os

sentidos aguçados e o batimento acelerado mantinham todos em estado de alerta máximo.

De fato, as explosões cessaram. O capitão Wattenberg acertara a estratégia e sabia que haveria muito que contar ao comando naval alemão e faria isso na primeira oportunidade. Mas bem antes disso ainda havia o desafio de escapar do navio inimigo.

O operador do sonar anunciou que o aparelho indicava que o destróier estava andando em círculos na superfície, ali perto. O capitão consultou o relógio e calculou que estava próximo do poente.

"Logo estará escuro." - pensou. Na escuridão da noite ele poderia tentar

uma outra manobra arriscada. Mas somente se fosse necessário. A idéia era emergir rapidamente e, uma vez na superfície, tentar acertar o destróier com um torpedo. Manobra de altíssimo risco que declararia a sua posição.

Ninguém, no entanto, prestava atenção nele. Estavam todos atentos ao operador do sonar, esperando que este finalmente desse alguma boa notícia. Mas ela não vinha.

Os minutos iam passando até que, finalmente, o operador do sonar declarou:

"O destróier está se afastando."

"Confirme." - ordenou o capitão.

Mais alguns segundos e o operador

repetiu a mesma declaração:

"O destróier está se afastando, senhor."

Os marinheiros olharam um para os outros. Alguns sorriam, uns poucos soltaram uma ou duas lágrimas, mas a maioria ficou apenas imersa em um grave silêncio. Todos, afinal, sabiam o perigo por que tinham passado.

"Dessa vez foi por muito pouco." - avaliou o capitão, olhando para o chão. Levantou os olhos, que encontraram os de seu imediato olhando para ele. Ambos estavam serenos e o longo tempo servindo juntos fazia com que se entendessem mesmo sem dizer uma palavra.

Alívio geral, restava agora saber se o

submarino iria responder adequadamente aos comandos e se conseguiria emergir sem problemas.

Após não haver mais sinal algum do destróier o capitão deu a tão esperada ordem:

"Emergir."

O comando foi repetido várias vezes e, imediatamente, os homens reagiram e movimentaram os registros que liberavam o ar comprimido de seus tanques que, por sua vez, movimentando as câmaras internas do submarino, aumentavam seu volume. Como um balão que infla, isso aumentou sua capacidade de flutuação.

Os instantes que se seguiram foram

novamente de muita apreensão. Um dos marinheiros chegou a morder os lábios quando o registro que movimentava chegou ao final de seu curso e travou. Mas, finalmente, o submarino saiu da inércia e começou a subir bem lentamente.

Com um leve sorriso satisfeito, Wattenberg quebrou o silêncio:

"Piloto, avançar cinco nós." - ordenou o capitão.

"Cinco nós." - respondeu o piloto.

O submarino começou a deslizar à frente, o que permitiu que a proa fosse levantada e que a trajetória para cima fosse acelerada.

Sem conseguir segurar a emoção, o

capitão finalmente exclamou com orgulho para que todos a sua volta escutassem:

"Que máquina espetacular!"

De fato, ideologias à parte, o povo alemão construiu e continua a construir algumas das melhores máquinas do mundo.

CAPÍTULO XII

Ao chegar à superfície já era noite. O mar estava calmo e o capitão permitiu que os homens saíssem para o convés para respirar um pouco de ar puro. Haviam passado momentos de extrema tensão e ele sabia que era necessária alguma descontração antes de prosseguirem com a missão. Na verdade até mesmo o inabalável coronel Von Wiesen estava desesperado para sair. Aproveitaram bem o ar fresco da noite sem, no entanto, deixar de vasculhar o horizonte. Alguns homens, de tão estressados, simplesmente jogaram-se

sobre o convés. Naquele momento não haveria ordem que os fizessem se mexer. Alguns, instintivamente, abriram a camisa para que o ar fresco da noite lhes batesse no peito. Aquilo, acima de tudo, lhes dizia que ainda estavam vivos.

Mas felizmente não havia sinal do destróier ou de qualquer outra embarcação. Seguro de que todos respiravam normalmente de novo, o capitão ordenou que voltassem a seus postos. Apenas uma pequena equipe de vigilância continuou no convés.

"Capitão, a equipe de manutenção informa que terminou uma verificação completa do funcionamento do submarino." - disse o imediato.

"E qual o resultado?" - perguntou o capitão Wattenberg.

"Totalmente operacional e pronto para navegar novamente." - disse o imediato com um tom satisfeito.

"Ótimo trabalho. Preparar para colocar o submarino em movimento."

"Sim, senhor."

A equipe de manutenção fez uma verificação completa do funcionamento da embarcação e às 23h declarou que tudo funcionava perfeitamente. Estavam, portanto, prontos para navegar novamente.

Retomaram imediatamente a rota original para o Caribe navegando na superfície, para utilização dos motores

diesel e recarga das baterias.

Não houve mais incidentes e, em seu diário de bordo, o capitão Wattenberg anotou, no dia 27 de abril de 1942:

"Fizemos contato com um navio inimigo ainda próximo da costa francesa. Era provavelmente um destróier aliado. Ele nos atacou com cargas de profundidade que têm uma nova tecnologia, pois elas nos perseguiram, explodindo somente quando conseguiram nos detectar. Foi um milagre termos escapado e devemos isso à excepcional resistência mecânica do submarino. Chegamos a uma profundidade nunca tentada antes: duzentos e cinquenta metros."

Ele simplesmente não conseguia

acreditar no que escrevia. Se não tivesse testemunhado, realmente não acreditaria.

Continuou com suas anotações de praxe e ao terminar, releu novamente tudo o que escrevera e deu um profundo suspiro de alívio.

"Estamos vivos." - pensou ele.

Mas os dias iam passando até que já era o primeiro dia de maio e o U-162 já estava bem longe de seu porto de origem. Na verdade nunca havia estado tão longe e aproximava-se do Caribe, onde faria uma curva para o sul e acompanharia a costa brasileira em direção ao Rio de Janeiro.

Distraído com seus pensamentos, o coronel vez por outra relembrava a fuga

do destróier. Ele sabia que havia entrado em pânico, mas forçava aquelas lembranças para que ficassem cada vez mais para trás. Era seu modo de agir, pois assim não permitia que qualquer experiência abalasse sua confiança. Mas mal sabia que um novo acontecimento mostraria que ele seria marcado para sempre com aquele episódio traumático.

Estava deitado em sua cama e assustou-se tanto com uma campainha repentina que chegou a bater a cabeça em uma ferragem. Ele desconfiou corretamente pois aquele ruído agudo anunciava uma batalha imediata. Imaginou se não seria outro destróier e se teriam que passar por todo aquele sofrimento novamente.

O coronel, com a cabeça ainda dolorida,

pegou seu quepe e seguiu para a sala de controle. Lá, encontrou os eficientes marinheiros já nos respectivos postos.

"O que foi, capitão?" - perguntou ele diretamente.

"Nosso sonar detectou um navio, Herr coronel." - respondeu calmamente o capitão Wattenberg. O coronel olhou em volta e viu que todos, na verdade, estavam muito calmos. Sentiu-se incomodado com aquilo, como se tivesse sido excluído do grupo. Instintivamente percebeu que os demais sabiam de alguma coisa que ele mesmo não sabia.

"Destróier?" - perguntou o coronel, tentando disfarçar a apreensão.

"Certamente não." - respondeu com segurança o capitão.

O coronel sentiu-se aliviado mas não podia deixar de colocar sua sempre incômoda opinião.

"Então é um atraso." - disse laconicamente o coronel.

"Não vai demorar, coronel. É um navio somente, segundo o sonar. Provavelmente um cargueiro. Mas precisamos estar seguros."

Era preciso saber rapidamente e com precisão de que navio se tratava.

"Periscópio!" - ordenou imediatamente o capitão.

Sem esperar o término da subida do

olho mágico, o capitão já estava junto dele. Ao escutar as travas de segurança se armando, levantou as manoplas de comando do periscópio e procurou freneticamente pelo navio que o sonar havia detectado.

Alguns segundos se passaram enquanto o segundo motor diesel era engatado para que agora também fosse utilizado na caçada. Além dos motores diesel se escutava apenas o ruído intermitente do sonar. Aquilo, no entanto, parecia uma eternidade para os ansiosos tripulantes.

"Cargueiro a vapor!" - exclamou o capitão, para alívio geral.

Os marinheiros ficaram um pouco mais relaxados, com exceção dos que

ocupavam a sala de comando. Estes continuaram tensos pois sabiam exatamente o que iria acontecer a seguir.

"Preparar tubo número um!" - ordenou o capitão, sem soltar o periscópio.

"Preparar tubo número um!" - repetiu em seguida o imediato no sistema de som do submarino.

Da sala de torpedos veio nova repetição da ordem, deixando claro seu entendimento.

Após alguns instantes podia-se ouvir o ruído de água e ar se chocando. O tubo número um estava sendo alagado.

O capitão era quem deveria calcular a velocidade e direção do submarino para que o lançamento do torpedo tivesse a

melhor chance de sucesso possível. Foi o que fez com rapidez e precisão:

"Curso dois-um-zero!" - ordenou.

"Curso dois-um-zero!" - repetiu o piloto.

Com esse curso o submarino aproximava-se do cargueiro por estibordo, quase a 45° da proa. Um ângulo perfeito para o tiro.

Pelo sistema de som do submarino veio uma mensagem da sala de torpedos:

"Número um preparado!"

A mesma mensagem foi repetida pelo imediato para o capitão, que não saíra do periscópio.

O U-162 já havia se colocado em posição de tiro. Mais alguns instantes e

ouveu-se a esperada ordem final dada pelo capitão:

"Disparar número um!"

Novamente o imediato repetiu a ordem pelo sistema de som e o operador da sala de torpedos apertou um botão, que fechou um circuito elétrico. Isso fez com que a bateria na cauda do torpedo começasse a movimentar o motor elétrico que, por sua vez, iria girar a hélice do torpedo, empurrando-o no mesmo curso do submarino.

Alguns oficiais da sala de comando se entreolharam, tomando o cuidado de, no entanto, não deixar transparecer para o coronel da Gestapo sua opinião. Achavam que o capitão havia sido

displicente em atirar apenas um torpedo. Mas o capitão queria economizar torpedos e, além disso, não precisava de mais do que um torpedo para afundar um navio desarmado.

Seguiram-se momentos de apreensão até que o oficial do sonar do submarino anunciou:

"Explosão no navio."

Wattenberg ouviu perfeitamente a mensagem, mas não estava alegre. Havia acompanhado a trajetória do torpedo pelo periscópio e percebeu que o tiro não havia sido em *cheio*. O torpedo caprichosamente havia se desviado e atingido a extremidade frontal do navio, a proa. O navio, um cargueiro a vapor

de 6.692 toneladas, poderia até mesmo não afundar.

Enquanto isso, no cargueiro, os marinheiros corriam de um lado para o outro na tentativa frenética de estancar os vazamentos. Com o estrondo, o capitão Raul Francisco havia ordenado a parada total dos motores. Era preciso avaliar a situação antes de prosseguir. Todos os sete tripulantes já vestiam seus coletes salva-vidas e as bombas de sucção de água do porão já trabalhavam a toda velocidade. Ao largo eram quase visíveis as ilhas de Trinidad e Tobago.

Enquanto informações desencontradas chegavam, alguém gritou:

"Capitão! Estibordo!"

O capitão do navio virou-se e, sem esboçar surpresa, observou uma mancha escura que destoava do azul intenso do mar profundo. Ela veio em direção a eles, rasgando as ondas e espirrando água para os lados, deixando atrás de si um rastro esbranquiçado. Ao chegar mais perto foi possível perceber que era a torre de um submarino. Um instante mais, quando a torre já estava bem próxima, uma cruz vermelha com as pontas quebradas tornou-se visível, estampada no lado que dava para o navio. Era uma suástica e isso explicava completamente a inesperada explosão.

No submarino, por sua vez, seu capitão não conseguiu entender o nome do navio, escrito em uma língua que não

compreendia. Apenas soletrou, utilizando o alfabeto fonético alemão, aquele nome estranho para os registros:

"P-A-R-N-A-H-Y-B-A. Bandeira brasileira." - disse ele.

Seu imediato repetiu letra por letra, bem como o nome daquele país latino, e anotou os dados no diário de bordo. Finalmente anotou a data: 1º de maio de 1942.

"Vamos levá-lo imediatamente a pique!" - ordenou o coronel Von Wiesen. "Não temos mais tempo a perder!"

Ao escutar aquela ordem, o capitão Wattenberg estremeceu. Virou-se lentamente na direção da popa do submarino, ainda segurando as manoplas

do periscópio. Olhou para baixo, refletindo. Hesitou por alguns instantes, pois temia parecer incompetente ao oficial da Gestapo. Isso seria sua ruína ou traria grande sofrimento para sua família, na Alemanha. Mas sua obrigação como militar falou mais alto. Virou-se novamente para a proa e ordenou:

"Emersão total!"

"Ignorar a última ordem. Capitão, deixe-me ver esse navio." - disse gelidamente o coronel.

O capitão, visivelmente contrariado, afastou-se do periscópio. O coronel olhou pelo visor e disse com arrogância:

"O navio está em chamas, não percebe?"

Vamos mandar outro torpedo, liquidá-lo e ir embora."

Todos se viraram para o capitão que, por sua vez, virou-se para o coronel. Por um instante ficaram confusos em decidir a quem obedecer.

"Coronel..." - disse Wattenberg logo após respirar fundo. Sabia que tinha que se manter calmo e respeitoso, pois não havia outro jeito. Então, finalizou:

"Sei que temos uma missão a cumprir e vamos cumpri-la. No entanto, há homens civis ali e pretendo deixá-los partir."

"Já perdemos tempo demais, exijo que a rota para o Rio de Janeiro seja retomada o mais rapidamente possível." - disse Von Wiesen sem alterar o tom de voz.

Olhou firme e diretamente para os olhos do capitão do submarino. O capitão Wattenberg era mais velho que o coronel e sabia que era a última palavra a bordo mas não podia simplesmente impor-se ao representante da Gestapo.

"Herr coronel, apenas peço que o senhor imagine que a situação poderia ser inversa. Poderíamos estar sob fogo inimigo e com o barco avariado. É uma importante questão de reciprocidade. Prometo que não vai levar mais do que alguns minutos."

Ninguém na sala de comando acreditou naquela cena. Teria o capitão Wattenberg ficado louco? Como poderia ele querer contrariar o coronel? Mas, para espanto geral, parece que aquelas

palavras e o recente episódio com o destróier surtiram algum efeito. O coronel Von Wiesen apenas assentiu com a cabeça e o capitão Wattenberg confirmou sua ordem de emersão total.

Ao terminar a emersão, ele ordenou ao imediato:

"Imediato! Mobilize a equipe de tiro! A postos com o canhão!"

O imediato ordenou que quatro outros homens subissem com ele imediatamente para o convés e os cinco homens, incluindo o imediato, que era o comandante de tiro, subiram a escada da torre de comando. Dos cinco homens, três tinham a função de transportar a munição de seu alojamento. Da torre de

comando desceram para o convés até o canhão e em segundos colocaram a arma em condição de disparo. Uma boa equipe conseguia disparar entre quinze e dezoito projéteis por minuto e aquela equipe no convés, sabia Wattenberg, era uma delas.

Ao ver que o canhão de cento e cinco milímetros agora apontava para o seu navio, o capitão Raul Francisco entendeu a situação e não pensou duas vezes. Ordenou que os homens parassem qualquer atividade de recuperação da embarcação e que abandonassem imediatamente o navio.

"Abandonar o navio! Abandonar o navio!" - foi a mensagem gritada aos quatro ventos por toda a tripulação.

Ninguém hesitou e todos correram para os botes salva-vidas, que foram baixados para a água às pressas.

Enquanto isso o capitão Wattenberg saiu para a torre externa do submarino e, assim que se certificou que sua tripulação estava a salvo, mandou abrir fogo.

A equipe de tiro fez inúmeros disparos contra o casco de aço do navio, o que fez com que a entrada de água se acelerasse. Em minutos aquele navio cheio de produtos como café, cacau, mamona e algodão iniciou sua última jornada em direção ao fundo do oceano. Simultaneamente o capitão Wattenberg ordenou imersão e foi olhar pelo periscópio para apenas certificar-se que

afundara mais um navio. Em sua carreira como capitão do U-162 Wattenberg afundaria catorze navios totalizando 82.027 toneladas.

Ironicamente o submarino U-162 voltaria ao Caribe em setembro para outra missão. Wattenberg gostava de atracar seu barco no fundo arenoso próximo das ilhas durante o dia, para descanso e reparos. Em uma dessas vezes acabou surpreendido por três destróieres britânicos, que afundaram o submarino.

Apenas dois homens morreram. A grande maioria da tripulação se salvou, mas foi capturada pelos navios britânicos como prisioneiros de guerra. No entanto, por estarem próximos aos

Estados Unidos, os britânicos deixaram os marinheiros presos em campos americanos. Entre eles estava o capitão Jürgen Wattenberg, que protagonizou uma fuga em massa da prisão ainda em solo americano. Mas a prisão ficava no meio do deserto, o que obrigou os homens a desistirem da fuga e pedirem para retornar ao campo. Obstinado, Wattenberg foi o último a ceder quando, por fim, também pediu para retornar para o campo.

O capitão Wattenberg ainda viveria muitos anos e voltou para sua cidade natal, Lübeck, onde prosperou com sua família. Chegou a ser o primeiro executivo de uma cervejaria local, onde se aposentou. Morreria somente em

1995, aos noventa e quatro anos de idade e em paz.

CAPÍTULO XIII

Após o incidente com o cargueiro brasileiro, o capitão Wattenberg orou para que não encontrassem mais nenhum navio em seu caminho. Queria livrar-se o mais rápido possível daquela carga indesejável e não poderia enfrentar novamente o coronel da Gestapo ali presente. Ordenou velocidade máxima de cruzeiro e, efetivamente, fez o menor trajeto possível em direção ao Rio de Janeiro.

Quanto mais seguia para o sul, mais o submarino se distanciava da zona de conflito. Ali não havia nenhum país

oficialmente em guerra com o Eixo e seria muito difícil cruzar com quaisquer inimigos. Para passar o tempo os marinheiros se ocupavam de suas tarefas e o único que não tinha o que fazer era o próprio coronel.

"Capitão Wattenberg!" - disse ele de repente, chegando por trás do capitão, que estava absorto em seu trabalho.

"Sim, Herr coronel. Em que posso ajudar?"

A vontade do coronel era dizer que precisava de alguma atividade, lazer, qualquer coisa que ocupasse seu tempo. Mas novamente o orgulho o freou, pois o capitão poderia dar-lhe uma atividade para a qual ele não estava apto, o que

poderia ser motivo de zombaria do resto da tripulação. Respirou fundo e disse simplesmente:

"O que está fazendo?"

O capitão Wattenberg, esperto, entendeu imediatamente o que se passava. No entanto ficou surpreso com essa *busca por ajuda*. Não esperava isso do oficial da Gestapo. Achou que este pegaria um de seus poucos livros para ler, mesmo sem pedir permissão. Esforçou-se para não rir e respondeu:

"Estou conferindo nossa rota, coronel."

Apenas aguardou, pois já sabia qual seria a próxima pergunta.

"E como o senhor faz isso, capitão?" -

perguntou o entediado coronel.

"Em primeiro lugar precisamos traçar a rota desejada em um mapa. Não é possível sair navegando mar fora sem saber exatamente para onde vamos."

"Sim, continue."

"Veja aqui a rota traçada. O senhor sabe, naturalmente, qual é nosso destino."

"Sim, a cidade do Rio de Janeiro."

"Exato. Observe aqui no mapa, próximo a ela o nosso destino está marcado com um X, que representa exatamente as coordenadas que me foram passadas pelo Comando Naval."

"Sim, claro." - assentiu o coronel.

"Mas essa é a rota que vamos percorrer. Perguntei como o senhor a confere, pois tenho certeza que tem de fazer isso regularmente." - disse Von Wiesen com arrogância.

"Já ia chegar lá, coronel. Observe que colocamos um papel transparente em cima do mapa onde traçamos a rota percorrida que pode, em muitos casos, ser diferente da rota desejada ou traçada."

"E como o senhor desenha a rota percorrida?"

"É simples, na verdade. Como a representação da rota é feita em um plano, simplificamos o movimento em duas coordenadas. Aí basta saber a

velocidade e direção em que navegamos e então é possível calcular com um bom grau de precisão a nossa posição atual."

"Realmente é simples." - disse agora com desdém o coronel após entender o que se passava. De repente aquela tarefa pareceu fácil demais para ele.

"Bem, na verdade não é tão simples. Temos que, vez por outra, fazer algumas correções."

"Correções? Como assim?" - ficou novamente intrigado o coronel.

"Naturalmente, há desvios, principalmente se realizarmos muitos movimentos verticais durante a navegação. A velocidade no plano já não seria a mesma."

"Sim, compreendo. E como se fazem essas correções?"

"Com um astrolábio."

"Astrolábio?" - repetiu o coronel Von Wiesen apertando os olhos. Já ouvira falar naquele instrumento, mas não sabia exatamente o que era.

"Sim, um aparelho que podemos utilizar para calcular nossa posição utilizando, por exemplo, o sol como referência. Daqui a pouco, ao meio-dia, farei uma medição. O senhor gostaria de me acompanhar, coronel?"

"Bem, talvez. Agora vou deixá-lo trabalhar. Talvez depois."

O coronel virou-se e voltou ao seu leito. Ele não podia admitir que o capitão

fosse *ensiná-lo*. Vítima de seu próprio orgulho, somente poderia ficar em seu leito.

O capitão, esperto, percebeu que aquele "talvez" queria dizer "não". Ao meio-dia, de fato, ele fez a medição e corrigiu a posição. Sozinho.

Com o barulho monótono dos motores diesel e o leve balanço do submarino, o coronel deixou-se embalar e quase dormiu. No entanto, dormir, para ele, tinha ficado muito difícil após o trauma com o destróier. Estava quase sempre alerta, esperando outro ataque, apesar de saber, conscientemente, que estavam em águas mais pacíficas.

A única saída para o coronel era deixar

que seus pensamentos o levassem para longe. Para trás no tempo, e para a Europa - era sua fuga preferida. Ele deitava-se em seu leito fechando os olhos e fazia voltar para sua mente as frescas recordações dos primeiros anos da guerra. Foi ali que ele teve a maior decepção de sua vida.

CAPÍTULO XIV

Assim que a França foi ocupada Von Wiesen foi enviado para lá pela Gestapo para assumir o departamento A2. A Gestapo podia ser formada pelos piores bandidos, mas, convenhamos, era muito bem organizada. Era dividida nos seguintes departamentos:

Departamento A (Inimigos)

Comunistas (A1)

Contra-sabotagem (A2)

Reacionários e Liberais (A3)

Assassinatos (A4)

Departamento B (Seitas e Igrejas)

Católicos (B1)

Protestantes (B2)

Maçonaria (B3)

Judeus (B4)

Departamento C (Assuntos Administrativos e do Partido)

Era o escritório administrativo central da Gestapo, responsável por todo o pessoal e arquivo.

Departamento D (Territórios Ocupados)

Oponentes ao Regime (D1)

Igrejas e Seitas (D2)

Territórios do Oeste (D4)

Contra-espionagem (D5)

Alienados (D6)

Departamento E (Contra-Inteligência)

Dentro do Reich (E1)

Formação Policial (E2)

No Oeste (E3)

Na Escandinávia (E4)

No Leste (E5)

No Sul (E6)

Departamento F (Polícia de Fronteira e Alfandegária)

Os guardas de fronteira da Alemanha respondiam diretamente para a Gestapo em um esforço para se manter estrito controle de imigração e emigração, ou seja, para e do *Reich*. Após o início da Segunda Guerra Mundial, o escritório de Polícia de Fronteiras perdeu muito de sua autoridade para os militares alemães, que patrulhavam as fronteiras da Alemanha e os territórios ocupados como parte de esforços para conter uma invasão aliada.

O coronel estava, portanto, onde queria: na ação. Era responsável por toda a atividade de contra-sabotagem na França ocupada.

A expressão Resistência Francesa vulgarizou-se a ponto de se pensar que

se tratava de uma única organização. Isso não é verdade. Para se ter uma idéia, basta ver abaixo uma lista parcial dos numerosos grupos de resistência franceses:

Agir

Armée Secrète (Exército Secreto) - grupo de resistência gaullista.

Bureau d'Opérations Aériennes (BOA) - serviço que realizava operações aéreas clandestinas no nordeste da França.

Ceux de la Resistance.

Ceux de la Liberation.

Chantiers de la Jeunesse ou Campos da Juventude - em 1940 o general de La Porte du Theil recrutou jovens militares que viviam na estrada após a derrota. O general usou isso como desculpa para manter certo semblante de padrão militar. A Gestapo o prendeu em quatro de janeiro de 1944.

Combat - desse grupo participou

o filósofo Jean-Paul Sartre, que se tornaria muito famoso. Sua atividade principal era editar um jornal clandestino que fomentava a resistência.

Combat Zone Nord.

Comité d'Action Socialiste (CAS).

Comité Départemental de Liberation (CDL).

Comité Français de la Libération Nationak (CFLN).

Comité de Liberation du Cinema

Français.

***Compagnons de la France
(Companheiros da França) -
grupo de ex-soldados que se
formou na França de Vichy.***

Confrerie Notre-Dame.

Défense de la France.

***Francs-Tireurs et Partisans
(Français) (FTP ou FTPF).***

***Francs-Tireurs et Partisans de
la Main d'Oeuvre Immigrée
(FTP-MOI).***

Francs-Tireur Left.

*Front National (FN) ou
National Front.*

Interallié.

Liberation-Nord.

Liberation-Sud.

Musée de L'Homme.

*Organisation Civil et Militaire
(OCM).*

Organisation de la Résistance de l'Armée (ORA) - giraudista, isto é, composta por apoiadores do general francês Henri Giraud. François Mitterrand juntou-se a esse grupo em 1943.

Era agosto de 1940 e a França acabara de se render. Von Wiesen foi imediatamente enviado a Paris para organizar um departamento no escritório local da Gestapo. Ele era responsável por um dos mais requisitados departamentos, pois os franceses iriam se especializar cada vez mais em sabotagem. Nunca chegaram a se intimidar com as ameaças e efetivas retaliações dos alemães.

Alguns meses se passaram até que Von Wiesen organizasse seu departamento. Naturalmente requisitou alguns agentes da Alemanha para ajudá-lo. Pouco antes do fim de 1940, Von Wiesen resolveu ele mesmo chefiar uma missão. Preparou um grupo de agentes para investigar, ali mesmo em Paris, informações sobre um dos numerosos grupos de resistência que se formariam: o *Chantiers de la Jeunesse*.

Von Wiesen e sua equipe seguiram para a *rue de L'Université*, próximo de onde o rio Sena faz sua curva, na capital francesa. O telefonema de um estudante de origem alemã contou que em um dos prédios próximos da esquina com a *rue Malar* haveria uma reunião de estudantes

universitários para tramar sabotagens contra o exército de ocupação alemã.

O clima já estava bastante frio naquele fim de outono de 1940. O inverno já se aproximava e seria, naquele ano, especialmente frio para o povo francês.

Von Wiesen ordenou a seus homens que se espalhassem pelas proximidades da esquina indicada. Não queria que um grupo reunido chamasse a atenção. Ele escolheu três dos mais jovens e morenos de seus agentes para que tentassem passar despercebidos no meio de estudantes universitários. O combinado era que o estudante delator usaria um casaco vermelho e ficaria parado em frente ao prédio alvo, por volta das 16h daquela tarde, na mesma hora em que

havia sido marcada a reunião dos estudantes que tomavam parte do grupo rebelde.

De fato, na hora marcada o rapaz apareceu caminhando tranqüilamente por uma das ruas próximas e continuou no mesmo passo até parar em frente a um prédio de arquitetura antiga, mas elegante.

Os quatro agentes espalhados aos poucos se reuniram. Von Wiesen parou em frente ao rapaz, que estava tranqüilo. Estendeu sua mão esquerda em sinal de cumprimento, que foi respondido em seguida. Era o sinal.

O rapaz de vermelho chamava-se Jean e abriu uma das folhas da porta do prédio,

para entrar. Von Wiesen, afoito, tentou abrir a outra folha que, no entanto, estava trancada para diminuir a entrada do frio no prédio.

Os cinco rapazes entraram quase em fila indiana e parecia de fato uma linha de estudantes. O porteiro reconheceu Jean, indicando que ele já havia estado ali antes. Eles se cumprimentaram em francês, o que não foi compreendido pelos demais, mas que também não tinha a menor importância.

"São todos meus colegas e estão comigo." - disse o rapaz de vermelho.

"Sim, está bem." - respondeu o porteiro.

Os agentes acenaram com a cabeça para o porteiro que estava apenas

preocupado em não passar frio demais. Acenando, mostrou que queria que os rapazes se apressassem e entrassem logo para poder fechar a folha da porta que estava aberta. Tinha esperança que assim deixaria o frio do lado de fora.

Ainda na mesma formação, seguiram Jean escada acima até o segundo andar. Lá procuraram o apartamento 22 e, ao chegar a porta, Von Wiesen esticou seu forte braço para a frente impedindo Jean de seguir em frente.

"É aqui?" - perguntou.

"Sim." - respondeu Jean em alemão.

Von Wiesen olhou para os demais agentes e acenou com a cabeça. Não era preciso dizer mais nada e todos sacaram

suas armas que estiveram bem escondidas até então.

Ao ver as armas o rapaz de repente entendeu a gravidade da situação. Por um instante arrependeu-se, principalmente por temer por sua própria vida.

"E se alguma bala perdida me atingir?" - preocupou-se em seus pensamentos.

Von Wiesen, que ainda impedia a passagem de Jean, agora o empurrava para trás para que os agentes tomassem lugar à frente da porta. Olhou novamente para o grupo para certificar-se de que todos empunhavam suas armas.

Von Wiesen deu um passo para trás e com um chute arrebentou a porta, que

bateu na parede do pequeno *hall* de entrada com enorme estrondo.

Ah dentro havia realmente um pequeno grupo de estudantes que, atentos, perceberam imediatamente a cilada.

CAPÍTULO XV

Enquanto os agentes invadiam empurrando ou quebrando os móveis da sala, os estudantes ali reunidos tentavam desesperadamente fugir pela porta mais próxima.

Von Wiesen sabia, assim, como seus agentes, que era importante capturar os estudantes com vida para interrogatório. As armas só seriam usadas em último caso. Um bom interrogatório certamente renderia frutos junto a seus superiores e, mesmo que isso não acontecesse, serviria de base para novas buscas. E assim o ciclo poderia continuar

indefinidamente, o que garantiria promoção para todos.

Ali na sala havia apenas quatro estudantes, um para cada agente. Não foi difícil para os agentes treinados agarrar as presas. Os gritos de desespero e de móveis que se quebravam não demorou a cessar. Aplicando força física, os agentes imobilizaram rapidamente os estudantes. Mas, até ah, o prejuízo era mínimo. Além dos poucos móveis quebrados, tudo o que se podia perceber era uma ou outra queixa de hematoma.

No entanto certamente o prejuízo não pararia ali. Disso, todos na sala sabiam. Os quatro estudantes foram colocados juntos, ajoelhados no meio da sala. Formavam um círculo e estavam

voltados para o centro. Estavam cercados pelos agentes e pelo próprio Von Wiesen, o que tornava a fuga praticamente impossível naquele momento.

"Alguém é voluntário para iniciarmos o interrogatório?" - perguntou Von Wiesen com olhar imparcial.

Ele falava em alemão e tudo que dizia era traduzido imediatamente para o francês por Jean.

Ao perceber que os estudantes estavam apavorados, Von Wiesen concluiu que sua pergunta não teria resposta. Os estudantes estavam vestidos de maneira muito parecida, com casacos e boinas idênticos, como se fosse um uniforme

informal. Von Wiesen escolheu um deles ao acaso, o que estava mais próximo, e o agarrou pelo colarinho tirando-o do meio da sala. Levou-o para um quarto ao lado juntamente com Jean e fechou a porta atrás de si.

A cada som de pancada seguia-se um gemido e os três estudantes que ali ficaram estremeciam. Não sabiam exatamente o que estava acontecendo no quarto ao lado mas tinham certeza de que não era nada bom. Mas aquilo não durou muito tempo, apenas alguns minutos. Ficou claro para todos que o rapaz cedera e que já estava contando tudo que sabia. O que também não era muito.

A reunião, afinal, não era assim tão

importante. Era ilegal, é claro, pois os jovens estavam ali para trocar idéias e se organizar para fazer algo em um futuro próximo. Mas não tinham armas nem planos, apenas uma vaga idéia do que poderiam fazer.

Alguns minutos mais tarde e Von Wiesen reapareceu, arrastando o rapaz consigo. O rapaz estava mais assustado do que dolorido e Von Wiesen vinha com um ar muito satisfeito. Jean havia permanecido na *sala de interrogatório* esperando pelo próximo *candidato*.

Von Wiesen realmente queria mais. Jogou o rapaz de volta para o círculo central e pensou em qual dos outros três seria o próximo. Olhou para os

estudantes e escolheu o menor deles. Quando o puxou pela gola do casaco, esbarrou na boina, que caiu no chão.

Várias coisas aconteceram quase ao mesmo tempo. Enquanto Von Wiesen soltava o casaco e, surpreso, dava meio passo para trás, os cabelos longos daquele *rebelde* caíram por sobre os ombros. Na verdade, *ele* era uma linda moça. Seu nome era Marie, tinha olhos e cabelos negros, que contrastavam com a pele muito branca. Ao contrário dos outros, no entanto, ela não parecia ter medo. Ao ser descoberta, passou a encarar desafiadoramente Von Wiesen com seus lindos olhos, o que fez com que ele, por um instante, ficasse sem ação.

"Herr Von Wiesen, o senhor deseja que eu continue o interrogatório?" - perguntou um de seus ansiosos assistentes, querendo *mostrar serviço* para o chefe.

"Não é necessário." - respondeu ele, esforçando-se para voltar a se concentrar na missão.

Pegou a moça pelo colarinho novamente e foi para o quarto ao lado, a *sala de interrogatório*. Ao entrar, Marie disparou um monte de frases para Jean, em francês, e o coronel não pôde entender. Percebeu que Jean ficou muito contrariado e não conseguia responder para a moça. Toda vez que ele tentava falar ela o cortava. Von Wiesen ficou

surpreso com a situação e, uma vez mais, por um momento ficou sem ação. Quando, no entanto, ia tomar alguma atitude, para sua total surpresa a moça virou-se para ele e disse em alemão:

"Não é necessário intérprete. Eu aprendi alemão com esse traidor."

"Karl!" - berrou Von Wiesen de onde estava.

Imediatamente entrou um de seus agentes no quarto.

"Sim, senhor!"

"Vá com Jean e interrogue os outros dois rebeldes em outra sala qualquer. Essa moça fala alemão e eu vou interrogá-la sozinho."

"Sim, senhor!"

Assim que Jean saiu e a porta se fechou, Von Wiesen olhou de novo para a moça, que o olhava com ar fulminante. Sabia que ela seria uma pessoa muito difícil e resolveu apenas olhar para ela e aguardar. Assim, se passaram vários minutos sem que ninguém dissesse uma palavra. Vez por outra escutavam algum ruído que vinha de outro aposento do apartamento, o que deixava Marie muito apreensiva. Mas a estratégia de Von Wiesen dera certo e a moça começou a baixar a guarda. Von Wiesen, esperto, percebeu e finalmente quebrou o silêncio:

"Qual é seu nome?" - perguntou ele gentilmente.

A moça surpreendeu-se com a pergunta. Não esperava esse tipo de tratamento e respondeu apenas:

"Marie."

"Sente-se, Marie."

Marie já estava mesmo cansada de ficar de pé e não hesitou em sentar na cama que estava no quarto. Von Wiesen, por sua vez, pegou uma cadeira que estava ao lado e sentou-se, nem muito longe nem muito perto dela. O suficiente para alcançá-la com seu braço caso ela tentasse algo. Após sentar, continuou:

"Marie, você sabe qual a gravidade do seu ato?"

Von Wiesen percebeu que os lindos olhos da moça se arregalaram. Será que

ela não sabia disso? Mas não esperou resposta e fez outra pergunta, ainda mais assustadora, o que fez com que também a boca de Marie se abrisse ligeiramente:

"Você sabia que eu posso matar todos vocês a pretexto de serem inimigos do Reich? Sem julgamento, aqui e agora?"

Realmente ela não parecia saber exatamente as possíveis conseqüências de seus atos. Mas após breve pausa, ele inesperadamente disse:

"Não vou fazer isso, não se preocupe. Mas não esperava que uma moça tão linda como você fizesse parte de um jogo tão sujo como esse."

Marie, sentindo-se provocada, finalmente resolveu quebrar o silêncio

mostrando que, além de muito bonita, era também muito inteligente:

"Se fôssemos nós quem tivéssemos invadido seu país, talvez fosse o senhor quem estivesse participando de algum grupo de resistência, na Alemanha. Não é um jogo sujo, isso é tudo o que podemos fazer no momento."

Von Wiesen ia responder alguma coisa quando alguém bateu na porta.

"Entre!" - disse ele.

"Herr Von Wiesen, terminamos com os outros dois, eles apenas confirmaram a história do primeiro."

"Muito bem, leve-os presos para a central e preencha os relatórios. Eu vou já, atrás de vocês."

O jovem Karl pensou em perguntar alguma coisa sobre a moça mas achou melhor não dizer nada e simplesmente obedecer.

"Sim, senhor!" - disse Karl enquanto fazia a saudação nazista.

Von Wiesen, sem se levantar, respondeu a saudação.

Marie, a princípio, ficou ainda mais assustada ao ficar sozinha com aquele agente da Gestapo. Achou que morreria ah mesmo ou que sofreria alguma tortura horrorosa. Mas em vez disso ficou muito surpresa pois estava sendo tratada com uma estranha cordialidade por aquele homem atraente.

A conversa manteve-se por algum tempo em filosofia política, em que cada um deles defendia seu lado. Vez por outra um ou outro sorriso começou a aparecer até que a conversa passou a ser realmente cordial, quase agradável, e já durava mais de meia hora. Marie já estava mais descontraída e aliviada. Mas essa sensação só durou até que Von Wiesen dissesse:

"Marie, não sei o que fazer com você. O certo seria te levar presa para a central da Gestapo onde você, no mínimo, seria fichada. Lá provavelmente você ficaria presa por tempo indeterminado."

Enquanto dizia isso percebeu que Marie ficava cada vez mais nervosa até que uma lágrima saiu de seus olhos.

Von Wiesen, surpreso consigo mesmo, ao ver aquela lágrima sentiu algo diferente. Aquela cena o incomodou. Instintivamente ele esticou a mão e, com uma delicadeza que nem ele mesmo sabia que tinha, com um dos dedos tirou a lágrima do rosto de Marie.

Por alguns instantes ficaram apenas olhando um para o outro sem se dar realmente conta daquela situação insólita. Von Wiesen se levantou devagar e com os dois braços fez com que Marie também se levantasse. Ela, mesmo de pé, não chegava a altura dos ombros dele. Von Wiesen deu um passo à frente e como Marie não recuou, ele a abraçou carinhosamente. Aquilo tudo era simplesmente mais forte do que ele e

o beijo foi inevitável.

Então ele disse repentinamente:

"Preciso ir à central ou alguém virá para cá para saber o que está acontecendo."

Ela olhava para ele com olhar suplicante, pois não tinha idéia do que iria acontecer.

"O que ele vai fazer comigo, então?" - preocupava-se ela.

Mas após uma breve pausa Von Wiesen começou a esboçar uma proposta que ela jamais pensou em escutar:

"Você precisa me prometer que não vai nunca mais se reunir com esse tipo de gente. Isso é importante. Você tem que entender que nunca mais deverá fazê-lo

novamente. Prometa e eu vou deixá-la em paz. Você tem que deixar de ser uma *maqui*."

Ela sorriu levemente e perguntou:

"O senhor sabe de onde vem a palavra *maqui*?"

Von Wiesen ficou muito surpreso com a pergunta e ia zangar-se com ela, pois estava falando sério. Esperta, Marie percebeu e, antes que ele dissesse alguma coisa, explicou:

"É importante o senhor saber do que se trata para que eu possa fazer qualquer tipo de promessa."

Após uma breve pausa, o coronel disse apenas:

"Maquis são os rebeldes franceses."

"É verdade, o termo se generalizou. Mas perguntei se o senhor sabe de onde vem a palavra."

O silêncio que se seguiu fez Marie concluir que ele não sabia.

"Originalmente a palavra significava um planalto do sudeste da França e Córsega, que era coberto por densa vegetação. É o tipo de terreno onde grupos armados de resistência se escondiam. Os membros daqueles grupos eram chamados de *maquisards*. Aí foi só abreviar."

Von Wiesen comentou com ironia:

"Obrigado pela aula de história. Mas o

que isso tem a ver com a promessa que estou te pedindo?"

"O senhor acha que eu me pareço com alguém que ficaria se escondendo no matagal?"

"Claro que não."

"Então, não se preocupe. *Maqui* eu não sou."

Ele fez outra pausa. Não queria ser enrolado e o assunto era sério. Só havia um jeito de deixá-la ir e ele pediu novamente:

"Marie, você vai ter que me prometer o que pedi. Não fique me contando histórias".

"E o que você vai dizer aos seus

colegas? Eles me viram aqui." - raciocinou ela.

"Isso não importa, provavelmente vou dizer que você de alguma forma conseguiu me enganar e fugiu. Ninguém vai ousar me contestar, sou eu quem assina e aprova os relatórios."

Após mais alguns instantes ela finalmente disse, abaixando a cabeça:

"Está bem, eu prometo."

"Então está feito. Agora preciso ir. Adeus."

Von Wiesen já se virava para ir embora quando Marie levantou a cabeça novamente, com ar agradecido, e disse:

"Espere."

Ele parou por um instante e ela pegou carinhosamente sua mão. Agradeceu da melhor maneira que conseguiu, dando-lhe um outro beijo.

Ao descolar seus lábios dos dela ele a fitou por um instante, confuso. Ela percebeu que precisava ajudá-lo a tomar uma decisão e disse finalmente: "Adeus."

CAPÍTULO XVI

Von Wiesen tinha razão. O apartamento não era longe da central da Gestapo em Paris e o percurso podia ser feito a pé. No meio do caminho de volta para a central ele encontrou Karl e outro agente que já voltavam ao apartamento para ver o que se passava.

Ao vê-lo sozinho, Karl, surpreso, perguntou diretamente:

"Onde está a moça, senhor? O que aconteceu?"

"Ela fugiu." - disse ele secamente, tentando não demonstrar qualquer

emoção.

"Fugiu?" - perguntou o incrédulo Karl, que parecia querer continuar a caminhada em direção ao apartamento.

Von Wiesen então parou, pegou seu braço com firmeza e repetiu, olhando ameaçador para os olhos do assustado Karl:

"Ela fugiu. Você duvida de minha palavra?"

Karl engoliu em seco e percebeu a besteira que estava fazendo. Rapidamente respondeu:

"Não, senhor!"

Os agentes continuaram até a central da Gestapo, onde Von Wiesen assinou os

relatórios de confissão dos outros três infelizes rapazes. Eles também disseram que o quarto participante do grupo havia fugido e que "não foi identificado".

No dia seguinte uma força inexplicável fez com que Von Wiesen se encontrasse parado de frente para a porta ainda semi-destruída do apartamento de Marie. Ele, para sua própria surpresa, estava nervoso. Respirou fundo e bateu na porta gentilmente, temeroso por terminar de destruí-la. Não demorou muito e Marie apareceu, agora usando um vestido justo que deixava perceber outras qualidades que no dia anterior Von Wiesen não havia percebido. Isso só o deixou ainda mais nervoso. "Olá. Não esperava você por aqui

novamente." - disse ela com um lindo sorriso.

"Eu também não esperava voltar. Passei aqui só para saber se está tudo bem com você." - disse ele, sem jeito.

"Comigo está tudo bem, graças a você. O prejuízo afinal foi pequeno, só material. Meus colegas da faculdade é que ficaram muito assustados. Não querem nem saber de passar aqui por perto."

"Vou consertar para você o que quebramos." - disse ele, inesperadamente.

Ela riu e disse:

"Não precisa. Eu dou um jeito. Sempre dei."

Após uma breve pausa, em que Von Wiesen respondeu ao sorriso da melhor maneira que conseguiu, ela fez um convite:

"Não quer entrar?" - aproveitando a situação, ainda brincou:

"Dessa vez eu estou convidando, não precisa quebrar nada."

Von Wiesen estava cada vez mais encantado. Claro que aceitou o convite e de fato ele aceitaria muitos outros convites até que a paixão fizesse com que se arriscasse a ir com ela até alguma cidade do interior onde dificilmente poderiam ser reconhecidos. Na verdade, quem os visse ali acharia tratar-se apenas de um casal apaixonado. Com

ela Von Wiesen começou a olhar a sua vida de uma maneira diferente. Antes ele era o primeiro a sair disparando em suas missões, sempre à frente de qualquer destacamento, militar ou não. Agora já não se arriscava tanto nas missões, tinha um motivo para voltar. O namoro parecia ir muito bem.

"Só não consegui fazer você gostar de vinho." - disse ela gentilmente.

"Desculpe, Marie, mas essa bebida não me vai bem. Prefiro cerveja. Se possível, cerveja alemã, é claro, porque a francesa é horrorosa."

Ele dizia isso apenas para provocá-la, e ela sabia. Ambos riam, fugindo um pouco da realidade. Quase que

invariavelmente seus encontros acabavam em algum tipo de discussão política.

"Vocês estão cegos. Iludidos por um tirano." - disse ela certa vez.

"Claro que não. Foi Hítler quem colocou ordem na casa. Graças a ele a Alemanha é o gigante de hoje."

"Como disse, vocês estão cegos. E a liberdade? Nem mesmo vocês alemães ainda a têm."

"Não diga bobagem, podemos fazer o que quisermos."

"Mesmo?" - disse ela com ironia.

Ele fez uma pausa e completou:

"Desde que não vá contra o Estado."

"Desde que não vá contra as idéias ditatoriais de seu chefe."

"Não é verdade. Nós temos leis. O Estado está acima do próprio Führer."

Ela riu discretamente e continuou:

"Leis que ele mesmo fez ou que atendem somente aos princípios dele."

Como sempre, Von Wiesen sabia que aquela discussão não daria em nada e terminou-a como sempre: com um carinhoso beijo nos lábios que não queriam calar. Mas calaram.

Após duas semanas de encontros quase diários ele finalmente fez um convite diferente:

"Você gostaria de ir até o meu

apartamento?"

Ela esforçou-se para não demonstrar ansiedade. Fez uma pequena pausa e respondeu sem exaltação, da maneira mais discreta possível:

"Sim."

O apartamento de Von Wiesen também não era muito longe, mas ficava em uma área da cidade que Marie jamais sonharia em ir desacompanhada. Ele naturalmente morava na área mais protegida de Paris, onde havia guardas militares alemães a cada esquina e em cada ponto estratégico. Era onde moravam os líderes da ocupação alemã.

Os encontros continuaram a acontecer no apartamento dele, mas era necessário

que os dois fossem para lá juntos até que ela já tivesse tornado seu rosto familiar nas redondezas. Não demorou muito e até o porteiro do prédio onde Von Wiesen morava já sabia exatamente quem era aquela bonita moça francesa: "a amante do coronel".

Após mais algum tempo ela ganhou confiança para andar sozinha por ali e começou a fazer pequenas *surpresas* que só encantavam cada vez mais a Von Wiesen. Quando ele chegava do trabalho, muitas vezes encontrava o jantar pronto. Às vezes também encontrava a doce Marie o esperando, o que era muito melhor. Certa sensação de que talvez fosse melhor não morar mais sozinho começou a despertar nele.

O relacionamento parecia ir cada vez melhor e Von Wiesen procurava não pensar no que aquilo se transformaria com o curso da guerra. Achava que com sua influência poderia continuar com a relação indefinidamente. Pela primeira vez na sua vida estava apaixonado e queria aproveitar tudo de bom que aquilo representava. Queria aproveitar sua vida.

Até que um dia foi chamado para o que parecia ser mais uma missão de rotina. Não iria com sua equipe. Como representante da Gestapo, iria junto com militares do exército regular para uma inspeção de rotina em um dos bairros parisienses.

"Suspeita de sabotagem." - dizia o

relatório.

"Esse é meu departamento." - ele admitiu, para convencer a si próprio de que tinha um dever a cumprir.

Contrariado, juntou-se aos demais militares em seus próprios veículos e dirigiram-se para o local apontado no relatório da inteligência alemã.

Ao se aproximarem do local, no entanto, um dos militares disse que aquela região era perigosa e que na semana anterior haviam sido alvo de intenso tiroteio. Acharam melhor terminar o trajeto a pé e desceram dos carros.

De fato, não caminharam mais do que um quarteirão e um tiro passou raspando por um dos soldados. Imediatamente

todos se abrigaram. Von Wiesen sacou sua pistola Walther e acompanhou cuidadosamente o avanço dos soldados. Não demorou muito e encontraram a fonte dos disparos para a qual revidaram.

Von Wiesen, esperto, percebeu que um ataque frontal seria custoso e talvez permitisse que os rebeldes fugissem.

"É preciso prendê-los para interrogatório." - calculou ele.

Ordenou a dois soldados mais próximos que o acompanhassem e deu a volta para tentar surpreender os rebeldes.

"Enquanto o grosso do destacamento enfrentar o grupo de frente eles ficarão distraídos." - planejou.

Bem, seu plano de fato funcionou. Mas o resultado não foi exatamente o que ele esperava.

CAPÍTULO XVII

Ao se aproximar das pessoas que disparavam, percebeu que uma delas era bem menor que as demais. Além disso tinha cabelos compridos e de uma cor que ele conhecia bem.

Von Wiesen desejou por um instante voltar de onde veio. Mas não houve tempo. Um dos rapazes do grupo percebeu a aproximação de Von Wiesen e de dois soldados e abriu fogo contra eles, imediatamente respondido. Seguiu-se uma gritaria em alemão e em francês. Um rebelde e um soldado alemão caíram, mas após poucos segundos o

grupo rebelde inteiro se rendeu.

Von Wiesen estava com muito receio de se aproximar do grupo. Um ou outro estava caído, ferido ou talvez até morto. Mas havia uma figura que ainda estava de pé exibindo uma postura orgulhosa que lhe era familiar.

Com o grupo principal de soldados se aproximando, Von Wiesen não tinha saída e avançou também. Deu alguns passos apenas para confirmar o que temia. Aquele pequeno, mas valente combatente, era sua amada Marie.

Von Wiesen tentava pensar rápido mas não encontrava solução. Sabia que a pena por aquele ato era o fuzilamento, puro e simples. Provavelmente, se ele

permitisse, seria feito ali mesmo. Estava desesperado. Queria fazer alguma coisa, apesar de saber que a culpa era só dela. Afinal, ela havia prometido parar de fazer aquilo. Por que não havia falado com ele? Como ajudá-la sem se comprometer também? Em seus desesperados pensamentos chegou a contar mentalmente o número de homens ali para ver se tinha balas para todos.

"Estou louco?" - desesperou-se. "Matar todo o destacamento?"

Enquanto pensava no que fazer os soldados cercaram o grupo de rebeldes verificando que já não havia mais armas com eles. Com seus rifles foram empurrando os vencidos contra uma parede, para que ficassem de frente para

ela. Um dos soldados arrancou brutalmente uma pasta das mãos de Marie. Von Wiesen instintivamente ia protestar quando percebeu a idiotice que seria aquele gesto. Conteve-se e tentou apenas seguir o que acontecia.

Mesmo afastado percebeu que Marie já o notara. Ela, no entanto, mantinha-se séria e cabisbaixa. Ele procurou os olhos dela com os seus, mas não teve resposta. Distraído por alguns instantes, um alemão com voz nervosa o chamou abruptamente para a realidade:

"Senhor, veja o que achamos na pasta!"

Von Wiesen bateu os olhos nos papéis e depois tentou olhar para Marie novamente. Ela continuava cabisbaixa,

de frente para a parede. Horrorizado, voltou lentamente os olhos para os documentos.

Olhou novamente para os papéis e agora não conseguia mais tirar os olhos deles. Viu a figura da águia alemã e conforme lia, ficava vermelho de tão enfurecido, pois eram documentos secretos da Gestapo. Não sabia se Marie os tinha tirado de seu próprio apartamento ou de algum outro agente, pois tinha acesso livre àquela área restrita. Mas isso não importava mais pois o brilhante Franz von Wiesen havia sido enganado. Muito mais do que isso, havia sido traído.

"Muito bem, soldado." - disse gelidamente para o homem a seu lado.

Afastou-o para passar e caminhou diretamente em direção a Marie. Ela não conseguiu olhar em seus olhos, envergonhada. Talvez, se tivesse feito isso ele não teria ido até o fim. Mas, na frente de todos, sem dizer uma palavra, obrigou-a a ajoelhar-se ali mesmo onde estava. Apontou sua pistola para a cabeça dela e, sem pensar, disparou.

Ficou com o braço estendido por alguns minutos até perceber que estava mordendo os próprios lábios. Guardou a pistola, respirou fundo e olhou para os soldados ao redor, que o olhavam espantados. Virou-se para o líder militar que estava próximo e disse, sem alterar o tom de voz:

"Mate a todos."

Ele não esperou pelo resultado de sua ordem. Virou-se e saiu dali andando rapidamente. Não queria que ninguém visse as lágrimas que desciam por sua face. Foi a primeira e última vez na vida que chorou por alguém.

CAPÍTULO XVIII

Após alguns dias Von Wiesen voltou ao trabalho. Ele disse que estivera doente devido ao excepcional frio que fazia e ninguém duvidou. Voltou como se nada de anormal tivesse acontecido. Mas, por dentro, a mudança foi enorme. Dali por diante jamais tornaria a se apaixonar por ninguém e viveria sempre sozinho. Tornar-se-ia uma máquina de assassinatos e, de fato, um dos agentes com maiores *resultados* na França ocupada. Franz von Wiesen seria um nome temido até mesmo dentro da própria Gestapo.

Absorto em seus pensamentos, assim passou os dias. Não sentia emoção alguma, tudo o que viveu com a moça francesa já era coisa de um passado morto e enterrado. A memória daqueles dias servia para ele como um lembrete. Apenas para reforçar seu posicionamento e determinação.

Afinal, em quatro de maio de 1942, pouco antes das 4h da manhã, o capitão Wattenberg quebrou finalmente a monotonia do ruído de velocidade constante dos motores:

"Parada total dos motores."

"Parada total dos motores." - repetiu o imediato, no sistema de som do submarino.

Em instantes voltou dos falantes a mesma mensagem, vinda da sala das máquinas, e o submarino reduziu drasticamente a velocidade até que o piloto comunicasse:

"Velocidade zero, capitão."

"Sonar, verifique se há algum contato na superfície."

"Nenhum contato, capitão."

Virando-se para a cabine do rádio, ordenou com calma:

"Operador do rádio, passe uma mensagem criptografada para nosso navio espião nas docas do Rio de Janeiro, diga para entrar em contato com nosso agente local. O agente deve estar no ponto de encontro na próxima noite."

Com a parada alguns tripulantes puderam subir rápido ao convés para respirar ar puro.

Transmitida a mensagem, o capitão ordenou que imediatamente retomassem seu curso.

Apenas algumas horas depois o capitão Wattenberg refez novamente os cálculos e ordenou que diminuíssem a velocidade. O coronel estava em sua cama e, ao perceber a mudança no ruído dos motores novamente, deu um salto e foi como um raio procurar o capitão.

"Por que estamos diminuindo? Já chegamos?"

"Não, coronel, nós ainda não

chegamos." - respondeu polidamente o capitão. Mas antes mesmo que ele tentasse explicar o motivo de sua ordem, o coronel o interrompeu bruscamente:

"Como 'não chegamos'? Por que diminuimos a marcha? Minhas ordens foram bem claras e específicas!"

Impassível e pacientemente o capitão Wattenberg explicou:

"Coronel, acontece que refiz os cálculos e, no ritmo que estávamos indo, chegaríamos ao ponto de encontro muitas horas antes do combinado, muito provavelmente ainda de dia. Com a nova velocidade chegaremos esta noite, de uma a duas horas antes do horário combinado. Ou seja, entre duas e três

horas da manhã."

Ao ouvir a explicação o coronel sentiu-se embaraçado. Ele, teimoso, ainda não havia aprendido que podia confiar naqueles homens, em especial em seu competente capitão. Contrariado, pela primeira e única vez na viagem foi obrigado a ceder:

"Muito bem, coronel. Continue com seu trabalho."

Por fim e para alívio geral, na madrugada de 5 de maio o submarino chegou ao ponto marcado no mapa de navegação. Uma vez mais o capitão ordenou parada total. Conforme previra o capitão, chegaram com uma hora de antecedência. Agora só precisavam

aguardar até às 4h.

No horário combinado, um dos oficiais saiu para o convés com uma lanterna e piscou uma seqüência determinada de lampejos em direção à praia ali perto, que quase podia ser vista, apesar da pouca luz da madrugada.

Imediatamente recebeu outra seqüência de lampejos e disse em direção ao interior do barco:

"Contato realizado. Chamem o coronel."

"Sim, senhor!" - respondeu uma voz abafada que veio de dentro do submarino.

O coronel guardou seus poucos pertences em uma sacola e subiu rápido a escada que dava para a escotilha. Em

cima o capitão já o aguardava. O coronel juntou-se ao pequeno grupo na torre e aguardaram mais alguns minutos até que um pequeno barco a remo encostasse no casco.

Ali, na torre do submarino com o capitão e alguns oficiais, pela primeira vez em muitos anos o coronel realmente desejou dizer algumas palavras. Jamais se desculparia por qualquer coisa que tivesse feito, mas sentiu a necessidade de dirigir alguma palavra cortês à tripulação. Mas o hábito e o orgulho impediram que fizesse isso. Despediu-se friamente com uma saudação nazista, que foi mecanicamente respondida, e desceu para o convés. De lã, em um pulo, desceu para o bote. O homem no

bote recebeu-o com a saudação nazista. Em seguida o coronel ouviu apenas um nome dito por uma voz sem brilho:

"Agente Herbert Schmidt."

Ao ver o agente Schmidt, o coronel ficou extremamente desapontado e, como de costume, deixou que isso fosse claramente percebido, torcendo o nariz para aquele que o saudou. Isso só aumentou ainda mais o nervosismo do agente Schmidt, que se atrapalhou com os remos, fazendo com que um deles caísse na água e o outro batesse no casco do submarino.

Os poucos tripulantes no convés do submarino mal conseguiram segurar o riso enquanto o pobre agente Schmidt

tentava retomar o controle da situação. Ao mesmo tempo o coronel começava a esbugalhar os olhos enquanto a pele de seu rosto tornava-se vermelha. Quando ele estava para berrar com o agente, este finalmente começou a remar e a dar impulso para a pequena embarcação, deixando pequenos redemoinhos para trás, feitos pelos remos na água. O pequeno bote se afastou lentamente do submarino enquanto alguns tripulantes montavam guarda no convés. Mas agora o que todos sentiam era pena daquele desajeitado *marinheiro*, pois sabiam muito bem com quem ele estava se metendo.

Quando o bote se afastou do submarino, o capitão Wattenberg, sentindo-se

aliviado, ordenou:

"Preparar para submergir."

A seguir ele ouviu sua ordem ser repetida por várias vozes diferentes dentro do barco enquanto caminhava para a escotilha ainda totalmente aberta. Desceu a escada e sentiu o corpo pesar quando deixou o último degrau.

Os tripulantes que ainda estavam no convés entraram rápido, mas em silêncio, e o último deles, o imediato, fechou e lacrou a escotilha. Uma vez lá dentro, informou o capitão:

"Pronto para submergir, capitão."

"Submergir." - ordenou com voz cansada o capitão. Sentia como se um peso enorme houvesse sido tirado de seus

ombros. Olhou ao redor e percebeu em todos o mesmo sentimento. Quis dizer algo reconfortante mas não sabia exatamente o quê, então disse apenas:

"Senhores, essa parte de nossa missão está cumprida. Voltemos agora à caçada."

Ele passou o comando para seu imediato e foi para sua cabine. Vez por outra cruzava com algum marujo que fazia questão de sorrir para ele. Todos sabiam que a atitude fria, rápida e acima de tudo precisa de seu capitão era o que os manteve vivos até então. Contavam com que isso não se modificasse e que pudessem voltar para casa em breve. Ninguém ali tinha dúvida quanto ao real perigo a que estavam constantemente

expostos e muitos enxergavam aquilo como uma família onde o capitão era o pai de todos.

Mas, afinal, ele era acima de tudo humano. A tensão por que passara com os acontecimentos dos últimos dias foi acima de quaisquer limites. Com a saída do coronel do submarino, rapidamente o capitão se sentiu desmoronar. Ele tinha que sair da vista de todos o mais rápido possível pois sabia que não podia transparecer qualquer fraqueza ou poderia pôr a perder o controle sobre a tripulação. Antes de cair exausto e adormecer, ainda lançou um pensamento em direção ao bote que, ele sabia, estava em algum lugar ali próximo, na superfície:

"Cada qual com seu destino e com sua missão."

CAPÍTULO XIX

O atrapalhado Schmidt conduzia o bote em um curso errático em direção à praia enquanto o coronel tentava se acalmar. Afinal, o coronel sabia que precisava contar com aquele homem, pois ele conhecia a cidade e, principalmente, a língua latina, que lhe era totalmente estranha.

Aos poucos as fracas luzes que vinham da praia ficaram mais e mais fortes e já era possível identificar algumas construções. O som monótono do bater dos remos na água só era menos irritante que a ofegante respiração de Schmidt.

Para o coronel, ficar restrito a um espaço tão pequeno quanto aquele com um homem que ele julgava ser muito inferior a si era ainda pior do que ficar confinado por semanas dentro do submarino. Percebendo a inquietação crescente do coronel, Schmidt resolveu quebrar o silêncio:

"Fez boa viagem, *Herr* coronel?"

"Tanto quanto se pode esperar ficando confinado em um submarino." - respondeu gelidamente o coronel.

Apesar de jamais deixar isso transparecer, afinal de contas o coronel também era humano. Como todos da tripulação do submarino, passou por maus bocados e estava exausto. Aquele

passeio de bote no final da madrugada tinha um efeito sonífero difícil de combater. Na verdade era muito difícil para ele sequer manter os olhos abertos. Estava, em seu íntimo, implorando para Schmidt calar a boca e apenas cumprir sua tarefa. Orgulhoso, só não iria deixar isso claro. Por isso mesmo Schmidt quis continuar a conversa:

"Mas agora o senhor pode respirar um pouco de ar puro. Deve estar aliviado, não?"

O coronel quis protestar, mostrar que um homem como ele jamais teria um sentimento como aquele. Pensou em dizer alguma grosseria para pôr aquele homem inferior em seu devido lugar. Mas, inebriado pelo cansaço, optou

simplesmente em não dizer mais nada.

Indiferente a situação, Schmidt insistiu:

"Pois é, coronel. Eu mesmo nunca andei de submarino. Deve ser muito interessante, não?"

O coronel resolveu então colocar um fim naquilo e perguntou diretamente, para testar o sigilo da missão:

"Você sabe sobre o que é a missão?"

"Não, senhor. Sei apenas que é a respeito de um casal de judeus que devem morar aqui no Rio de Janeiro."

Mas ao ouvir a resposta o coronel despertou subitamente e gelou.

"Como assim 'devem' morar? Você não tem o endereço?" - o coronel já fazia

seus olhos saltarem, fulminando o pobre Schmidt.

"Mas, coronel, ninguém me pediu para fazer nada. Apenas fui informado que um casal de judeus havia emigrado para cá, nada mais. Recebi ordens vindas diretamente de Berlim, dizendo que o Senhor viria para cá e que eu deveria prestar-lhe toda a assistência." - Schmidt respondeu, diminuindo a velocidade das remadas, como que esperando uma ordem para regressar para mar aberto. O coronel refletia rápido sobre a situação enquanto Schmidt, de boca aberta, observava o barco quase parar.

"Por que está parando? Continue a remar, rápido. Já vai amanhecer e

alguém pode nos ver!" - berrou o coronel.

Schmidt voltou a remar, mais rápido do que antes. A pequena barriga que até então estava escondida sob o paletó agora era bem visível. O atlético coronel comparou-a a sua própria condição física aumentando ainda mais a superioridade que julgava ter em relação àquele pobre homem.

Mas o fato é que o coronel sabia que não havia volta. Sabia que a missão era vital e que não poderia voltar a menos que estivesse em posse dos papéis. Só que agora havia uma dificuldade a mais, algo que poderia ter sido adiantado se o agente local tivesse sido melhor conduzido. Além disso ele sabia que

Schmidt, pelo menos dessa falha, não podia ser culpado, e descarregar sua frustração em cima dele de nada adiantaria. Resignado, resolveu que mandaria Schmidt descobrir o endereço do judeu logo pela manhã, que já estava próxima. Afinal, seria um bom pretexto para poder dormir e preparar-se para o resgate dos papéis de Einstein, o que, esperava ele, seria uma missão muito simples.

No entanto ele não fazia idéia das enormes dificuldades que estavam por vir.

CAPÍTULO XX

Ao chegar à praia, Schmidt tratou de puxar o bote para perto de alguns arbustos distantes da água. O sonolento coronel apenas observava, segurando seus pertences, e não prestou atenção no que Schmidt fazia, ficando ligeiramente afastado. Assim ele não percebeu que depois de colocar o barco em uma posição segura, Schmidt ainda deu dois passos em direção da rua. Com o resto de forças que tinha, o coronel consultou discretamente seu relógio e fez um simples cálculo de subtração. Concluiu que a viagem de barco levaria quarenta

minutos. Além disso, apenas pensava na tarefa que ia dar a Schmidt assim que ele voltasse.

Schmidt voltou em alguns minutos, ainda esbaforido, arrumando a roupa. Chegou com passos rápidos, dizendo:

"Pronto coronel, nossa embarcação está segura. Ninguém vai mexer nela. Podemos ir para nossa base agora."

Sem dizer nada, o coronel começou a caminhar junto a Schmidt, seguindo-o de perto e carregando seus poucos pertences. Schmidt andava fazendo um alto som com a respiração, pois estava extenuado com o esforço. Como de costume, o coronel disse de repente:

"Schmidt, quero que hoje mesmo você

descubra o paradeiro do judeu. Quero o máximo de informação possível, pois hoje à noite vamos resolver isso. Não admito nenhuma falha. Trabalho somente com cem por cento de certeza no sucesso."

"Sim, Herr coronel. De fato estive pensando no caso e sei onde conseguir a informação."

"Ótimo. Isso é muito importante. A missão toda é muito importante."

"Do que se trata tudo isso, coronel? Vamos 'visitar' um judeu que há anos veio da Alemanha?" - perguntou o curioso Schmidt.

"Apenas faça o que mandei. Outra hora eu explico do que se trata." - respondeu

secamente o coronel.

O sol já começava a aparecer, dando um colorido cada vez mais forte às redondezas. Depois de muitos dias, era a primeira vez que o coronel pisava em terra firme e por isso andava cambaleante como se fosse um velho *lobo do mar*. Schmidt não percebeu que isso era passageiro e chegou até a pensar que o coronel tivesse algum problema nas pernas. Não comentou nada diretamente mas achou melhor tentar ser mais prestativo:

"Coronel, o senhor não gostaria que eu carregasse suas coisas?"

"Claro que não. São artigos e documentos pessoais. Nisso só eu ponho

a mão." - respondeu o coronel, como sempre com grosseria. Aliás, ele era o tipo de homem que jamais pedia ajuda a ninguém.

Schmidt, em um raro momento de lucidez, decidiu que não iria mais perguntar, apenas responder.

Continuaram andando pela areia até chegar à rua que acompanhava a orla marítima. Do outro lado da rua havia várias casas pintadas de cores diferentes, o que clava um ar alegre à paisagem. Dali podia-se ver algumas ruas que saíam em sentido perpendicular da orla. Havia vários bares e restaurantes, deixando claro que era uma área de lazer para os habitantes do lugar. Aquilo a princípio incomodou um

pouco o coronel, mas ele desconsiderou o fato por achar que não fosse tão relevante. Para o coronel, que já estivera nas maiores cidades européias, o aspecto daquilo tudo não passava de uma pequena vila.

Alguns passos mais e finalmente chegaram à *base*, na verdade um pequeno sobrado a beira mar. Mesmo dentro da casa o cheiro forte do mar era evidente. A primeira coisa que o coronel fez foi passar o dedo em cima da mesa. Observou em seu dedo uma poeira branca e já ia chamar a atenção de Schmidt, mas este, percebendo a iminente bronca, se adiantou:

"É sal, coronel. O vento traz constantemente do mar e não há limpeza

diária que contenha essa invasão. Mas precisamos de uma base com esta localização, bem próxima do mar, para nos comunicarmos com nossos navios e submarinos."

Como de costume, o coronel não respondeu nada, apenas pediu para ver seus aposentos.

Schmidt indicou as escadas e ambos subiram. Ao chegar em cima, Schmidt apontou a primeira porta dizendo que ali era seu quarto. Apontou a última porta do pequeno corredor, dizendo que ali era o banheiro. Finalmente apontou a porta do meio como sendo o quarto onde o coronel ficaria hospedado. Ao passarem pela porta do quarto de Schmidt, que estava aberta, o coronel,

como já esperava, pode observar a bagunça em que se encontrava. A cama estava desfeita e havia roupas jogadas para todo o lado.

"Há alguma mulher que venha aqui fazer limpeza?" - perguntou o coronel repentinamente.

"Sim, coronel. Hoje é dia de ela vir aqui." - Schmidt respondeu ao mesmo tempo em que, embaraçado, fechou a porta de seu quarto.

"Dispense-a e mande-a vir só na próxima semana. Invente alguma desculpa. Não quero ninguém aqui até que eu me vâ, com a missão cumprida." - ordenou o coronel.

"Sim, *Herr* coronel." - respondeu

Schmidt, obediente. Mas o incorrigível Schmidt, talvez por ter aquela vontade irremediável que alguns alemães têm de viver alegremente, arriscou:

"Nem mesmo uma companhia feminina para o senhor?"

Na verdade, ao mesmo tempo em que fazia a pergunta, também já se arrependia.

"Que idiota." - pensou de si mesmo. "Agora é que o coronel vai acabar comigo de vez."

Mas, para sua total surpresa, o coronel parou na frente da porta de seu quarto por um instante antes de entrar e virou-se para ele com um sorriso maroto:

"Sim. Traga quando voltar... Uma

prostituta sem qualquer relacionamento. Agora, não quero mais ser perturbado."

Enquanto o coronel entrava no quarto, Schmidt completou:

"Coronel, o senhor vai encontrar roupas limpas no armário de seu quarto, inclusive sapatos e um chapéu."

A exaustão fez com que o coronel estivesse com a guarda baixa. Então ele fez algo que realmente não combinava com seu modo de ser e que deixaria Schmidt ainda iludido por algum tempo.

"Obrigado." - agradeceu mecanicamente o coronel.

Schmidt então fez a saudação nazista em frente da porta do quarto do coronel, que

já havia entrado. O coronel fez que não viu a saudação para não ter que respondê-la e fechou a porta na cara do espantado Schmidt.

"Ora, até que ele é humano sim. Quem sabe não consigo fazer uma importante amizade que me ajude a limpar meus erros do passado, a sair daqui e voltar para a Alemanha."

Sorrindo, desceu as escadas. Pegou algum dinheiro e, a passos rápidos, foi pegar seu carro. Os agentes alemães, para não levantarem suspeitas, procuravam não utilizar carros alemães. A base alemã no Rio de Janeiro tinha um *Studebaker* 1938, comprado de segunda mão de um rico comerciante local.

Schmidt, ao entrar no carro, sabia que só havia um lugar para onde pudesse ir naquele momento.

CAPÍTULO XXI

Schmidt dirigiu o mais rápido que pôde e foi para Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro. Precisava chegar até a Ilha das Flores, para onde os imigrantes que chegavam ao porto do Rio de Janeiro eram transferidos e ficavam de quarentena.

Em janeiro de 1877 foi aberto o primeiro livro de registro de estrangeiros da Ilha das Flores, em Niterói, pertencente ao então Império do Brasil. Essa hospedaria era o maior centro de convergência de imigrantes para o Brasil. Apesar das hospedarias

terem sido criadas para evitar a deserção dos imigrantes, os livros de registros da Ilha das Flores, de 1873 a 1910, mostram que a maioria dos imigrantes se dirigia para outros Estados ou para a Capital Federal.

Na hospedaria da Ilha das Flores os imigrantes eram registrados, recebiam provisões que deveriam bastar para o primeiro ano e eram encaminhados para seu destino. As provisões constavam de carne seca e farinha, que muitos imigrantes não conheciam e chegavam a pensar que fosse queijo ralado. Ao receber as provisões, alguns chegavam, a dizer para o oficial de imigração, espantados: "Como vamos comer sola de sapato e pau ralado?" Ao chegar à

hospedaria Schmidt procurou com os olhos algum representante oficial da imigração. Não precisou procurar muito e achou um rapaz que parecia ser solícito e foi logo dizendo:

"Meu rapaz, preciso procurar um parente que chegou ao Brasil anos atrás. Perdemos contato e me disseram que aqui os senhores poderiam me ajudar."

Ouvindo o forte sotaque daquele homem, o rapaz acreditou firmemente na história e indicou a sala de registros, onde ele poderia obter alguma informação. A sala, no entanto, estava ainda fechada.

"O senhor aguarde um pouco que a repartição já vai abrir." - respondeu polidamente o rapaz.

"Obrigado." - disse Schmidt.

Sem opção, Schmidt resolveu andar um pouco por ali. Afastou-se da recepção e, sem saber, caminhou em direção ao refeitório que ficava adjacente à cozinha. Ah sentiu um forte cheiro de feijão sendo cozido. Não podendo mais seguir caminho, retornou por onde tinha vindo. Ao se aproximar do mesmo rapaz, não se conteve e comentou:

"Que cheiro forte de feijão, logo cedo!"

"Já estamos preparando o almoço de nossos hóspedes imigrantes. São muitas pessoas e precisamos começar cedo."

"Entendo. Mas e amanhã? Qual será o prato?" - continuou a perguntar o curioso Schmidt.

"Feijão."

"Como assim? É feijão todo dia?"

"Sim, senhor. É barato, prático e alimenta. Raramente oferecemos outro tipo de refeição aos imigrantes."

"Deve ser um choque cultural. Nenhum deles está acostumado a isso."

"Não sei dizer, senhor. Eu, por exemplo, gosto muito!" - respondeu o jovem, satisfeito.

"Isso, porque o senhor nasceu aqui. Eu, por outro lado, não gosto desse prato e não consigo compreender essa fascinação brasileira por feijão."

O rapaz fez cara de espanto, como se alguém tivesse dito algo inconcebível.

Mas o fato é que por muitos e muitos anos o prato do dia e da noite seria exatamente este: *feijão*.

Nesse momento ouviram um estalo de metal seguido por rangido de madeira. A sala de registros estava aberta.

Imediatamente Schmidt esqueceu-se do feijão e passou pela porta da repartição. Não havia filas e ele seria o primeiro a ser atendido naquela manhã.

Schmidt chegou até o balcão de atendimento e observou atrás do balcão várias filas de estantes de madeira empilhadas com livros de registro.

"Bom dia." - disse o funcionário da repartição.

"Bom dia. Preciso muito de sua ajuda, se for possível. Procuro por um parente que entrou no país anos atrás. Disseram-me que aqui obteria a informação de que preciso."

"Claro. É aqui sim. O senhor preencha este formulário e me entregue. Volte para buscar a informação semana que vem."

"Não. O senhor não entendeu. É uma emergência e eu preciso dessa informação ainda hoje."

"Sinto muito, não posso fazer nada. O senhor preencha este formulário, por favor."

Schmidt, incrédulo, pegou o papel e um lápis olhando para o funcionário, cuja

feição mostrava total indiferença pelo desespero daquele homem. Schmidt não percebeu, mas sentia na pele justamente o que homens como ele faziam com os outros. Muito nervoso, preencheu todos os dados dando a si mesmo o sobrenome que estava procurando, para não levantar suspeitas.

Com as mãos tremendo e com expressão de súplica, chamou novamente o atendente:

"Já preenchi o formulário. Mas o senhor precisa me ajudar. Realmente preciso dessa informação ainda hoje. É caso de vida ou morte."

O funcionário percebeu a ansiedade e o desespero saltarem dos poros daquele

homem, mas continuou impassível:

"Como eu disse, o prazo normal é de uma semana." Mas recebeu o papel e continuou a olhar para Schmidt. Finalmente Schmidt percebeu que, claro, havia uma alternativa. Certificou-se de que não havia mais ninguém na sala e sugeriu em voz baixa:

"Talvez com uma pequena contribuição eu consiga diminuir esse prazo." O funcionário inclinou-se no balcão sorrindo levemente: "Sim, senhor. Assim será possível diminuir o prazo. Aguarde aqui mesmo, por favor."

Schmidt quase teve um ataque cardíaco só de imaginar o que aconteceria caso voltasse para a base sem a informação.

Na verdade, provavelmente nem voltaria pois sabia que o coronel seria implacável. Foi um dos raros momentos que Schmidt ficou muito aliviado por não estar na Alemanha. Ele sabia que trocar informação por gratificação, lá, seria muito difícil de acontecer.

O sol estava cada vez mais alto e invadiu o recinto pela janela sem cortinas. O sol, batendo nos móveis de madeira, iluminava agradavelmente o ambiente. A adrenalina de Schmidt ia voltando a níveis normais e ele sentiu um enorme prazer em estar ali. Sentiu que estava cumprindo sua missão e sua esperança em voltar para a Alemanha crescia novamente.

Apesar de estarem apenas duas pessoas

na sala, devido ao material ali guardado, uma pequena poeira estava suspensa no ar. A luz do sol batia nas partículas suspensas, tornando-a visíveis. Cada partícula tornava-se brilhante, dando certo ar mágico à sala. Schmidt sentia-se tão bem que até afrouxou o paletó.

No entanto, com o passar dos minutos, Schmidt voltou a ficar nervoso.

"E se ele não encontrar nada? E se os dados estiverem incorretos ou incompletos?" - preocupava-se ele.

Outras pessoas entraram na sala e alguém comunicou que um grupo de imigrantes estava para chegar, para ser registrado. Schmidt sabia que o funcionário seria requisitado e que seu

trabalho *especial* teria que ser interrompido. Mais alguns minutos se passaram e ainda não havia sinal do funcionário.

De fato, chegou um grupo de imigrantes e a recepção estava cheia de gente falando em várias línguas diferentes. Um jovem rapaz tentava, em vão, manter as pessoas em fila.

Schmidt já estava constrangido, pois sabia que ninguém era atendido por sua causa. Além disso, como faria o *negócio* com tanta gente em volta?

Ele já não sabia mais onde colocar as mãos. Ora colocava no balcão, ora nos bolsos, ora ficava apenas de braços cruzados. Estava desesperado de novo.

Após quase uma hora de espera, finalmente o funcionário reapareceu. Andava com calma e, ao se aproximar do balcão, bateu com toda força em uma campainha metálica, fazendo um barulho ensurdecedor em toda a sala.

"Quietos! Quietos!" - berrou ele de repente. "Façam silêncio até serem atendidos ou vão ficar de pé aí o dia inteiro!"

Ele berrou aquelas palavras sabendo que certamente a grande maioria ali não entendia nenhuma delas. Mas sua ação enérgica teve o efeito desejado e todos ficaram em silêncio.

Schmidt ficou atônito. Arregalou os olhos e, assustado, ficou sem ação

alguma. O funcionário da repartição recompôs-se, virou para ele e disse calmamente:

"A informação que o senhor queria eu não consegui encontrar."

Schmidt gelou e quase chorou ali mesmo, na frente de todos, pois estava em pânico.

CAPÍTULO XXII

O funcionário da repartição estava impassível e não percebeu o redemoinho de emoções que corriam por dentro de Schmidt. Sem alterar um músculo da face, ele disse:

"O nome estava escrito errado. O senhor me escreveu Isaiah Estelvich e algum imbecil registrou como Isaiah Esteuvitch. Muitos que trabalham aqui têm a mania de *aportuguesar* os nomes dos imigrantes. Por isso há inúmeras versões do mesmo nome no Brasil."

Schmidt, aliviado, não sabia se ria ou se

agora chorava de uma vez. Não conseguia dizer uma palavra e, para piorar, o funcionário olhava para ele, esperando que dissesse algo. Schmidt se recompôs e, quase gaguejando, perguntou: "E o endereço? O senhor conseguiu o endereço?" "Veja, escrevi o endereço de destino neste papel. Fica na capital federal." Aquilo foi demais para Schmidt e lágrimas escorreram por suas faces. Ele não conseguia dizer uma palavra, mas, afinal, aquela cena serviu para confirmar quaisquer suspeitas que pudesse ter levantado. O funcionário achou que, realmente, tratava-se de algum relacionamento familiar. Sem maiores receios, ele esticou o braço em direção a Schmidt, entregando o papel

com o endereço desejado. Schmidt segurou o papel, mas não conseguiu trazê-lo para si. Olhou então para o funcionário que, por sua vez, olhava fixo para os olhos de Schmidt, com o mesmo sorriso de antes.

Súbito, Schmidt lembrou-se do negócio mas, assustado, olhou ao redor e viu que a maioria das pessoas observava com atenção o que ele e o funcionário faziam. Voltou a encarar o funcionário com olhar de súplica, para que este lhe dissesse o que fazer. Ele entendeu e disse:

"Pode me dar o dinheiro agora."

Schmidt não acreditou no que ouviu mas não ousou contrariar aquele que se

colocava acima de tudo e de todos. Pensou apenas em terminar aquela etapa de sua missão. Soltou o papel e procurou por sua carteira. Abriu-a, retirou algumas notas e, da maneira mais discreta possível, mostrou-as para o funcionário. Este, ao ver as notas, torceu o nariz e fez um leve "não" com a cabeça. Schmidt, desesperado, pegou rápido mais algumas notas e mostrou o maço. O funcionário moveu a cabeça de lado, com uma expressão de "Fazer o quê?" e, finalmente, colocou o papel com o endereço no balcão, largando-o ali.

Schmidt, então, com vergonha de erguer os olhos, colocou o dinheiro em cima do balcão. Pegou o papel e saiu da sala o

mais rápido que pôde. Sentia-se muito embaraçado, mas, acima de tudo, aliviado. Ao sair da sala lançou um rápido olhar e percebeu que o funcionário guardou o dinheiro no bolso com calma e, com olhar superior, mandou chamar o primeiro da fila.

Schmidt precisava respirar. Ali fora já se sentiu menos envergonhado pois julgou que as pessoas ali não tivessem presenciado aquele, digamos, *agrado*. Reencontrou o rapaz fardado e pediu por um pouco de água. O rapaz indicou a cozinha onde Schmidt já estivera antes. Passou pela sala de refeições e chegou a um pequeno balcão. Debruçou-se ali e disse em voz alta:

"Olá! Tem alguém aí?"

De dentro, uma voz feminina respondeu secamente:

"O horário de refeições ainda não começou."

"A senhora não entende, não estou hospedado aqui."

"Com esse sotaque? Não me engana. Volte mais tarde."

Schmidt, com pressa, não tinha tempo a perder, e pensando rápido disparou:

"A senhora vai me dar um copo d'água ou preciso chamar o diretor da instituição?"

"O senhor não precisa ficar nervoso. Tome logo sua água." - respondeu a mesma voz de antes.

Por fim apareceu um rosto negro e redondo, cujos cabelos estavam presos por um lenço branco.

Schmidt queria rir, mas conteve-se. Pegou o copo e engoliu a água de uma só vez. A água fresca descendo por sua garganta causou um efeito imediato de alívio. Recolocou o copo no balcão, virou-se e foi embora sem ver a careta que a senhora fez para ele enquanto se afastava.

Antes de iniciar sua volta para a capital federal, Schmidt pegou o papel e olhou o endereço escrito ali. Pensou por alguns instantes e exclamou, confiante: "Eu sei onde fica."

CAPÍTULO XXIII

Schmidt se dirigiu com rapidez na direção oposta, agora para o centro da capital federal, a cidade do Rio de Janeiro. Ele precisava certificar-se de que o endereço que tinha em mãos era válido e que o judeu ainda morava lá.

"Mesmo após tantos anos?" - preocupou-se.

Mas se não fosse lá verificar e, à noite, levasse o coronel direto para aquele endereço e não encontrassem nada, sabia que seria ele a sofrer as piores conseqüências. Além disso, otimista

como sempre, achava que ao certo seria elogiado por ter *reconhecido o terreno*.

Algo em seu íntimo, no entanto, dizia que aquele endereço estava correto. Era apenas intuição, mas isso fez com que relaxasse um pouco enquanto dirigia e, pelo caminho, a Alemanha voltou a ficar mais próxima nos seus pensamentos. Para ajudar a descontrair, deixou-se levar pelos pensamentos e lembrou de sua mulher e de suas duas filhas pequenas. Sua mulher, ao contrário dele, era loira e de olhos azuis. A mãe de Schmidt também era assim, e suas duas filhas *puxaram* à mãe e à avó paterna. Imaginou como elas estariam e o que faziam naquele momento, pois era noite na Alemanha.

"Estão na segurança de nosso lar, em Dresden." - confortava-se ele.

Por hora, pelo menos, ele estava certo. Mas isso não seria por muito tempo. Ainda naquele mês de maio de 1942, os britânicos lançariam um maciço ataque aéreo à cidade alemã de Colônia, utilizando mil aviões. Esse evento daria início a uma série de outros bombardeios maciços cujo efeito foi, em poucos anos, a total devastação da Alemanha, em especial das regiões industriais. Nem mesmo a sua querida Dresden seria poupada, sendo quase *varrida do mapa*. Estima-se que, com os bombardeios aliados, noventa por cento da cidade tenha virado ruína.

Dresden, a capital do estado alemão da

Saxônia, foi bombardeada pela Real Força Aérea Britânica (RAF) e pela Força Aérea dos Estados Unidos (USAAF) entre 13 e 15 de fevereiro de 1945, três meses antes do fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. O bombardeio a Dresden continua controverso mesmo sessenta anos depois.

O Secretário de Estado do Ar, *sir* Archibald Sinclair, respondeu a Churchill da seguinte forma, em 27 de janeiro de 1945:

"Em resposta ao clamor por ataques na produção petrolífera do inimigo e outros alvos aprovados, todos os meios disponíveis deverão ser direcionados

contra Berlim, Dresden, Chemnitz e Leipzig ou contra outras cidades, onde um bombardeio maciço não irá destruir apenas as comunicações vitais para a evacuação do leste, mas também irá interromper a movimentação de tropas vindas do oeste."

O objetivo era acelerar o avanço soviético, vinco do leste. No entanto, Dresden ficou inteiramente destruída, inclusive a estação de trem. Mas o sistema de estradas de ferro voltou a funcionar poucos dias depois.

O bombardeio seguia um método padrão na época: jogar grande quantidade de bombas com alto teor explosivo, para remover telhados e coberturas dos prédios. Em seguida, atirar dispositivos

incendiários, para iniciar a queima do prédio. Então mais bombas explosivas eram lançadas, para impedir o serviço dos bombeiros. A tática funcionava, criando uma auto-sustentada *tempestade de fogo*, com temperaturas atingindo picos acima de 1.500 graus Celsius. Depois que toda a área desejada pegava fogo, o ar acima dela ficava extremamente quente e subia rápido. O ar mais frio das redondezas no nível do solo era então sugado direto para o meio do incêndio, puxando as pessoas para lá. Elas não tinham nenhuma chance.

O impacto devastador desse bombardeio nunca poderá ser avaliado com precisão, pois em Dresden estavam centenas de milhares de refugiados,

sobretudo civis que fugiam da guerra no leste europeu. Mas algumas estatísticas apontam que, dos 28.410 edifícios da área central da cidade, 24.866 foram destruídos. Uma área de quinze quilômetros quadrados foi totalmente destruída, incluindo catorze mil lares, setenta e duas escolas, vinte e dois hospitais, dezoito igrejas, cinco teatros, cinqüenta bancos e companhias de seguros, trinta e uma lojas de departamento, trinta e um grandes hotéis e sessenta e dois prédios administrativos. O número preciso de mortos ficará para sempre desconhecido, mas historiadores falam entre vinte e cinco e sessenta mil.

Apenas um prédio permanece em ruínas

em Dresden, a *Frauenkirche* (Igreja de Nossa Senhora), que chegou a ser a igreja protestante mais importante da Alemanha. Suas ruínas foram deixadas intocadas como um lembrete da destruição da guerra: uma pilha de pedras. Naturalmente isso também economizou um bom dinheiro em restaurações para a extinta Alemanha Oriental. Tanto é que, só após a reunificação, foi decidido reconstruir a igreja. A enorme tarefa iniciou em 1992, com a remoção das peças uma por uma, que foram comparadas com um modelo virtual da igreja para determinar onde se encaixariam. Uma a uma foram cuidadosamente etiquetadas conforme sua posição. As pedras foram alinhadas

em prateleiras e pintadas com tinta amarela, indicando do que se trata. Algumas deverão ficar nas prateleiras por dez anos ou mais. O objetivo é reinaugurar a *Frauenkirche* em 2006, no aniversário de oitocentos anos de Dresden. Mas como em todas as demais construções bombardeadas, a maioria das pedras desapareceu. Outras estão muito danificadas para serem utilizadas novamente e terão que ser substituídas por novas. Ironicamente, a Inglaterra, um dos países aliados que bombardeou a cidade, agora oferece a nova cruz da igreja. Será que isso apagará os ressentimentos?

Mas tudo isso estava muito longe de Schmidt naquele momento. Seu único

conforto era deixar que seus pensamentos o transportassem para lá. Recordou os últimos momentos com sua família, antes de ser forçado a embarcar naquela missão para uma terra tão distante. A noite, na véspera do embarque, contou para as filhas a história de Branca de Neve. Esta história, recolhida da memória popular alemã, foi compilada pelos Irmãos Grimm. Lembrou da expressão assustada que suas filhas pequenas assumiam toda vez que ele mencionava a bruxa. Riu levemente consigo mesmo e as lágrimas já rolavam em sua face. Antes que provocasse um acidente, teve que pegar um lenço e secá-las para poder enxergar o caminho. Tudo e todos que ele amava

ficaram para trás no tempo e no espaço. A única pessoa que poderia aliviar um pouco sua saudade era um homem horrível que ele nem agüentava olhar. Preferia mil vezes a companhia de algum *local* que, via de regra, sempre o tratava com afeto, mesmo que tivesse acabado de conhecê-lo.

As ruas passavam e Schmidt olhava mecanicamente para elas. Sabia onde estava indo e já se acostumara com o caminho. Não era preciso pensar muito, apenas seguir. Estava absorto em seus pensamentos quando, de repente, ouviu um estrondo e o carro se desgovernou, obrigando seu motorista a diminuir de imediato a velocidade.

Schmidt encostou o carro da melhor

maneira que conseguiu. Teve um mau pressentimento quanto ao novo problema que surgiu ao descer do carro. Olhou rápido em volta e percebeu que estava em uma região habitada, com diversas casas populares. Deu a volta no carro e, olhando para o lado direito, viu que o pneu estava furado.

CAPÍTULO XXIV

Schmidt, ao ver o pneu furado, soltou um improperío, mas isso não ajudou em nada pois o pneu continuou do mesmo jeito, como se estivesse rindo de seu desespero. Essa sensação fez com que ficasse ainda mais zangado e ele deu um forte chute no pneu inútil. Mas não havia alternativa. Tinha que trocar o pneu o mais rápido possível.

Schmidt abriu o porta-malas para pegar as ferramentas e o sobressalente. No entanto, para chegar até eles teve que retirar uma cesta de palha, que colocou de lado, no chão. Pegou o macaco, tirou

o paletó e o chapéu e começou a levantar o automóvel. Focado no que fazia, não percebeu que um garoto que a tudo assistira se aproximava. Muito curioso como qualquer garoto de sua idade, foi direto em direção à cesta que estava no chão. Ele viu Schmidt trabalhar, mas, desinibido, ao mesmo tempo em que abria a cesta, perguntou: "O senhor vai pescar?"

Schmidt, ao ver a cena, ficou de súbito horrorizado e berrou, enquanto largava as ferramentas, que fizeram enorme barulho ao bater no chão. Largou o que fazia e correu enfurecido em direção àquele menino: "Largue isso! O que pensa que está fazendo?"

O menino, muito espantado, soltou a

tampa da cesta, que fez um som abafado ao fechar. Levantou-se rápido, dando um passo para trás, e disse:

"Desculpe, senhor, não fiz por mal. Só queria ver que tipo de anzol o senhor usa para pescar."

"Isso não é para pescar!" - disse Schmidt sem pensar, enquanto pegava a cesta no colo do menino.

"Não? E por que tem tanto material de pesca?" - continuou o garoto com muita curiosidade.

Schmidt não sabia o que responder e também não queria mais perder tempo com aquilo:

"Vá para casa, menino, e me deixe em paz!"

O menino, confuso e contrariado, achou que era melhor seguir a orientação dada e foi embora. Schmidt olhou para a cesta, agora aninhada em seu colo, e pensou consigo mesmo:

"Que besteira que eu fiz."

Mas não havia tempo para se lamentar. Olhou para o relógio, viu as horas e soltou novo improperio. Rápido, mas com cuidado, colocou a cesta de novo no chão, agora bem perto de si, para evitar curiosos. Terminou de trocar o pneu, guardou as ferramentas e o pneu furado no porta-malas. Ali achou um trapo que usou para limpar as mãos. Por cima de tudo, recolocou a cesta cuidadosamente no mesmo lugar que

estava antes. Fechou o porta-malas, vestiu paletó e chapéu e, apressado, religou o carro para, finalmente, retomar seu curso.

Um pouco mais calmo agora, Schmidt verificou onde estava, para se orientar. Conferiu de memória que estava na direção certa. Relaxando, pensou de novo na cesta e em seu precioso conteúdo. Balançando a cabeça de um lado para o outro, repetiu para si mesmo, como se isso fosse reconfortá-lo:

"Que besteira que eu fiz."

Mas não havia tempo para pensar nisso agora, pois alguma coisa chamou sua atenção.

"O bairro dos judeus ..." - verificou ele.

Schmidt precisava chegar à rua Frei Caneca, no centro do Rio de Janeiro. Era próxima à rua Tenente Possolo, onde fica até hoje aquele que foi o principal templo judeu na cidade. Em suas ruas próximas viviam, naquela época, centenas de famílias judias, até que o centro da cidade tornou-se impróprio para residências e elas mudaram principalmente para a Zona Sul da cidade.

Ele dirigiu em direção ao Campo de Santana e pegou a rua Regente Feijó, que é travessa da rua Frei Caneca. Ao chegar próximo a seu destino, Schmidt procurou um local seguro e estacionou o *Studebaker*. Não queria que ninguém da

casa o visse e nem mesmo a seu carro. Sabia que, se fosse o local certo, voltaria com aquela mesma condução horas mais tarde. Fechou o carro e continuou tranqüilo o trajeto a pé. Procurando ser o mais discreto possível, andou pela rua e conferiu a numeração das casas até chegar ao número 81.

"Ótimo! O endereço está validado." - pensou consigo mesmo.

Mas mal comemorou e outra vez gelou. Logo acima da placa com o número da casa havia outra placa com os dizeres:
Pensão Israel

"Claro! Só podiam ter enviado o judeu para uma pensão de judeus. Onde mais?" - raciocinava ele muito preocupado.

Tomado por profundo desânimo, mas uma vez que já estava lá, resolveu ir mais a fundo na questão. Mas era altamente improvável que seu alvo estivesse morando ali por tantos anos. Uma vez mais aproveitaria seu forte sotaque e se faria passar por judeu. Ao entrar na pensão encontrou um senhor idoso no balcão, que já o recebia com um leve sorriso, provavelmente por reconhecer um estrangeiro na fisionomia daquele que entrava.

"Boa tarde, senhor. Em que posso ajudá-lo?" - disse, com sotaque carregado, o senhor atrás do balcão.

"Esse sotaque eu conheço. Ele só pode ser um imigrante alemão." - raciocinou Schmidt.

"Boa tarde." - respondeu ele, com o melhor de seu sotaque e um grande sorriso para mostrar-se simpático. O tempo, no entanto, passava implacável, e Schmidt completou rápido:

"Procuro por um parente que veio da Alemanha anos atrás. Talvez o senhor possa me ajudar a encontrá-lo. Estive na Ilha das Flores e me indicaram o seu endereço."

"Meu amigo, por aqui já passaram centenas, talvez milhares de pessoas. É a pensão que geralmente indicam para judeus que vêm da Alemanha. Temos até um acordo com o governo e muitos imigrantes são enviados para cá, direto da Ilha das Flores. Geralmente não ficam muito tempo por aqui, apenas

algumas semanas até que consigam se estabilizar. Aí conseguem uma moradia fixa e se mudam. Mas se seu parente chegou há pouco tempo, talvez eu me recorde."

Schmidt percebeu que o homem estava bem informado em relação à procedência de seus clientes. Mas estava cada vez mais desanimado e, já esperando uma resposta negativa, comentou:

"Na verdade meu parente chegou ao Brasil em 1920, há vinte e dois anos atrás."

O velho no balcão não conseguiu se conter e soltou uma grande gargalhada. Mas olhando para Schmidt, percebeu

que o assunto era grave e se recompôs rápido, dizendo:

"Desculpe, mas não é possível que eu me lembre. No entanto, é muito provável que ele ainda more nas redondezas. Talvez o senhor tenha sorte se procurar aqui por perto, perguntando em estabelecimentos comerciais."

"Eu não tenho tempo, é uma questão de vida ou morte." - disse Schmidt, com muita seriedade.

O velho, agora envergonhado por sua gargalhada, ficou também bastante sério e perguntou:

"Diga-me o nome da pessoa que o senhor procura. Vamos ver se consigo mais alguma informação."

"Estelvich, Isaiah. E sua mulher, Sarah."

Após pensar por alguns instantes, o velho respondeu:

"Eu só conheço um Estelvich, mas não sei seu primeiro nome. Também não posso garantir que tenha passado por esta pensão, pois honestamente não me lembro agora. Não apenas pelo número de pessoas que passaram por aqui, mas minha idade avançada já levou parte de minha memória."

O velho fez uma breve pausa para respirar enquanto Schmidt olhava para ele como um cão que fora abandonado pelo dono. Ele simplesmente não sabia o que dizer e esperava algum tipo de milagre. O velho coçou a cabeça,

apertando os olhos e os lábios. Parecia realmente que tentava se lembrar de algo, e disse:

"No entanto, apesar de eu mesmo não ser religioso, sei que há um rabino chamado Estelvich. Será a mesma pessoa?"

Os olhos de Schmidt voltaram a brilhar, cheios de esperança:

"E o senhor sabe onde posso encontrá-lo?"

"Claro!" - respondeu o velho com um largo sorriso.

Schmidt, de tão excitado, começou a esfregar as mãos.

"O senhor deve ir à rua Tenente

Possolo, aqui perto. Procure no templo. Mas não hoje, porque o templo já está fechado."

Schmidt ficou sério de novo:

"O senhor não entende, preciso encontrar meu parente ainda *hoje*. É muito importante."

O velho fez uma careta, e depois outra diferente, e disse por final:

"Espere um pouco. Vou até a sala de almoço perguntar para um amigo que faz sua refeição aqui."

O velho virou de costas e entrou até sumir. Schmidt estava ansioso, mas tranqüilo ao mesmo tempo. Sabia que estava fazendo o que podia para cumprir

a missão. Após alguns intermináveis instantes, o velho voltou com um largo sorriso:

"Como eu suspeitava, ele mora aqui perto sim. Acho que o senhor pode caminhar até lá."

O velho então andou em direção a Schmidt, pegando-o pelo braço e gentilmente conduziu-o para fora:

"Veja." - disse o velho, esticando o braço na direção da rua.

"O senhor vá por ali até a rua Mem de Sá. Ele mora nessa rua, esquina com a rua Frei Caneca. Meu amigo não sabe o número, mas disse que é uma casa com grade de ferro." - explicou o velho.

Schmidt disse um gélido "Obrigado." e,

levantando ligeiramente seu chapéu, deu as costas para o velho, saindo apressado na direção apontada. Não havia mais tempo a perder.

Andando a passos rápidos e na trajetória mais reta que conseguiu fazer, vez por outra Schmidt esbarrava em algum transeunte que vinha na direção oposta. Não parou por nada e, sempre que o esbarrão ocorria, recebia uma careta que nem mesmo via de tão apressado.

Quando afinal chegou à esquina desejada, olhou em volta e viu que de fato havia uma casa com portão de ferro. Andou sem parar até passar em frente àquela casa. Agora só precisava ter certeza de quem morava ali. Schmidt parou na esquina próxima, de onde

podia observar a casa. Ele precisava de um plano.

"E se eu mexer na correspondência?" - raciocinava Schmidt quando de repente, para sua surpresa, a porta da frente se abriu. Para seu espanto, uma jovem negra saiu da casa - não era o que esperava. Apreensivo, Schmidt continuou a observar enquanto ela saía pela porta e caminhava tranqüila em direção ao portão da rua. Próximo do portão, no entanto, ela parou e virou-se, olhando para a porta da casa. Schmidt olhou para o mesmo ponto e observou que ela falava com alguém ali dentro, mas no entanto ele não conseguiu ver quem era. Schmidt resolveu andar de novo na direção oposta à que tinha

vindo, e passar mais uma vez em frente da casa. Quando estava quase chegando, conseguiu ainda escutar um "Até logo", e a porta já se fechava. Olhou rápido, a tempo de perceber que dentro da casa estava uma senhora bem branca e de idade avançada. A porta fechou e a moça negra começou a caminhar muito próximo a ele. Vestia-se de uma forma simples e ficou claro que ela era empregada da casa.

Schmidt precisava ter certeza absoluta e arriscou:

"A senhorita trabalha para os Estelvich?"

A moça virou-se assustada para aquele homem que ela não sabia quem era e

temeu em responder. Schmidt abriu o mais largo sorriso que conseguiu e levantou seu chapéu, tentando mostrar-se simpático. Então ela disse:

"O senhor tem o mesmo sotaque que a família para a qual eu trabalho."

Desembaraçada, continuou:

"E até se parece bastante." - disse isso rindo discretamente.

"Vocês são tão branquinhos..."

"É que eu sou da colônia, entende? Frequentamos a mesma sinagoga."

"Sim, o senhor Isaiah é muito religioso. Faz orações mesmo em casa."

"Eu sei, meu pai é muito amigo dele e me diz sempre: 'Benjamin, você deve

seguir o exemplo de meu querido amigo, o rabino Isaiah. Reze bastante que será um homem melhor."

A moça sentia-se cada vez mais segura e confortável com a inesperada companhia em sua caminhada. As evidências eram muito fortes, mas ainda não havia a certeza absoluta. Schmidt, no entanto, não sabia mais o que dizer e começava a ficar impaciente. A moça então perguntou:

"Qual o seu nome todo, senhor? Mandarei lembranças suas a meus patrões."

"Benjamim Goldman." - disse Schmidt

"Ótimo. O senhor Isaiah Estelvich vai gostar muito de saber. Adeus." - disse

ela ao mudar de direção para atravessar a rua.

Schmidt parou de andar de repente e disse apenas:

"Adeus."

Com um leve sorriso nos lábios, voltou sua direção para onde estacionara o carro. Aquela parte da missão estava cumprida. Bem cumprida.

CAPÍTULO XXV

Agora Schmidt precisava se concentrar em sua tarefa *especial*. Dirigiu pela avenida Rodrigues Alves em direção à praça Mauá. No caminho, animou-se uma vez mais por achar que fazia um favor *íntimo*, de *camaradas*, e que por certo seria retribuído. Sempre que passava pelo Arco da Lapa, construção que mais parecia um aqueduto romano, aquilo de alguma forma o fazia lembrar de sua própria terra, repleta de castelos medievais. Inevitavelmente os pensamentos correram para sua terra e para o que ele fazia ali no Rio de

Janeiro.

"Uma punição." - lamentou-se.

A Schmidt havia sido dada uma missão muito simples na Polônia recém ocupada. Logo após a invasão que deu início à guerra, ele deveria ajudar as tropas da SS a levantar os nomes dos principais líderes locais. No entanto, sentindo-se livre por estar longe de casa, não agüentou a tentação da vodka, que ali era abundante. No dia e hora marcados, em que deveria juntar-se a uma força tarefa, simplesmente não apareceu. Horas depois foi encontrado bêbado por um amigo, que tentou ajudá-lo a abafar o caso. Mas seus superiores não aceitaram as explicações e o enviaram para aquela localidade

longínqua, propositalmente sem a família.

"Fui um tolo." - reconheceu tardiamente.

Ainda com os pensamentos longe no tempo e no espaço, ele percebeu que se aproximava de seu destino, e diminuiu a marcha. Encontrou um local adequado e discreto e estacionou próximo da praça Mauá.

"Se há um lugar onde posso arrumar uma bonita moça para o coronel, o lugar é aqui, próximo das docas." - raciocinou ele.

Schmidt começou a caminhar por ali sem saber com exatidão qual destino tomar. Mas como previra, não demorou muito e, de fato, encontrou algumas

moças reunidas. Elas aparentavam ser simples, mas estavam bem arrumadas. No entanto, os olhares insinuantes e insistentes não deixavam dúvidas quanto às intenções delas. Schmidt chegou bem próximo, pois queria ser o mais discreto possível.

"Boa tarde." - disse ele polidamente.

"Boa tarde." - responderam algumas, quase ao mesmo tempo.

Schmidt buscou com os olhos a que estivesse mais bem vestida. Era uma moça atraente, pele branca, cabelos castanhos ondulados e olhos também castanhos. Estava com um vestido marrom claro, sapato de salto alto e com um pequeno chapéu colocado de lado.

Schmidt se dirigiu direto para ela:

"A senhorita está livre?"

A moça, percebendo o sotaque, ficou muito interessada.

"Para um cavalheiro como o senhor, claro que estou."

"Na verdade não é para mim, é para um amigo meu."

Ao dizer isso ele percebeu que a moça fez certo ar de preocupação. Moça experiente, achou que poderia ser um truque. Schmidt, esperto, percebeu e completou rápido:

"É um amigo muito importante. Chegou hoje do exterior e não fala português, por isso pediu que eu viesse em lugar

dele."

A moça ainda estava um pouco desconfiada, mas afinal a história fazia sentido. E aquele homem ali, pelo sotaque e aparência, de certo era estrangeiro, o que dava mais tranqüilidade para ela, que afinal concordou. Os estrangeiros eram mais confiáveis pois dificilmente se arriscavam a se meter em confusão. Além disso, em geral deixavam boas gorjetas. Em alguns casos, eram o passaporte para uma vida melhor. Combinaram o preço e Schmidt indicou a direção a caminhar.

"Meu automóvel está logo ali." - disse ele, gentil, à moça.

CAPÍTULO XXVI

A tarde avançava quando afinal Schmidt retornou à base. Achou melhor deixar a moça esperando no carro e entrou na casa, ávido por falar com o coronel. Ao entrar na casa, encontrou o coronel na cozinha, comendo algo.

"Boa tarde, *Herr* coronel." - Schmidt não esperou pela resposta ao cumprimento, pois sabia ser algo que não viria. Continuou, enquanto o coronel olhava fixo nos seus olhos, mastigando:

"Tenho boas notícias. Localizei o endereço do judeu e já fiz o

reconhecimento do terreno. Estive lá pessoalmente."

Schmidt fez uma pausa esperando algum tipo de elogio. Mas em vez disso veio uma pergunta seca, com o coronel ainda mastigando: "Você foi visto?"

"Claro que não, coronel." - respondeu Schmidt com polidez. Será que agora o elogio viria?

Após alguns instantes o coronel terminou de engolir e ordenou: "Prepare-se. Vamos lá logo após anoitecer." Schmidt ficou muito desapontado, mas aí se lembrou do *presente*. "Coronel, conforme o senhor me pediu, trouxe uma visita." O coronel levantou as sobrancelhas, interessado.

Perguntou, como se não lembrasse do pedido, dando o menor valor possível ao *presente*: "Que visita?"

"A moça, coronel. Lembra-se? O senhor me pediu pouco antes de deitar-se."

"Ah sim. Está aí? Vamos ver como ela é." - disse o coronel, disfarçando o interesse repentino.

Schmidt, animado outra vez, correu para fora e foi chamar a moça, que ainda esperava dentro do carro. O coronel seguiu-o até a porta e de lá ficou observando. Quando a moça saiu do carro, ele a olhou de longe, parado, com as mãos nos bolsos. Após alguns instantes fez um gesto positivo com a cabeça para Schmidt.

"A senhorita agora deve entrar e agradecer a meu amigo. Eu vou dar uma volta e daqui a uma hora retorno. Pode ficar tranqüila, está tudo bem."

A moça assentiu com a cabeça e começou sua caminhada sensual em direção à porta da frente da casa. O coronel não tirava os olhos dela sem, no entanto, mudar a expressão facial nem tirar as mãos dos bolsos da calça.

Enquanto a moça entrava na casa, Schmidt ficou parado ao lado do carro, olhando para o coronel. Esperava pelo menos um gesto ou um leve sorriso de agradecimento. Em vez disso, o coronel simplesmente virou as costas e entrou, batendo a porta atrás de si.

"Maldito arrogante." - pensou Schmidt consigo mesmo.

Sem ter o que fazer, Schmidt foi até um restaurante ali próximo, aonde ia habitualmente. Sentou-se e ficou com o olhar perdido no espaço. Enquanto isso o garçom, que já o conhecia, aproximou-se:

"Boa tarde, senhor. O de sempre?"

"Sim." - respondeu o desanimado Schmidt. Ele tinha esperança de que a cerveja o fizesse se sentir melhor. Sabia que tinha feito um bom trabalho e que a missão era muito importante, devido a patente do oficial que haviam mandado. Achou-se injustiçado e que merecia pelo menos um cumprimento. Mas, daquela

geladeira ambulante, por certo viria tudo, menos isso. Sabia que por mais que se esforçasse não teria reconhecimento. Entre um gole e outro de cerveja, decidiu então que apenas cumpriria ordens, nada mais. Para ele, a Alemanha era agora uma imagem nebulosa. Não tinha a menor idéia de quando poderia voltar. O dia havia sido tenso e, naquele momento descontraído, a saudade da família apertou seu coração novamente. Desconsolado com sua situação, curvou-se sobre a mesa. Ali mesmo, na mesa do restaurante, começou a chorar.

CAPÍTULO XXVII

Uma hora depois, com o dia já indo embora, Schmidt estava de volta à base. Esperava que a moça tivesse controlado o tempo e que estivesse para ir embora. De fato, a porta abriu pouco depois de ele voltar. Dali saiu a moça com a mesma tranqüilidade com que havia entrado e, atrás dela, Schmidt pôde ver o coronel com ar satisfeito.

"Obrigado, senhorita. Aqui está o dinheiro que combinamos e mais algum para a senhorita voltar ao centro da cidade. Não vou poder acompanhá-la, sinto muito."

A moça recebeu o dinheiro e agradeceu com um leve sorriso. Saiu pelo portão da frente e quando Schmidt virou-se para o coronel, esteja estava com ar muito sério de novo. Ordenou com secura:

"Vamos sair daqui a pouco para pegar os papéis. Que esteja tudo pronto."

Após alguns instantes, completou:

"Mostre-me onde esconde o rádio."

Schmidt apontou as escadas e ambos subiram. Lá em cima mostrou o aparelho, que estava bem escondido no seu quarto, cuja janela dava para o mar. O coronel ligou o aparelho apenas para certificar-se de que funcionava, pois pretendia usá-lo naquela mesma noite,

para avisar o submarino para resgatá-lo. Ele colocou o fio na tomada elétrica e a seguir empurrou a chave. Em instantes, com a escuridão do quarto, foi fácil perceber que as válvulas incandesciam e já se ouvia alguma estática. No entanto, quando moveu o botão do volume, o aparelho soltou um forte estalo e as válvulas se apagaram. O coronel gritou um impropério:

"Scheiße!"

Schmidt, que estava atrás dele, relutou em dizer algo. Por certo qualquer coisa que dissesse seria motivo para o coronel descarregar a raiva nele. Mas para sua grande surpresa o próprio coronel comentou com frieza:

"Deve ser o sal marinho. Ele penetra em tudo e deve ter fechado um curto-circuito. O rádio queimou e não vamos consertá-lo a tempo."

O coronel disse isso e colocou uma das mãos na testa, fazendo um gesto negativo com a cabeça. Schmidt, no entanto, sabia qual seria a alternativa, mas não quis dizer nada de imediato. Gostou de ver o coronel sofrendo e, em segredo, se vingava dele. Mas o coronel, esperto, sabia exatamente qual era a alternativa:

"Vou fazer a transmissão do navio espião que está nas docas. Imagino que você saiba qual é e como chegar lá rápido."

Schmidt, surpreso e contrariado, disse

apenas:

"Sim, senhor. É o navio espanhol *Majorca*."

Schmidt cobriu o rádio de novo e voltou-se para a porta. Tinha todo o roteiro daquela noite gravado em sua mente. Sérios e trocando o mínimo de palavras, ele e o coronel verificaram se suas armas estavam carregadas e colocaram-nas em posição segura, embaixo do paletó. Para quem os via, pareciam apenas uma dupla de estrangeiros civis vestidos com roupas da época: paletó e chapéu. Mas eram muito mais do que isso, eram dois agentes da Gestapo treinados para matar.

Ao sair da casa, Schmidt apagou as luzes e certificou-se de que a base estava segura, com portas e janelas bem fechadas. A dupla entrou no carro com a fraca luz pública. Alguns pássaros ali perto faziam seu último e solitário canto do dia. A maré baixara e as ondas, pequenas naquela hora, mal podiam ser ouvidas. As ruas ficaram desertas bem rápido, pois eram mal iluminadas e a maioria das pessoas não possuía carro, tendo que fazer grande parte de seus trajetos a pé.

Naquele *Studebaker*, no entanto, a escuridão da noite era muito bem-vinda. Isso ajudaria os agentes em uma parte importante e fundamental da missão: o sigilo.

CAPÍTULO

XXVIII

John Wislow olhou para o relógio na parede onde os dois ponteiros formavam um ângulo de 180 graus: eram 18h na embaixada americana no Rio de Janeiro e ele, cansado de sua jornada diária, pensou em fazer uma pausa. Olhou para o calendário na parede, com uma imagem da estátua da Liberdade, e fixou os olhos para o número cinco.

"Cinco de maio." - pensou. "Falta pouco para minhas férias agora."

Ele era o agente encarregado da segurança e sempre ficava até mais tarde, à noite, por precaução. Os Estados Unidos haviam entrado na guerra e vários procedimentos haviam sido atualizados, inclusive os códigos de criptografia com os quais ele precisava se familiarizar com rapidez. Por isso conferia com frequência as mensagens criptografadas recebidas pela embaixada. Naquele dia havia algumas notas sobre eventuais submarinos inimigos na costa do Brasil e uma ou outra notícia sobre os avanços japoneses. Após uma hora decifrando tudo aquilo, levantou-se e foi tomar um café. Antes, no entanto, tomou o cuidado de recolocar as tabelas de criptografia

de novo no cofre, como mandava o procedimento. Naquela hora o silêncio já era absoluto na embaixada e John podia ouvir todos os ruídos. Já passavam das 19h horas quando, da sala de café, ele ouviu o telégrafo automático começar a trabalhar. Uma nova mensagem saía do aparelho. Apesar de já estarem no meio do outono, a noite era morna e a bebida quente era tomada devagar. Ele terminou seu café no mesmo momento em que o aparelho parou de cuspir a mensagem. Colocou a xícara na pequena pia, virou-se e caminhou em direção a sala do telégrafo. John retirou a fita da máquina e ficou seriamente em dúvida se deixava para decifrar a mensagem na manhã

seguinte. Já estava cansado e queria ir para casa. No entanto, zeloso, resolveu abrir de novo o cofre e retirar as tabelas de criptografia mais uma vez.

Era sem dúvida uma mensagem muito diferente das que ele costumava receber. Falava de uma missão muito importante, que era o resgate de uma pasta com documentos *especiais*. O endereço estava claro, ficava no centro da cidade e havia um alerta: irem em dupla e de imediato.

John não pensou duas vezes e foi acordar seu colega Vincent no mesmo instante. Ele faria o turno da madrugada substituindo John. Por ter horários diferentes, Vincent preferia dormir na própria embaixada.

"*What?*" - reclamou. Com o excepcional calor daquela tarde tinha sido muito difícil para ele pegar no sono. Vinha do estado de Washington e estava acostumado ao frio. Quando o tempo estava quente daquele jeito, não conseguia dormir mais do que poucas horas. De fato, despertar não foi fácil.

"Vincent!" - chamou John, impaciente. - "Temos uma missão muito importante a cumprir. Apronte-se e me encontre na saída principal em cinco minutos!" - ordenou John. "No caminho explico do que se trata." - John virou-se e foi cuidar do transporte.

Vincent levantou-se mecanicamente e foi lavar o rosto. Ele olhou para o espelho e

viu um homem de meia idade, descabelado e com olheiras. Mal conseguia abrir os olhos. Abriu a água da torneira e lavou freneticamente o rosto tentando espantar o sono. Enxugou-se, penteou o cabelo e, olhando de novo para o espelho, respirou bem fundo contemplando o mesmo rosto de antes. Sem muitos recursos, apenas tomou um gole do café que John havia esquentado pouco antes e estava pronto no tempo e locais combinados.

John não esperou Vincent fechar a porta por completo e já saiu arrancando com o carro pela avenida Presidente Wilson. Dali, seguiu veloz pelas ruas do centro do Rio de Janeiro. Ele tinha pressa. No caminho explicou em resumo a

importante missão que os esperava.

"Trouxe sua arma?" - perguntou John.

"Claro, John. Eu *jamais* saio sem ela da embaixada." - respondeu Vincent como quem fazia aquilo pela milésima vez.

Não tendo idéia se estaria sendo esperado por agentes inimigos, muito menos por quantos, John resolveu seguir o protocolo de segurança e estacionou seu Ford a duas quadras do local de destino. Ele e Vincent terminariam o trajeto a pé.

CAPÍTULO XXIX

O coronel Von Wiesen e o agente local Schmidt da Gestapo estavam resolutos em recuperar os papéis para a Alemanha.

"Coronel." - disse o agente, chamando-o de lado. "Esse velho judeu está nos fazendo de bobos. Acho que devíamos retomar o procedimento com a velha." - disse rápido, em alemão e com voz baixa, para evitar que o casal de idosos ouvisse.

Esperto, o senhor Isaiah mesmo de longe entendeu o que se passava. Temendo que

sua esposa sofresse novo golpe disse por fim:

"Faz muito tempo que aqueles papéis estão guardados. Mas agora me lembrei onde estão." - falou o senhor Isaiiah pausadamente, sem levantar os olhos da gaveta em que fingia procurar uma chave.

Ele virou-se e, sem saída, caminhou para as escadas do velho sobrado. Do primeiro degrau, lançou um olhar para a mulher. Percebeu na resposta dela o desespero e aquilo lhe deu arrepios. Mas o coronel da Gestapo já estava colado nele e o empurrou escada acima. O senhor Isaiiah se desequilibrou e chocou-se contra um dos quadros na parede, retratando sua família, que caiu

no chão. Com o canto dos olhos ele ainda viu o alemão pisar de propósito no quadro, estilhaçando-o. Após chegarem ao andar superior, caminharam pelo corredor e entraram no primeiro quarto à direita. O coronel percebeu, no momento em que entraram no quarto, que não era um quarto de dormir, pois não havia camas nele. Ali havia alguns armários e um velho baú encostado em um dos cantos do quarto. O coronel Von Wiesen abriu os olhos o máximo possível para tentar prever qualquer surpresa. Mas o senhor Isaiah já havia se dado por vencido. Perdera a esperança de qualquer ajuda e ia, realmente, entregar os papéis.

Ele se ajoelhou na frente do baú e

retirou do bolso um molho de chaves. Escolheu a menor de todas e, quando ia abrir o baú, o molho de chaves escapou das mãos cansadas e caiu no piso de madeira fazendo enorme estrondo. Irritado, o coronel agarrou o senhor Isaiiah pelo colarinho e forçou-lhe a cabeça contra o chão para que ele pegasse de imediato o molho de chaves. Tremendo, o senhor Isaiiah usou suas últimas forças para levantar o molho e acertar a chave. Separou de novo a menor de todas, que se encaixou com perfeição na fechadura do baú. Quando o senhor Isaiiah abriu o baú, o coronel empurrou-o para o lado para enxergar o conteúdo. Viu dois montes de papéis velhos e, sem saber o que retirar,

agarrou o senhor Isaiiah de novo pelo colarinho, dessa vez inclinando-o em direção às pilhas de papel. Olhou fixamente os olhos do assustado velho e não precisou dizer nada. De imediato o senhor Isaiiah começou a procurar os documentos. Ele retirava os papéis um atrás do outro e os colocava no chão, a seu lado. Terminou o primeiro monte sem encontrar o que procurava. Temia que a memória o tivesse traído, o que por certo seria punido com severidade pelo coronel, que bufava ao seu lado. De joelhos, partiu de pronto para a segunda pilha, rezando para encontrar o que precisava ser encontrado.

Quando começou a retirar as primeiras folhas, viu uma pasta negra mais ou

menos no meio da pilha e, aliviado, de súbito lembrou que era exatamente aquilo que procurava. Afastou rápido mais algumas folhas de papel que estavam no topo da pilha e, por fim, retirou uma velha pasta preta de dentro do baú. Sem olhar para cima, esticou o braço e entregou a pasta ao ansioso coronel.

Ali mesmo, de pé, o coronel abriu a pasta para conferir. Dentro da pasta os papéis estavam soltos. Ao abrir a pasta com pressa, o coronel quase os derrubou no chão. Com rapidez ele recolocou os papéis na pasta e a segurou com cuidado.

Ele, homem da nobreza alemã, havia estudado nas melhores escolas de

Heidelberg. Mesmo assim teve dificuldade de entender do que se tratava. O que aquilo queria dizer? Seriam de fato os papéis que viera buscar? Viu um desenho feito à mão de algo que parecia uma aeronave. Para seu espanto, o motor parecia estar na cauda e, no entanto, não tinha hélices. Além disso, também não parecia haver lugar para o piloto.

"Como isso vai voar?" - perguntava-se.

Ficou assombrado com o que leu e entendeu de imediato a grandeza e a importância daqueles papéis: "Esse motor deve transportar seu próprio oxidante, o que lhe permite operar na ausência de um suprimento de ar."

"Em outras palavras, seja lá qual for o propulsor, não é o tipo de motor a combustão que todo avião usa."

Na linha de baixo, o texto continuava: "Possibilidade de levar grandes cargas mais rápido e mais longe". Viu também uma referência à terceira lei de Newton: "para cada ação há uma reação igual e oposta". Por fim, em uma das folhas, viu a inconfundível assinatura: *Albert Einstein*.

Naturalmente não havia tempo para fazer um estudo minucioso dos papéis, mas as primeiras folhas fizeram-no concluir:

"Não resta a menor dúvida!" - pensou ele. "Os papéis são estes mesmos. Este é o projeto secreto de Einstein".

Ele fechou a pasta com cuidado e olhou para o senhor Isaiah, que ainda estava de joelhos no mesmo lugar.

Talvez o coronel tenha ficado nervoso ou ansioso ao extremo com toda a lentidão do idoso, talvez ele fosse apenas mau. Ou quem sabe ambas as coisas. Mas o fato é que nunca saberemos o que fez com que ele então retirasse lentamente sua pistola Walther P38 de dentro do casaco. Não se preocupou nem em colocar um silenciador, e atirou a queima roupa.

CAPÍTULO XXX

A alguns quarteirões dali, dois americanos caminhavam apressados em direção à residência dos Estelvich. O som abafado de um tiro fez com que os dois parassem por um momento e olhassem um para o outro. Sem nada dizer, partiram em disparada em direção ao endereço que tinham em mãos. Ao virarem a esquina, pararam apenas por um instante para conferir na placa se aquela era a rua Mem de Sá. Olhando ao redor, perceberam que a rua estava deserta e saíram freneticamente conferindo os números das casas para

encontrar aquele que buscavam. Esse pequeno atraso, no entanto, permitiu aos agentes alemães saírem andando calmamente pelas ruas desertas da cidade.

Alguns instantes depois os americanos viram a porta entreaberta de um velho sobrado e pressentiram que o pior acontecera. Preventivamente sacaram suas Colt 45 e correram pelo pequeno jardim da casa até a porta. Ao entrar, se depararam com uma senhora que se arrastava pelo chão da casa em direção da escada que levava para o andar superior. Atrás de si havia um rastro de sangue. Horrorizados com a cena, os dois homens guardaram as pistolas e correram em direção a ela. Ao vê-los

ela lançou um olhar de desespero.

"*Mam.*" - disse um deles com sotaque carregado. "Somos agentes do governo americano. A senhora está segura agora. O que aconteceu?"

Aquela palavra, "segura", doeu mais do que o soco que havia levado. Ela já pressentia que a notícia que iria receber seria a pior de sua vida. Ela apontou as escadas e pediu que alguém fosse ver seu marido imediatamente.

Enquanto Vincent subia as escadas John ajudou-a delicadamente a sentar-se. Ela estava com hemorragia devido ao soco que levara. O sangramento era forte e abundante e ela já estava fraca. John preparou um torniquete com seu próprio

lenço para tentar estancar a hemorragia.

Na casa agora em silêncio, se ouvia apenas o ruído constante do relógio de parede.

Instantes depois, Vincent desceu as escadas. Parou no mesmo degrau onde a senhora Sarah havia dado seu último olhar para o marido. De lá, ele fez um gesto de negação com a cabeça e a senhora Sarah pôs-se a chorar, pois entendeu imediatamente que perdera seu querido companheiro de tantos anos.

"*Mam.*" - disse John com delicadeza. "Eu sei que a senhora passa por um momento terrível e já vamos levá-la para o hospital. Mas nós precisamos saber quem fez isso, agora."

A senhora Sarah, com um esforço tremendo, conseguiu controlar sua dor. Confusa ainda, disse pausadamente algumas frases desconexas:

"Torturaram Isaiah até o limite de suas forças... Alemão... Também falava português... Meu querido Isaiah está morto agora ..."

Ela parou de falar e esforçou-se novamente para não chorar enquanto John lançava um olhar desolado para Vincent. Aquela senhora, além de tudo, lembrava de alguma forma sua própria mãe que estava nos Estados Unidos. A senhora Sarah apenas soluçou e continuou no mesmo ritmo lento:

"A tática não estava funcionando e o

alvo passou a ser eu. Meu pobre Isaiah não suportou olhar e concordou em entregar os papéis. Hoje pela manhã recebemos um telefonema de Einstein dizendo que vocês iriam chegar. Então meu marido procurou atrasar a entrega dos papéis para ver se dava tempo de vocês chegarem."

Nova pausa. Os americanos mantiveram-se em respeitoso silêncio até que a senhora Sarah voltasse a falar:

"Não deu tempo... Por muito pouco..."

"De tanta pressa me deixaram aqui jogada, apenas para morrer. Perdão, senhores, mas eu realmente não me sinto nada bem."

"Senhora Sarah, apenas peço que a

senhora descreva o alemão que falava português. Qualquer coisa de que a senhora lembre nos ajudará."

"Cabelos escuros, baixo."

Pouco antes de desmaiar, ela confirmou que o alemão carregava uma pasta volumosa e negra ao sair. Aquela senhora com seu sotaque carregado e ainda por cima falando sem clareza não conseguiu dizer para os americanos quantos agentes alemães participaram da ação. Essa aparente falha poderia não ter muita importância mas o fato é que acabaria trazendo sérios transtornos para a perseguição que os americanos iriam organizar.

CAPÍTULO XXXI

De onde estavam até as docas no porto do Rio de Janeiro era um pulo. Se houvesse tempo, poder-se-ia até ir a pé. Mas não era o caso. Todo minuto contava, pois havia horário para passar a mensagem para o submarino. Além disso, em pouco tempo aquele local estaria repleto de policiais e se havia uma coisa que não podia acontecer era esbarrar com eles mesmo que por acaso.

Os alemães então pegaram o carro e, do centro, rumaram para o mesmo local onde Schmidt estivera naquela tarde. Ele estacionou o veículo próximo à praça

Mauá e, ao descer, o coronel fez questão de levar a pasta negra. Não a deixaria sozinha um instante sequer, muito menos dentro de um carro estacionado à noite em um lugar como aquele. Caminharam juntos até as docas, a passos rápidos.

Dado o horário e a falta de credencial, os dois alemães sabiam que seriam barrados, mas não houve dificuldade em convencer a portaria a deixá-los entrar. Não estavam na Europa, bem sabiam eles. Se havia alguma coisa que algum dinheiro conseguia fazer, era *abrir* uma porta. O próprio porteiro, agradecido, ainda indicou o local de atracação do *Majorca*.

Ambos caminharam tranqüilos pelo

local, acompanhando a linha dos trilhos que os levaria até o navio espião, que era espanhol.

De fato, a Espanha havia sido arrasada por uma sangrenta guerra civil e não tinha condições de se manifestar por um lado nem pelo outro no cenário Europeu. Os aliados fascistas de Franco, Hitler e Mussolini, apoiaram os nacionalistas. A *Luftwaffe* - Força Aérea Alemã - bombardeou a cidadezinha de Guernica na região basca, o que foi um verdadeiro massacre. Esse episódio ficou mundialmente conhecido com o quadro de mesmo nome do pintor Pablo Picasso. Mussolini, por sua vez, chegou a enviar setenta mil soldados italianos para a Espanha. Finalmente, em 1939,

depois de três anos de guerra civil na Espanha, o general Francisco Franco tornou-se o caudilho daquele país. A guerra civil espanhola é considerada hoje o prelúdio da Segunda Guerra Mundial, por muitos anahstas. Um teatro de operações onde novas armas alemãs puderam ser testadas.

Oficialmente, na Segunda Guerra Mundial a Espanha era neutra. No entanto havia uma dívida com os líderes fascistas que haviam ajudado na guerra civil. Essa dívida de Franco estava sendo cobrada e paga com uma discreta ajuda militar espanhola, por meio da atuação da Divisão Azul no teatro oriental da guerra européia. Uma divisão formada por voluntários, ou

seja, não era o exército oficial espanhol. Esperto, foi a solução que Franco encontrou para agradar seus simpatizantes e ao mesmo tempo não oficializar um apoio que poderia lhe custar o poder.

Então regimentos de voluntários foram criados em Madrid, Barcelona, Sevilha, Valência e todas as outras regiões metropolitanas. Em dois de julho de 1941, os postos de recrutamento foram oficialmente fechados, com o número de voluntários tendo até mesmo superado a marca de uma divisão. A maior parte desses homens não era de voluntários inexperientes, mas, pelo contrário, muitos eram veteranos da guerra civil, acostumados com os rigores da vida

militar. Ou seja, homens com qualidade militar que poderiam, e realmente foram muito úteis ao *Reich*. Com a divisão agora formada, o seu comandante foi anunciado como sendo o general Augustin Munoz Grandes. Não sendo membros do exército espanhol, tiveram que improvisar um uniforme simbólico para a divisão. Usaram uma boina vermelha do movimento carlista, a camisa azul do movimento falangista - que por fim deu o nome à unidade que ficou conhecida como Divisão Azul - e as calças cáquis da Legião Estrangeira espanhola. Esse uniforme era para ser usado enquanto permanecessem na Espanha mas, antes de partirem, receberam o tradicional uniforme do

exército alemão, contendo um escudo com as cores nacionais espanholas e a palavra *Espana* na parte superior da manga direita.

Como previsto, a atuação espanhola foi tão importante que os alemães criaram uma condecoração específica para esses combatentes. A condecoração entregue para os voluntários espanhóis era chamada de *Erinnerungsmedaille für die Spanischen Freiwilligen' im Kampf gegen den Bolschewismus* ou Medalha Comemorativa para Voluntários Espanhóis na Luta contra o Bolchevismo. Conhecida popularmente como Medalha da Divisão Azul, ela foi oficialmente instituída em três de janeiro de 1944. Hitler, astuto, justificou sua

agressão contra a então União Soviética como sendo sua luta contra o comunismo ou contra o bolchevismo. Mas a verdade é que estava desesperado pelas fontes de petróleo soviéticas que, até hoje, são um bem muito precioso dos países que a formavam. Hitler precisava conquistá-las a qualquer preço para poder alimentar sua máquina de guerra. Isso foi ainda mais necessário após sua derrota no norte africano, que frustrou o acesso a fontes do ouro negro, o petróleo. Hitler deu a desculpa da luta contra o bolchevismo, mesmo que isso fosse iludir seus próprios aliados, para declarar guerra aos soviéticos.

Além da ajuda militar indireta, é claro que toda a informação sobre os aliados

que chegasse aos espanhóis era imediatamente repassada para os países do Eixo. O suporte aos seus espiões também foi inevitável. Por isso aquele navio espanhol ancorado nas docas do porto do Rio de Janeiro era a tábua de salvação para a missão do coronel.

A noite já ia avançada e o único som que se ouvia, além dos próprios passos, era o ranger dos cabos de amarração dos navios, que eram testados continuamente pela força do movimento dos ventos e do mar.

"Está vendo o navio, Schmidt?" - perguntou o coronel.

"Não, senhor. O senhor sabe como é a bandeira dele?" - perguntou

ingenuamente Schmidt.

O coronel olhou para Schmidt com desprezo e pensou em passar uma reprimenda qualquer. Afinal, como ele poderia não conhecer a bandeira de um país amigo? Mas, cansado, disse apenas:

"Procure por uma bandeira amarela e vermelha."

Mas ali, afinal, sentiam-se seguros e aquela caminhada a beira mar era agradável. Os dois homens, no entanto, não baixaram a guarda. Continuaram bastante atentos até chegar a seu navio de destino. Olhos e ouvidos bem abertos, estavam preparados para qualquer tipo de ameaça.

Ao chegarem à rampa de embarque, não encontraram nenhuma segurança, apenas uma corrente impedia a passagem. Olhando para os lados os dois homens certificaram-se de que não havia ninguém por perto e pularam rápido a corrente. Conforme subiam a rampa, no entanto, sentiam-se cada vez mais seguros e sua guarda afinal começou a baixar.

Chegando ao convés, perceberam que havia uma única janela com luz, no convés superior. Em voz baixa o coronel apontou na direção da luz e disse:

"Vamos subir pela escada."

Caminharam direto para a escada, passando por vários engradados de

madeira, o que fazia supor tratar-se de um navio cargueiro.

"Um perfeito disfarce." - chegou a pensar o coronel.

Ao chegar à escada estreita e quase vertical, o coronel subiu primeiro, com Schmidt logo atrás. O coronel subia lentamente e com dificuldade, pois tinha apenas uma mão para usar. Com a outra, não descuidava um momento de sua pasta.

Uma vez no convés superior, continuaram a caminhar na mesma formação em direção à janela iluminada que agora estava bem próxima. No caminho havia apenas um corredor escuro, na transversal, pelo qual

passaram e sem olhar, de tão confiantes. Portanto não viram que havia alguém ali. Estavam focados apenas em chegar até a sala iluminada.

Ao se aproximarem da porta que dava acesso ao ambiente iluminado, ouviram uma ordem em espanhol vir de trás deles:

"Alto!"

O coronel não entendeu o que foi dito, mas o som enérgico da voz seguido pelo som familiar do destrave de metralhadora fez com que ele estancasse imediatamente.

CAPÍTULO XXXII

Ao perceber a situação, o coronel virou-se para Schmidt e disse devagar: "Fique calmo. Precisamos resolver isto com tranqüilidade." Ao ouvir aquelas palavras em alemão, subitamente o espanhol levantou o cano da metralhadora para cima.

"São alemães?" - perguntou ele em espanhol.

Por falar português, Schmidt conseguiu se comunicar sem muita dificuldade.

"Si!" - respondeu ele.

O espanhol abriu um leve sorriso e

exclamou, travando sua metralhadora:

"Ermanos!"

Schmidt logo se apresentou como sendo o agente local da Gestapo que havia se comunicado com o navio dias antes.

O marinheiro ouviu toda a explicação de Schmidt. Virou-se em direção a sala iluminada e gritou: "*Capitán!*"

Da sala iluminada saiu um homem baixo, careca e barbudo, que usava uma pequena boina para aquecer a cabeça. Apresentou-se como sendo o capitão José Manuel, do cargueiro espanhol *Majorca*, e convidou os dois alemães a sair do relento.

Apresentações feitas, o coronel Von

Wiesen foi direto ao ponto, tendo Schmidt como intérprete:

"Capitão, peço que o senhor nos deixe usar o rádio de bordo agora, pois preciso passar uma mensagem para meu transporte às 24h de hoje. Como o senhor sabe, faltam poucos minutos para esse horário."

"Claro que sim. Basta que me sigam, por favor." - respondeu o capitão, gentilmente.

O capitão conduziu os dois alemães direto para a sala de rádio, que ficava no mesmo convés. Ao chegar lá, polidamente deixou que eles ficassem a sós e que utilizassem "à vontade" seu rádio.

Sem perder tempo, o coronel sintonizou na frequência que sabia de cor e aguardou o horário exato para fazer contato.

Germanicamente às 24h ele escutou um estalo nos alto-falantes de seu rádio. A seguir, ouviu uma voz falar em alemão:

"Ninho da águia para águia, câmbio." - chamou o operador de rádio do U-162.

Ansioso, Von Wiesen não esperou uma segunda chamada:

"Águia para ninho da águia, câmbio."

"Qual a situação? Câmbio."

"O pacote foi retirado. Câmbio."

"Entendido, o pacote foi retirado." - repetiu a voz, confirmando que havia

entendido a mensagem.

"Procederemos ao embarque conforme combinado. Câmbio." - continuou o operador de rádio do U-162.

"Entendido, embarque conforme combinado. Câmbio final e desligo." - encerrou o coronel.

Aquele código significava que na noite seguinte o U-162 estaria aguardando para que Von Wiesen embarcasse com a pasta. O embarque seria na hora mais segura, ou seja, às 4h da madrugada, exatamente no mesmo ponto onde ele havia sido deixado na noite anterior. Dali, rumariam para o porto de origem.

Ao terminar a comunicação o coronel, satisfeito com a precisão da tripulação

do submarino, levantou-se e caminhou para a porta. Schmidt estava em seu caminho e deu um passo atrás, sem esperar qualquer palavra do coronel, que sequer olhou para seu rosto.

Ambos afinal saíram da sala do rádio e se encontraram com o capitão José Manuel e seu marinheiro, que ainda segurava a metralhadora.

Cortês, o capitão convidou os dois homens para que o acompanhassem até sua cabine, onde poderiam tomar um copo de vinho.

"Sim, capitão. Isso seria ótimo." - respondeu Schmidt, sem que o coronel pudesse entender. Aí virou para o coronel e disse em alemão:

"Coronel, não podemos sair sem visitar a cabine do capitão, pois isso seria considerado extremamente descortês de nossa parte. Lã, segundo o costume espanhol, será oferecido algum tipo de bebida que nós não devemos recusar."

O coronel, um homem insociável, não entendia aquilo. Mas sabia que precisava agradar aos espanhóis pois poderia precisar deles novamente. Não discutiu e esforçou-se para fazer uma expressão agradável.

Os quatro homens seguiram para a cabine do capitão onde este, com muito orgulho, serviu quatro taças de sua única garrafa.

A parte social daquela inesperada visita

ficou por conta de Schmidt que, é claro, de tanto elogiar a bebida acabou ganhando mais uma taça. O coronel, por sua vez, permaneceu impassível e esforçou-se apenas a engolir aquela bebida sem engasgar.

Afinal os homens se despediram e a dupla alemã desembarcou do navio para retornar ao carro.

Os dois caminhavam tranqüilos, com a agradável sensação de fazerem o melhor possível e, ao passar de novo pela praça Mauá, a princípio não notaram a moça que percebeu naqueles dois homens rostos conhecidos.

CAPÍTULO

XXXIII

A moça percebeu que os dois homens não a viram e resolveu caminhar em direção a eles pensando que talvez pudesse fazer outro programa, ganhar mais algum dinheiro, uma boa gorjeta ou quem sabe finalmente mudar de vida. Sempre havia essa esperança em seus pensamentos.

Schmidt foi o primeiro que percebeu a aproximação dela com o canto dos olhos. O coronel também percebeu, mas, por sua vez, não deu a menor atenção. A

moça, percebendo que seria ignorada e que os dois homens já se afastavam com rapidez, disse em tom de desafio, sem parar de andar:

"Não me deram nenhuma gorjeta mais cedo e agora vão também me ignorar? Nunca vi estrangeiros tão sovinas."

O coronel olhou na direção de onde vinham aquelas palavras que ele não compreendia. Olhou com desprezo e de fato a ignorou, fingindo nem sequer reconhecer a mesma mulher com quem se deitara horas antes. Voltou seus olhos para seu destino, sem expressar qualquer emoção.

Aquilo foi demais para ela. Indignada, apertou o passo e, ao se aproximar dos

dois homens, conseguiu segurar no braço do coronel. Ela queria que ele parasse e que se virasse para ela. Sua idéia era apelar, talvez fizesse um princípio de escândalo bem ali no meio da rua que o fizesse soltar algum dinheiro.

O coronel parou por um breve instante e olhou para a mão que o impedia de se locomover. Não olhou para o rosto da moça e puxou o braço com violência ao mesmo tempo em que se virava de novo para a direção do carro, e continuou a caminhar sem se abalar.

Mas com o puxão a moça se desequilibrou e caiu sentada no chão. Cheia de ódio, sua mão alcançou uma pequena pedra e dali mesmo, do chão, ela a arremessou contra o coronel. Não

era para machucar, era apenas para mostrar sua indignação. De fato não machucou fisicamente, mas fez um enorme estrago nos brios de Von Wiesen. Este imediatamente estancou e virou-se para a moça, dirigindo-lhe um olhar fulminante. Ela, esperta, se levantou rápido e seguiu na direção oposta, sem olhar para trás, e voltou a passos rápidos para seu *ponto*.

Schmidt apenas observou a cena e, atônito, ficou com a boca aberta. Parecia esperar pela ordem que veio a seguir:

"Liquide-a." - disse com frieza o coronel.

Schmidt tentou, em vão, negociar:

"Mas coronel, ela não chegou a

machucar o senhor. Foi apenas um desagravo."

"Vai cumprir minha ordem ou terei eu mesmo que executá-la?"

Schmidt viu que o coronel falava sério. Muito contrariado, apenas confirmou:

"Sim, senhor. Eu executo."

Schmidt caminhou com calma em direção ao grupo de moças enquanto o coronel ficou parado, de pé, apenas observando a cena. Ele foi direto falar com a moça atrevida:

"Preciso falar com a senhorita. Por favor, me acompanhe." - disse ele esforçando-se para abrir um leve sorriso.

Ela também sorriu e virou-se para suas colegas com um ar vitorioso. Achou que seu plano tinha dado certo.

O coronel viu que os dois se separaram do grupo e que a moça seguia Schmidt para um beco mais escuro ali perto. Com certeza a moça pensou que ele lhe daria algum dinheiro. Ao entrar no beco, no entanto, Schmidt a prensou contra a parede, segurando-lhe a boca com força com uma de suas mãos para que ela não fizesse nenhum barulho. Ao mesmo tempo, com a outra mão pegou a faca que estava presa em sua cintura. Ao expor a lâmina, o brilho fez com que a moça se desesperasse.

Enquanto isso o coronel decidia entre ir atrás de Schmidt ou ficar ali mesmo.

Inevitavelmente um sorriso sarcástico apareceu em seus lábios. Sentia-se incrivelmente poderoso.

"Escute e escute bem o que vou dizer." - disse Schmidt para a moça cujos olhos já ameaçavam saltar de tanto medo.

"Você deve caminhar o mais rápido possível, para o outro lado. Se eu ou o coronel nos encontrarmos com a senhorita de novo, a senhorita morre. Entendeu bem?"

Com a boca tapada, a única coisa que ela conseguiu fazer foi acenar de leve com a cabeça, apenas uma vez para cima e outra vez para baixo.

"Agora vou soltar-lhe a boca. Se a senhorita fizer qualquer barulho, mato-a

na hora."

Schmidt soltou aos poucos a boca da moça cujos olhos ainda mostravam todo seu pavor. Assim que se sentiu livre ela não perdeu tempo e fez exatamente o que Schmidt mandou, sem qualquer barulho.

Schmidt enfiou sua faca em um cachorro morto que estava ali no chão. Ao sair do bico, percebeu os olhos ansiosos do coronel, que o fitavam. Sem perder tempo pegou seu lenço e encenou a limpeza de sua própria faca. Terminou a limpeza ao mesmo tempo em que se aproximava do coronel. Guardou a faca e deixou, de propósito, a parte do lenço manchada de vermelho aparecendo no bolso da calça.

"Usou a faca, Schmidt." - disse o coronel com o mesmo sorriso sarcástico. E ainda completou:

"Não esperava que você tivesse tanto sangue frio."

Muito menos Schmidt. Mas, afinal, achou que a encenação, por ser com a faca, também teria um efeito secundário totalmente inesperado: agradar o coronel. Nem ele mesmo soube explicar porque optou pela faca. Poderia ter usado a arma com silenciador, daria na mesma. Mas aquilo estava encerrado. Schmidt, esperto, achou melhor não dizer mais nada.

Os dois terminaram a caminhada rápido, certificando-se de que ninguém os

observava ao entrarem no veículo.

Schmidt ligou o carro e dirigiu direto para a base. Ele não sabia se foi o efeito da bebida ou se foi a missão quase cumprida, mas o fato é que o coronel não o incomodou mais. Isso, por si só, foi um alívio.

Enquanto dirigia, de súbito lembrou-se de quando esteve na Alemanha pela última vez, vindo da Polônia. A ele foi permitido ficar um dia em sua casa para "pegar objetos pessoais para uma longa viagem". Ali, em uma última noite com suas filhas, ele havia lido a história da Branca de Neve para elas. Agora se sentia como o caçador daquela história. Diferente do coronel, ele não precisava ser o personagem principal de nenhuma

história.

Ainda mais importante do que poupar a vida da moça, ele foi fazer a coisa que o caçador fizera naquele conto para crianças: enganar a rainha.

CAPÍTULO

XXXIV

Ao chegar à base, Schmidt, que tomou dois copos de vinho e estava acordado direto desde a madrugada do dia anterior, pediu licença para o coronel e foi dormir.

O coronel, faminto, resolveu comer alguma coisa. Para o coronel Von Wiesen, aquilo havia sido apenas mais uma missão. Já habituado a assassinatos, matar o velho judeu poucas horas antes não lhe tiraria nem a fome e nem o sono. Foi até a cozinha e caçou algum

alimento que ainda pudesse ser consumido. Inseguro, optou apenas por aquilo que conhecia bem, como pão, por exemplo. Terminou a breve refeição e, já sonolento, olhou para a pasta negra por alguns segundos. Ele não gostava de comer e deitar em seguida, então resolveu folhear um pouco aqueles papéis tão importantes. Afinal de contas também estava muito curioso. Podia ser um criminoso mas era extremamente inteligente e achava que tinha condições de entender um projeto, fosse qual fosse.

Foi até a sala e ligou uma das luzes próximas à pequena poltrona. Quase não havia móveis na sala, apenas o mínimo necessário para dar certa aparência de lar àquela casa. Não era para ser

confortável nem aconchegante, o objetivo era apenas servir de fachada para evitar perguntas desnecessárias de um vizinho ou até mesmo da faxineira que vinha limpar a casa com freqüência. Sentou-se ali e abriu a pasta, esticando as pernas, que ficaram cruzadas. Viu novamente os mesmos desenhos e dizeres de antes e resolveu estudar um pouco mais o projeto para tentar entendê-lo. Percebeu então que as páginas estavam numeradas e, como quase tudo ali, os números estavam escritos a mão:

"Ótimo, isso vai facilitar a minha leitura." - raciocinou. Recostou-se na poltrona da maneira mais confortável possível e começou a folhear uma

primeira vez como se estivesse, militarmente, *reconhecendo o terreno*. Virava as páginas devagar, vez por outra parando os olhos em um ou outro desenho, em uma ou outra fórmula. Alguns textos grifados lhe chamaram a atenção, como referências a Energia, Força, Carga e outros termos afins. Acompanhou os números da parte inferior das folhas: um, dois, três, até chegar ao treze. Aproxima folha depois do treze, no entanto, estava numerada com 31 e depois seguia novamente, mas só com os números ímpares: 33, 35, 37,... O coronel a princípio não se inquietou, tinha certeza que as folhas apenas mudaram de lugar, provavelmente quando ele quase as

deixou cair ao arrancá-las das mãos do velho judeu. Afinal, a pasta era muito bem fechada e não seria possível que tivessem simplesmente caído no chão em algum lugar qualquer. Além disso, a pasta nunca saiu de sua vista depois que ele a arrancou das mãos do velho Isaiiah. Fez uma revisão mental dos percursos daquela noite e, confiante, concluiu que nada havia se perdido no trajeto.

O fato de apenas as folhas pares estar faltando é que o inquietou, e teve um mau pressentimento. Começou a ficar nervoso e a folhear com velocidade cada vez maior. Chegou até o número 71 e depois disso não havia mais números, apenas alguns desenhos em outras folhas avulsas que mais pareciam esboços.

Mais nervoso e mais desesperado ainda, voltou ao começo e conferiu tudo de novo.

Ao chegar ao fim pela segunda vez, deixou-se cair, afundando pesadamente na poltrona:

"Dezenas de páginas estão faltando!" - desesperou-se.

Após alguns instantes, atônito, gritou com todas as suas forças ao mesmo tempo em que saltava da poltrona e ficava de pé:

"Nein!"

CAPÍTULO XXXV

Von Wiesen começou a andar rápido e sem rumo pela pequena sala. O fato é que o impossível acontecera: ele, que se achava o melhor e mais eficiente oficial da Gestapo, havia sido enganado e, ainda por cima, por um velho judeu.

Espumando de raiva, demorou a se recompor. Mas após alguns minutos, percebeu que havia apenas uma saída: precisava voltar à casa dos Estelvich de imediato. Seria um risco enorme, pois com certeza os policiais locais já investigavam o assassinato do velho, ou até mesmo talvez do casal, se a velha

também tivesse morrido. A essas horas, inclusive, talvez a polícia procurasse por ele e por seu ajudante, caso alguém os tivesse visto e passado sua descrição.

"E se a velha não morreu?" - preocupou-se.

"Muito pior, pois ela mesma pode ter dado nossa descrição para a polícia." - concluiu.

"Ao chegar lá é quase certo que a casa estará cheia de policiais. Como farei para entrar, pegar os papéis e sair sem ser visto? Preciso bolar um plano, mas isso vou deixar para fazer no caminho." - raciocinou.

"E se a polícia estiver remexendo em tudo neste momento e descobrir os

papéis? O que farão com eles?" - desesperou-se de vez.

Não havia alternativa e ele sabia que tinha que voltar para a casa dos Estelvich o mais rápido possível. Cada segundo contava.

De repente seus pensamentos focaram naquela pessoa que ele desprezava e que, inesperadamente, tornou-se sua única esperança para ajudá-lo a concluir a missão com êxito.

Começou a subir as escadas correndo, saltando os degraus e berrando "Schmidt!", tudo ao mesmo tempo.

Mas ao escancarar a porta do quarto de Schmidt encontrou-o roncando pesadamente. O coronel não pensou

duas vezes: pegou um dos lados do lençol e levantou-o abruptamente. Com o movimento, Schmidt caiu no chão do outro lado da cama, fazendo um enorme estrondo e, com a queda, finalmente acordou assustado.

Esforçando-se para focalizar o vulto que dava a volta na cama e vinha em sua direção, percebeu que era o coronel transfigurado que estava ali, quase em cima dele. Schmidt ficou mudo de medo.

"O que será que eu fiz dessa vez?" - lamentou-se Schmidt.

Mas em vez de receber uma reprimenda qualquer ou até mesmo sofrer algum tipo de agressão física, o que ele viu foi um desesperado coronel, como ainda não

tinha visto. No mesmo momento recebeu uma ordem que não compreendeu e que mais parecia uma súplica:

"Rápido. Precisamos voltar para a casa do velho judeu. Agora."

CAPÍTULO

XXXVI

Schmidt, claro, não vacilou. Pôs-se de pé de imediato e cambaleou até o banheiro, onde esfregou água com força em seu rosto. Voltou ao quarto e vestiu rápido a mesma roupa que usara antes. Pegou sua arma e, de fato, não demorou mais do que dois minutos até estar pronto para levar o coronel de volta à casa dos Estelvich.

Ao sentarem no carro, Schmidt quase teve pena do coronel. Percebeu que algo de muito grave havia acontecido e temia

até perguntar. Mas não foi necessário, pois o próprio coronel, na tentativa inconsciente de achar alguma desculpa para seu descuido, começou a contar a Schmidt o que havia acontecido enquanto este dirigia. Aquilo parecia mais com um desabafo:

"Eu tenho certeza de que não perdi nenhuma folha. Você esteve comigo o tempo todo. Teria percebido se alguma folha tivesse caído, certo?" - dizia com rapidez o coronel, muito nervoso.

"Sim, coronel. Não percebi nada. Com certeza as folhas ficaram na casa. Mas eu não subi, não sei o que havia lá em cima e o senhor não me contou nenhum detalhe do que aconteceu lá dentro."

"Um baú. Armários. Chaves." - dizia o coronel atropelando pensamentos e palavras sem mostrar a lógica de seu raciocínio.

Sem poder dizer nada útil, Schmidt pensou o que significava aquela nova visita e de repente disse:

"Coronel, o senhor sabe que o local deve estar cheio de policiais agora, certo? O senhor tem idéia do risco de voltarmos para lá? Se a velha não morreu pode ser que ela tenha dado a nossa descrição para a polícia. Tivemos que sair apressados pois o senhor não utilizou silenciador na sua pistola, está lembrado?" - Schmidt dizia tudo isso medindo o tom de suas palavras para que não soasse como uma reprimenda.

Ele procurava, sim, ajudar.

O coronel gelou. Sim, outro engano que cometera. De repente entendeu que havia entrado confiante demais na missão por considerá-la muito fácil e que justamente isso é que estava pondo tudo a perder. Decidiu com solenidade naquele momento, embora tarde, que faria tudo da melhor e mais perfeita maneira para que nada desse errado. Para começar, pela primeira vez resolveu de fato escutar o que Schmidt tinha a dizer. Não apenas ouvir, mas prestar atenção. Afinal, dentre os dois, o que tinha melhor conhecimento do local, da terra, dos costumes e em especial da polícia, era Schmidt.

"Diga o que você tem a dizer, Schmidt.

Só peço que seja útil para que eu possa entender a situação e pensar rápido em uma saída. Você tem razão, é possível que a polícia local esteja lá. Também precisamos de um bom plano para entrar de novo na casa e recuperar o restante dos papéis."

"Coronel, o senhor sabe que o Brasil vive uma ditadura? Pois é, e o ditador chama-se Getúlio Vargas e até pouco tempo atrás se mostrava favorável aos países do Eixo. Ele encontra-se em uma situação estranha, pois é ditador deste país e ao mesmo tempo é pressionado pelos americanos para entrar na guerra do lado dos Aliados. O que se diz na rua, devido ao torpedeamento dos navios cargueiros brasileiros, é que o

Brasil deve entrar do lado dos Aliados. Mas isso ainda é o que a boca popular diz. Poderia haver uma mudança de última hora."

Schmidt fez uma breve pausa enquanto dobrava uma esquina, e continuou:

"Agora, o que mais me preocupa, coronel, são as temíveis prisões políticas. O senhor sabe tão bem quanto eu que toda ditadura tem esse tipo de prisão especial. Uma das mais famosas e temidas é a prisão da Ilha Grande que, aliás, nem é tão longe daqui."

"Se formos pegos e o Brasil declarar guerra ao Eixo, é quase certo que nos mandarão para uma prisão desse tipo. Mas continue, o que você sabe sobre

elas?" - preocupou-se o coronel.

"Fiquei sabendo com um amigo local que o problema já começa com a alimentação: as refeições têm um pouco de feijão negro, farinha e um pedaço de carne. Enfim, não dá para ahmentar e se passa fome. Pior que isso, o que assombra é o aspecto da comida. Disse esse meu amigo que ao ver a comida pensa-se em vômito, em lata de lixo. Com freqüência pode-se achar até mesmo excrementos de rato misturados na comida. O senhor já imaginou comer algo horrível assim?"

O coronel fez uma careta e torceu o nariz só de imaginar. Schmidt apenas respirou profundamente e prosseguiu:

"Na Ilha Grande foram instaladas duas prisões: a antiga, também conhecida como Lazareto ou do Abraão, era uma penitenciária comum, onde os presos permaneciam em suas celas durante todo o tempo. Já a de Dois Rios, a nova, é uma colônia penal. Ou seja, a princípio ela era destinada a modificar os presos a partir do trabalho. A vida fica totalmente separada do exterior. Jornais não entram ali sob hipótese alguma. Para o senhor ter uma idéia, de início o local foi escolhido por seu isolamento. Para lá eram levados os imigrantes com doenças infecto-contagiosas, em particular a cólera. Então o local foi pouco a pouco sendo transformado em prisão."

Schmidt fez uma rápida pausa e continuou com ar sério: "Há ainda o problema dos insetos. Em toda a Ilha Grande existe um pequeno mosquito que se chama borrachudo. São insetos que voam não mais que um metro de altura. Onde eles picam, deixam um pontinho preto. As pessoas ficam com os pés inchados em consequência das picadas dos insetos. Fugir, nem pensar: o mar ali é conhecido por ser povoado por cações e tubarões."

Schmidt fez nova pausa para mudar a marcha do carro e prosseguiu:

"Dizem que os carcereiros mandaram construir no pátio uma cerca de arame farpado. Ali ficam os presos que não saem para trabalhar. Parecido com

nossos campos de concentração. As condições de vida são as piores possíveis, e isso parece ser o propósito do local: há apenas seis chuveiros para a totalidade dos presos e não há sanitários. Contou-me esse meu amigo que ficou sabendo de um preso doente que foi literalmente comido vivo pelas moscas após uma operação enquanto estava desacordado pelos anestésicos. Faltam até mesmo desinfetantes básicos."

Schmidt fez outra pausa enquanto o coronel ouvia em silêncio.

"Tem mais ainda. A tortura lá é institucionalizada. Eu poderia dizer que é um daqueles locais em que a punição legal vem acompanhada dos castigos

extralegais. O que se diz desses dois presídios é que os presos não vão para lá para serem recuperados, mas sim para morrer."

Após a última frase, Schmidt diminuiu a marcha e parou o carro para estacioná-lo. Já estavam a dois quarteirões do seu destino e não seria prudente chegar mais perto de carro.

O coronel a princípio não se mexeu e, inesperadamente, não fez nenhum comentário.

"Tudo o que esse imbecil me disse só serviu para reforçar a idéia de que não posso ser pego." - lamentou consigo mesmo. "Como se eu não soubesse..."

O coronel resolveu se concentrar em

como agir. Após mais alguns instantes, sacou sua arma e conferiu a munição. Com muita calma parafusou o silenciador no cano de sua pistola dizendo para si mesmo:

"Dessa vez não haverá nenhuma falha."

Recolocou-a debaixo do paletó, suspirou fundo e perguntou a Schmidt:

"Onde estão as granadas?"

CAPÍTULO

XXXVII

"Como?" - Schmidt não esperava esse tipo de pergunta.

"As granadas, Schmidt. Onde estão?"

"O senhor pretende usar as granadas aqui na cidade?" - perguntou com espanto Schmidt.

"Não tenho tempo para explicar-lhe meu plano agora. Diga-me apenas onde você as guarda. Não vá me dizer que não as tem ou que as perdeu."

"Não, coronel. Estão no porta-malas do

carro, em uma embalagem camuflada e segura."

"Traga uma para mim. Rápido."

As granadas foram elementos ofensivos e defensivos de extraordinária aplicação. Seu tremendo poder explosivo, aliado à facilidade de transporte e simplicidade do manejo, fizeram desse artefato uma das armas preferidas pela infantaria. Nas mãos de um soldado hábil poderia demolir um reduto ou até mesmo destruir uma casamata. Sua carga consiste em pólvora granulada; o corpo é fabricado com ferro fundido. A superfície do corpo é geralmente granulada ou ranhurada para permitir melhor dispersão dos estilhaços. O raio de ação cobre

algumas dezenas de metros, em geral de até trinta metros.

Schmidt desceu do automóvel e abriu o porta-malas. Lá, ele abriu uma cesta de palha onde estavam vários apetrechos de pesca: anzóis, linha etc. Tirou os apetrechos da cesta e viu um pequeno orifício em uma das laterais da chapa de madeira fina que cobria o fundo da cesta. O orifício era do diâmetro exato de um dedo. Ele enfiou seu dedo e suspendeu o fundo, que era falso. Ali havia seis granadas bem acondicionadas, separadas entre si por uma armação de madeira.

Schmidt pegou uma delas, fechou tudo novamente e voltou para o assento do motorista. Sem dizer uma palavra,

simplesmente entregou a granada para o coronel.

Sem olhar para Schmidt o coronel disse apenas:

"Não se preocupe, nenhum de nós vai ser preso. Além disso, você não vai. Se eu não voltar em uma hora vá embora e relate o que aconteceu a seus superiores em Berlim."

Disse isso, saiu do carro e fechou a porta sem olhar para Schmidt. Este, aliviado e ainda com o sono atrasado, fechou os olhos e acomodou-se o melhor que pôde no banco do carro. Pegou no sono quase de imediato, sem se importar com a adrenalina do coronel, que aumentava a cada passo que ele dava em

direção à casa dos Estelvich. Enquanto andava com passos firmes e decididos, procurava repassar o plano em sua cabeça. Era como um autotreinamento, para que não esquecesse nenhuma etapa. Lembrava-se bem da planta da casa, pois era bom observador e atentou para detalhes que poucas horas antes não tinham importância, mas que agora eram vitais. A cerca baixa da frente da casa, por exemplo, permitiria que ele a saltasse sem dificuldade. Em sua jornada pela casa também pôde observar que a porta dos fundos era frágil e poderia ser facilmente arrombada caso estivesse trancada. E, o mais importante de tudo, sabia exatamente a qual quarto da casa se

dirigir e o que encontraria nele: um baú que conteria as folhas faltantes do projeto de Einstein.

Andou mais um quarteirão e, de onde estava pôde ver na frente da casa um carro de polícia. As luzes da casa estavam acesas e parecia haver mesmo movimento ali dentro. Realmente a missão parecia ser impossível mas ele tinha que cumpri-la. Se fosse capturado e morresse em uma prisão imunda ainda assim seria melhor do que voltar para a Alemanha e cair em desgraça por sua própria incompetência.

"O nome de minha família ficaria sujo."
- concluiu.

Mas não era hora de se lamentar. As

glórias do passado em nada o ajudariam. Era o momento mais delicado de sua vida, quando seria colocado sob provação extrema. A arrogância fora colocada totalmente de lado e agora só pensava em cumprir a missão corretamente. Bastava completá-la sem heroísmo. Tinha um plano, naturalmente. Arriscado, é claro, mas tinha um plano. Precisava apenas de muita calma, coragem e frieza para executá-lo. Características que, afinal, ele tinha de sobra. Pensou em sacar sua arma e chegou a tocá-la com a mão.

"Não, ainda não é o momento." - raciocinou.

Em vez disso, fechou bem o paletó e continuou a caminhar com firmeza em

direção ao carro de polícia. Concluiu que dificilmente precisaria da arma. "Se tudo der certo." - esperançou-se.

Agora já estava exposto e poderia ser visto caso alguém saísse da casa. Era hora do tudo ou nada.

CAPÍTULO

XXXVIII

O lado do motorista do carro de polícia estava voltado para a rua. O coronel Von Wiesen então se aproximou dele, andando o mais curvado que pôde para ficar abrigado. Como suspeitava, a janela do carro estava aberta. Agachou-se ali mesmo e pegou a granada que estava no bolso de sua calça. Retirou o pino de segurança e empurrou a granada entre o pneu e o solo, deixando a trava levemente presa. Levantou-se e debruçou-se na janela do veículo,

tomando muito cuidado para não encostar nele. Sabia que qualquer esbarrão poderia soltar a granada. Tateando o painel do carro, encontrou uma pequena chave do lado direito do volante e mudou sua posição. Imediatamente a sirene do carro disparou.

Rápido como um raio o coronel correu em direção da lateral da casa, saltando a grade de ferro que dava para a rua. Correu alguns metros pelo jardim e encostou-se na parede da casa tomando cuidado para ficar nas sombras. Daí começou a caminhar cautelosamente em direção ao fundo da casa no mesmo instante que um dos policiais saía pela porta da frente para verificar o que

acontecida. Ele podia ouvir gritos em português dentro da casa. Imaginou que fossem os outros policiais querendo saber por que a sirene disparou.

Chegou ao fundo da casa no mesmo momento em que o policial alcançou o carro. O coronel permaneceu parado, ainda nas sombras, apenas aguardando. Quando o policial abriu a porta, o movimento do carro foi suficiente para liberar a granada e a alavanca soltou-se. Entre sentar e desligar a sirene, o policial levou em torno de dois segundos. Como a granada tinha tempo de detonação de aproximadamente quatro segundos, ainda foi possível ouvir a sirene parar de tocar. Não mais que dois segundos depois, ouviu-se uma

enorme explosão vinda da frente da casa.

Com o enorme susto, todos os policiais que estavam na casa largaram o que estavam fazendo e saíram desesperados, em disparada. O plano do coronel começava a dar certo. Ao chegar à frente da casa os policiais viram, horrorizados, o carro em chamas e o que restou do corpo de seu colega, jogado no meio da rua. Por alguns instantes ficaram todos inertes sem saber o que fazer. Agora, suas tarefas na casa ficariam esquecidas por um bom tempo. No mesmo momento o coronel forçou a maçaneta da porta dos fundos e lamentou por estar trancada. Mas lembrou-se da fragilidade da porta e arriscou:

segurando a maçaneta com uma das mãos, para que a porta não batesse contra a parede, bateu violentamente com o ombro bem no meio dela. A ação funcionou e a madeira da porta não resistiu ao impacto. A fechadura soltou-se o suficiente para fazer a lingüeta sair de sua posição e permitir abrir a porta. O barulho foi muito baixo e, como o coronel estava segurando a maçaneta, de fato não permitiu que a porta avançasse sem controle.

O coronel entrou na casa, afinal, tomando o cuidado de recolocar a porta na posição original. De fato, com um olhar rápido, seria difícil perceber que ela havia sido arrombada. Serviço de profissional.

Enquanto os policiais se recuperavam do choque para então tomar alguma atitude, o coronel já subia as escadas e entrava no mesmo quarto em que esteve horas antes. Tomou cuidado para saltar o degrau onde ainda estavam os estilhaços do quadro que ele mesmo havia pisado e quebrado. As luzes estavam acesas e ele tomou cuidado para ficar sempre longe das janelas. Ao entrar no quarto viu o baú fechado e uma grande mancha de sangue já seco no chão, ao lado do corpo já sem vida do senhor Isaiiah.

Ele ajoelhou-se de imediato ao lado do baú e tentou abri-lo. Para seu desespero, no entanto, o baú estava trancado. Forçou uma ou duas vezes a fechadura

do baú, sem sucesso.

"Não será possível abrir dessa maneira." - lamentou.

Então, observando melhor, viu que a fechadura do baú estava manchada de sangue e aquilo só confirmou suas suspeitas: realmente havia sido enganado pelo senhor Isaiiah que, em um último gesto antes de morrer, trancara o baú.

"As chaves!" - pensou. "Preciso das chaves!"

CAPÍTULO

XXXIX

Seus pensamentos corriam a uma velocidade alucinada enquanto o suor frio já molhava sua testa. De onde estava pôde escutar o som de vozes vindo da rua, mas não entendeu o que diziam. Não poderia sequer imaginar se ou quando algum dos policiais iria entrar de novo na casa.

Olhou ao redor e não viu chave alguma.

A primeira coisa que lhe ocorreu é que alguém poderia ter pego o molho de

chaves com um objetivo qualquer.

Saiu daquele ambiente e prosseguiu pelo estreito corredor, tomando o máximo de cuidado com seus passos. Não podia deixar que o piso rangesse e denunciasse sua presença. Foi até a próxima porta do corredor, que também estava aberta. Entrou ali e encontrou a cama do casal desarrumada.

Percorreu com o olhar os poucos móveis do quarto. Apertando os olhos, como reflexo da concentração, calculou onde estariam as chaves.

Não encontrou nada e, mais uma vez, seus pensamentos se voltaram para o esperto homem que jazia no quarto ao lado.

"Só pode ser!" - concluiu consigo mesmo.

Voltou ao quarto anterior e se ajoelhou mais uma vez na frente do baú mas desta vez voltando-se para o corpo que jazia ao seu lado. Levantou-o levemente com uma das mãos e percebeu algo que brilhou levemente sob ele.

"Eu sabia que o velho ia dificultar ao máximo. Quase inconsciente, após trancar o baú ainda deixou o molho de chaves sob si." - raciocinou.

Cuidadosamente Von Wiesen retirou o molho de chaves com a outra mão e recolocou o corpo na posição anterior.

"Qual era mesmo a chave?" - o coronel concentrou-se o máximo que pôde nas

chaves, tentando lembrar com exatidão qual foi utilizada, em vez de testar uma por uma e perder segundos preciosos.

"A menor!" - lembrou.

Von Wiesen pegou a menor das chaves e introduziu na fechadura do baú, encaixando-a com perfeição. Por fim conseguiu abrir o baú e pensou estar próximo ao seu objetivo.

Ele não sabia exatamente o que procurava mas tinha uma boa noção, devido aos números que faltavam. Retirou os papéis encontrados, examinou-os com rapidez e os colocou fora do baú, empilhando-os no chão ao seu lado. Ele havia memorizado os números que faltavam e iniciou a busca

por papéis que contivessem numeração no rodapé da página.

Para seu alívio não demorou muito e encontrou algumas folhas numeradas: 14,15,16... e que, depois de 32, eram apenas números pares. Pelo tipo de texto, só poderiam ser as folhas que procurava. Conferiu todos os números e, satisfeito, levantou-se para ir embora, pois estavam todas as folhas com ele. Largou tudo do jeito que estava e virou-se para a porta para ir embora. Foi então que deu de frente com um policial boquiaberto olhando direto para ele.

CAPÍTULO XL

"Como está a senhora que trouxemos?" - perguntou o aflito agente americano a uma enfermeira da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

"Ela perdeu muito sangue. É parente sua?"

Instintivamente, John pensou em sua mãe.

"Não, ela não é parente minha. Mas sou responsável por ela e preciso saber se está bem." - John escolhia com cuidado as palavras. Não dominava o idioma, por isso precisava ter cautela para ser

entendido de forma correta.

"O senhor aguarde um instante que vou falar com o médico e já volto."

John sabia que precisava voltar a se concentrar em sua missão mas não conseguia deixar a senhora Sarah. Assim que chegaram ao hospital, John mandou Vincent voltar para a embaixada e convocar uma equipe. Seu plano era ir atrás da pasta negra.

John sabia que levaria algum tempo para todos chegarem à embaixada e por isso ficou mais algum tempo no hospital. Além disso, ele teria que preencher os papéis de internação pois era o único responsável disponível.

Afinal, ele sabia que se não tivesse

percorrido os dois últimos quarteirões a pé tudo poderia ser diferente. A culpa não era dele, apenas seguiu as normas e procedimentos com os quais foi treinado. Mas a visão daquela senhora, que lembrava muito sua própria mãe, o derrubara. Já havia fumado vários cigarros e só esperava uma notícia definitiva para ir embora. Enquanto esperava pela enfermeira, acendeu mais um.

Nervoso John andava de um lado para outro na sala de espera do hospital, com o cigarro aceso. Naquele tempo os malefícios do fumo não eram tão claros e fumar era permitido até mesmo dentro de uma casa de saúde. A luz amarelada dava um ar ainda mais triste ao

ambiente. O silêncio do pouco movimento noturno tornava o local realmente lúgubre.

De repente John ouviu um telefone tocar.

"Pronto Socorro da Santa Casa." - respondeu ao chamado um plantonista noturno.

Um breve instante de silêncio se seguiu.

"Como? Vítima de quê? Pode falar mais alto, por favor?"

Outra pausa.

"Explosão em uma viatura policial? Quantas vítimas?"

Breve pausa.

"Certo. Mandaremos uma ambulância de

imediatamente."

John escutou o plantonista discar um número e dizer:

"Mande o motorista da ambulância aqui imediatamente. Ouve uma explosão em um carro policial com uma vítima fatal e há também várias polícias em estado de choque."

John ouviu tudo aquilo sem emoção. Ouviu mas não prestou atenção, preocupado demais com a senhora Sarah. Se ela morresse seria mais uma morte em sua consciência. Sugava o cigarro com nervosismo, aspirando profundamente e depois soprando toda a fumaça. Seus olhos se apertavam e vez por outra ele passava a mão na testa.

De repente John escutou um ruído de porta se abrindo. Olhou de onde veio e viu a enfermeira caminhar em sua direção.

Aflito, não esperou ela falar e perguntou:

"Então, senhora, qual a situação?"

"Como disse ao senhor agora pouco, a senhora é idosa e perdeu muito sangue. Chegou aqui em estado de choque e, creia-me, se demorasse mais alguns minutos já chegaria com um quadro irreversível, muito provavelmente com parada cardíaca. Por isso, em primeiro lugar quero tranquilizá-lo, porque o senhor fez o que devia, e no tempo necessário."

John arregalou cada vez mais os olhos, esperando uma má notícia. A enfermeira fez uma rápida pausa para respirar e continuou:

"Agora não há nada mais o que possamos fazer. A paciente foi medicada e está estabilizada."

"Como? Só isso? Vai ficar boa?"

"Na verdade é muito cedo para dizer. Pode ter havido algum dano interno que não percebemos ainda. Ela recebeu uma pancada muito forte. Durante as próximas vinte e quatro horas, ficará em observação, e esse é um período crítico. Se viver até lá então suas chances aumentarão muito."

Conformado, John se acalmou.

"Está bem, obrigado. Sei que vocês fazem o melhor possível. Agora preciso cuidar de assuntos urgentes. Adeus."

"Adeus." - respondeu a enfermeira enquanto observava aquele belo moço estrangeiro virar-se e ir embora. Viu-o apagar o cigarro e jogá-lo na caixa de areia, perto da porta. Ali havia restos de pelo menos uma dezena de cigarros.

CAPÍTULO XLI

O coronel, pensando rápido, fez algo que não estava habituado. Abriu o mais largo e generoso sorriso que conseguiu. Desconfiado, o policial levou a mão à arma sem tirar os olhos daquele sujeito estranho e enorme à sua frente. Já havia estado naquele quarto antes e percebeu de imediato que o estranho havia aberto e mexido nos papéis. Talvez fosse apenas algum ladrão, mas isso seria muita coincidência, e o instinto o avisou que aquilo deveria ter ligação com o assassinato que investigavam. Com os dedos, o policial procurava o botão para

soltar a arma do coldre, enquanto fazia uma série de perguntas ao estranho, mas sem obter resposta:

"Quem é o senhor? Que faz aqui?"

O coronel sabia o que iria acontecer, e não podia permitir. Seria preso, com todas as conseqüências desagradáveis e horrores inimagináveis que ele já conhecia. Além de tudo isso, a missão jamais seria cumprida.

Ainda sorrindo, o coronel colocou a mão que segurava os papéis acima da cabeça, para chamar a atenção do policial. De fato, percebeu que o policial desviou os olhos por um instante, acompanhando o movimento. Sem vacilar, o coronel pegou a arma

com a outra mão e, em uma fração de segundo, mirou e atirou. O tiro foi certeiro e a bala perfurou a cabeça, entre os olhos do policial, que caiu morto ao mesmo tempo em que o coronel desfazia o sorriso.

Com calma, passou por cima do policial caído na porta, torcendo para que ninguém tivesse ouvido o baque do corpo no assoalho.

"Provavelmente os demais ainda estão lá fora tentando apagar o incêndio." - calculou corretamente.

Desceu as escadas sem encontrar ninguém. Vez por outra escutava alguma voz que parecia vir de fora da casa. Saiu com tranqüilidade pela porta dos fundos

e pulou o muro que dava para um terreno baldio. Abrigado pela escuridão, caminhou a passos cada vez mais rápidos de volta para o carro.

Ao entrar no carro, o coronel sentiu-se plenamente seguro e sentou-se no banco do passageiro com um sorriso triunfante. Examinou uma vez mais os papéis e conferiu a numeração com a que tinha em sua memória. Agora estavam todos lá. Ao seu lado, Schmidt dormia profundamente. No entanto estava tão satisfeito consigo mesmo que apenas deu um forte cutucão no agente para que despertasse. Schmidt, ao ver o coronel, perguntou sonolento:

"Está tudo certo?"

"Sim, está tudo certo. Vamos voltar para a base, rápido."

Schmidt ligou o carro e contornou a rua. Quando começou o caminho de volta notou que na contramão vinha um outro veículo, em alta velocidade. Ao cruzar com ele percebeu que era branco e que tinha uma sirene ligada. Em sua lateral estava escrito: "Santa Casa de Misericórdia".

Ao chegarem de volta na base Schmidt, exausto e esgotado, mais uma vez pediu licença ao coronel e foi direto dormir. O coronel, por sua vez, pegou a pasta negra e remontou com cuidado todo o projeto.

"Agora sim." - refletiu ele.

Levantou a pasta no ar, como um troféu. Faltava pouco agora. Tudo que precisava fazer era ser cauteloso no dia seguinte e reembarcar no submarino. Uma vez com a pasta, as ordens eram claras: nenhum risco seria tomado e deveriam rumar diretamente de volta para uma base alemã na Europa. Uma vez lá a probabilidade de sucesso aumentaria e tudo o que ele teria que fazer seria levar os documentos até o destino final, no norte da Alemanha. O coronel então receberia todos os louros por ser o principal responsável pelo sucesso do *Reich* na guerra.

Bastante aliviado, o coronel pôde voltar para suas necessidades mais básicas. Ao relaxar, sentiu sono e fome.

"Primeiro, comer." - pensou ele.

Foi até a cozinha comer algo rapidamente. Seu plano era dormir o mais que pudesse para estar plenamente descansado para a noite seguinte. Não tinha a menor intenção de sair de casa, para minimizar a chance de ser descoberto. Ao voltar da cozinha, pegou a pasta e levou-a consigo para o quarto. Colocou-a com cuidado em um ponto ao alcance da vista e das mãos. Tirou a roupa, deitou e fechou os olhos. A situação era muito diferente daquela de horas antes. Agora pensava apenas nas medalhas e honrarias que iria receber ao voltar para Berlim. Essa sensação muito agradável fez com que pegasse no sono com rapidez. Isso, aliado à grande

tensão de antes, fez com que o sono fosse tão profundo que dormiria por muitas horas como, de fato, ele queria.

CAPÍTULO XLII

Ao contrário dos alemães, se havia uma coisa que os americanos não iriam fazer era descansar, muito menos dormir. Após conseguir socorro para a senhora Sarah, eles saíram pelas ruas próximas na tentativa de obter alguma pista do paradeiro dos agentes alemães. Mas nas ruas desertas não havia ninguém para dar qualquer pista. Sem saída John mandou Vincent convocar uma equipe de busca. Pelo horário, teria que passar na casa de algumas pessoas e depois iria para a embaixada onde a equipe se encontraria com John.

Depois de sair do hospital certificando-se que havia feito o possível, John foi diretamente para a embaixada onde já encontrou vários colegas o esperando. Chamou funcionários e agentes e reuniu uma pequena equipe que, com ele, somava oito pessoas.

"Senhoras e senhores, desculpem acordá-los no meio da noite mas a situação é gravíssima. Preciso de toda a ajuda que puder obter. Esta noite pode ser a diferença entre a vitória e a derrota para os Aliados na guerra."

Ao lançar aquela declaração bombástica, todos se entreolharam com os olhos arregalados. Ninguém jamais poderia imaginar que algo assim tão importante pudesse acontecer naquele

local tão distante. Mas a seriedade de John não deixou dúvidas. Afinal, quem eventualmente estivesse ainda sonolento acabou de acordar de vez.

John explicou rapidamente a situação, contando sobre a mensagem telegrafada e sobre os eventos das últimas horas. Pediu então sugestões de como encontrar os agentes alemães. Alguém sugeriu:

"Por que não pedir ajuda à polícia local?"

"Não podemos." - afirmou John. "Temo que com isso os alemães sejam afugentados. Precisamos encontrá-los em seu próprio esconderijo para podermos recuperar a pasta que eles roubaram esta noite."

"John, creio que podemos delimitar a área de busca." - disse uma moça gordinha de óculos.

"Como?" - perguntou ele intrigado.

"É certo que os documentos roubados irão para a Alemanha por mar, não há outro meio. É natural que os contatos entre o agente e a embarcação estão sendo feitos em segredo, de algum ponto na praia que não chame muito a atenção."

"Continue." - disse John.

"Nossa zona de busca fica então limitada à região costeira da cidade do Rio de Janeiro, excluindo-se a região central, que é muito movimentada."

"Sim, tem razão. Vamos pensar no norte

e no sul da cidade. Onde estrangeiros chamariam menos a atenção?"

"Só pode ser na Zona Sul da cidade." - argumentou um dos americanos, que era bem loiro. "Quando vou à Zona Norte, de vez em quando, sinto-me de fato como um estranho naquele lugar. As pessoas me observam, pois chamo a atenção por ser diferente. Já na Zona Sul isso não é tão evidente."

"Ok então." - disse John devagar. "Não temos tempo para cobrir os dois extremos da cidade. Vamos nos concentrar apenas na Zona Sul, região costeira. Digamos, a partir de Copacabana e até o Leblon. Vamos também excluir os prédios de apartamento, por serem pontos de

grande circulação de pessoas. Vamos pensar apenas em casas voltadas para o mar." A seguir, John fez uma pequena pausa para refletir sobre suas próprias palavras e disse, com voz mais alta:

"Pessoal! O dia já vai amanhecer e preciso que todos vocês se empenhem em perguntar, se necessário de casa em casa, sobre os dois estrangeiros, conforme a descrição que já passei a vocês."

Fez uma rápida pausa e continuou:

"As duas moças estão dispensadas. Não sei que tipo de gente vamos encontrar e não quero me arriscar."

John então definiu as três duplas e as separou por região de busca.

"Let's go!" - gritou ele. Em seguida todos se levantaram e, dois a dois, entraram em seus carros Ford.

CAPÍTULO XLIII

O dia já ia raiando quando os três carros Ford dos americanos chegaram às praias da Zona Sul do Rio de Janeiro. Mesmo hoje, antes das 6h da manhã, o trânsito ainda flui bem na cidade. Naquela manhã de seis de maio de 1942, quando os primeiros raios de sol já clareavam o céu, os primeiros times já se posicionavam. Estacionaram os carros na beira da praia mesmo, e começaram a pé a caçada. De porta em porta, sempre em duplas, perguntavam pelos dois estrangeiros. A estratégia era dizer que procuravam por turistas perdidos, e

pediam alguma informação que pudesse levá-los até eles. Mas as negativas, no entanto, se repetiam.

Naquele momento, a luta era contra o relógio. Havia toda uma lógica naquela perseguição e John sabia que poderia encontrar os agentes alemães, só precisava de tempo. No entanto, tempo era um luxo de que ele não dispunha. Sabia que os alemães iriam aproveitar a primeira chance para enviar os documentos para a Alemanha.

"Isso se já não o fizeram.." - preocupava-se ele.

O tempo passava rápido, mas dezenas de casas já haviam sido visitadas. Algumas tinham que ser revisitadas,

pois nem sempre havia gente no local. John sabia que enquanto houvesse a luz do dia, certamente os alemães não ousariam escapar. Eles jamais arriscariam perder a posse dos preciosos papéis.

"Sim, se ainda forem fazê-lo, será nesta noite, em alguma hora da madrugada. O horário germânico para esse tipo de ação é às 4h," - raciocinou John. Ele consultou seu próprio relógio e calculou:

"Temos agora menos de doze horas."

John franzia a testa enquanto apertava um lábio contra o outro. Seu parceiro Vincent percebeu aquele movimento e disse:

"Não se preocupe, John. Vamos conseguir."

"Não estou tão certo, temos muito pouco tempo. As horas passam rápido e nem temos certeza se o esconderijo dos alemães é por aqui mesmo. E, se for, pode ser que já tenham partido com a pasta."

"John, você está fazendo o melhor possível."

"Outra vez essa história de fazer o melhor possível" - lembrou-se da enfermeira no hospital.

"Você está errado, Vincent. O melhor possível não é o suficiente. Veja o que aconteceu com o casal de velhos. Nós temos que fazer o impossível!" -

desesperou-se John.

O amigo e colega Vincent não se abalou apesar de saber que o que John dizia era verdade. O que precisavam, na verdade, era de um milagre.

Não muito longe dali, no entanto, o coronel Von Wiesen acabara de despertar. Seguro de si, consultou o relógio e não conseguiu acreditar no quanto havia dormido.

"Doze horas dormindo!" - espantou-se ele. "Deve ser por tudo que passei no maldito submarino e toda a tensão dessa noite. Mas finalmente relaxei com a posse dos documentos e acabei dormindo muitas horas. Agora só preciso esperar um pouco mais."

Levantou-se para ir ao banheiro. Com o canto dos olhos viu a porta aberta do quarto de Schmidt e também a cama vazia.

"Foi dormir bem antes do que eu..." - raciocinou, apenas para se tranquilizar.

No entanto, ao sair do banheiro algo o incomodou. Na noite anterior, como Schmidt dormira com a porta do quarto aberta, ele havia observado os objetos pessoais dele no pequeno criado-mudo do lado da cama, até mesmo sua pistola. Não vendo mais os objetos pessoais de seu agente ele sentiu certa preocupação. Instintivamente procurou por sua própria pistola, mas lembrou que acabara de acordar e que ainda não se *vestira*. Voltou rápido ao seu quarto e conferiu

que o objeto mais importante de todos, a pasta negra, estava ali intocado.

Isso afinal o tranqüilizou. Mas resolveu ficar alerta. A falta de seu companheiro não era bom sinal. Conferiu sua arma e lembrou-se que havia duas balas faltando. Repôs a munição e cuidadosamente colocou-a no coldre o que o fez sentir-se seguro novamente.

Faminto, terminou de se vestir e foi até a cozinha procurar por alguma comida.

CAPÍTULO XLIV

Não muito longe do esconderijo, o jovem agente alemão Herbert Schmidt estava em um pequeno e habitual restaurante. Cansado de esperar o coronel acordar, resolvera sair para dar uma volta. Para enganar o forte calor, tomava uma bebida fria. E alcoólica, naturalmente.

De repente ouviu uma voz familiar chamá-lo:

"Herbert." - disse a senhorita Maria Rita.

"Olá, meu bem. Há quanto tempo." -

respondeu ele com doçura. Não esperava encontrá-la ali naquele horário. Ele havia conhecido Maria Rita ali mesmo, naquele restaurante, algumas semanas antes. Ela havia contado que era professora de línguas em uma escola particular e que havia percebido seu sotaque ao ouvi-lo conversar com um garçom. Chegara-se a ele alegando que gostaria de praticar um pouco a língua alemã com um nativo e que seria uma ótima oportunidade para ela se ele pudesse dispor de algum tempo. Da amizade para o namoro foi um pulo e os dois já saíam juntos com alguma frequência. Ele apenas estranhava que, mesmo após aquele tempo juntos, ela sempre evitava falar sobre a escola

onde trabalhava.

Sem perguntar nada ela sentou-se a seu lado cruzando as pernas, o que levantou de leve seu vestido. Os longos cabelos negros estavam presos, realçando ainda mais sua pele bem branca. Maria Rita era do tipo *mignone* e usava um vestido justo com tons avermelhados, combinando com seu batom. Em outras palavras, estava muito atraente.

"Está vindo da escola, *meine Liebe*?" - perguntou Herbert mostrando carinho.

"Não, hoje não houve aula." - respondeu ela docemente.

"Ah, então é o dia perfeito para você me mostrar sua escola." - provocou ele.

"Não, querido, a escola está fechada."

"Fechada?" - perguntou ele incrédulo.

"Em dia de aula?"

Ela abriu um sorriso delicado. Olhava rápido de um lado para o outro, vez por outra levantando a sobrancelha. Sua mente trabalhava para encontrar uma resposta adequada. Após alguns instantes, ela respondeu, ante o olhar inquisidor do namorado:

"Você não sabia que fazemos testes de *black-out* nas escolas do Rio de Janeiro? Pois é, hoje é a vez da nossa escola. Não podemos ir lá agora." - ela jogou as palavras com a expectativa de que ele não acompanhasse as notícias. Envolveu as mãos dele nas suas,

gentilmente, torcendo para que aquele interrogatório chegasse logo ao fim.

"Ah, sim." - disse ele, orgulhoso e apreciando o gesto de carinho. Não queria passar por desinformado. "Os testes de *black-out*." - repetiu ele, contrariado.

Levantou as mãos dela e as beijou. Com um leve sorriso, mostrou que queria mudar de assunto.

O nome verdadeiro de Maria Rita era Bertha Loch. Americana de nascimento, sua mãe era brasileira e por isso aprendera português em casa, ainda nos Estados Unidos. Havia sido recrutada pelo serviço secreto americano para agir no Brasil. Sua missão era contatar

quaisquer estrangeiros suspeitos e reportar. Ela havia vindo morar na Zona Sul do Rio de Janeiro com sua mãe, logo após seu pai americano falecer de câncer nos Estados Unidos um ano antes. Até morrer seu pai trabalhou no OSS - *Office of Strategic Services*, que, em 1947, viria a se tornar a CIA - Central de Inteligência Americana - em Washington, e a convocação dela para aquele tipo de serviço foi muito natural. Ao chegar ao Brasil, recebera uma lista de nomes do serviço secreto americano de pessoas suspeitas. Herbert Schmidt era uma delas e, como havia sido visto próximo de onde ela morava, foi definido como alvo.

Mas, até aquela manhã, não havia notado

nada de suspeito nele. Na verdade até apreciava sua companhia, pois ele era muito amável com ela. Parecia ser um verdadeiro cavalheiro alemão.

Antes de se encontrar com Herbert, no entanto, havia passado na embaixada americana, como de hábito. Uma ou duas vezes por mês ela devia fazer uma visita para preencher alguns relatórios. Simples rotina, que ela seguia com fidelidade. Naquele dia, no entanto, tomou um susto. Diferentemente de tantas outras vezes, recebeu uma mensagem em papel colorido que indicava ser assunto urgente. Tratava-se de um alerta de busca a um agente alemão. A descrição do agente combinava perfeitamente com a de seu

namorado Herbert. Ela procurou de imediato pelo agente responsável, *Mister* John Wislow, mas soube que ele havia convocado todo o pessoal disponível e rumado para as praias da Zona Sul. Deixou então uma mensagem expressa para que, caso ele telefonasse, que fosse encontrá-la em certo restaurante, pois sabia que Herbert era cliente costumeiro. Dirigiu-se para lá em seguida.

Herbert a todo instante a convidava para dar uma volta. Ele dizia que ali estava muito quente e queria aproveitar a brisa de final de tarde para andar pela praia. Por alguma razão estranha para Herbert, Maria Rita recusou o convite apesar de, sabia ele, que ela gostava de caminhar

pela praia. Assim passou-se mais uma hora, e já anoitecia. Algumas luzes já podiam ser vistas pela rua e logo a seguir o *maître* acendeu as lâmpadas do restaurante onde estavam.

Com o cair da noite, iam também por terra as esperanças de John. Ele sabia que tudo ia ser muito mais difícil a partir daquele momento e que achar os alemães se tornaria uma tarefa cada vez mais complicada.

"Achar uma agulha no palheiro." - lamentava-se ele.

Já estava cansado, pois estava acordado desde o dia anterior. Portanto, quase trinta e quatro horas sem dormir. Mas isso não iria detê-lo. Resoluto, iria

parar somente se desmaiasse.

Havia combinado com a equipe que às 18h se reagrupariam. Na hora combinada todos estavam lá e as respostas, para sua frustração, foram negativas. Desanimado, resolveu telefonar para a embaixada, como exigia o protocolo.

Afastou-se do grupo e procurou algum estabelecimento comercial com telefone, coisa rara naquele tempo. Caminhou por algum tempo até encontrar um local aberto onde poderia telefonar. Assim sumiu da vista do pequeno grupo.

O grupo também já começava a desanimar. Vincent e os demais estavam muito apreensivos com a situação.

Estavam todos muito nervosos e mesmo quem não fumava pegou um cigarro com Vincent. Fumavam com nervosismo, sem prestar atenção ao que faziam, com os pensamentos em suas famílias, temendo pelo futuro. Ninguém ali poderia ser considerado herói. Mas herói ou não, todos tinham pessoas que amavam e os piores pensamentos ocupavam suas mentes. O medo era multiplicado pelo desconhecido. Não sabiam exatamente de que se tratava a tal pasta negra, apenas que aquilo poderia gerar uma arma terrível. O único conforto era ver que havia um parceiro ao lado na mesma situação. Apesar de o colega passar por drama idêntico, aquilo era ironicamente tranquilizador. O clima evidentemente

era de funeral mas para sua total surpresa, após alguns instantes o grupo viu John voltar correndo e com um sorriso radiante. Havia recebido o recado de Maria Rita, inclusive o endereço do restaurante, que não era longe dali.

"That's it!" - exclamou ele. "Vamos pegá-los. Leblon." - disse, como uma ordem inquestionável.

Imediatamente pegaram seus carros. John foi na frente, mostrando o caminho, e os outros dois Ford seguiam colados nele.

CAPÍTULO XLV

Realmente não demorou mais que alguns minutos para chegar até o restaurante que Bertha indicara. Apesar do infortúnio da noite anterior, John resolveu fazer as coisas *by the book*, ou seja, de acordo com as normas. Assim, seguindo as normas, pararam os carros a uma quadra do restaurante e terminaram o trajeto a pé. Todos portavam pistolas mas John pediu que apenas o pessoal em roupas civis entrasse no restaurante, para não levantar suspeitas, e foi o que fizeram. Dois deles, *marines* uniformizados, esperaram nos carros.

Os quatro agentes americanos chegaram ao restaurante a passos rápidos e ofegantes. Subiram o pequeno degrau, passando pela porta entreaberta e convidativa que dava acesso a um pequeno *hall* de entrada.

Assim que entraram no *hall*, o *maître* veio a seu encontro o que, por um instante, impediu a passagem dos quatro homens para a área onde se encontravam as mesas.

"Boa noite, cavalheiros. Desejam uma mesa?" - ofereceu polidamente o *maître*.

John, líder do grupo, respondeu:

"Não obrigado, procuramos alguns amigos."

John pensou em dar a descrição do casal e perguntar sobre eles, mas desistiu. Preferiu optar pela surpresa pois certamente o *maître* faria questão de conduzir o grupo, o que poderia atrapalhar a ação.

O *maître* não estranhou pois estava muito acostumado com a visita de estrangeiros ali. Mas ficou incomodado quando os homens não pararam de andar enquanto falavam com ele. Na verdade pareceu que ele seria empurrado quando, educadamente, saiu do caminho que aqueles quatro homens percorriam. Fez apenas uma careta e voltou para seus afazeres.

"Esses americanos são mal-educados

mesmo. Nem deixaram seus chapéus aqui." - indignou-se o *maître*.

Ao entrarem no ambiente do restaurante, as luzes do local já estavam acesas. Naquela hora elas davam um aspecto amarelado ao ambiente apesar das impecáveis toalhas de linho branco. Pelo aspecto do local podia-se ver que sua clientela era bastante selecionada. O cheiro de comida no ar era agradável mas o ambiente estava ligeiramente esfumaçado, dando um clima sinistro às sombras. Algumas delas estavam estáticas e outras se moviam lentamente. Do fundo do salão vinha um som agradável. Era um pianista que tocava uma suave música popular brasileira.

Os agentes então começaram a andar

vagarosamente por entre as mesas à procura de um casal. Havia várias mesas ocupadas com pessoas jantando e, vez por outra, era preciso parar para dar passagem a um ou outro garçom. Principalmente se ele viesse com uma bandeja carregada de pratos ou bebidas. A última coisa que queriam era o estrondo de uma bandeja carregada caindo ao chão.

A respeito do casal que procuravam, todos conheciam a mulher e sabiam exatamente quem era. Portanto não seria difícil identificar a dupla. Todo o cuidado era pouco e os nervos estavam à flor da pele. Nervosos, os agentes tocavam constantemente a pistola por baixo do paletó. Conferiam sua

localização, como se não soubessem que ela estava exatamente lá.

O pianista, atento a todos os movimentos, foi o primeiro a perceber os homens que avançavam de maneira organizada. Instintivamente parou de tocar e fixou seus olhos no agente que estava mais próximo dele. O agente, percebendo que aquela brusca interrupção poderia frustrar a surpresa, abriu um sorriso e, com um gesto, pediu que o pianista voltasse a tocar. Este, mais aliviado, obedeceu mecanicamente. Afinal, poderia ser apenas mais um cliente.

A cada passo dado, no entanto, aumentava a frustração. Passaram pelas mesas até chegar do outro lado do salão,

perto da entrada para a cozinha, onde se reagruparam. Vez por outra um deles olhava na direção da parede, não se conformavam que não havia mais para onde ir. Olharam uns para os outros sem saber o que fazer.

Ali dentro não havia sinal de Maria Rita ou de qualquer outro estrangeiro a não ser os homens de John, que praguejou em voz baixa:

"Shit!"

"Será que este é o local correto?" - perguntou Vincent.

"Sim, conferi o nome do local quando entramos. Não pode haver nas redondezas outro restaurante com o mesmo nome. Além disso, eu sei que

esta região faz parte da área de atuação de Bertha. Com certeza ela encontrou nosso alvo. Não sei como, mas isso não importa agora."

Ficar ali dentro olhando um para o outro não ia adiantar nada. Voltaram pelo mesmo caminho por onde entraram até reencontrar o *maître*. Dessa vez John daria a descrição do casal que procurava.

"Por favor, o senhor viu um casal que estava aqui agora há pouco? A mulher é baixa, com cabelos negros, pele clara e olhos castanhos. Tem lábios grossos e é muito sensual." - ao mesmo tempo em que disse a última frase, instintivamente baixou a voz, envergonhado. Os demais ali ao lado fingiram não terem ouvido

mas, afinal, todos concordavam que ela era assim mesmo.

Como o *maître* ficou impassível, John continuou pois tinha a descrição dada pela senhora Sarah:

"O senhor que a acompanha tem cabelos escuros e é também de estatura baixa."

O *maître* continuava impassível, apenas olhando os desesperados americanos. John, impaciente, disse:

"Não é possível que o senhor não os tenha visto. Deve ter reparado na senhorita ou no cavalheiro. Passaram por aqui agora há pouco."

Após uma breve pausa John percebeu que o *maître* discretamente abrira uma

de suas mãos e, com a outra, movia dois dedos contra a palma da primeira mão. Enquanto fazia o gesto, olhava rápido para os lados para certificar-se de que estava sendo discreto.

Virando o rosto em direção a Vincent, John disse em inglês, tentando abafar a própria voz:

"Eu não acredito. Ele quer dinheiro. Vincent, você tem algum troco?"

"Sim, senhor."

Vincent abriu a carteira e tirou algumas notas. Entregou-as para John. Ele as repassou com rapidez para o *maître*, que continuava a olhar para os lados, temendo que alguém visse aquela cena. Por fim, aproximou-se de John e disse

com ar imponente:

"Sim, de fato vi o casal que o senhor descreve. Saíram não faz muito tempo e caminharam naquela direção." - disse isso apontando o dedo de leve na direção da rua. Não queria esticar o braço para não chamar a atenção. Disse isso e afastou-se rápido de John, fingindo voltar a seus afazeres.

John virou-se para os colegas e deu a conhecida ordem:

"Let's go!" - imediatamente todos os americanos o seguiram.

CAPÍTULO XLVI

A noite já havia caído e Bertha não tinha mais desculpas para dar a Herbert. Ele já estava desconfiado de tantas negativas e ia abandoná-la sozinha no restaurante. Esperta, percebeu que não poderia perder o contato pois sabia que era a única ligação entre ele e os agentes americanos. Como simples informante, não andava armada. Portanto não poderia obrigar Herbert a coisa alguma. Sua única arma era o interesse que o alemão nutria por ela.

Ao final, sem opção, Bertha cedeu ao convite e saíram dali, caminhando

juntos. Havia permitido que ele a acompanhasse até sua casa. Uma vez lá teria que inventar alguma desculpa para que entrasse, apesar de até então isso nunca ter acontecido. Uma vez lá dentro, aproveitaria algum momento de distração dele. Enquanto ele conversasse com a mãe dela, por exemplo, daria um jeito de ligar para a embaixada dos Estados Unidos. Plano muito simples e que tinha tudo para dar certo.

Enquanto isso, tudo que John e sua equipe conseguiram no restaurante foi que o *maître* apontasse a direção para a qual o casal seguiu. Ele não sabia se era o cansaço de tantas horas sem dormir ou se foram as más notícias que o abateram

de novo. Talvez ambas as coisas. Mas o fato é que a equipe foi obrigada a se dividir mais uma vez e ir atrás do casal.

Um dos que conhecia bem a informante era o próprio John. Na verdade, na embaixada comentava-se que havia algo mais que simples companheirismo profissional entre eles. Focado em sua missão, qualquer que fosse esse sentimento, ele havia sido deixado de lado. Para John agora só interessava encontrar o *casal*.

Em duplas, os americanos rapidamente se espalharam pelas ruas do bairro na direção apontada pelo preocupado *maître*. Além disto tudo que conseguiram saber foi que o homem

havia bebido uma generosa dose de cerveja. Organizados, tomaram o cuidado de não percorrer o mesmo caminho duas vezes. John e sua dupla caminhavam por uma das ruas mais próximas à praia. Ele, por instinto, achou que o caminho que o casal tomaria seria o da casa de Bertha. John a conhecia o suficiente para saber que aquilo era um movimento pensado.

As horas, no entanto, não davam trégua. Já era próximo das 19h e o céu estava quase totalmente negro.

"Uma noite sem lua." - refletiu John. "Ainda pior, pois a visibilidade será mínima."

Alguns minutos mais de caminhada e

John percebeu, na penumbra, um casal andando calmamente pela calçada. O homem parecia caminhar com um leve cambaleio de pernas. Por um instante John sentiu novo desânimo, afinal um agente alemão nunca andaria daquele jeito. Mas em seguida lembrou-se de onde o casal estivera e da informação dada pelo maitre. Balbuciou para si mesmo:

"Beer. É o efeito da cerveja."

Ao ver que o homem estava com um dos braços na cintura da mulher, fez uma careta. Aquilo certamente o incomodara.

"Tem que ser eles!" - pensou.

John segurou Vincent pelo braço para que ambos diminuíssem a velocidade.

Não poderiam levantar qualquer suspeita até terem certeza de que aquele era o alvo.

Aproximaram-se cada vez mais devagar do casal a sua frente. Quando o casal passou sob a fraca luz de um poste de iluminação pública, John pôde observar melhor.

Mesmo olhando pelas costas mas a julgar pelo cabelo negro e pela altura, John já estava seguro de que a mulher era Bertha. O homem a acompanhá-la só poderia ser o agente alemão. Quando estavam a poucos passos do casal, esse saiu novamente da iluminação pública e caminhou em direção ao breu. Como agora John e Vincent é que estavam sob o poste de luz, ficaram por um instante

ofuscados e não perceberam que o casal havia parado num ponto sem luz da rua. Herbert, certamente devido ao efeito da bebida, não notou a presença dos dois homens ali perto e tentou tirar um beijo de sua Maria Rita, protegido pela penumbra da rua mal iluminada. Ela, para não levantar qualquer suspeita, cedeu quando ele a puxou para perto de si. Ao entrar na mesma penumbra, John levou um susto quando seus olhos se acostumaram com a escuridão. Não havia se preparado para aquele tipo de cena. Sem perceber fixou os olhos no casal deixando que qualquer um pudesse notar o quanto aquela cena significava para ele.

Herbert não tinha pressa pois sabia que

o coronel só precisaria dele de madrugada para remar o barco. Cansado da arrogância dele, resolveu que o melhor era ficar longe o máximo que pudesse. Depois arrumaria uma desculpa qualquer para justificar sua ausência com o que, naquele momento, também não estava nem um pouco preocupado.

Quando Herbert estava para beijar Maria Rita, finalmente notou os dois homens vindo em sua direção. Observou pelo olhar de John que havia algo estranho ali. Apesar da penumbra também conseguiu perceber, pelo tipo físico, que não eram brasileiros e pressentiu a emboscada iminente.

CAPÍTULO XLVII

Ao ouvir os tiros, a equipe de americanos que estava espalhada por ali perto correu em direção a eles. Ao chegarem ao local dos disparos, viram uma mulher de pé, dois homens no chão e um terceiro de pé mas com o braço sobre um ferimento que fazia seu abdômen sangrar. A mulher estava visivelmente chocada e tentava aliviar o sofrimento do homem com o braço sobre o abdômen. Um dos homens no chão não se mexia pois já estava morto.

Ao perceber a aproximação dos dois agentes americanos, Schmidt havia

sacado sua Walther P38. Ao perceberem isso, John e Vincent fizeram a mesma coisa, sacando suas pistolas Colt. John sabia da importância de manter o alemão vivo e hesitou por uma fração de segundo. Mas Vincent avançou e foi alvejado por Schmidt, que lhe acertou o coração, fazendo com que caísse para trás, em cima de John. No entanto, até aquele momento Schmidt não desconfiava de sua Maria Rita que, esperta, fingiu um desmaio e debruçou-se sobre ele. Com o outro americano já partindo para cima dele, Schmidt jogou-a para o lado. Disparou mais uma vez, agora contra John, mas já não dispunha da mesma pontaria. A bala atingiu-o no abdômen mas felizmente não acertou

nenhum órgão vital. Para manter Schmidt vivo, mas imóvel, John disparou em direção às pernas. Schmidt caiu no mesmo instante. Ao cair soltou a arma, que John chutou para longe.

"Estou bem." - disse ele para a pálida Bertha.

Ao ver aquela cena do chão, Schmidt entendeu tudo subitamente e empalideceu. Percebeu de imediato o quanto havia sido enganado. Tentou se arrastar para pegar a arma de volta mas de repente ouviu passos rápidos em sua direção. Os demais americanos já chegavam e a situação finalmente estava sob controle. John pediu a dois agentes que retirassem Vincent do chão, rápido, e o escondessem na mala de um dos

carros. Vincent estava morto e a ação teria que ser mantida no mais absoluto sigilo. Os agentes obedeceram e cumpriram a ordem de imediato.

Era preciso desocupar a rua sem demora, pois, nas casas, algumas luzes já começavam a se acender. Um ou outro morador curioso tentava juntar coragem para ir ver do que se tratava toda aquela barulheira.

John pediu que o grupo levasse o alemão até a praia onde fariam o interrogatório. Não iriam voltar à embaixada, tudo teria que ser resolvido ali mesmo, até porque agora ele tinha certeza de que o esconderijo deveria ser ali perto.

Conforme arrastavam o agente pela praia, o sangue do alemão manchava a areia branca de vermelho. Pararam em um ponto bem abrigado, longe de qualquer olhar curioso. O alemão soltou um gemido de dor ao ser largado no chão.

Foi dado início ao interrogatório. Os americanos, até então, não sabiam que aquele não era o ator principal. Mas John estava confiante. Passava um pouco das 20h e ele julgou ter resolvido o problema até mesmo com algumas horas de antecedência. Tudo que precisavam fazer era obrigar o alemão a dizer onde havia escondido a pasta. Recuperariam os documentos e então todos iriam para a embaixada americana. Demorasse o

tempo que fosse, pois a pasta não iria a lugar algum sem aquele alemão. Bem, isso era o que John imaginava:

"Uma vez com a pasta recuperada a missão estaria cumprida."

Mas ao tentar relaxar, sentiu uma forte pontada onde a bala havia penetrado. Pegou o seu lenço já manchado com o sangue da senhora Sarah e viu que seria insuficiente. Pegou alguns lenços com os outros agentes e colocou-os juntamente com o seu sobre o ferimento. Em seguida retirou sua própria gravata e amarrou-a com força por cima dos lenços criando um bom tampão. Logo o sangramento estancou e ele sentiu-se mais tranqüilo.

Não escolheu local e deitou-se no chão ali mesmo onde estava. Bertha, por sua vez, não havia saído de perto dele desde o incidente com os tiros. Ela também se sentou e ofereceu carinhosamente seu colo para que ele repousasse a cabeça. John aceitou de pronto. Não agüentava mais e deixou que outro agente conduzisse o interrogatório. Suas últimas recomendações foram:

"Cuidem do ferimento e conduzam o interrogatório com calma. Não há mais pressa."

Estava zozzo com tudo aquilo e fazia muitas horas que não dormia. Para fugir da dor, logo adormeceu no colo de Bertha.

CAPÍTULO XLVIII

O coronel Von Wiesen há muito havia deixado de se preocupar com Schmidt. Sabia por que ele havia sido mandado para aquele ponto longínquo. Apesar de inteligente e de ter estudado, Herbert não conseguia livrar-se de seu vício de beber. Um amigo de Schmidt, oficial da Gestapo, conseguiu que ele fosse transferido para aquela base remota. Ali sua bebedeira dificilmente seria notada.

"Que irresponsável!" - exclamava consigo mesmo o coronel. "Abandonou a missão incompleta. Ao voltar para a Alemanha, vou enviar um outro agente

para cá para exterminá-lo. Esse Schmidt não pode viver mais!" - concluiu o decidido coronel. Sabia que sua obrigação era colocar ordem acima de tudo, mesmo que na mais remota casa alemã.

Ele consultou seu relógio novamente e percebeu que já passava um pouco da meia-noite. Era a hora exata para uma última refeição. Apesar de a água do mar ali não ser tão gelada como no norte da Alemanha, onde foi treinado, não queria que nada desse errado. Principalmente uma vergonhosa indigestão. Por um lado sabia que devia se nutrir o melhor possível pois talvez fosse necessário nadar várias dezenas de metros caso houvesse alguma

dificuldade com o barco a remo. Por outro lado sabia que se comesse muito perto da hora de partir, aquilo poderia lhe prejudicar.

Ele então foi até a cozinha e fez uma refeição leve. Ao terminar tomou uma xícara de café quente para garantir que o sono não o pegaria desprevenido.

Voltou para seu quarto e pegou com orgulho a pasta, usando ambas as mãos, e ergueu-a no ar, como um troféu. Ele havia recebido ordens expressas para ser o único portador da pasta e deveria entregá-la, ele mesmo, direto ao destinatário. Os dados de destino estavam apenas em sua cabeça. Por ironia, justamente por tanto pensar neles, achava que podia embaralhá-los. Com

receio de esquecer algum detalhe, pegou um lápis para registrar as informações. A capa da pasta, negra, não servia para esse propósito. Abriu-a procurando uma superfície branca. Olhou para a primeira contracapa e decidiu que era perfeita. Escreveu com cuidado o nome de um alto oficial da *Luftwaffe*. Abaixo, escreveu o nome de uma pequena cidade do interior da Alemanha e, como se fosse um tributo a sua pátria, escreveu *Daitschland*. Deu um sorriso satisfeito, fechou a pasta e começou a se preparar para a partida. Dali por diante tomaria apenas água, e bem fervida. O coronel era, este sim, um perfeito soldado nazista, e seus superiores sabiam disso. Por isso haviam lhe confiado essa

importante missão. Se havia alguém que podia cumpri-la esse alguém era ele. Tudo pelo *Führer*. Ele se levantou e colocou-se diante do espelho. Com o corpo rígido como uma tábua, orgulhoso, fez a saudação nazista para sua própria imagem no espelho.

Terminou os preparativos guardando alguns objetos em uma pequena sacola. Pegou a preciosa pasta negra, colocou dentro de uma embalagem impermeável e fechou com cuidado. Deu uma última olhada naquele local para o qual ele jamais tencionaria voltar.

"Sentirei falta apenas do bom café. Bem, e da sensualidade da mulher brasileira também."

O coronel riu consigo mesmo. Estava muito confiante. Ele havia passado o dia todo ali dentro pois estava bem ciente do grau de segurança que precisava obter. Mas, agora, estava ansioso para sair. Apenas aguardava a hora exata. Quando consultou novamente seu relógio e viu que os dois ponteiros se juntaram em cima do número dois, resolveu que era hora.

"Duas horas e dez minutos. É a hora certa para que eu chegue com precisão a meu destino. O U-162 já deve estar posicionado."

Girou a maçaneta da porta, abriu e fechou com cuidado. Carregava em uma das mãos a pasta cuidadosamente embalada e, na outra, uma pequena

sacola. Olhou para a pequena sacola e pensou tranqüilo:

"Plano B."

Mais alguns passos e já caminhava pela rua deserta, em direção ao lado sul da praia em que estava hospedado. Daquele lado da praia ele pretendia pegar o bote para encontrar-se com o submarino. Schmidt deveria ir com ele, é claro, mas não havia mais tempo para esperá-lo. A idéia era abandonar o bote no mar.

Caminhando com a escuridão da noite não notou que, no lado norte da mesma praia, um pequeno grupo de pessoas estava reunido.

CAPÍTULO XLIX

Próximo das 3h da manhã, para surpresa de todos, John acordou sobressaltado.

"Algo está errado!" - refletiu consigo mesmo.

Apoiou-se em um dos braços e girou o corpo, de leve. Tentou se levantar para enxergar melhor mas uma pontada perto do estômago o fez recuar para o colomacio de Bertha.

As pessoas ao seu redor pareciam tranqüilas, inclusive o impassível prisioneiro. Afinal, por um instante todos olharam para ele. Mas o olhar que

receberam de volta, no entanto, não parecia nada tranqüilo.

"O que foi? Achei que você iria dormir a noite toda, John. É o ferimento que não o deixa dormir?" - perguntou Bertha docemente, apesar de cansada.

"Não é o ferimento, mas algo que não se encaixa. O alemão já disse alguma coisa?"

"Não disse muito, ele está o tempo todo evasivo. Mas não nos preocupamos pois sabíamos que este interrogatório seria muito longo. Seguimos suas ordens expressas de ficar aqui até que ele nos desse a informação que precisamos. Tivemos que fazer também uma pausa para tratar de seus ferimentos para que

não morresse com os sangramentos, conforme ordens suas."

"Bertha, escute o que você mesma diz. Qual o interesse dele em alongar tudo isso? Ele já está totalmente dominado."

Os americanos se entreolharam espantados sem entender bem onde John queria chegar.

"Olhem bem para ele, está calmo demais. Não parece um agente capturado. Isso só pode querer dizer uma coisa: que ele quer ganhar tempo. Só não sei por quê."

"Tempo?" - perguntou Bertha.

"Sim! Para que outro agente fuja com a pasta." - concluiu John de repente.

Talvez pelo horário avançado, pela noite escura e por horas mal dormidas, as pessoas ali não acompanhavam John com a velocidade que ele precisava. John então reuniu suas forças, venceu a dor e se levantou, pois sabia que ele mesmo é quem teria que resolver a situação. Caminhou com dificuldade para perto de Herbert e olhou-o fixo nos olhos. Após alguns instantes o alemão mexeu de leve um dos cantos da boca, para cima.

"Eu sabia! Ele esconde alguma coisa. Ele quer dar uma grande gargalhada de todos nós." - exclamou John balançando negativamente a cabeça enquanto mordida os lábios.

"Que horas são?" - perguntou ele,

olhando aflito ao redor. Buscava com os olhos alguém que estivesse tão acordado quanto ele.

"São 3h05, senhor." - um dos agentes respondeu por fim.

John soltou um impropério e virou-se de modo brusco para Schmidt, encostando seu rosto no dele. Com olhar ameaçador disse:

"Você vai me dizer agora onde está seu companheiro. Leve-nos imediatamente a seu esconderijo."

Schmidt sabia que tudo que precisava fazer era agüentar por mais alguns minutos. Havia entendido perfeitamente a hora que foi dita e fez seus próprios cálculos. A essa altura ele sabia que o

coronel já estava quase no barco a remo e, depois de embarcado, Schmidt poderia levar os americanos a seu esconderijo. Ali, com certeza achariam apenas os restos de uma refeição feita pouco tempo antes, além de algumas roupas civis que, pelo tamanho, os americanos saberiam que não poderiam ser dele. Nada além disso que pudesse identificar o *segundo homem*. Depois disso a guerra seria tranqüila para ele. Uma vez que não havia sido aprisionado pelos americanos em seu próprio território, nada poderiam fazer contra ele. Quem sabe se até não o soltariam?

John sabia que era preciso ser um ator autêntico e encenar a peça mais importante de sua vida. Virou-se para

Schmidt e disse calmamente, com a voz mais gélida que conseguiu:

"Quero que você acredite apenas em uma coisa: se não nos levar de imediato a seu esconderijo, juro que pessoalmente te entrego à polícia local.

Deixaremos o corpo de nosso agente que você matou em um local que eles certamente acharão, junto com sua arma. Você será preso por assassinato e ficará em uma cadeia no Brasil por muitos anos. Eu cuidarei, em pessoa, para que isto aconteça."

John afinal conseguiu o que queria e Schmidt gelou com a chantagem. Viu nos olhos de John que ele falava sério. Tudo o que podia fazer era torcer para que o

coronel já tivesse saído da casa e, sem saída, concordou em mostrar o caminho aos americanos.

Dois homens o carregavam enquanto John andava com dificuldade, abraçado a Bertha. Eles caminharam alguns minutos na direção da outra ponta da praia. Aproximaram-se de uma das casas que davam de frente para o mar e, ao chegar bem em frente da porta, Schmidt, fingindo estar muito contrariado, apontou para dentro com olhar resignado. Era uma disputa entre dois atores.

"Aqui?" - perguntou John, desconfiado. Não podia acreditar que estivessem tão próximos.

"Sim." - disse Schmidt, respirando profundamente. Estava esforçando-se para parecer triste.

John sacou sua arma e mandou todos os agentes entrarem, ficando na rua apenas com Bertha. Apontava sua arma para o imobilizado Schmidt enquanto aguardava pelo retorno dos agentes.

Os agentes sacaram suas pistolas enquanto entravam rapidamente no sobrado. Os minutos passavam e John, sendo o responsável pela missão, começou a suar frio. Mantinha um olho na porta da casa e outro em Schmidt. Esperava que a qualquer momento alguém saísse dali com uma pasta negra nas mãos e, então, tudo estaria resolvido. Mas ele não vinha.

Por fim um dos agentes voltou, acenando negativamente com a cabeça. Da porta, gritou dizendo que a coisa mais importante que haviam achado era um rádio. Este poderia facilmente se comunicar com navios ou submarinos na área, mas que, no entanto, testaram o aparelho e descobriram que não funcionava.

Por instinto, John achava mesmo que isso aconteceria e já se preparara mentalmente. Com o canto dos olhos percebeu o ar de indiferença de Schmidt e disse com calma ao agente que saíra da casa, propositalmente em português, ao perceber que os olhos de Schmidt saltavam:

"Pode levá-lo à polícia local. Vamos

entregá-lo por assassinato."

"Não!" - protestou Schmidt. "Nós tínhamos um acordo."

"Não tínhamos acordo algum." - respondeu John.

"Eu te ameacei e você me obedeceu, só isso. Mas agora, se quiser um acordo, estou disposto a ouvir o que você tem a dizer."

Schmidt avaliou a situação com nervosismo. Se fosse entregue à polícia local como assassino, passaria um bom tempo em alguma prisão brasileira. O terror que iria sofrer não seria comparável, no entanto, à vergonha que iria sentir quando - e se - voltasse um dia para a Alemanha. Como se já não

bastasse o problema de bebedeira, tentou imaginar o tamanho da vergonha que seria ser preso pela polícia local como mero assassino. Uma desgraça que não permitiria que ele voltasse a ver sua família, talvez nunca mais. Além disso, o orgulhoso coronel achava que Schmidt não teria capacidade de entender o profundo significado daquela missão e não havia deixado claro sobre o quão vital era aquela pasta. Quando o coronel disse a ele, secamente, que fizesse apenas tudo que ele mandasse, ele ponderou: "Uma missão como outra qualquer, que vai coroar o vitorioso coronel. Eu, por outro lado, vou continuar aqui, esquecido".

Para Schmidt isso naturalmente se

confirmou quando os dois entraram na casa do velho casal. Ele raciocinou que uma coisa assim tão importante não poderia estar sob guarda de pessoas tão frágeis. Limitou-se a cumprir friamente as ordens do coronel e, na primeira oportunidade, resolveu sair para "dar uma volta" sozinho, quando poderia alimentar seu *pequeno* vício. Na verdade já tinha desenvolvido verdadeiro ódio por aquele homem arrogante que se julgava tão superior a ele. Schmidt sentia muita saudade de sua pátria e de sua família e a todas tentativas de saber alguma novidade o coronel respondera com monossílabos, indicando claramente que não iria ser cordial. Isso, afinal, ajudaria a aliviar

um pouco a sua culpa. Ele sabia que era quase certo que os agentes americanos matariam o coronel em combate. Ou pelo menos o prenderiam e o manteriam preso talvez até mesmo depois que a guerra acabasse. Se isso acontecesse, ele estaria salvo.

"Essa sem dúvida seria minha vingança mais saborosa. Eu mesmo não poderia ter planejado melhor ..." - pensou ele.

De qualquer modo um coronel da Gestapo seria uma presa muitíssimo interessante. Na hora certa, quem sabe a revelação da patente do outro agente não poderia até elevar seu poder de barganha?

John consultou o relógio. Eram 3h15 e

ele sabia que o tempo estava quase esgotado, mas não podia deixar isso transparecer. Sua parte naquela encenação exigia que se mantivesse calmo e frio. Mas quando ele já perdia a paciência e pensava em atirar na outra perna de Herbert, este por fim quebrou o silêncio:

"Muito bem, tenho uma proposta."

"Estou ouvindo." - respondeu John o mais calmo que conseguiu.

"Sei o que vocês procuram e também sei com quem está. Na verdade, posso levar vocês até ele, mas em troca quero minha liberdade e a total desvinculação com a morte do agente americano."

Aquilo era tudo que John queria ouvir.

"Ok, de acordo. Leve-nos rápido até ele. Se não o acharmos, nosso acordo está desfeito." - sentenciou John.

Schmidt arregalou mais uma vez os olhos, pois agora era ele quem tinha pressa. Imediatamente apontou o lado sul da praia do Leblon. John pediu que o agente que havia saído da casa voltasse para chamar os demais.

Assim que todos os agentes saíram da casa, partiram na direção que Schmidt indicara. John seguiu abraçado a Bertha e continuava a caminhar com dificuldade. Dois outros agentes carregavam Schmidt e as cinco pessoas mergulharam de novo na escuridão, deixando para trás o esconderijo que ficou vazio mais uma vez.

CAPÍTULO L

O coronel Von Wiesen consultou uma última vez o relógio. Já se sentia de todo preparado para a excursão até o submarino. Vestido com uma roupa de borracha impermeável, olhou para sua importante carga embalada com cuidado em um saco, também impermeável. Eram 3h20, a hora exata de lançar-se à água para que, remando por quarenta minutos, estivesse o mais próximo possível do ponto de encontro. Pelo fraco som que vinha do bater das ondas na areia da praia ele sabia que o mar estava bem calmo.

"Será tranquilo." - ele avaliou.

O pequeno barco havia ficado escondido, desde a noite anterior, entre alguns arbustos cuja localização o coronel memorizara. Naquele tempo, dificilmente alguém mexeria em um pequeno barco de madeira movido a remos lançado nas areias da praia do Leblon. Mas, para sua total surpresa, faltava alguma coisa ali. Após alguns instantes tateando no escuro, o coronel exasperou-se:

"Os remos! Onde estão os remos?"

Com ódio mortal de Schmidt, percebeu que havia cometido um engano em não ter feito essa simples verificação com antecedência. Ele sabia que devia ter

verificado as condições do barco antes de pegá-lo para sua curta jornada. Schmidt não havia deixado os remos dentro do barco, como seria de se esperar. Talvez estivessem ali perto, mas naquela escuridão seria muito difícil achá-los.

"Só poderia esperar isso daquele incompetente! Vamos ao plano B." - resolveu o coronel, de imediato.

Ele abriu a sacola que havia trazido consigo e despejou a seu lado, na areia, os objetos que estavam nela. Retirou uma fina corrente de alguns metros de comprimento e rapidamente conectou uma de suas pontas em sua própria cintura. Na outra ponta conectou o invólucro impermeável da pasta. Calçou

também as grandes nadadeiras e uma máscara de mergulho que havia retirado da sacola. No pulso esquerdo tinha um relógio à prova d'água com visor fosforescente. No pulso direito, uma bússola também à prova d'água, com visor fosforescente.

Já estava pronto para entrar na água e nadar até o ponto de encontro. Era o plano B, caso houvesse algum problema com o barco a remo. Calculou que havia tempo, desde que nadasse rápido.

Com o tempo esgotado e para aliviar o peso que iria rebocar, não pensou duas vezes e caminhou de costas em direção ao mar, rapidamente, abandonando tudo que não era essencial para sua jornada, inclusive sua preciosa Walther P38, que

atirou n'água para não deixar nenhuma pista. Em suas mãos segurava a corrente recolhida, junto com a pasta negra em sua embalagem.

Mas no exato momento em que começou a molhar os pés ele ouviu um ruído estranho próximo dali. Não deu importância quando sentiu a água subir por dentro de sua roupa, molhando-lhe a pele. A roupa de borracha vestida na praia, associada ao nervosismo do momento, havia elevado a temperatura do corpo do coronel. A água ligeiramente fria em suas pernas causou um pequeno choque. Para operações em águas tropicais como as do Brasil, utiliza-se até hoje roupas de mergulho ditas *molhadas*. A água penetra entre a

roupa e a pele e fica aprisionada ali. O calor do próprio corpo esquentava a água tornando o mergulho confortável.

Focado no seu retorno para o submarino e distraído pela água que subia por suas pernas, foi com grande e desagradável surpresa que ele escutou alguém gritar em sua direção, da escuridão da praia:

"Pare!"

Não compreendeu aquela língua, mas entendeu o *tom* de voz de comando. Ele, no entanto, resolveu ignorar a ordem, fosse qual fosse, e acelerou o mais que pôde sua entrada n'água. A segurança estava a bem poucos metros.

Mas não deu tempo. Instantes depois, escutou o barulho de um tiro de

advertência, que foi dado para o alto, em sua direção. O coronel não fazia a menor idéia de quem era aquela voz, mas teve os piores pressentimentos. Seus pensamentos, mais uma vez, recaíram sobre Schmidt, que era a única pessoa no mundo que poderia achá-lo. Seu sangue ferveu de ódio e sua vontade agora era de matá-lo com suas próprias mãos, o que com certeza faria se tivesse a oportunidade.

Aquelas pessoas já estavam muito próximas e o coronel resolveu parar por um instante para avaliar a situação. Achou que seria muito arriscado fazer qualquer coisa e levar um tiro ali mesmo. Mesmo se fosse apenas ferido, nesse caso a possibilidade de cumprir

sua missão ficaria muito reduzida.

Sabendo que o coronel não entendia português e temeroso por não poder cumprir sua parte no acordo, Schmidt gritou frases em alemão:

"Coronel. Está acabado. Desista. Estes homens vieram prendê-lo. Saia da água com as mãos para cima."

Os americanos olhavam para Schmidt na vã tentativa de entender o que ele dizia. Mas mantiveram-se alerta.

Apesar de não ser surpresa alguma, nada podia ser mais desagradável do que ouvir a voz daquele que o coronel já considerava mais que um incompetente, um verdadeiro traidor. Se o coronel escapasse dessa, a sorte de Herbert

Schmidt já estaria selada. Todos, inclusive John, sabiam disso.

Vendo que os americanos não haviam parado, e que dois agentes já avançavam vagarosa porém continuamente em sua direção, o coronel recuava de costas para o mar, quase na mesma velocidade. Naquela escuridão e com as ondas batendo em suas pernas era quase impossível que de fora d'água alguém percebesse seus movimentos. Tudo que ele precisava era de mais alguns minutos, tempo que levaria para atingir a profundidade mínima para mergulhar. Então poderia arriscar uma fuga. O coronel estava em forma e sabia que seu tempo de apnéia, mergulho sem respirar, era muito bom. Só precisava de uma

chance. A água já havia superado o nível de seus joelhos e as pequenas ondas batiam em suas coxas.

Pensando rápido, resolveu começar uma discussão com Schmidt, acusando-o de tudo que fosse possível, em especial de traição.

Schmidt, assustado, caiu na armadilha. Respondia às acusações defendendo-se e acusando o coronel de arrogante, hipócrita e de outras coisas que inventava na hora. Os dois agentes americanos, sem entender bem o que se passava, pararam por um instante. Era o lapso de tempo que o coronel precisava. Não havia parado de recuar e a água passava da cintura.

Foi o suficiente para que o coronel se agachasse, enquanto Schmidt discursava, e sentisse seu peso diminuir. Sem fazer qualquer barulho, aspirou a maior quantidade de ar que conseguiu e virou-se abruptamente em direção ao fundo, esticando de novo as pernas. Submergiu em instantes e começou a bater as pernas em desespero, afastando-se rápido da praia.

CAPÍTULO LI

As balas passavam ao redor do coronel Von Wiesen, cortando a água em linha reta. O som, que se propaga na água muito mais rápido do que no ar, fazia com que parecesse que todas aquelas balas passavam bem ao lado de seu ouvido. O coronel acelerou o nado sem no entanto largar a pasta. Pouco a pouco a frequência dos tiros diminuiu até parar. Sentindo-se seguro, ele afinal resolveu subir à superfície. Precisava de ar desesperadamente.

Ao encontrar a superfície, não soprou a água de seu *snorkel* para não denunciar

sua posição. Apenas soltou-o de sua boca e deixou que a água descesse de volta para o mar, suavemente, enquanto girava seu próprio corpo em direção da praia. Mantendo-se na superfície, com uma constante mas lenta batida de pernas, o coronel buscou seus perseguidores com os olhos, freneticamente. No entanto ele já estava a algumas dezenas de metros mar adentro e percebeu que ninguém o havia seguido. Aliviado, o coronel inspirou e expirou com voracidade sem se preocupar tanto em fazer ruído. Havia feito enorme esforço e estava ofegante. Mas mesmo aquilo ainda foi insuficiente para que seu fôlego voltasse ao normal. Retirou a máscara com uma das mãos

enquanto segurava a preciosa pasta com a outra. No entanto, sabendo que não poderia perder mais um instante sequer, recolocou a máscara e o *snorkel* na boca. Deu as costas para a praia e voltou a nadar.

"O U-162 não vai esperar mais do que poucos minutos pelo meu sinal. Devo me apressar." - raciocinou.

Ele carregava uma pequena lanterna à prova d'água e, com ela, deveria fazer um sinal combinado, às 4h, para o submarino. O U-162 se identificaria, em código, e o coronel mais uma vez responderia emitindo lampejos com sua lanterna, informando a execução do emergencial plano B. O submarino então enviaria um bote para resgatá-lo.

A janela de tempo de espera combinada, no entanto, era de apenas quinze minutos. Ou seja, o primeiro sinal poderia ser recebido até às 4h15 ou o coronel simplesmente perderia o transporte. O não comparecimento do agente indicaria ao submarino que houve algum problema e que este deveria aguardar novo contato via rádio, e começaria tudo outra vez. Nesse caso o coronel seria obrigado a nadar de volta e, muito pior que isso, ao chegar à praia teria que enfrentar desarmado os agentes americanos, que poderiam estar esperando por ele.

"Nem pensar!" - afastou de si o coronel esses pensamentos. "Estarei lá!"

Como se tivesse dado uma ordem para si mesmo, aumentou o ritmo de suas pernadas e ganhou um pouco mais de velocidade.

Mas calculou que ainda era pouco. Sabia que, para ganhar mais velocidade, precisava também de suas potentes braçadas. Sabendo que agora estava em águas mais profundas, esticou os braços para trás e soltou a pasta lentamente, até colocar as mãos na corrente que a prendia. Sem parar de nadar um instante, soltou a corrente com muito cuidado, mão após mão, até que ela ficasse totalmente esticada. Com as mãos livres, começou a dar braçadas. Após duas ou três braçadas já sentia o peso da pasta puxando-o para baixo e para trás.

Aumentou o ritmo das braçadas e rebocou a pasta, cada vez mais para mar aberto.

De tempos em tempos conferia a rota olhando para a bússola em um de seus pulsos. Ao olhar no outro pulso e conferir novamente o relógio, estimou sua posição e finalmente tranqüilizou-se:

"Acho que estou no horário."

CAPÍTULO LII

Nas areias da praia do Leblon o clima era de funeral para um pequeno grupo de pessoas que olhava, incrédulo, para o mar. Os americanos não podiam acreditar que, depois de tanto esforço, por tão pouco não conseguiram pôr as mãos no agente alemão. John era o mais preocupado de todos. Sabia da gravidade da situação e das terríveis conseqüências.

Mas simplesmente não havia nada o que fazer. Essa era a única e inevitável certeza. O coronel alemão, todo de preto, era invisível na noite escura.

Além disso, sem qualquer equipamento de mergulho, sair nadando a esmo seria totalmente inútil.

Ferido no corpo e na alma, não restou a John outra opção, exceto suspender a caçada. No entanto, precavido, virou-se para dois agentes e ordenou-lhes que ficassem ali de plantão até o dia clarear, apenas para certificarem-se do óbvio: que o agente alemão escapara.

Um profundo pesar abateu-se sobre todos até que o silêncio foi quebrado:

"E quanto a mim?" - perguntou Schmidt.

A total inutilidade daquele homem fez John de repente sentir náuseas.

"Larguem-no aqui." - disse ele apenas.

"Vocês não podem fazer isso!" - protestou Schmidt.

"Não podemos por quê?" - respondeu John.

Após o inútil protesto de Schmidt, que mal podia arrastar-se, John completou:

"Estou cumprindo minha parte no acordo. Estou te dando a liberdade. Sorte sua se não for pego pela polícia local. Mas garanto que será bem pior se for pego pela Gestapo."

Aquelas palavras fizeram com que Schmidt sentisse a realidade mais dura do que nunca. Sabia que estava só e que não tinha tempo a perder. Rolou para o lado e começou a arrastar-se em direção à rua, para a sua base. Ao mesmo tempo

os agentes americanos levantaram John e iam começar a andar em direção a seus carros quando ouviram de novo aquela mesma voz insuportável:

"Tenho outra proposta a fazer." - disse Schmidt.

Muito surpreso, todo o grupo parou de repente.

"Continue." - disse John. "Espero que valha a pena."

"Todos nós sabemos que o coronel partiu para embarcar em um submarino alemão, que o levará de volta."

Ninguém, em especial John, podia acreditar no que ouvia. A coisa mais incrível que alguém jamais pensaria em ouvir seria a traição de um agente da

Gestapo.

"Se me levarem até a rua eu mostro a vocês onde tem um barco. Com ele vocês poderão perseguir o coronel."

"Coronel." - pensou John. "Os alemães também sabem que isso é muito importante. Por isso nós também temos urgência em recuperar os mesmos papéis." - concluiu ele.

"Negócio fechado!" - disse John. "Levem-no para onde ele indicar." - ordenou a dois de seus agentes.

Schmidt apontou em direção à moita onde, sabia ele, estaria o barco. Ele não sabia ainda porque o coronel havia optado pelo Plano B e, em seu íntimo, estava muito preocupado.

"Será que alguém teria roubado o barco?" - preocupava-se ele.

Mas ao chegarem à moita encontraram o bote exatamente onde ele havia deixado. Um dos americanos gritou:

"Hei! Não há remos aqui!"

Subitamente Schmidt lembrou-se que havia retirado os remos do barco e que os colocara mais para cima, em direção à rua. Na escuridão da noite era muito difícil enxergá-los. Mas isso também explicava por que o coronel havia optado pelo Plano B.

"Não foi uma opção. Foi um motivo para ele me odiar ainda mais."

Sem hesitar, disse para os agentes: .

"Procurem pelos remos um pouco mais na direção da rua."

De fato, em instantes os americanos voltaram com os dois remos. Sem perder mais tempo, pegaram o barco e o arrastaram em direção ao mar. O bote não suportava muitas pessoas, então John, ferido, decidiu ficar com Bertha na praia, e ordenou que dois agentes fossem atrás do coronel.

Enquanto o bote entrava rápido mar adentro, John olhou para trás, em direção à rua. Viu um homem mancando horrivelmente, que quase se arrastava pela rua, e, inesperadamente, teve muita pena de Schmidt. Na verdade, depois daquele dia nunca mais se ouviu falar do agente Herbert Schmidt, da Gestapo.

CAPÍTULO LIII

Enquanto nadava, o coronel Von Wiesen relembrou sua juventude esportista. Havia sido campeão de natação europeu no início da década de 1930 e, na Olimpíada de 1936, em Berlim, havia recebido medalha de ouro de Hitler, em pessoa. Daí veio uma admiração mútua e um irrecusável convite para que o esportista e herói nacional Franz von Wiesen se tornasse oficial de confiança da polícia secreta de Hitler, a Gestapo. Ele fez pessoalmente a recomendação a Himmler.

Inteligente, não demorou até que Von

Wiesen fosse promovido e, já no início da guerra, em 1939, devido a sua alta eficiência nas missões que lhe eram passadas, foi-lhe dada a patente honorária da SS Standardtenführer - Líder de Regimento. Esta patente também era conhecida como Oberst, ou, conforme sua equivalência em outros exércitos, coronel.

No início de 1941, quando a Alemanha parecia imbatível, foi-lhe feito um convite para Alto Comissário da Polícia e SS. Esses líderes eram oficiais seniores do Partido Nazista, que comandaram grandes unidades da SS durante, e mesmo antes, da Segunda Guerra Mundial. Esse posto era um dos mais poderosos da Alemanha nazista e

respondia somente a Hitler ou Himmler. A seguir, a lista dos nomes mais importantes da SS durante a guerra. A maioria acabou morta na frente oriental ou cometeu suicídio logo após a prisão. O "Von" no nome de muitos deles significa origem nobre, assim como o coronel Franz von Wiesen.

*Comissário Supremo da Polícia e SS da Itália: **Karl Wolff***

*Alto Comissário da Polícia e SS do Elba: **Udo von Woyrsch***

*Alto Comissário da Polícia e SS de Donau: **Ernst Kaltenbrunner***

*Alto Comissário da Polícia e SS da Bohemia: **Karl Hermann***

Frank

*Alto Comissário da Polícia e SS
do Norte da Rússia: **Friedrich
Jecklen***

*Alto Comissário da Polícia e SS
do Mar Negro: **Richard
Hildebrandt***

*Alto Comissário da Polícia e SS
da Costa Adriática: **Odilio G.
Globocnik***

*Alto Comissário da Polícia e SS
da Holanda: **Hanns Albin
Rauter***

*Alto Comissário da Polícia e SS
da Rússia Central: **Erich von
Dem Bach***

Alto Comissário da Polícia e SS

da Polônia: Friedrich Wilhelm Krüger

Líder da Polícia e SS de Varsóvia: Jürgen Stroop

Líder da Polícia e SS da Cracóvia: Julian Scherner

No entanto o coronel Franz von Wiesen recusou o convite, pois queria continuar em ação. As missões que lhe eram passadas eram escolhidas a dedo, e foram todas cumpridas exemplarmente. Essa seria só mais uma.

Após vários minutos nadando com energia, o coronel precisava fazer uma pausa. Consultou seu relógio, eram 3h55. "Quase na hora." - raciocinou ele.

"Mas devo estar muito próximo do local combinado. Vai dar certo."

Após parar, a pasta afundou lentamente na água e em instantes ele sentiu-lhe o peso puxando-o para baixo. Para manter-se à tona, precisou bater as pernas um pouco mais rápido. Após mais alguns instantes, olhou para o pulso direito. Conferiu a direção e percebeu que estava ligeiramente fora da rota. Corrigiu girando o corpo e começou a bater as pernas de novo. No entanto, ao girar, a fina corrente que pendia sob ele engançou-se caprichosamente na presilha de sua nadadeira direita.

O coronel, extremamente focado em chegar ao ponto combinado, só percebeu o que aconteceu quando, ao dar uma

pernada com mais vigor, sentiu um puxão na cintura. Parou de imediato, mas era tarde demais. A corrente se partira na fivela da nadadeira e a pasta já afundara. Desesperado, o coronel foi o mais fundo que pôde, na mais absoluta escuridão, mas nada encontrou.

"Só há um jeito de resolver isso." - pensou, ao subir para respirar mais uma vez. Consultou o relógio e percebeu que já eram 4h05.

"O submarino é minha única esperança." - pensou o aflito coronel, para convencer a si mesmo a abandonar a busca.

Sem perder mais tempo, pegou sua pequena lanterna e enviou uma

seqüência de lampejos em código em direção ao mar aberto. Quase que de imediato, bem próximo dali, outra seqüência de lampejos voltou em sua direção. Aliviado mas com pressa, o coronel não esperou o bote chegar. Partiu nadando com velocidade na direção de onde vieram os lampejos.

Ao subir no convés do submarino, sem fôlego, encontrou o conhecido capitão Wattenberg. Este, no entanto, olhou com surpresa o coronel. Dirigiu uma respeitosa continência àquele homem cansado mas não resistiu em perguntar:

"Coronel, o senhor não deveria trazer um pacote?"

Espumando de raiva e sem rodeios, o

coronel respondeu apressado, mostrando o pedaço de corrente que sobrara e que agora pendia de seu cinturão:

"A corrente partiu-se. Preciso de sua ajuda para resgatar o pacote."

"Claro, coronel. De que o senhor precisa?"

"Resgate manual."

"Resgate manual?" - perguntou mecanicamente o capitão.

Virando-se para o capitão, o coronel rosnou:

"Agora! Rápido!"

CAPÍTULO LIV

Um pouco mais calmo e lembrando-se da competência do capitão do submarino, o coronel achou que precisava explicar a operação. Afinal, podia ser que surgisse alguma boa idéia.

"Capitão, nesta profundidade o sonar não vai funcionar. E mesmo que funcionasse, não detectaria um pacote tão pequeno. Preciso de todos os seus mergulhadores para fazer a busca e o resgate manual. O senhor conhece o procedimento, não?"

"Sim, coronel, é claro que conheço. Vou

mandar chamar os homens imediatamente."

O resgate manual é simples e engenhoso, como é ensinado até hoje em cursos de mergulho. Uma dupla de mergulhadores desce até o fundo com um cabo, que pode medir vários metros. Um dos mergulhadores segura uma ponta do cabo e posiciona-se junto ao outro mergulhador. O mergulhador que está na ponta do cabo realiza voltas ao redor do que está no centro, e que deve ficar imóvel. A cada volta completada, o mergulhador do centro libera uma braçada de cabo. Assim, o mergulhador em movimento realiza um percurso próximo a uma espiral ao redor do outro, e cobre uma grande área no fundo.

Além disso, o cabo esticado entre eles sempre pode enroscar no objeto procurado.

De imediato o capitão deu ordem para que os mergulhadores se preparassem. O próprio coronel queria voltar e sentou-se por alguns momentos para descansar. Ele estava seguro de que, com o procedimento, a pasta seria recuperada pois tinha certeza da posição onde ela afundara. O mar estava calmo, com água morna, e ali não era tão fundo para quem tinha equipamento de mergulho. O coronel estava de fato confiante.

Quando os primeiros mergulhadores já se apresentavam no convés, prontos para entrar em ação, ouviram o ruído de um velho motor diesel que se aproximava

em sua direção. O capitão ordenou que o artilheiro se preparasse para atirar com o canhão de proa, e também ordenou silêncio absoluto na embarcação. Seria bem melhor se pudessem continuar a operação em absoluto sigilo. Ah do convés puderam notar uma luz fraca vindo do barco. A luz refletia em dois varões laterais que saíam em direção perpendicular ao barco.

"Barco pesqueiro." - comentou o capitão Wattenberg. "Está rebocando redes. Vamos aguardar ele passar, pois seria muito arriscado mergulhar onde há redes."

"Eu sei!" - respondeu o coronel, com aspereza.

Os minutos custaram a passar. O coronel Von Wiesen estava muito ansioso para voltar à água mas sabia que antes de resolver o problema do barco que se aproximava, de fato isso não seria possível. Mais alguns minutos e perceberam que o barco, afinal, passara entre eles e a terra firme. Seguros de que o barco estava se afastando, os mergulhadores todos pularam na água. O coronel Von Wiesen mais uma vez consultou o relógio e sabia que tinham pouco tempo. Já eram quase 5h e eles tinham no máximo uma hora para trabalhar. Mas, ele acreditava, seria tempo suficiente.

No fundo plano de areia as duplas trabalhavam sem cessar, realizando o

procedimento de busca e resgate manual várias vezes cada uma. Sem ter como se comunicar na escuridão do final da madrugada, o combinado era que todos fariam as buscas até que não houvesse mais ar disponível nos tanques e só então retornariam ao barco. O suprimento de ar, naquela profundidade, poderia durar cerca de uma hora.

Tudo o que se via no fundo era o eventual fecho de luz da lanterna submarina de uma ou outra dupla que trabalhava perto. O silêncio só era quebrado pelo som do próprio ar que se soltava e que, ganhando a liberdade, corria rápido para cima, em bolhas cada vez maiores, formando a figura de um cogumelo. No submarino mantinha-se

atenta vigilância ao sonar, e os ouvidos aguçados no convés, para qualquer pedido de ajuda. Ninguém dormia e a idéia era que o bote fosse de imediato resgatar a dupla de mergulhadores assim que esta informasse que havia achado o pacote. No entanto os minutos se passavam e ninguém havia pedido o bote.

De repente um dos marinheiros no convés chamou o capitão:

"Capitão, contato a estibordo, a 45°".

Todos, inclusive o capitão Wattenberg, olharam naquela direção. Para seu absoluto espanto, viram um bote que se aproximava com rapidez. Havia dois homens remando freneticamente.

CAPÍTULO LV

O capitão ordenou então que dessem armas ao marujo que já estava no bote, e que seu imediato também descesse armado, para interceptar os desconhecidos.

Em segundos o bote alemão disparava em direção ao americano. Do submarino, o que os homens podiam fazer era observar toda a cena que se passava bem acima dos mergulhadores.

Assim que os americanos viram o submarino, pararam de remar e se agacharam, seguindo o instinto. Mas era

tarde: o bote alemão já vinha em sua direção. Aguardaram um pouco mais e abriram fogo.

Os tiros passaram perto do alvo mas não feriram ninguém. No entanto, foi o suficiente para que os dois homens do bote alemão revidassem. Vendo a cena do convés, o capitão ordenou que o marujo em cima da torre do submarino também abrisse fogo com sua espingarda.

A troca de tiros foi rápida, porém intensa. Após alguns momentos os tiros cessaram por completo e ouviu-se apenas o som do mar que, indiferente a tudo aquilo, continuava batendo no casco do submarino, sempre no mesmo ritmo. Ambos os botes flutuavam, mas

aparentemente ninguém se mexia.

O capitão Wattenberg ordenou cessar fogo e continuou a observar os botes em que não parecia haver movimento algum.

Passaram-se alguns instantes até que, no bote alemão, o imediato se levantou devagar, para observar melhor. De lá, gritou para o capitão:

"Capitão, o marinheiro Werner está morto."

O capitão ficou chocado mas sabia que isso poderia acontecer, e gritou de volta:

"E você? Está bem?"

"Sim, estou bem, capitão. Tive sorte."

"E no outro bote?"

"Ninguém se mexe ali. Parece que estão mortos também. Peço permissão para verificar, senhor."

O capitão ouviu aquilo e pensou:

"Homem de coragem. Sabe que pode levar um tiro de repente."

"Está bem, permissão concedida. Mas tome cuidado."

"Sim, senhor."

O imediato começou a remar com cautela, sempre olhando para o bote americano. Aproximou-se o bastante para ter certeza de que de fato os dois homens não se mexiam. Com a ponta da arma, empurrou um deles que, mesmo assim, não se mexeu. Mas quando fez a mesma coisa com o segundo homem este

soltou um gemido.

"Capitão, um deles está vivo!" - gritou em direção ao submarino.

"Jogue as armas deles no mar."

"Sim, senhor."

O imediato, com dificuldade para se equilibrar no bote, pegou as armas dos dois americanos e as jogou no mar.

O capitão passava por um dilema. Não queria abandonar o homem ferido mas não poderia levá-lo consigo. Após alguns instantes, gritou de novo em direção aos botes:

"Tente empurrar o bote na direção da praia e volte para cá agora. Não traga o ferido."

"Sim, senhor."

O imediato cumpriu a ordem dada e os homens do convés apenas observaram o bote que se afastava do submarino devagar. Ao se aproximar do convés, novo dilema se abateu sobre o capitão. O que fazer com Werner? Também não poderia levá-lo e não havia tempo para um funeral completo.

Mandou que seus homens no convés montassem guarda de honra, fez uma rápida prece ali mesmo em nome do marinheiro morto e ordenou que fosse jogado ao mar. Sob a vista de todos, o marinheiro Werner afundou no mar, para nunca mais voltar.

CAPÍTULO LVI

Como esperado, uma hora depois, devido ao esforço do início das buscas, algumas duplas já estavam com o ar na reserva e viram-se obrigadas a retornar. Os mergulhadores procuravam sua dupla e, apontando a lanterna para si, passavam a mão espalmada em frente da garganta, deixando claro que não poderiam continuar a busca.

Os primeiros mergulhadores voltaram ao barco quando o dia começou a clarear. As poucas estrelas da noite escura já não podiam ser mais vistas e o céu estava cada vez mais claro. A última

dupla a retornar foi, naturalmente, a em que estava o coronel, que insistiu na busca até ficar sem ar e ter que fazer uma subida de emergência. Ao se aproximar do submarino, já com os primeiros raios da manhã batendo no casco, o coronel tinha a esperança de que alguém tivesse encontrado seu precioso pacote. Mas ao chegar próximo percebeu que os homens no convés também tinham a mesma esperança em relação a ele. Ao trocarem o mesmo olhar, todos compreenderam de imediato a terrível situação. O coronel, sem saída, subiu ao submarino espumando de raiva. Arrancou o equipamento de mergulho com força enquanto caminhava para a escotilha de entrada. Percebeu o

bote cheio de sangue, o que o fez estancar. Virou-se para o capitão Wattenberg, que estava impassível como sempre, e perguntou:

"O que aconteceu aqui?"

"Um marinheiro foi morto."

"Morto? Como?" - de imediato o coronel lembrou dos americanos.

"Um bote apareceu no meio da escuridão, vindo da direção da praia. Mas a situação está sob controle. Tivemos que nos defender, pois eles abriram fogo."

"E onde está o outro bote? E a tripulação?"

"Matamos um de seus ocupantes e

deixamos o outro muito ferido. Mandei deixar o bote à deriva. Não havia opção."

O sol saía e era cada vez menos seguro continuar ali. O imediato, sempre útil, interrompeu a conversa:

"Capitão, precisamos ir."

"Coronel, entre por favor. Vamos submergir, pois com a luz do dia não podemos ficar tão perto da costa."

O coronel, contrariado, continuou seu curso em direção a escotilha. Ao chegar lá, atirou o equipamento de mergulho para dentro e desceu a escada, saltando os degraus. Ninguém teve coragem de dirigir-lhe a palavra. "Submergir!" - ordenou Wattenberg.

"Submergir!" - repetiu o imediato.

Em minutos o submarino mergulhou em direção à segurança. Dentro, o coronel discutia a situação com o capitão enquanto o barco ganhava águas cada vez mais profundas.

O capitão Wattenberg considerava a missão cumprida e queria voltar para uma base alemã. O coronel, entretanto, fez valer sua posição superior para exigir que a busca continuasse na próxima noite. A tripulação ouviu calada, com respeito, toda a discussão, e percebeu que não haveria argumento. Teriam que ficar ali por perto de dia para poder voltar de madrugada e continuar a busca. Todos estavam muito cansados pelo esforço e a frustração.

Foram dormir, contrariados, na esperança de conseguir recuperar o importante pacote na noite seguinte, pois teriam mais tempo para a busca. Seria possível recarregar os cilindros de ar comprimido e fazer vários mergulhos em seqüência. A estratégia estava traçada e apenas a tripulação essencial continuou acordada para manter o submarino navegando.

Na superfície, entretanto, um bote continuava a ser levado pelas ondas em direção à praia.

CAPÍTULO LVII

John não podia mais suportar sua dor e foi obrigado a retornar à embaixada para ser medicado. Pediu a Bertha que o acompanhasse e deixou seu último agente, Jerry, de prontidão na praia à espera de qualquer novidade. Ao chegar à embaixada ordenou que um outro agente, Mike, fosse ao Leblon e formasse dupla com Jerry. Afinal, este era o procedimento: jamais alguém deveria *operar* sozinho.

Na praia do Leblon dois sonolentos agentes americanos estavam de pé e olhavam em direção ao mar. Vez por

outra um olhava para o outro, mas não podiam fazer muito mais do que isso devido à escuridão da noite. A única coisa a quebrar a monotonia do ruído grave das pequenas ondas era o acender dos cigarros. Fumados quase que um atrás do outro, já havia uma grande quantidade de restos de cigarros espalhados aos pés dos dois americanos.

O romper do dia os colocara mais despertos mas ao mesmo tempo fez com que a realidade fosse mais presente. Apesar de não saberem dos exatos detalhes do que havia no tal pacote, eles sabiam que sua perda para os alemães era gravíssima.

John ordenou que os dois homens, Jerry

e Mike, ficassem esperando em pé o retorno do bote. O som de tiros vindos da escuridão havia deixado Jerry muito apreensivo mas, uma vez mais, não havia nada a fazer a não ser esperar o raiar do dia. Assim que Mike chegou, Jerry o atualizou contando o ocorrido.

Com a luz da manhã, de repente um dos agentes virou para o outro e chamou-lhe a atenção:

"Jerry! Olhe ali, na Unha do horizonte. O que você acha que é aquilo?" - disse Mike, muito surpreso com o que via.

Jerry, um rapaz ruivo, filho de irlandeses, acompanhou a direção apontada pelo colega, mas manteve-se calmo.

"Aquilo destoia da paisagem. Uma mancha bem grande contra o sol nascente, não?" - comentou Jerry, apertando os olhos ofuscados pela luz solar.

Após alguns instantes, no entanto, eles perceberam que a tal mancha se movia e afundava lentamente. Em um último momento antes de sumir de vez no mar, perceberam que uma haste se levantou direto para o céu. A haste caminhou por alguns instantes em cima da água até que ela também desaparecesse.

"Um submarino!" - exclamou Jerry, atônito. Ele sabia com exatidão o que aquilo significava e que poderia resumir-se em uma única palavra: esperança.

Jerry correu à procura de um telefone.
Ligou para a embaixada.

"Embaixada dos Estados Unidos." -
atendeu um *marine*.

"Eu preciso falar *agora* com o agente
John!" - disse Jerry, nervoso.

"Lamento, mas ele está sendo
medicado." - respondeu o *marine*.

"Ainda?"

"Sim, é que não havia médico de plantão
e tivemos que localizar o doutor."

"Ok, mas isso é uma emergência muito
grave. E ele mesmo pediu que fosse
interrompido. Chame-o imediatamente."

Contrariado, o *marine* respondeu:

"Ok, vou ver se ele pode atender. Aguarde."

Do outro lado da linha, Jerry estava impaciente. Quis acender mais um cigarro, mas, ao pegar o maço, percebeu que estava vazio. Amassou-o com violência e atirou-o o mais longe que conseguiu. Alguns minutos se passaram até que uma voz fraca, mas familiar, disse:

"Alô."

"John, aqui fala o Jerry."

"Sim, Jerry, continue."

"Com o raiar do dia, o Mike e eu vimos uma mancha escura no horizonte que com certeza era um submarino."

"Não é possível!" - comentou John. "Os alemães, sempre muito precisos, devem ter tido algum problema grave. O submarino jamais ficaria ali por tanto tempo sem um motivo importante." Sem perder mais tempo, quis, ele mesmo, ir até o Leblon. O médico protestou mas isso não teve a menor importância. John *precisava* ir até lá. Vestiu de novo sua camisa ensangüentada. Procurou pelo paletó e chapéu, vestindo-os com dificuldade devido ao ferimento e ao curativo. Ao sair da sala de atendimento médico, deparou-se com Bertha. Os olhos dela fitaram os dele e a resposta foi instantânea. Por um momento John hesitou, diminuindo o ritmo. A calma da moça irradiou para ele, fazendo com que

parasse para respirar, aliviando a ansiedade. Ela com certeza lhe fazia bem e ele pediu-lhe, com carinho, que fosse com ele.

Andaram com calma até o carro e John, como de costume, caminhou em direção a porta do motorista. Cansado, ferido e sonolento, parou por um instante quando abriu a porta e percebeu a idiotice que estava fazendo. Humilde, pediu a Bertha que dirigisse para ele e eles trocaram de posição. Bertha, inteligente e independente, sabia dirigir há muito tempo, mesmo antes de vir para o Brasil. Observando a segurança dela ao volante John sentiu-se tranqüilo. Recostou-se no assento do carro e baixou um pouco o chapéu até cobrir

parte do rosto. Em segundos estava dormindo.

Bertha levou-o até o Leblon e estacionou o carro enquanto ele ainda dormia. Não queria despertá-lo, mas sabia da gravidade da situação. Chegou o rosto perto do dele e, baixinho, chamou:

"Acorde John, pois já chegamos."

Ele acordou sobressaltado, quase envergonhado por ter dormido tão profundamente. Mas o descanso, apesar de breve, fez com que se sentisse com as energias recobradas. Caminharam rápido em direção à praia, onde encontraram Jerry e Mike no mesmo ponto onde haviam estado de

madrugada.

Com segurança, Jerry contou novamente o que viu, apontando em direção ao mar aberto, onde havia visto o submarino pela última vez. Tendo acesso a documentos militares sigilosos John comentou:

"Sei que não era um barco aliado, ontem mesmo conferi a lista de nossos submarinos no Atlântico Sul. Então só pode ser inimigo."

Ele só não fazia idéia do que poderia ter acontecido ali depois que foi embora para tratar de seus ferimentos. O grupo olhou para John, aguardando suas instruções, mas ele pela primeira vez simplesmente não sabia o que fazer, e

sentiu-se frustrado. Angustiado, esperou que alguém desse uma sugestão inteligente. O sol já estava forte e o calor o seguia. De repente, um a um, puseram-se a observar um pequeno bote que parecia se aproximar da praia. Ninguém disse uma palavra por alguns minutos, pois era possível perceber pelo menos um corpo, e não havia qualquer movimento a bordo. John, temendo o pior, ordenou a Mike e Jerry que trouxessem o bote para a praia.

Quando eles chegaram, as palavras que foram ditas somente confirmaram o que John já havia percebido em seus rostos.

"Perdi três agentes em uma única noite. Maldito seja aquele pacote e que afunde no meio do oceano!" - praguejou ele.

CAPÍTULO LVIII

Perto dali, um pequeno barco de madeira dirigia-se para o humilde porto de origem. Seu capitão, senhor José Carlos, tinha pressa. Apesar de estar cansado, assim como toda a tripulação, que passara a noite pescando no mar ao longo das praias da Zona Sul, ele queria ir logo para casa. O barco era um daqueles pesqueiros lentos que faziam pesca de arrastão com redes. O casco do pequeno barco estava mal cuidado e com a pintura descascando. Mal se podia ler o nome, que fazia menção a um santo. Diariamente aquele grupo de

camaradas saía no início da noite e ia até a ponta da Urca. De lá, retornava para o ponto de origem, tendo ao largo Copacabana, Ipanema e por fim o Leblon.

O capitão José Carlos e sua tripulação, antes de voltar para o porto, pararam seu barco por um momento. Puxavam as redes para dentro, para guardá-las, e separavam manualmente os camarões e peixes, que eram colocados em caixas ali mesmo no convés. Alguns peixes, muito pequenos, eram jogados de volta para o mar.

Subitamente o senhor José Carlos percebeu algo muito diferente enrascado em sua rede. De peixe, aquilo não tinha nada. Mas, como ele mesmo costumava

dizer:

"Nunca se sabe o que o mar vai nos trazer."

Daquela vez era um pacote de um material que ele não conhecia, de cor negra. Pediu ajuda para um de seus homens pois o pacote estava muito enrascado na rede e poderia parti-la, o que causaria um desagradável prejuízo. Eles mesmos faziam os reparos da rede, manualmente, usando grandes agulhas para fazer as costuras.

Intrigado, o senhor José Carlos separou o pacote, deixando-o no convés do barco. Voltou para a sua atividade e ajudou seus homens a terminarem de colocar o pescado nas respectivas

caixas. Olhou satisfeito para o resultado de seu trabalho, tentando avaliar o lucro.

"Vamos para o porto." - ordenou ele.

Imediatamente seus homens puseram o barco em marcha de novo e rumaram sem mais nenhuma parada, direto para casa. Ao chegar lá, desembarcaram as caixas com peixes e camarões para o cais, e dali as transportaram para o armazém resfriado. Um a um os marinheiros pegaram suas coisas e foram embora descansar. O último a deixar o barco foi o capitão.

Ele já ia embora quando lembrou do estranho pacote. Voltou ao barco para pegá-lo, limpou-o e resolveu levar para casa consigo.

Já em casa, o senhor José manuseou o pacote tentando entender em vão do que se tratava. Ele pegou alguma ferramenta rústica e com muita dificuldade conseguiu abrir aquilo. Lá dentro encontrou uma pasta intacta. Abriu a pasta e, para sua decepção, viu alguns desenhos e vários papéis em uma língua muito estranha. Ao ver aquilo, perdeu imediatamente o interesse.

"A única coisa útil aqui é este pedaço de corrente. Material muito bom, não enferrujou na água."

Para ele a pasta em si não tinha o menor valor. Cansado, pôs a pasta embaixo da cama e foi dormir. Ele sabia que teria que voltar ao mar naquela mesma noite e começar tudo de novo, pois vivia da

pesca.

"Ah se fosse dinheiro..." - sonhou.

Segundo alguns relatos, um submarino apareceu noites seguidas ao largo da praia do Leblon, durante o mês de maio de 1942. Durante o dia, na mesma praia do Leblon e naquela mesma época, muitos estrangeiros falando inglês foram vistos por ali. Eles vinham com homens-rã, que ficavam o dia todo procurando algo no mar em frente. O movimento durou dias, talvez uma ou duas semanas, e finalmente cessou.

A pasta, como se sabe, jamais foi encontrada pelos agentes alemães nem pelos americanos.

CAPÍTULO LIX

Algumas semanas depois, logo após o meio-dia, entrou na casa simples do senhor José Carlos, a professora Lourdes, que acabara de voltar da escola estadual local. Viu que seu marido estava dormindo e, sabendo da vida dura de pescador que ele levava, tomou cuidado para não fazer nenhum barulho.

Mas naquele dia ela resolveu fazer uma limpeza mais profunda na casa. Procurava com freqüência alguma tarefa caseira para se distrair enquanto esperava o marido acordar. Ao passar a

vassoura por baixo da cama, ficou muito surpresa em bater em algo que ela, naturalmente, não sabia que estava ali. Devido ao pequeno barulho que fez, olhou de novo para seu marido que, no entanto, continuava a dormir profundamente. Ele devia estar bem cansado. Com a própria vassoura, puxou para si o objeto no qual bateu e, surpresa, viu que não era material de pescaria. Era algo que ela jamais pensou achar debaixo da cama do senhor José Carlos.

Ao pegar a pasta, chegou a ficar chocada ao ver aquela língua escrita, que ela também não entendia.

"Será que José Carlos voltou a estudar?"
- pensou isso, mas em seguida riu

baixinho. Não acreditou que um homem semi-analfabeto pudesse estudar uma língua tão diferente sem antes aprender a própria língua corretamente. Afinal, era professora e entendia dessas coisas.

Mas, esperta, pensou um pouco e, puxando pela memória, achou que sabia *quem* poderia entender aquilo. Resolveu esperar seu marido despertar para falar com ele sobre aquela misteriosa pasta. Ela, de tão curiosa, chegou a pensar em acordá-lo mas desistiu da idéia, pois teve pena.

Próximo das quatro horas da tarde, José Carlos finalmente despertou sozinho.

"Olá, meu bem." - disse ela, com um leve sorriso.

"Olá, bom dia." - respondeu ele, sonolento.

Sem disfarçar a curiosidade, ela perguntou diretamente:

"O que é esta pasta negra que encontrei embaixo de nossa cama?"

O senhor José esfregou os olhos e os apertou para focar o objeto. Após alguns segundos, disse sem emoção:

"Lixo." - Desinteressado, levantou-se e foi até a cozinha. Lá, abriu a geladeira e pegou algo para comer.

A professora, por seu lado, seguiu atrás dele e continuou com as perguntas:

"E por que você guardou 'lixo' embaixo da cama?"

Ele deu de ombros.

"Não sei, acho que não é lixo não. Importa-se se eu ficar com ela?" - pediu a professora.

"Faça o que quiser." - respondeu ele calmamente.

A professora Lourdes guardou com cuidado a pasta. Sabia que só poderia tratar do assunto no centro da cidade, aonde ia raramente. Mas no início do segundo semestre, provavelmente no final de agosto, sabia que seria convocada para ir à Secretaria da Educação, para a reunião de planejamento para o próximo ano.

De fato, em julho ela recebeu uma carta da Secretaria chamando-a para a

reunião, que seria dia 25 do mês seguinte.

Na data marcada a professora Lourdes pegou a pasta e tomou um ônibus em direção ao centro da cidade. Ela iria à Secretaria da Educação e aproveitaria a viagem para resolver o *problema* da pasta. Aquela língua estranha, ela tinha certeza, já havia visto em algum lugar. Sabia ela que vira algo parecido no centro, próximo da área onde ficavam as embaixadas.

CAPÍTULO LX

Após resolver seus assuntos na Secretaria da Educação, a professora resolveu caminhar pelas ruas do centro do Rio de Janeiro. Ela procurava um prédio específico que, no entanto, não se lembrava bem qual era. Mas sabia que já havia visto nele uma placa com palavras parecidas àquelas das páginas na pasta.

Ela gostava muito de ir ao centro ver aqueles prédios bonitos. Ia até lá sempre que podia, pois sabia que poderia passar momentos muito agradáveis. Provavelmente, se tivesse dinheiro, teria

estudado arquitetura.

Ela caminhava pelo bairro da Glória e resolveu subir a rua Benjamin Constant. Caminhou por algum tempo e logo depois entrou na rua Cândido Mendes. Caminhava observando os prédios um por um. Sentia que estava cada vez mais próxima de seu objetivo. Finalmente, ao passar em frente ao prédio de número 157, estancou de repente:

"É aqui!" - pensou ela.

Sem perder tempo, entrou no prédio. Um senhor alto, loiro, de olhos azuis e usando óculos a recepcionou. Este senhor havia acabado de chegar ao Brasil e sabia pouco o português. Para treinar, gostava de ficar na porta para

conversar com os brasileiros, em seus momentos de folga.

"Bom dia." - disse ele com forte sotaque.

"Bom dia." - respondeu ela com um leve sorriso. Aquele calor humano simplesmente encantava os estrangeiros. De fato, o funcionário não resistiu e retornou da mesma forma, sorrindo também.

"Eu tenho esta pasta que queria mostrar ao senhor."

Ele não entendia bem o que ela queria mas respondeu polidamente:

"Claro." - seu sotaque puxava bastante pelo erre.

Ele indicou com a mão para que ela se aproximasse de uma pequena mesa de trabalho próxima dali. Lá, ela mostrou a pasta e abriu-a para que ele visse melhor. Ele ajeitou os óculos e observou, logo na contracapa, um endereço escrito a lápis. A caligrafia era bem feita, o que chamou a atenção do leitor. O nome de um país em guerra saltou-lhe imediatamente aos olhos: Deutschland. Ele leu todo o endereço, inclusive o nome do destinatário, e olhou novamente para a professora, que estava ansiosa.

"O senhor pode me ajudar?"

"Claro." - disse ele novamente. As palavras, no entanto, lhe faltavam. Mas ele havia compreendido que ela queria

que a pasta chegasse àquele destino escrito a lápis. De fato, sabia ele, na Conferência do Rio de Janeiro, naquele ano de 1942, vinte e uma nações latino-americanas reconheceram no ataque japonês a *Pearl Harbour* uma agressão ao continente e começaram a declarar guerra ao Eixo. Instruído, acompanhava os jornais e notícias diariamente, até mesmo para ajudar a aprender aquela língua tão diferente. As notícias sempre vinham com algum comentário sobre um gaúcho que conquistou fama inigualável na história do país: o senhor Getúlio Dornelles Vargas.

Bem, não é possível falar de história do Brasil, especialmente no período da Segunda Guerra Mundial, sem falar em

Getúlio Vargas. *Chuchu, Gê-Gê* e tantos outros apelidos, carinhosos ou não, dados por amigos e, é claro, pelos inimigos também. Vários livros e textos foram escritos sobre esse notável político e reconhecido nacionalista.

Mas Getúlio é também conhecido pela frase: "A lei, ora a lei.". Afinal, como poderia um ex-ditador deposto ir ao Congresso e defender sua própria ditadura? Senador da República, foi o que fez, pois tinha o direito de falar na tribuna.

Anos antes havia sido promulgada a Constituição de 1937, criada por uma Assembléia Constituinte em plena ditadura. Mas a Carta de 1937, vulgarizada pelo nome de *polaca*,

conteria uma armadilha. O artigo 177 permitia a remoção ou demissão de qualquer funcionário, mesmo que este tivesse conseguido o *direito* de continuar na função por estabilidade por tempo de serviço. Caso fosse do interesse dos mandantes, o funcionário seria *desligado*.

O próprio Vargas foi funcionário por mais de quinze anos e, afinal, teria direito a continuar em serviço.

Então, no dia em que o poder julgou Vargas desnecessário, aplicou contra ele o mesmo artigo 177 e ele foi *desligado*.

Quase tudo que Vargas criou foi perdido. A conquista dos mercados para nossa nascente indústria, sobretudo

têxtil, seria interrompida. Pior do que isso, sofreria retrocesso. O superávit conseguido com as operações comerciais durante o período da guerra, que chegou a seiscentos milhões de dólares-ouro, seriam desperdiçados em *Cadilacs* e em sobras industriais da guerra. A usina de Volta Redonda sobreviveria quase que por milagre.

Volta Redonda é considerada por muitos autores a obra prima da capacidade política de Getúlio Vargas e, portanto, é um capítulo à parte. Então vamos a ele.

CAPÍTULO LXI

Pouca gente sabe, mas o Brasil teve papel de suma importância na Segunda Guerra Mundial. Não apenas por fornecermos matéria-prima para fabricação de materiais essenciais para o esforço de guerra, nem tampouco por uma eventual participação direta no conflito, mas particularmente por termos uma localidade geográfica que teve papel estratégico essencial: a ilha de Fernando de Noronha.

Getúlio percebeu logo a importância da ilha que os Aliados queriam utilizar como trampolim para atacar o norte da

África. Ocorreu que a batalha do norte africano visava o controle de poços petrolíferos estratégicos, que poderiam alimentar a máquina de guerra de ambos os lados em conflito. Acreditava-se que quem conseguisse dominar o norte africano, e conseqüentemente os poços de petróleo, daria um fabuloso passo para vencer a guerra. Nos primeiros anos da guerra a *raposa do deserto*, o alemão Rommel, dominou todo o teatro de operações. Além disto a marinha alemã também dominava o Mediterrâneo, dificultando o suprimento ao exército de Montgomery. Os aliados precisavam de um ponto de apoio e, no mapa, esse ponto era a ilha de Fernando de Noronha.

Somente era preciso escolher o preço que o Brasil iria impor aos Aliados para ceder sua ilha estratégica.

A usina siderúrgica de Volta Redonda, hoje conhecida como Companhia Siderúrgica Nacional, somente saiu do papel graças a genialidade política de Getúlio Vargas.

Esperto, em memorável discurso na nau capitânia brasileira, em 1940, declarou que era necessário "remover o entulho de idéias mortas". Os americanos entenderam isso como posicionamento do governo brasileiro ao lado das ditaduras nazi-fascistas. Dessa maneira não teriam sua tão necessária base militar do Atlântico Sul.

Roosevelt então acenou com financiamento e apoio logístico para a construção de nossa primeira siderúrgica.

Getúlio, por sua vez, enviou emissários à Alemanha, com o mesmo objetivo. Queria saber quais eram as condições alemãs para que o Brasil entrasse na guerra ao seu lado. A Alemanha, que também via no Brasil um importante parceiro, acenou com condições ainda melhores que as americanas, cobrando juros mais baixos. A importância do Brasil, para os alemães, era constituir uma base de operações para seus submarinos no Atlântico Sul. O litoral de Santa Catarina, além de ter uma importante colônia alemã, também era

perfeito para esse fim.

É importante ressaltar que mesmo dentro do governo brasileiro havia simpatizantes declarados da ditadura germânica. Um deles era o próprio ministro da Guerra, o senhor Dutra.

Após o discurso de 1940, Roosevelt pressionou pessoalmente para que a usina brasileira se concretizasse. O apoio brasileiro era fundamental e estratégico. Roosevelt, nesse processo, chegou a transpor a lei americana.

No entanto o tempo passava e aquele ato mostrou-se insuficiente. A indústria americana, focada no esforço de guerra, não tinha tempo para atender ao pedido de fabricação de peças de uma usina

siderúrgica em outro país.

Roosevelt, em outro esforço pessoal, viajou até a cidade de Natal para acertar diretamente com Getúlio a concessão de uma base militar.

Mais uma vez, para frustração brasileira, a usina não saiu do papel.

Já havia inclusive uma localidade para a construção da usina, Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Essa cidade adquiriu, posteriormente, o apelido de *Cidade do Aço*.

Vargas, partindo para o tudo ou nada, ordenou que seus emissários que voltavam da Alemanha fizessem uma parada *estratégica* nos Estados Unidos. Lá espalharam que a ajuda alemã era

mais concreta e imediata e que, *talvez* o governo brasileiro iria se decidir pelo lado alemão. Ao saber disso, Roosevelt, decidido, considerou a usina siderúrgica brasileira também um esforço de guerra. A partir daí a indústria americana seria obrigada a fabricar os componentes para a siderúrgica brasileira.

Essa foi a saída negociada para a situação e, até hoje, podem ser vistas estruturas da base americana na linda ilha de Fernando de Noronha. Mergulhadores e turistas do mundo todo podem se hospedar em abrigos montados pelo exército americano.

O que não é divulgado é a saída não negociada. Já havia planos concretos de invasão do Rio de Janeiro pelos

americanos caso o Brasil pendesse para o lado alemão.

CAPÍTULO LXII

Getúlio Vargas, acima de tudo, foi um grande nacionalista. Teve visão suficiente para saber que era preciso proteger as riquezas nacionais de interesses estrangeiros.

Ao voltar ao poder nos braços do povo, ele colocou em prática alguns de seus mais ambiciosos planos. Entre outros, a criação da empresa Petróleo Brasileiro S.A. ou Petrobras.

A criação dessa empresa atingiu em especial o interesse das grandes multinacionais americanas do petróleo,

que viam no Brasil enormes possibilidades de ganhos.

Seus planos não paravam aí, havia a estatização da energia elétrica através da Eletrobras e até mesmo a estatização dos bancos.

Isso, na visão dos monopólios estrangeiros, tinha que parar.

Em relação aos episódios que culminaram no suicídio de Getúlio, não é de se estranhar que há fortes indícios de participação da CIA (serviço secreto americano) no atentado a Lacerda.

Quanto ao suicídio em si, foi a forma que um político racional encontrou para sair da vida honrosamente. Percebeu que não poderia fazer frente às poderosas

forças internacionais que visavam envolvê-lo, cada vez mais, em eventos sórdidos.

Voltando a 1942, o Brasil não foi exceção e, após o apoio logístico aos Aliados, declarou guerra à Alemanha, em 22 de agosto, o que culminou no envio de nossos soldados para lutar em solo europeu. Hitler, ao tomar conhecimento da declaração de guerra brasileira, teria dito:

"A essas alturas, um Brasil a mais ou a menos não fará diferença."

Talvez estivesse certo pois devia saber, já em 1942, que não teria chance de vencer o mundo todo. Mas isso é outra história.

O motivo para o ingresso do Brasil na guerra naturalmente não foi o torpedeamento dos navios brasileiros. Isso foi apenas uma desculpa. Os Estados Unidos praticamente compraram o apoio brasileiro com a Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, de Volta Redonda, no Rio de Janeiro - e outras obras de infra-estrutura, e com a liberação de crédito internacional.

Com a declaração de guerra, ocorreu um caso muito curioso, decorrente da apreensão do navio alemão Windhuk no porto brasileiro de Santos. Até aí nada demais, seria a atitude normal a fazer. Mas isso foi em 1942 e a guerra só terminaria em 1945. O que fazer então com os prisioneiros? Outra informação

afastada do grande público é a de que, durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1945, em duas cidades brasileiras, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, existiram campos de concentração. Ali ficaram prisioneiros os 244 alemães do navio de carga e turismo *Windhuk* - Canto do Vento. O *Windhuk*, aliás, foi considerado na época o maior transatlântico do mundo. Essa história o governo brasileiro tentou abafar por décadas. O Campo de Concentração de Pindamonhangaba funcionou onde hoje é a Estação Experimental de Zootecnia.

Nossos campos de concentração, em vez de torturas e câmaras de gás, forneciam aos prisioneiros de guerra jogos de

futebol e contatos com as moças locais. A maior consequência desses contatos é que três dos prisioneiros acabaram se casando com moças de Pindamonhangaba. Vários outros prisioneiros ficaram por aqui mesmo e não voltaram mais para a Europa.

Houve até o caso de uma criança que nasceu em pleno campo de concentração, que foi Carl Braak, em 1944, em Pindamonhangaba.

Sem dúvida esse é, entre tantos outros, um dos motivos pelos quais os estrangeiros adoram tanto esta terra.

CAPÍTULO LXIII

"Seu nome, por favor." - perguntou gentilmente aquele senhor para a professora, que estava no *hall* de entrada da embaixada tentando ler os folhetos do quadro de avisos. Ela estava bem vestida e tinha o olhar curioso.

"Lourdes." - respondeu ela, virando-se para ele ao mesmo tempo em que abria um leve sorriso. "Professora Lourdes da Silva".

Finalmente o governo brasileiro se decidira e, dias antes, havia declarado guerra aos países do Eixo. Com a

declaração de guerra seria muito difícil ou até mesmo impossível enviar correspondência diretamente do Brasil para a Alemanha. Ainda por cima o pacote era volumoso, talvez documentos importantes que não poderiam ser perdidos. Aquele senhor concluiu, então, que ela foi até ali pedir sua ajuda. Ele abriu a mão direita e fez um gesto, e ela entendeu que devia aguardar um instante. Ela sorriu novamente e virou-se para os folhetos afixados. Realmente não entendia a língua mas achava divertido ficar observando as palavras.

De fato não demorou mais do que um ou dois minutos e ele voltou com o mesmo sorriso de antes. Desta vez, no entanto, tinha um bloco de anotações e um lápis

nas mãos. Ele entregou o material para a professora, que olhou para ele sem saber direito o que fazer. Ele então espalmou novamente uma das mãos e, com a outra, fingiu que escrevia sobre a primeira.

"Ah!" - exclamou ela docemente.

Ela achou um pouco estranho que tivesse que anotar seu próprio nome, afinal estava apenas devolvendo uma pasta perdida. Mas pensou que talvez se tratasse de algum procedimento burocrático de praxe. Caprichou na caligrafia e, orgulhosa, devolveu o bloco para o simpático senhor.

"Esses estrangeiros são muito organizados." - pensou apenas.

A professora Lourdes, obtendo apenas "Claro!" como resposta, concluiu que a pasta havia sido devolvida para seu legítimo dono.

"Afinal, foi para isso que eu vim." - pensou, satisfeita consigo mesma.

Ao sair do prédio olhou novamente para todos aqueles edifícios bonitos da rua, que lhe enchiam os olhos. Deu alguns passos e virou-se na direção da porta, por onde acabara de sair, para admirar o belo prédio da embaixada. Olhou para cima da porta de entrada e observou uma bandeira vermelha com uma grande cruz branca no centro. Não entendeu exatamente o que significava aquela bandeira, para ela o que importava era que a língua escrita na placa externa e

nos papéis afixados no *hall* de entrada do prédio era muito parecida com a língua escrita nos papéis daquela pasta. Satisfeita por achar ter cumprido seu dever, virou-se com um sorriso nos lábios e dirigiu-se para o ponto de ônibus. Naquele mesmo dia ela voltaria para sua simples, rotineira e, acima de tudo, vida honesta.

No dia seguinte, o solícito funcionário da embaixada encaminhou a pasta, via malote diplomático suíço. Corretíssimo, como todos os suíços são, não ousou mexer sequer em um dos papéis soltos ali dentro. Apenas colocou a pasta em uma embalagem apropriada e reescreveu o endereço que julgou ser de destino.

Após escrever cuidadosamente o

endereço de destino, virou a embalagem e, no verso, copiou o nome que havia no bloco de notas, no espaço reservado para o remetente, sem entender exatamente o que queria dizer *Professora*. Fluente em várias línguas deduziu que era a profissão da moça.

Virou novamente a embalagem e releu o nome do destinatário: "Coronel Wachtel". Este nome não lhe chamou a atenção. Ele achou que talvez se tratasse apenas de algum parente distante para o qual aquela gentil moça queria enviar aqueles papéis.

Mas o nome da cidade ele não conhecia e ficou intrigado. Era *Peenemunde*.

CAPÍTULO LXIV

No final de 1942 o coronel Wachtel, da *Luftwaffe*, chefe do *Flakregiment* 155 W, chegou a seu escritório, como fazia todas as manhãs, nas secretas instalações em *Peenemunde*, pequena cidade no interior da Alemanha. Estava muito tenso. Havia recebido ordem expressa do alto comando alemão para que colocasse em prática o projeto pessoal de Hitler de retaliar os Aliados. Ocorre que com a supremacia aérea alcançada pelos Aliados, os bombardeiros inimigos haviam conseguido alcançar o território alemão,

fazendo grandes estragos. Por esse motivo os nazistas batizaram suas terríveis armas de Armas de Represália, *Vergdtungswaffe*. Foram duas séries. Pegaram a primeira letra do nome em alemão e adicionaram um dígito, formando as conhecidas V-1 e V-2. As bombas V eram a arma-secreta que os nazistas esperavam para dar uma reviravolta na Segunda Guerra. Mas, naquele início de inverno, o projeto simplesmente não andava e Wachtel temia por sua família, caso a Gestapo resolvesse fazer algum tipo de pressão. De tão tenso o coronel quase não percebeu a embalagem diferente em cima de sua mesa. Mas a chancela suíça chamou-lhe imediatamente a atenção.

"Uma correspondência que chegou por malote diplomático suíço. O que será?" - perguntou-se o intrigado coronel. Virou o envelope e não entendeu aquele nome esquisito no remetente. Resolveu simplesmente ignorar essa informação.

Ao abrir o envelope quase não acreditou no que viu. Era o esboço de um projeto completo de motores a jato desenvolvido pelo próprio Einstein.

"Incrível! A Gestapo havia me garantido que eu receberia este projeto, mas já havia perdido as esperanças. Quanto atraso."

Imediatamente ele convocou seu corpo de engenheiros e cientistas para que estudassem as plantas.

Após alguns dias debatendo sobre o projeto recém-chegado, os cientistas e militares chegaram a uma conclusão: teriam que refazer todo seu trabalho e seguir em uma direção totalmente diferente de onde estavam. Na verdade, muito do trabalho que já tinham desenvolvido seria perdido e alguns meses mais seriam necessários para recuperar terreno.

O coronel Wachtel gelou.

"Mais atraso." - lamentou-se ele. De repente, um pensamento sinistro lhe ocorreu:

"E se o plano for falso? Apareceu aqui do nada, mesmo depois da Gestapo ter me garantido que o plano estava

perdido."

Sem hesitar, virou-se para sua secretária particular:

"*Fraulein* Helga, ligue imediatamente para Berlim."

"Com quem o senhor deseja falar, *Herr* Wachtel?"

"*Gestapo*. Himmler."

Himmler era o chefe supremo da poderosíssima SS desde 20 de abril de 1934, mas *Fraulein* Helga não hesitou e ligou imediatamente. Sabia que as ligações do coronel Wachtel seriam atendidas de imediato, pois Himmler estava pessoalmente interessado no andamento do projeto que ali se

desenvolveria.

De fato, não demorou muito e a ligação foi completada:

"*Herr* Himmler, como vai. Tenho uma notícia espetacular que pode mudar o rumo da guerra."

Himmler, do outro lado, não escondeu sua ansiedade:

"Depressa, diga-me. O projeto já está pronto? Quando vamos começar a fabricar?"

"Não é bem isso. O senhor se lembra do projeto de Einstein, que o senhor disse que receberia meses atrás, e que depois me contou que havia se perdido?"

"Sim, mas o que isso tem a ver com

nossos planos?"

"É que o projeto chegou há poucos dias até minhas mãos e tudo indica ser verdadeiro."

Seguiu-se um profundo silêncio do outro lado da linha. Elimmler tentava imaginar como aquilo seria possível. Em respeito, o coronel Wachtel ficou em silêncio até que Himmler comentasse:

"O coronel que cuidou desse caso chegou a enfrentar corte marcial. Mas os depoimentos do capitão do submarino que fez o transporte do oficial, relatando sobre um bote que o perseguiu, foi decisivo e nós o absolvemos. Na verdade, devido a sua ficha exemplar por trabalhos anteriores, continuamos a

dar missões muito importantes para ele. Até hoje esse é seu único fracasso."

Após mais uma breve pausa, Himmler prosseguiu:

"Só há uma pessoa no mundo que poderia realmente dizer se esse projeto é o verdadeiro ou não e ela não vai cooperar, pois é o próprio Einstein. Mas se há uma pessoa que poderia pelo menos dizer se é o projeto que estava com o judeu no Brasil, esta pessoa é Von Wiesen."

Mais uma rápida pausa para tomar a decisão e Himmler ordenou pelo telefone:

"Coronel Wachtel, vou enviar Von Wiesen imediatamente a *Peenemunde*.

Não execute nada até que ele valide o projeto. Pode ser uma cilada da contra-espionagem dos Aliados."

O coronel apenas assentiu e desligaram. Himmler apertou o botão do interfone e chamou sua secretária.

"Localize imediatamente o coronel Franz von Wiesen."

Em minutos ela retornou batendo educadamente na porta.

"Entre!" - disse secamente Himmler. Ao vê-la, levantou as sobrancelhas e perguntou:

"E então?"

Ela aproximou-se da mesa com um leve sorriso, como quem sabia que daria uma

boa notícia ao chefe, e respondeu:

"Von Wiesen chegou ontem à noite de Paris, onde executou uma missão contra a resistência francesa. Está aqui mesmo em Berlim, no apartamento dele, para alguns dias de folga."

"Folga cancelada!" - disse Himmler secamente.

Himmler mandou chamar dois de seus tenentes e mandou que fossem buscar imediatamente Von Wiesen em seu apartamento, onde vivia sozinho, no centro da capital alemã.

Von Wiesen sabia dos protocolos da Gestapo e quando abriu a porta da frente e viu os dois agentes ali, pensou no pior. Bem, não eram 4h da manhã. Na

verdade, o sol acabara de aparecer, mas o caso da pasta perdida nunca saiu de sua cabeça e achava que, mais ou menos dia, o próprio Himmler talvez mudasse de idéia quanto a sua inocência. Afinal, soube que logo após a corte marcial, tentaram por todos os meios achar o agente Schmidt, que era a única pessoa que poderia confirmar sua história. Há pouco soube que haviam desistido da busca sem ter conseguido obter qualquer pista de seu paradeiro. Até mesmo o contato com o capitão José Manuel, do navio espanhol *Majorca*, não foi conclusivo pois ele "achava" que tinha visto uma pasta com um dos agentes.

"Talvez nem fosse negra." - ele teria dito.

Quando soube que fora o próprio Himmler que o mandara chamar, apenas juntou todos os fatos e se preparou mentalmente para o encontro que viria.

Do outro lado do Atlântico, certo cientista tocava distraidamente seu violino. Estava tranqüilo, em casa, com alguns amigos após o trabalho.

CAPÍTULO LXV

A descoberta da reação nuclear em cadeia não trouxe necessariamente nada de novo sobre a destruição da humanidade mais do que a descoberta dos fósforos.

Albert Einstein

Albert Einstein era um amante da música clássica e gostava, ele mesmo, de impressionar suas visitas tocando seu violino. Naturalmente não era nenhum virtuose, mas sabia alegrar o ambiente.

Enquanto tocava, reconheceu nos rostos que o cercavam várias histórias semelhantes à sua própria. Ocorre que durante as duas primeiras décadas do século XX a Alemanha foi considerada a Meca da ciência mundial. Para lá acorriam todos que queriam estudar ou se firmar como cientistas. Havia que aprender alemão, tida na época como a língua da ciência. Mesmo os cientistas judeus comportaram-se como patriotas durante a Primeira Guerra Mundial, o que fez com que a Alemanha conseguisse estender a guerra por vários anos. Estima-se que, sem o esforço dos cientistas, a guerra não teria durado mais do que um ano. Entre outros problemas, simplesmente não havia

quantidade de explosivos suficiente para as batalhas.

No entanto, com a derrota alemã, os aliados infringiram ao país pesadas multas e restrições, constantes no Tratado de Versalhes. Por falta de recursos financeiros, mas, principalmente, devido a generalizada perseguição aos judeus na Alemanha, muitos desses cientistas procuraram um novo abrigo. O golpe mais duro nesse processo veio logo depois que os nazistas chegaram ao poder. No fim da primeira semana de abril de 1933, o novo regime emitiu a Lei de Restauração do Serviço Público de Carreira - *Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums*. Esta lei oficializou

a expulsão dos socialistas e dos não-arianos de seus empregos no funcionalismo. O não-ariano era definido como a pessoa que tivesse um dos pais ou avós não-ariano - ou seja, incluía aqueles que tivessem a partir de *um quarto de sangue judeu*. Como os acadêmicos e membros dos institutos de pesquisa eram funcionários públicos, cerca de mil professores universitários, muitos deles cientistas, incluindo 313 catedráticos, foram demitidos.

A perseguição continuou e houve a lamentável noite da queima de livros *não-arianos*. Milhares de obras de autores, consagrados ou não, foram queimadas ou destruídas em vários pontos da Alemanha. Aparentemente os

nazistas queriam apagar qualquer prova de que um dia houve uma elite intelectual *não-ariana* que contribuiu, e muito, para o engrandecimento do país.

Em 1934, o Ministro da Educação, Bernhard Rust, perguntou ao veterano matemático David Hilbert quanto Göttingen, antes um dos centros mundiais de matemática, sofrerá após o afastamento dos matemáticos judeus. A resposta foi: "Sofreu? Não sofreu, senhor Ministro. Não existe mais!"

Já foi dito que "A religião é a causa para todas as guerras.". Ora, é claro que não! A religião foi sempre utilizada pelos provocadores de guerra como desculpa. Nesse caso, Hitler queria por a culpa de todos os males da Alemanha

nos *não-arianos*, que teriam se aproveitado dela e de seu povo.

Mas acontece que a História é repleta de incontáveis "e se". Nesse caso imaginemos apenas por um momento que esse ato extremo não houvesse sido executado, e que Hitler tivesse preservado os preciosos cientistas *não-arianos*. Teria a Alemanha chegado à bomba atômica primeiro? E, caso isso tivesse acontecido, aí sim, é certo que não haveria "e se": Hitler estava disposto a utilizar quaisquer meios de destruição para atingir seus inimigos, e teria utilizado a bomba atômica. A Grã-Bretanha e a então União Soviética teriam sido varridas do mapa. Os Estados Unidos, em vista disso, seriam

forçados a assinar algum tipo de armistício com a Alemanha, que certamente acabaria dominando o mundo. Este texto, leitor, certamente seria escrito em alemão.

"Quero aniquilação total!" - teria dito Hitler certa vez a seus oficiais em relação à Grã-Bretanha.

E nada melhor para aniquilar do que uma bomba atômica. Comenta-se que alguns cientistas, como Heisenberg, cientes do perigo em potencial que seria uma bomba atômica nas mãos dos nazistas, teriam deliberadamente atrasado as pesquisas até que fosse tarde demais para a Alemanha. É uma polêmica que, no entanto, perdura até hoje e provavelmente jamais saberemos

a verdade com precisão.

Mas então, felizmente, talvez, o expurgo dos cientistas foi um sucesso. Tendo em vista todas as perseguições, apenas uma minoria muito teimosa ficou.

Sabemos o destino lamentável dos judeus e outros *não-arianos* que ficaram.

Muitos dos que saíram da Alemanha, afinal, foram parar nos Estados Unidos, e um punhado deles estava ali, naquela sala, ouvindo Einstein tocar seu instrumento. Ele tocou mais uma música e, ao terminar, um de seus novos amigos americanos o provocou, perguntando informalmente: "Albert, você viu o que fez o cientista italiano?"

Einstein sabia exatamente de que cientista o amigo falava, mas não queria dar o braço a torcer:

"Que cientista?" - perguntou displicentemente. "Enrico. Enrico Fermi. Vai me dizer que não está a par de sua conquista?" "Quem?" - disse Einstein em tom zombeteiro. Todos ali deram um pequeno sorriso pois sabiam que ele fazia um gracejo. Após uma pequena pausa, disse, sem esperar resposta:

"Enrico Fermi demonstrou em laboratório, neste ano, uma reação atômica em cadeia. Daí em diante, a construção da bomba atômica já não vai depender tanto da ciência. Vai ser um problema de tecnologia e de dinheiro,

especialmente para produzir e transformar o urânio comum em combustível pois ele precisa ser enriquecido com variedades mais raras de urânio."

Ao ouvir a explicação, todos ficaram sérios. Seus amigos ali, cientistas, sabiam exatamente do que Einstein falava, apenas não tinham certeza de que aquilo, afinal, estava tão próximo. Ele apenas não contara que tinha sido um dos catalisadores daquele processo, através de uma carta que escrevera ao presidente americano anos antes.

Einstein, não dando muita importância para aquilo, voltou a tocar seu instrumento. Vez por outra um convidado tomava um gole de bebida,

principalmente para esconder o nervosismo.

Foi a própria guerra, então, que daria o empurrão final para a conquista da energia nuclear. Em meados de 1942, os ditadores Adolf Hitler, da Alemanha, e Benito Mussolini, da Itália, haviam dominado toda a Europa continental, da França à Polônia. E, para pôr um fim naquilo, foi dada prioridade total ao desenvolvimento da bomba através do Projeto Manhattan.

Ironicamente, naquele mesmo ano também nascia o britânico Stephen Hawking, que seria um dos poucos homens que ousaria e teria capacidade intelectual para contradizer Einstein, embora décadas após sua morte. Para os

leigos, a mecânica quântica pode parecer um amontoado de conceitos que ferem o bom senso: aquilo que ora parece ser uma partícula, comporta-se como uma onda e vice-versa. Além desse aparente contra senso, há a perda definitiva do que restava da Física clássica. Após séculos de tranqüilidade com as equações deterministas do movimento, os cientistas tiveram de encarar o terrível princípio da incerteza, formulado pelo físico alemão Werner Heisenberg (1901 -1976), segundo o qual é impossível determinar simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula.

"Deus joga dados?" - teria perguntado Heisenberg.

Apesar de ter contribuído para o nascimento da mecânica quântica, Einstein jamais aceitou sua interpretação probabilística. Na Física clássica, toda quantidade física tem um valor determinado. No mundo quântico, passa a vigorar a probabilidade.

"Deus não joga dados com o Universo."
- disse Einstein.

Hawking, que ocupa o mesmo posto de Newton na Universidade de Cambridge, rebate Einstein:

"Deus joga dados, sim!"

CAPÍTULO LXVI

"Filho da puta!" - berrou Himmler quando Von Wiesen entrou em sua sala. Berrou e saiu andando em sua direção, com os braços esticados e as mãos abertas como se fossem agarrar seu pescoço.

Por uma fração de segundo Von Wiesen achou que iria morrer ali mesmo, na sala do próprio Himmler. Passado o susto, percebeu que sua expressão facial, no entanto, não era de raiva. Mas Von Wiesen não conseguia nem abrir a boca.

"Acharam a pasta!" - prosseguiu

Himmler. Ele viu que o coronel não entendia e repetiu, entusiástico: "A pasta!"

Von Wiesen começava a achar que sabia do que Himmler falava mas ao mesmo tempo, em seu íntimo, sabia que não poderia ser verdade. Estaria ele fazendo algum tipo de brincadeira de mau gosto?

"A pasta perdeu-se para sempre no oceano ..." - tentava recompor as idéias. Mas, como o coronel continuava impassível e o assunto era sigiloso, Himmler virou-se para os dois agentes e ordenou secamente: "Saíam."

Então, mais calmo, virou-se para Von Wiesen e repetiu o que havia escutado pelo telefone no início daquela manhã:

"Coronel, a pasta chegou por despacho diplomático suíço diretamente até as mãos do coronel Wachtel, da Luftwaffe, conforme as ordens que havia dado a você. Isso foi há dois dias e os nossos cientistas acreditam que ela seja verdadeira. Quero que você vá lá verificar, pois foi o único a vê-la com seus próprios olhos. Quero que me diga se aquela pasta é a mesma que contém o projeto secreto de Einstein."

"*Herr* Himmler, com todo o respeito, não pode ser a mesma pasta." - disse o inseguro coronel.

A insegurança irritou Himmler, que fechou a cara. A pasta *tinha* que ser verdadeira. Para o bem da própria

Alemanha. Mas, mais calmo, ponderou:

"Coronel, apenas vá até lá e faça sua análise. Depois relate. Não vá via aérea, vá de trem, que é mais seguro. Tem liberdade para usar o nosso trem. É só."

Despediram-se formalmente com a saudação nazista.

Von Wiesen, atônito, saiu cambaleante da sala de Himmler. Estava chocado. Como poderia ser a mesma pasta? Como teria chegado às mãos da pessoa correta se somente ele sabia quem ela era?

Bem, essas perguntas não poderiam ser respondidas agora, talvez nunca. A única coisa que importava era certificar-se sobre a autenticidade dos documentos, o que poderia garantir a

vitória nazista.

Von Wiesen, ao sair do edifício sede da SS, sentiu o ar da manhã entrar em seus pulmões e isso o acalmou. Sabia separar a emoção do trabalho o que, em outras palavras, significava ser frio e preciso. Consultou o relógio e fez um rápido cálculo mental. Levaria uma ou duas horas para ir até sua casa e, em seguida, até a estação, para pegar o trem especial da SS. Com isso seria possível chegar a *Peenemunde* ainda naquele dia. Era uma viagem curta em direção ao norte da Alemanha, pois *Peenemunde* fica a beira mar.

Ao chegar em casa, procurou em sua estante, no meio dos livros, um dossiê.

Era o dossiê sobre a vida de Einstein que havia sido dado a ele quando estava para embarcar no submarino para a América do Sul meses atrás. A Gestapo queria que ele soubesse o máximo possível sobre o homem que escrevera o projeto.

"Pode ser útil." - calculou.

Pegou mais alguns objetos pessoais e dirigiu-se diretamente para a estação de trem.

CAPÍTULO LXVII

O aparente movimento da paisagem, que passava veloz pela janela do trem, incomodava Von Wiesen. Ele, por respeito, não havia ocupado a ampla cabine pessoal de Himmler, optando por uma das cabines que em geral eram utilizadas por um de seus acompanhantes. Aquele era um dos mais modernos e rápidos trens alemães da época, com certeza o melhor e mais eficiente transporte que alguém poderia utilizar. A eficiência comparava-se apenas a seu luxo. Mas luxo não era o que interessava no momento e Wiesen

apenas se concentrava, mais uma vez, na pasta.

Ele precisava ler e reler o dossiê várias vezes para elaborar algum método que comprovaria que o projeto era verdadeiro. Então, puxou a cortina para baixo, prendendo-a, o que impediu que se visse o que se passava lá fora.

Von Wiesen folheou as páginas com atenção, absorvendo o contorno da caligrafia de Einstein. Tentou simular a caligrafia peculiar, mas desistiu, pois achou que seria muito difícil alguém tentar copiá-la. Mas como ter certeza?

Einstein tinha uma vida comum e parecia ser um homem comum, afinal de contas. Mas isso apenas por fora. Passou então

para os papéis científicos, aqueles que realmente poderiam conter algo *único*. Mas também seria preciso olhos muito especiais para enxergar.

O coronel finalmente chegou ao capítulo que falava sobre as teorias. Além dos muitos termos técnicos, havia algo ali que não se encaixava: um desenho que não parecia ser científico.

Na parte central de uma folha havia a representação de uma cadeira, um sinal de igual e, do outro lado, o desenho do que parecia ser o globo terrestre. Mas o que isso poderia querer dizer? O capítulo era sobre a Teoria da Relatividade. O coronel, apesar de instruído, pouco sabia sobre essa teoria mas sabia que Einstein havia afirmado

que a velocidade da luz é constante. Abaixo do desenho havia uma fórmula, que ele estudara na universidade: $E = mc^2$.

Resolveu fazer uma conta rápida multiplicando trezentos mil por dois, que seria o c ao quadrado da fórmula, ou a velocidade da luz ao quadrado. Adicionou um zero ao número que havia obtido, porque estimou que uma cadeira poderia ter dez quilos de massa. O número resultante era absurdamente grande e o coronel disse em voz alta:

"Isso resolveria todo o problema de energia do mundo!" Meditando um pouco mais sobre o assunto, viu que havia, no entanto, uma dificuldade

enorme: acelerar a cadeira até a velocidade da luz.

"Mas isso é problema dos engenheiros. Einstein fez apenas uma previsão teórica." - pensou consigo mesmo.

Cansado e isolado, adormeceu até que alguém batesse na porta de sua cabine. Sentiu que o trem ainda andava e sabia que não estava em seu destino. Ao abrir a porta, deu de cara com um serviçal:

"*Herr* coronel, vim saber se o senhor precisa de alguma coisa." Olhou o serviçal de cima a baixo com cara de poucos amigos. O rapaz engoliu em seco percebendo que sua atitude não havia sido bem-vinda. Após alguns instantes o coronel abriu bem os olhos e, com a

expressão mais séria e a voz mais gélida possíveis, disse:

"Escute bem, não quero ser interrompido em hipótese alguma." Apavorado, o rapaz apenas deu meia volta e afastou-se dali o mais rápido que pôde. Não conseguiu nem se desculpar pela intromissão.

Foi por esse motivo que ninguém veio chamá-lo quando o trem parou. Ele olhou o relógio e abriu a cortina de sua janela.

Na estação do trem pôde ver claramente: "*Peenemunde*".

CAPÍTULO LXVIII

Tão logo chegou, Von Wiesen foi diretamente procurar o coronel Wachtel:

"Boa noite Herr Wiesen. Não o esperava aqui senão amanhã pela manhã. Fez boa viagem?"

Von Wiesen não respondeu e disparou:

"Não há mais tempo a perder, coronel. Quero ver a pasta imediatamente." - disse secamente.

O coronel Wachtel conduziu Von Wiesen por uma série de corredores estreitos até chegarem a uma sala cujo acesso era restrito. A entrada naquela

sala somente era permitida ao próprio Wachtel e para os homens indicados diretamente por ele - alguns oficiais de sua extrema confiança e uns poucos cientistas. Ali na porta havia uma sentinela vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Não foi preciso dizer nada. Ao perceber a aproximação dos dois homens, a sentinela tirou de sua cintura um molho de chaves, escolheu uma delas e destrancou a porta. Sem soltar a maçaneta, abriu a porta e colocou-se de lado, em posição de sentido, até que os dois homens passassem. Tão logo entraram, a sentinela puxou a maçaneta, fechando a porta. Virou a chave para a posição anterior, trancando os dois

homens ali dentro. Impassível, a sentinela voltou para a mesma posição que estava antes.

Lá dentro os dois homens encontraram um grupo de cientistas com rostos cansados e sonolentos mas ávidos pelas explicações que, sabiam, somente aquele homem que acabara de chegar poderia dar-lhes.

Von Wiesen estava mais ansioso do que os demais. Perguntava a si mesmo quantos daqueles homens sabiam de seu fracasso. Instintivamente, o que ele mais queria era que o projeto fosse falso. Por isso, em um primeiro momento ignorou os papéis do projeto e foi direto procurar uma prova que, sabia ele, poderia comprovar que o projeto era

falso. Abriu a capa da pasta negra e, no verso, o endereço escrito com sua própria caligrafia, indicando o local onde ele estava agora.

"Incrível!" - exclamou em voz baixa para si mesmo, como se não houvesse mais ninguém na sala.

"É verdadeiro? Como pôde certificar-se tão rapidamente?" - perguntou ansioso o coronel Wachtel.

De repente Von Wiesen voltou para a realidade e percebeu que, afinal, aquilo poderia ser verdadeiro. Mas era preciso tomar muito cuidado. Nada poderia ser pior que atestar ser verdadeiro um projeto que na verdade era falso. As conseqüências seriam imprevisíveis.

Pensou um pouco e afinal disse calmamente:

"Posso dizer que pelo menos a capa é aquela que estava na casa do judeu. Vou examinar os papéis um por um, agora. Para essa tarefa, preciso de silêncio e de tempo."

Virando-se para o coronel Wachtel, pediu:

"É melhor o senhor dispensar estes cavalheiros, para que voltem amanhã. Não podem ajudar agora."

Fez uma pequena pausa e continuou:

"O senhor também, coronel."

O coronel Wachtel, apesar de contrariado, achou melhor obedecer.

Despediu-se com frieza e saiu por último.

Von Wiesen começou a folhear as páginas. Era para ele difícil aceitar aquela situação.

"Mas, e se forem verdadeiros? Podem fazer a diferença entre a vitória e a derrota para a Alemanha." - avaliou. E isso foi o suficiente para que mudasse de opinião. A única coisa que para ele estava acima de seu próprio orgulho era a Alemanha, além do próprio *Führer*.

O primeiro e mais fácil item a ser conferido era a numeração dos papéis. Devido ao trauma por que passou, nunca se esqueceria dos números das folhas. Conferiu todas as folhas e,

aparentemente, a numeração era aquela mesma que ele havia memorizado. Apesar de agora desejar que os papéis fossem, afinal, verdadeiros, a estratégia que adotaria seria presumir que os documentos eram falsos. Iria, portanto, tentar achar uma prova da falsificação.

Von Wiesen espalhou os papéis pela grande mesa de trabalho e abriu o dossiê que havia trazido consigo. Comparou criteriosamente cada curva, reta e demais símbolos da caligrafia desenhada nas folhas. Parecia de fato a caligrafia de Albert Einstein.

De repente lembrou-se do velho judeu que o enganara e, muito pior do que isso, se lembrou de Marie, que o havia traído.

Refletiu consigo mesmo:

"Já basta ter sido enganado duas vezes em uma única guerra. Isso não acontecerá novamente. O próprio Einstein poderia estar envolvido nisso e poderia ter escrito um projeto falso com conseqüências desastrosas para nós." - ponderou.

Mas, após horas de análise, tudo levava a crer que o projeto era realmente verdadeiro. Não havia qualquer indício de falsidade.

Veza por outra Von Wiesen levantava a cabeça e puxava o pescoço para frente, com a mão, para aliviar a tensão e a dor do cansaço por ficar em uma única posição por tanto tempo. Procurou por

um pouco de café para espantar o sono mas o único que havia ali estava quase congelado. Pensou em beber aquilo mesmo assim mas estava receoso.

"Se isso me fizer mal, pode atrapalhar a minha tarefa." - avaliou.

Por coincidência, a fechadura da porta se abriu no mesmo momento e um serviçal entrou na sala dizendo:

"Boa noite, coronel. Trouxe um pouco de café fresco para o senhor."

O coronel sabia que precisava parar por alguns instantes e aceitou a oferta. Pegou um pouco da bebida negra e voltou imediatamente ao trabalho.

As horas passavam e ele, no entanto, não conseguia se decidir. Apesar de tudo,

Von Wiesen não se convencia de que o projeto era verdadeiro. Como saber se aquilo estaria tecnicamente correto? Como ter certeza?

"Somente se perdermos meses construindo essa máquina e comprovarmos sua eficiência." - assombrou-se ele. De repente lembrou de uma frase que ele mesmo pensara horas atrás.

"Mas isso é problema dos engenheiros. Einstein fez apenas uma previsão teórica."

Subitamente lembrou-se do desenho com a cadeira e o globo terrestre. Sobressaltado, começou a procurar com desespero uma das folhas do projeto,

afastando todas as demais, aleatoriamente. Até que, por fim, pegou uma das folhas nas mãos e a aproximou da luz: não havia dúvida, era o mesmo desenho do dossiê.

Procurou no dossiê o mesmo desenho e colocou ambas as folhas lado a lado de forma a aproximar os desenhos. Percebeu que até o formato dos continentes no pequeno globo eram parecidos. Estava confiante agora. Aquilo era algum tipo de *marca registrada* do cientista. Algo que ele gostava de desenhar em seus projetos como se fosse, justamente, um comprovante de autenticidade. Algo em que o próprio Einstein poderia pôr os olhos e saber de imediato se tinha sido

feito por ele.

"Como a caligrafia invertida de Leonardo Da Vinci..." - raciocinou Von Wiesen.

Satisfeito, guardou todos os papéis novamente. A sala, fechada, não permitia que se visse o exterior. Qual não foi sua surpresa ao sair e perceber que já era dia novamente.

CAPÍTULO LXIX

Enfim, em janeiro de 1943 começaram os trabalhos de correção, baseados na profunda análise do projeto de Einstein. Não demorou muito e os engenheiros e cientistas alemães perceberam seus próprios erros, que puderam ser corrigidos com as valiosas informações contidas no projeto encontrado.

Após o término da correção do projeto inicial, foi necessário conseguir matéria-prima para sua confecção, o que, pelo atual estágio da guerra, era outra tarefa muito difícil. Alguns componentes como o cobre, por

exemplo, simplesmente não estavam disponíveis. Após os testes, que duraram cerca de seis meses, em agosto de 1943 os primeiros cem prisioneiros do campo de *Buchenwald* foram transferidos para trabalhar em uma nova obra. A infra-estrutura montada para a fabricação e lançamento dessas armas foi impressionante, mesmo para os dias de hoje. Foi construído um complexo com o nome de *Dora*, que na verdade era um gigantesco túnel onde os alemães poderiam trabalhar livres de aviões de espionagem e de bombardeiros. A largura do túnel eqüivalia a dois campos de futebol. Esse complexo abrigava uma multidão de escravos, túneis para entrada de suprimentos e matérias-

prima. Tinha nada menos do que vinte quilômetros de extensão e trinta metros de altura.

Sessenta mil internos construíram e trabalharam no enorme túnel, entre 1943 e 1945, para a produção das bombas V. Quase a metade morreu devido às condições desfavoráveis do local. Os presos tinham que se contentar com a ração diária de apenas um pão e, com sorte, às vezes recebiam duas ou três batatas.

Albert Speer, arquiteto do *Reich*, é apontado hoje como tendo sido o homem que prolongou a guerra, já perdida, devido a sua eficiência no comando do Ministério dos Armamentos. Ele foi o

executor responsável por *Dora*.

A história humana mostra que em geral são necessários inúmeros fracassos até que se consiga um sucesso. Com a bomba voadora V-1 não foi diferente e, após inúmeras tentativas fracassadas, finalmente, pouco antes do amanhecer de 13 de junho de 1944, uma grande explosão sacudiu o povoado de *Swanscombe*, no condado de *Kent*, a cerca de 35 quilômetros de distância da estação central londrina de *Charing Cross*.

Os ingleses, já esperando as anunciadas armas espetaculares, tinham vários postos de observação ao longo da costa. Momentos antes da explosão o objeto

voador foi avistado vindo do Canal da Mancha. Segundo a testemunha, se parecia com um estranho avião cuja silhueta, no entanto, não se assemelhava a nenhuma outra conhecida, seja dos aparelhos aliados ou inimigos.

Relatos dos observadores civis que chegaram às autoridades britânicas, somado ao fato de não ter sido encontrado sinal de restos humanos junto aos destroços do aparelho, permitiram concluir que se tratava de um avião não tripulado.

Naturalmente a notícia varreu a ilha britânica de imediato e provocou pânico em sua população. Nas semanas seguintes à explosão de *Swanscombe*, mais de um milhão de londrinos se

transferiram voluntariamente para o campo. Além disso o governo, também formado por pessoas em pânico, fez evacuar outras quase trezentas mil pessoas. Nesse caso se tratavam de mulheres com filhos pequenos e crianças em idade escolar.

Na verdade a utilização das bombas V-1 e V-2 foi mais espetacular do que eficiente. Muitos analistas estratégicos estimam haver uma aplicação indireta importantíssima para essas bombas voadoras. Muita gente sabe que o final da guerra foi adiado devido a essas bombas. Mas poucos sabem que isso deveu-se não a sua eficiência, mas em particular ao medo que elas geraram. Temendo o que não podiam

compreender de todo, os Aliados foram obrigados a desviar milhares de saídas de seus bombardeiros para que despejassem inacreditáveis cento e trinta mil toneladas de bombas sobre alvos ligados a esse projeto. Esse esforço poderia ter sido utilizado em outros objetivos mais decisivos para o curso da guerra. Os alemães, aliás, utilizaram essa vantagem de maneira muito inteligente, deixando rampas que não tinham qualquer utilidade expostas propositalmente como alvo para os bombardeiros. Pode-se dizer sem dúvida que a inteligência aliada foi enganada pela alemã.

Só que havia um problema especial a solucionar. Como criar uma barreira

contra essa nova arma? Não havia nenhum armamento específico para abater a bomba voadora, então os ingleses elaboraram um complexo sistema de defesa. Envolveria caças, que voavam sobre o mar e, muitas vezes, conseguiam alcançar e destruir as bombas antes que elas alcançassem o outro lado do Canal da Mancha. Passando pelos caças, as bombas voadoras teriam que enfrentar o *cinturão artilheiro*, formado por canhões ao longo da costa. E, finalmente, a arma mais engenhosa era constituída por uma barreira de globos que se erguiam nos arredores de Londres, com objetivo de fazer as bombas voadoras chocarem-se com eles

antes de atingirem a cidade.

Mas o esforço de guerra alemão conseguiu que as bombas V-1 entrassem em ritmo de produção em série e milhares delas foram fabricadas. Tanto é que há um consenso de que o total de projéteis V-1 disparados contra a Grã-Bretanha chegou a cerca de nove mil. Por ser ainda uma tecnologia em desenvolvimento, mais de dois mil se desintegraram pouco depois do lançamento. Os observadores civis fizeram uma contagem precisa e chegaram a um total de 6.725 V-1 avistados na costa inglesa. O sistema de defesa britânico abateu 3.463, que caíram graças à ação dos caças, canhões ou barreiras de globos. Os pouco mais

de três mil restantes efetivamente alcançaram a região metropolitana de Londres. Apenas algumas dezenas caíram no campo ou em outras cidades.

Curiosamente, no entanto, nem sempre era aconselhável que a defesa antiaérea britânica abatesse uma bomba voadora. Não era raro que, quando a bomba seguia seu curso natural, caísse em campos desabitados. Mas com a interceptação, os destroços acabavam caindo na região metropolitana, causando prejuízos diversos.

Mas o fato é que a série V-1 despertou pouco interesse devido a sua reduzida velocidade e pequena altitude operacional. Como vimos, até mesmo um caça podia alcançá-la e abatê-la em

pleno vôo. No entanto, a série V-2, tecnologicamente mais avançada, chegou a ser considerada a "arma de guerra do futuro".

Por diversas fontes chegaram informações sobre a nova ameaça. Deveria ser um foguete muito maior, mais potente, com mais carga explosiva e impossível de ser abatido com os mecanismos disponíveis. Quando essas informações chegaram às mãos do comitê britânico *Crossbow*, isso trouxe muita apreensão.

O artefato que o marechal Hill teria de enfrentar agora poderia atingir velocidade acima de três mil quilômetros por hora, ou seja, supersônica.

Enquanto as V-1 voavam quase na horizontal e em velocidade lenta o suficiente para serem alcançadas, as V-2 percorriam uma trajetória fortemente angular e em velocidade muito superior a qualquer caça da época.

Para maior desespero do lado aliado, o lançamento do foguete não requeria instalações especiais. Bastava construir uma simples plataforma de cimento de poucos metros quadrados para apoiar o veículo vector - um caminhão especialmente construído com um dispositivo que permitia colocar o foguete em posição vertical. Até hoje podem ser vistos dispositivos similares em paradas militares. De acordo com as informações conseguidas pela

inteligência, acreditava-se que a ofensiva com dos foguetes V-2 pudesse começar em princípios de setembro de 1944.

Hill e seu Estado-maior previram que o dispositivo de defesa testado com tão bons resultados contra a V-1 resultaria em escassa ou nula eficiência diante da V-2.

Em não sabendo como se defender, o único caminho a tomar pelos Aliados foi o maciço bombardeio das instalações nazistas, a fim de eliminar a nova ameaça direto na fonte.

CAPÍTULO LXX

Em dois de abril de 1945 o general americano Eisenhower, comandante supremo aliado, recebeu a Diretiva 1.067.0 cujo foco da diretiva era não apenas preservar o exército da destruição, mas capturar todos os planos, fotografias e principalmente dados relativos às novas armas alemãs. A diretiva originou a Operação *Paperclip*, que esteve a cargo do serviço secreto norte-americano.

Também no início de 1945 a Conferência de Yalta dividiu a Alemanha em zonas de ocupação. Ao mesmo tempo em que os Aliados

ocidentais confiscavam os documentos conforme a diretiva, na sua zona de ocupação se executou uma paciente busca pelos técnicos que haviam estado envolvidos com os projetos das instalações secretas de *Peenemunde*. De fato, poucos meses após o final da guerra, já trabalhavam nos Estados Unidos pouco mais de cem cientistas alemães. Alguns deles, no entanto, foram reclamados pelos tribunais que julgaram os crimes de guerra nazistas. Devido a seu próprio interesse, o governo americano os asilou e protegeu e, de fato, centenas de técnicos e cientistas chegaram aos Estados Unidos logo após o término da guerra.

Em 1948 a Operação Paperclip logrou

colocar mais de mil e cem técnicos e cientistas germânicos para trabalhar nos Estados Unidos - um número enorme de pessoas com um conhecimento bem específico. O objetivo principal, é claro, foi desenvolver a fabricação de foguetes norte-americanos. Entre eles estava um jovem e brilhante cientista chamado Werner von Braun.

Von Braun vinha da escola alemã que pregava a praticidade. Ou seja, para ele não bastava a teoria, tinha que ver seu resultado aplicado. O próprio cientista teria dito certa vez que:

"A utilidade de uma descoberta não pode ser apreciada claramente até que essa descoberta seja mesmo realizada. Ninguém pode imaginar o que o

programa espacial pode causar à humanidade, assim como tampouco Isabel, a Católica, podia imaginar qual seria o resultado da viagem de Colombo."

Von Braun acabou por se tornar o mais conhecido cientista envolvido diretamente no projeto das bombas V.

Com inteligência acima da média, foi estudante adiantado e, aos dezoito anos, já desenvolvia seus primeiros foguetes. Naturalmente, esses primeiros artefatos eram ainda rudimentares, mas precederam os gigantescos projéteis que Von Braun viria a projetar e construir no futuro. Jovem prodígio, com apenas vinte anos foi nomeado chefe de estudos de projéteis-foguetes do exército

alemão. A guerra estourou e o absorveu fazendo-o se envolver diretamente no programa de *bombas voadoras* alemão. A primeira série, V-1, não causou grande impacto tecnológico. Mas a série seguinte, a temível V-2, alteraria em profundidade os princípios clássicos da guerra. A sucessão tecnológica da série V-2 seria, em poucas décadas, os gigantescos foguetes *Saturno* do programa espacial americano.

Dedicado à pátria que o acolheu no pós-guerra, os Estados Unidos, Von Braun não mediu esforços para manter aquele país à frente na corrida pela conquista do espaço.

Um momento especialmente crucial, que

colocou sua competência em xeque, foi quando a Rússia, em 1957, colocou em órbita seu primeiro *Sputnik*. Naquela mesma noite, Von Braun jantava com Neil McElroy, secretário de Defesa americano. Von Braun, provocado pelo evento russo, pediu apenas liberdade de ação e estimou um prazo: sessenta dias. Prometeu colocar em órbita um satélite americano no referido prazo.

Quando pensamos na super potência em que se tornou os Estados Unidos, é difícil acreditar que Von Braun teve que superar enormes dificuldades. Mas o fato é que ele quase cumpriu sua promessa e, oitenta e quatro dias depois daquela noite, os Estados Unidos colocaram em órbita seu primeiro

satélite. Von Braun não parou por aí; perseguiu, incansável, seus sonhos de adolescente: a conquista do espaço para a Humanidade.

Nos anos seguintes ao término da guerra milhares de documentos seriam examinados minuciosamente, entre eles o projeto secreto de Einstein.

A grande ironia disso tudo é que após o término da guerra os cientistas alemães envolvidos no projeto em *Peenemunde* foram levados aos Estados Unidos para se juntar aos americanos, inimigos recentes, no desenvolvimento de seus próprios mísseis e, mais tarde, no programa espacial americano.

Juntando-se a tecnologia nuclear

desenvolvida pelos cientistas do lado americano com a tecnologia de propulsão desenvolvida pelos cientistas do lado alemão, se obteve os temíveis mísseis nucleares intercontinentais. Muitas dessas armas ficam em submarinos que, submersos em missões de três meses, são virtualmente indestrutíveis.

CAPÍTULO LXXI

A batalha por Berlim, entre abril e maio 1945, pode não ter sido a batalha final da Segunda Guerra Mundial na Europa, mas certamente foi conclusiva. Foi o desfecho da União Soviética que, tendo acabado com a iniciativa estratégica dos alemães após a batalha de Kursk, em julho de 1943, empurrou os alemães para fora da mãe Rússia. Na seqüência continuou a empurrá-los para oeste, para fora da Europa Oriental. Em agosto de 1944, os russos já tinham alcançado os arredores de Varsóvia, na Polônia, sem, no entanto, prestar nenhum auxílio ao

exército polonês enquanto este se levantava contra os alemães. Os russos dizimaram o centro do grupo do exército alemão em julho, e capturaram Bucareste em 31 de agosto. Quase sem descanso, partiram para a ocupação da Prússia Oriental, da Pomerânia e dos estados bálticos. Na ofensiva reiniciada em janeiro - o avanço das tropas do rio Vístula ao rio Oder, os soviéticos aniquilaram as forças alemãs restantes na Polônia, embora o almirante alemão Karl Dönitz tenha realizado a evacuação marítima bem sucedida de dois milhões de civis e do pessoal militar, fugindo das garras dos soviéticos.

Para o premiê soviético Josef Stalin, Berlim era o prêmio principal e ele

temeu que o Exército Vermelho pudesse ser batido na captura da cidade pelo grupo ocidental, formado pelo exército do marechal de campo Bernard Montgomery. Este avançava rápido da Holanda para a Alemanha, pelo norte, depois que a resistência alemã no oeste desmoronou, mais ou menos após a falha da ofensiva de Ardenes, em dezembro de 1944. Isso foi revertido, entretanto, pela mudança de planos do general Dwight D. Eisenhower. Em setembro de 1944, Eisenhower esboçou sua opinião em uma carta a dois de seus principais subordinados, Montgomery e o general Omar Bradley: "Berlim é o prêmio principal [...] Não há nenhuma dúvida em minha mente de que nós devemos

concentrar todas nossas energias e recursos em uma pressão rápida a Berlim". Ele também teria escrito que "é meu desejo mover-me para Berlim pela rota mais direta e mais rápida possível".

A estratégia de Eisenhower favorecia um grande avanço frontal. Mas não definia o que deveria acontecer quando as forças aliadas tornassem a se reunir, criando outra vez uma frente unificada, próxima à área de Kassel.

Montgomery emitiu as ordens de que, depois que o cerco do Ruhr estivesse completo, os exércitos britânicos e dos Estados Unidos deveriam avançar com velocidade máxima ao rio Elba, através de Hamburgo e de Magdeburg.

Eisenhower pretendia na verdade concentrar o avanço dos aliados ocidentais no centro, com Bradley, a fim de encontrarem os soviéticos ao redor de Dresden e ter a Alemanha cortada em duas. Subitamente, no entanto, Berlim se transformou em "nada mais do que uma posição geográfica. Minha finalidade é destruir as forças inimigas e seu poder de resistir", afirmou Eisenhower.

Enquanto Montgomery estava ainda a trezentas milhas de Berlim, os soviéticos, que tinham alcançado o rio Oder, estavam a menos de cinquenta milhas da cidade. Existia uma preocupação muito grande de que não houvesse nenhuma possibilidade dos alemães quebrarem o cerco, refazendo

uma linha defensiva coerente no centro. Ou que Hitler pudesse retirar-se para *Berghof*, sua fortaleza, na cidade de Berchtesgaden, nas montanhas bávaras e austríacas, o que poderia requerer muitos meses e grandes recursos para sua captura e conseqüente término da guerra. O que não é tão fácil compreender, dada a insistência de Eisenhower em que as operações militares devem perseguir alvos políticos - estratégia alinhada ao pensamento de Clausewitz, segundo o qual "guerra é a continuação da política do Estado por outros meios" - e dada a enorme importância política de Berlim, por que esse comandante optou por uma reviravolta completa nos planos, e a

divulgou como não tendo nenhum significado, quando possuía o objetivo militar de destruir a vontade do povo alemão, mediante a captura ou morte de Adolf Hitler?

O fato é que os soviéticos ficaram à vontade para conduzir o cerco a Berlim. Stalin, por sua vez, tentava esconder o que planejava realmente: realçar o prestígio soviético e estabelecer o domínio comunista na Europa Oriental e Central com a União Soviética sendo a primeira nação aliada a entrar em Berlim.

Isso, no entanto, foi uma tarefa bastante árdua.

Nunca saberemos exatamente quantos

morreram na Segunda Guerra Mundial. Mas ficará para a História o desprezo dos líderes soviéticos pela vida humana. De forma lamentável, das dezenas de milhões de pessoas que perderam a vida nessa guerra, a nação que mais perdeu foi a soviética. Seus soldados muitas vezes eram enviados para a frente de batalha como uma massa humana despreparada, que era morta às dezenas de milhares.

A batalha por Berlim não foi exceção.

CAPÍTULO LXXII

Em 25 de abril de 1945, Berlin estava completamente cercada. Hitler ordenou ao general Wenck que marchasse com o 12º Exército do Elba para Berlm. Wenck conseguiu chegar a Potsdam antes de encontrar a ofensiva soviética que, afinal, era muito forte. Ele mobilizou seu pessoal, e mais trinta mil sobreviventes do 9º Exército, e marchou para o oeste com a esperança de render-se aos americanos.

A situação na capital alemã era cada vez mais crítica. No entanto, os alemães conseguiram mobilizar cerca de cem mil

soldados - incluindo a 56^a Divisão Panzer (*Panzer Corps*), reforçada pelas divisões 18^a *Panzergrenadier* e 11^a SS *Nordland Panzergrenadier*. O comandante da 11^a SS era um velho conhecido, o coronel Franz von Wiesen.

A batalha por Berlim foi travada de rua em rua. Mas as forças concentradas na capital não foram páreo para as tropas soviéticas que a cercaram. A maioria dos alemães era movida apenas pelo desespero, principalmente para não cair em mãos soviéticas.

Uma das estratégias alemãs foi ocupar as três torres Flak, inicialmente construídas para defender Berlim de ataques aéreos. Em uma segunda fase,

essas torres foram utilizadas como abrigo antiaéreo, e podiam abrigar até dezoito mil pessoas cada uma. Na terceira, desesperada e última fase, foram usadas, justamente por suas posições elevadas, para lançar fogo às forças soviéticas, que avançavam. Duas das três imponentes construções podem ser vistas ainda hoje e contêm as cicatrizes da artilharia soviética. Uma está em *Friedrichshain Park* e a outra, em *Humbolthain*, que foi melhor preservada.

Königstiger para os alemães, ou *Kingtiger* para os americanos, o PzKpfw VI (*Tiger II*) foi de longe o tanque mais formidável da Segunda Guerra Mundial, nos quesitos blindagem

e armamento. Equipado com o poderoso canhão KwK L/71, de 88 mm, e com blindagem máxima de 185 mm, o Tigre II fazia frente a qualquer tanque nos dias de hoje e não havia equivalente a ele nas fileiras aliadas. Porém, seu tamanho e peso tornavam-no um veículo lento e desajeitado, facilmente deixado para trás em uma batalha de movimento. Excelente arma defensiva, era necessário cerca de cinco *Shermans* para destruí-la. O *Tiger* II teve uma curta temporada na Segunda Guerra Mundial, entrando em serviço no outono de 1944 e permanecendo até o fim do conflito europeu, em 1945. Existem vários exemplares em museus dos Estados Unidos, Rússia e Inglaterra.

O *Tiger II* é impulsionado por um motor Maybach HL 230 P30 de doze cilindros, que produz 700 HP. Tem uma caixa de engrenagens com oito velocidades para frente e quatro para ré. Possui nove conjuntos de rodas de cada lado, cobertas por uma lagarta, sendo cinco externas e quatro internas. Na estrada, esse gigante atinge velocidade máxima de 35 a 38 quilômetros por hora e, nos campos, reduz para dezessete quilômetros por hora. O alto consumo de combustível é um de seus problemas mais sérios. Consome quinhentos litros para percorrer cem quilômetros, com o agravante de que, na época, o combustível era um artigo muito escasso. Portanto ele carregava 860

litros em sete tanques, o que dava uma autonomia de cento e dez a cento e vinte quilômetros na estrada e de oitenta quilômetros no campo. O aparelho também necessita de constante manutenção dado ao excessivo desgaste das peças. Sua tripulação era formada por cinco homens - comandante, artilheiro, carregador, motorista e operador de rádio, que também operava a metralhadora frontal. Os tripulantes ficavam conectados por um sistema interno de telefonia, com exceção do carregador.

O canhão principal do *Tiger*, de 88 mm, disparava projéteis a uma velocidade de mil metros por segundo. Era altamente preciso e apto a penetrar blindagens de

até 150 mm de espessura, em distâncias que poderiam exceder dois mil e duzentos metros. Uma vez que o tempo de vôo do projétil durava, nessa distância, cerca de 2,2 segundos ou menos, a precisão e correção do tiro contra alvos que se moviam era o fator mais importante. Isso tornou esse pesado predador ideal para abrir terreno, onde ele poderia combater tanques inimigos a longa distância antes mesmo que as armas do inimigo tivessem alcance de tiro.

Ele tinha, no início, espaço para carregar dezesseis projéteis na torre. Mais tarde, as laterais da torre foram alteradas, com aumento para 69 graus, passando a carregar seis projéteis

extras, totalizando vinte e dois. O peso do tanque carregado para combate chegava a quase setenta toneladas.

A torre tinha um grande contrapeso, devido ao longo cano do canhão. Esse espaço adicional, no entanto, era usado para guardar munição, tornando o trabalho do carregador mais fácil. Tinha três escotilhas: a do comandante, com sete periscópios, que ficava do lado esquerdo; a do carregador, do lado direito; e uma escotilha de fuga, na traseira. Na torre ficavam três dos cinco tripulantes. O comandante ficava no lado centro-esquerdo, o atirador, abaixo e à frente do comandante, e o carregador, à sua direita.

Justamente por seu tamanho, apenas um

pequeno número de tanques Tigre foi utilizado na defesa de Berlim. Em um deles estava o coronel Von Wiesen no comando da ação. Dentro dele também estavam quatro homens dispostos a obedecerem, sem hesitar, as ordens daquele que consideravam um verdadeiro mito. Nem mesmo o fracassado contra-ataque de 24 de fevereiro, comandado diretamente por Heinrich Himmler e feito pelo recém-criado Grupo do Exército de Vístula, sequer arranhou sua fama. Os homens acreditavam nele. Por isso mesmo Himmler deu ao coronel Franz von Wiesen o comando da última defesa antes da fortaleza de Hitler.

CAPÍTULO LXXIII

Em 30 de abril os sargentos soviéticos Yegorov e Kantaria conseguiram contornar, à sua maneira, o prédio do *Reichstag*, o parlamento alemão, e, na parte traseira do edifício, encontraram uma escadaria que dava no telhado. Subiram a escadaria e, lá em cima, colocaram a bandeira soviética em um mastro, e este, em uma fenda apropriada. Assim a bandeira vermelha, às 22h50 de 30 de abril 1945, pairou finalmente sobre o *Reichstag*, o alvo número 105 do Exército Vermelho, e conseqüentemente por Berlim. A

resistência alemã continuou forte, entretanto, até a manhã de dois de maio, quando finalmente cessou a luta no *Reichstag*, com a rendição dos dois mil e quinhentos defensores restantes às forças soviéticas. A conquista foi um marco importante e a imagem da bandeira soviética no topo do *Reichstag* é famosa no mundo inteiro.

Nas ruas ainda, no entanto, a luta era ferrenha, quase que de prédio em prédio; muitas vezes era necessário entrar nos prédios e caçar os franco-atiradores um a um. Hitler mandou posicionar quatro *Tiger II* próximo de sua fortaleza, bem no centro de Berlim. Os tanques, apropriados para a defesa, cercaram-no apontando seus canhões

radialmente em direção oposta ao centro. O combustível era mínimo mas a idéia era não se mover, ficariam ali o mais próximo possível um do outro.

"Coronel, mensagem do rádio!" - disse o operador, sem tirar uma das mãos do gatilho da metralhadora.

"Passe adiante." - respondeu o coronel pelo sistema interno de comunicação do tanque.

"A inteligência informa que foi vista movimentação do inimigo a poucas quadras daqui, na direção norte. Muita movimentação inimiga pela *Frankfurter Strasse*."

O tanque de Von Wiesen estava virado para o norte.

"Informe os demais *Tiger* para se prepararem para a luta."

"Sim, senhor."

De fato, o Portão de *Brandenburg*, que ficava ali perto, foi sabiamente escolhido como ponto de observação. Os nazistas julgaram corretamente que um marco histórico como aquele dificilmente seria alvo da artilharia inimiga. Em cima dele colocaram quatro homens, cada um virado para um ponto cardinal, para passar instruções via rádio para as unidades ali embaixo. Muitos prédios já semi-destruídos ampliavam ainda mais o raio de visão. As torres Flak estavam bem mais para oeste e não serviriam para esse propósito.

Até mesmo o carregador, que não possuía sistema de comunicação, estava extremamente tenso. Ele não precisava de sistema de som, tudo o que tinha a fazer era recarregar o sistema de tiro do tanque toda vez que este se esvaziasse.

Todos sabiam que, afinal, chegara o momento. A Alemanha havia recuado até o extremo, até onde não havia mais para onde recuar. Muitos, até mesmo os da alta cúpula próxima a Hitler, questionavam-se por que não se rendiam de uma vez. Mas a ordem era sempre a mesma:

"Resistir!"

Isso, quando não havia alguma outra ordem irreal, tipo:

"Contra-atacar!"

Muitas vezes as ordens eram dadas para divisões que, de tão deterioradas, não podiam ser consideradas capazes, muito menos, aptas para o serviço. Mas as ordens continuavam a chegar mesmo assim.

Várias unidades soviéticas se aproximavam, lenta mas continuamente, por diferentes direções. Pelo norte se aproximavam a 3^a e 5^a Unidades de Choque. Os soviéticos já sabiam que nenhum de seus carros de combate era páreo para os poderosos *Tigers* ali plantados. Era preciso desenvolver outra tática.

O comandante olhou por um de seus

periscópios e pôde observar até mesmo alguma fumaça por trás dos prédios que ainda teimavam em ficar de pé.

"Agora falta pouco." - pensou ele.

Os soviéticos, cientes do longo alcance dos *Tiger*, posicionaram sua artilharia bem no meio da avenida, a cerca de dois quilômetros e meio dali. Realmente não demorou muito e os disparos começaram. Mesmo de dentro do tanque se podia ouvir o som do disparo que, em segundos, atingia os arredores.

Observadores soviéticos passavam para a artilharia a correção que deveria ser feita nos disparos para que pudessem atingir os tanques.

Von Wiesen percebeu imediatamente a

emboscada. Não poderiam ficar ali parados.

CAPÍTULO

LXXIV

"Piloto, avançar. Parados aqui seremos alvos fáceis. Operador do rádio, passe mensagem para os *Tiger* para nos seguirem!" - disparava ele suas ordens.

"Sim, *Herr* coronel!" - responderam os dois homens quase simultaneamente.

O operador de rádio rapidamente retornou ao coronel a confirmação de que os demais tanques receberam e entenderam as ordens.

Vagarosamente os tanques se moveram

e, girando suas torres, apontavam todos para a mesma direção, norte.

"Abrir fogo quando houver contato visual!" - ordenou Von Wiesen para seu pequeno grupo de *Tigers*.

Em questão de minutos, realmente já se podia ver as peças de artilharia soviéticas por entre alguns prédios. Os tanques abriram fogo de imediato e lançaram seus precisos projéteis.

De seu periscópio Von Wiesen pôde observar a destruição da peça de artilharia e viu alguns homens correndo. No entanto não houve tempo para qualquer comemoração pois novas explosões ocorriam em seu flanco esquerdo. Era a artilharia da 3ª Unidade

de Choque que chegava pelo outro lado.

Von Wiesen olhou para o lado e não gostou do que viu. Um dos *Tigers* se incendiava. Ficaram agora três tanques, e ele estava no do meio. Ordenou ao tanque à sua direita que continuasse a monitorar as tropas, que continuavam a vir da *Frankfurter Strasse*, enquanto ele e o tanque do flanco esquerdo girariam 90° para a esquerda, para lutar contra a nova ameaça que vinha da direção da avenida *Muller Chaussee*.

Os tanques se comunicavam identificando-se por números, bem visíveis por um observador próximo. Os números eram pintados na carroceria dos tanques. O tanque de seu flanco

esquerdo era o 252:

"Tanque 252, abrir fogo!"

Disparando juntos e com a precisão já conhecida, colocaram aquela outra peça de artilharia imediatamente fora de combate.

Ao olhar pelo periscópio atrás de si, avistou o tanque 331, que estava em seu flanco direito, e percebeu que este também já estava em dificuldades pois nova peça de artilharia fazia-lha frente. Von Wiesen ordenou que o 252 continuasse a monitorar o movimento que vinha da avenida *Muller Chaussee* enquanto ele mesmo girou sua torre em direção à *Frankfurter Strasse*. No entanto, era tarde. O 331 acabava de ser

atingido por um tiro certo da pesada artilharia soviética.

Von Wiesen, no entanto, não hesitou e ordenou que abrissem fogo, o que também colocou fora de combate a segunda peça de artilharia daquela direção.

Antes de conferir novamente a situação do 252, percebeu muita movimentação militar. Os soldados estavam cada vez mais próximos e já estavam quase ao alcance da metralhadora frontal.

Dessa vez o alvo foi o 252, que também havia sido vítima de um tiro certo da artilharia soviética e ardia em chamas. Von Wiesen, novamente, ordenou o tiro que colocou fora de operação a peça de

artilharia.

Agora a situação era a seguinte: estava sozinho, mas as peças de artilharia atacadas haviam bloqueado o acesso das ruas. Levaria algum tempo para desbloquear e trazer outras peças. O ataque, agora, era com morteiros lançados pelos soldados soviéticos que se posicionaram próximo ao local.

As explosões dos morteiros eram ouvidas e sentidas, mas pouco podiam fazer contra o grande *Tiger*. Mas eram muitas as origens dos disparos e não seria possível atacar todos pois a munição era limitada. A opção foi não atacar os morteiros e aguardar por alvos maiores.

Nisso, o operador de rádio anunciou:

"Coronel, a sentinela avisa que uma coluna de tanques soviéticos se aproxima."

"Direção?" - perguntou apenas Von Wiesen.

"Estão vindo da Frankfurter Strasse."

Já apontavam naquela direção. A única esperança era que os tanques chegassem um a um pois talvez não haveria espaço para que passassem juntos. Se isso acontecesse não haveria chance de um tanque soviético os abater.

De fato, após alguns minutos, o primeiro tanque já era quase visível. Von Wiesen apontou para ele e, quase

simultaneamente ao ordenar "fogo", uma enorme explosão sentiu-se do lado direito. O tanque foi sacudido e havia fumaça dentro dele. Espertos, os soviéticos mandaram seus tanques avançar por mais de uma rua. O cerco se fechara.

Von Wiesen olhou para o lado e viu o operador de rádio imóvel, sangrando na cabeça. Estava morto. Mas o valente *Tiger* continuava plenamente operacional e o restante da tripulação estava ativa.

"Piloto, avançar!" - deu Von Wiesen sua desesperada ordem. Não podiam mais ficar parados.

No entanto essa pequena vantagem

desapareceu em seguida.

O artilheiro, seguindo as ordens do coronel, moveu a torre para a direção de onde veio o último disparo e colocou fora de operação um dos tanques soviéticos. Mas outro tiro foi recebido frontalmente, matando o piloto. Com isso o tanque parou de imediato. Ainda com pleno poder de fogo, Von Wiesen mandou o artilheiro lançar novo projétil, dessa vez contra o primeiro tanque, que agora já estava totalmente visível. Implacável, bastou novamente apenas um tiro para colocar fora de operação o tanque soviético.

Nova explosão, agora sentida na parte traseira do veículo, que chegou a balançá-lo. Von Wiesen olhou em

direção ao carregador e, desolado, percebeu que este também estava morto. Ouvia apenas a estática do sistema interno de comunicação, que vinha do fone de ouvido embutido em seu capacete. Sem opção, jogou o capacete para o lado e deixou seu posto de comando, descendo para junto do carregador, que jazia no chão do *Tiger*. Espremeu-se o mais que pôde para, ele próprio, recarregar o canhão. Pisando sobre o corpo do carregador, com muito esforço liberou o canhão para disparo e gritou para o artilheiro eliminar mais um tanque soviético.

Mais uma forte explosão sacudiu o tanque e Von Wiesen percebeu fogo e fumaça no local onde estivera sentado

instantes antes. O posto do comandante havia se tornado um amontoado de ferro em brasa. Von Wiesen usou a escotilha do carregador para se orientar. Percebeu um tanque soviético aproximando-se e indicou sua direção para o artilheiro. Este tentou mover a torre, mas a última explosão tinha danificado seu sistema de giro. O artilheiro olhou para o coronel e perguntou desesperado:

"Que fazemos agora, coronel?"

Este, com a frieza de sempre, apenas disse:

"Agora nós morremos."

Outros tanques soviéticos que se aproximaram abriram fogo em conjunto e várias explosões simultâneas

sacudiram violentamente o último dos valentes *Tiger*. Em seguida os tiros cessaram e o que sobrou do tanque alemão era apenas um monte de ferro retorcido. Ali dentro estavam cinco homens mortos.

CAPÍTULO LXXV

Após intensas batalhas travadas de rua em rua e de prédio em prédio, finalmente a resistência alemã começou a se desintegrar na cidade inteira. O exército vermelho se aproximou da chancelaria do *Reich* e do *Führerbunker*, a fortaleza do ditador. Hitler, cercado e sem possibilidade de retirada, resolveu tirar sua própria vida. Depois do que se sucedeu com Mussolini, que teve seu corpo pendurado de cabeça para baixo em um posto de gasolina qualquer para execração pública, Hitler exigiu que

após sua morte seu corpo fosse destruído. Afinal, isso era bem melhor do que ser capturado pelos enfurecidos soviéticos.

Hitler nomeou o almirante Dönitz seu sucessor e expulsou os outrora ferrenhos seguidores Göring e Himmler de seus escritórios. O primeiro, por tentar usurpar o poder, e o segundo, por manifestar sentimentos pacifistas. Hitler não permitiu nem uma coisa nem outra. Juntamente com Eva Braun, sua esposa por um dia, retirou-se a seu quarto no *Führerbunker* para cometer suicídio, após ditar sua vontade e testamento políticos. Até hoje é alvo de polêmica a causa exata da morte de ambos e o que aconteceu logo em seguida. O consenso

geral é o de que Hitler disparou uma arma contra si e Eva Braun fez uso de veneno. Seus corpos, conforme o desejo de Hitler, foram imediatamente cremados fora do *bunker*.

Goebbels, afinal, seguiu seu líder em 1º de maio e também cometeu suicídio. A fortaleza ficou nas mãos de Weidling, que expediu uma ordem para o restante dos ocupantes: deveriam baixar suas armas na manhã de 2 de maio. Para minimizar as conseqüências, sinalizou como tal para o general Chuikov, que cercava o local. Estavam, pois, se rendendo. Um número desconhecido de refugiados, incluindo civis e militares, saiu de Berlim em direção oeste, sempre na esperança de se render para os

aliados ocidentais. Às 15h a artilharia soviética cessou fogo de repente e, conforme testemunhas, o silêncio repentino foi "ensurdecedor". Mas a Batalha por Berlim estava terminada.

É interessante notar que a guerra ainda duraria dias após a queda de Berlim e mesmo após o suicídio de Hitler. Isso deveu-se, muito provavelmente, a elementos da SS infiltrados nos exércitos regulares, que ainda sonhavam com uma reviravolta nos acontecimentos. Fizeram pressão para resistir, até que a notícia da morte de Hitler e da queda de Berlim se tornou de conhecimento geral.

Dois dias após a queda de Berlim, às 18h20 de 4 de maio de 1945, o general

E. Kinzel e o almirante H. G. von Friedeburg assinaram os documentos de rendição das forças alemãs na Holanda, nordeste da Alemanha, e de outros territórios fora da Alemanha, no quartel general de Montgomery, em *Lüneburg Heath*. Era a fase final da capitulação.

O mesmo aconteceu três dias mais tarde, às 2h41 de 7 de maio de 1945, quando o general Jodl, da *Wehrmacht*, o almirante Friedeburg, da *Kriegsmarine*, e o major Oxenius, da *Luftwaffe* assinaram a rendição alemã, diante de altas autoridades militares aliadas. Havia a necessidade de se dar o maior peso possível à rendição.

No dia seguinte o marechal-do-ar *sir*

Arthur Tedder, foi a Berlm juntamente com o tenente-general Spaatz, para o ato final de rendição. A cerimônia ocorreu no quartel general bielo-russo, onde estavam ainda o marechal-de-campo Keitel, da *Wehrmacht*, o almirante Freideburg, da *Kreigsmarine*, e o general Stumpff, da *Luftwaffe*, que compareceram perante o marechal Zhukov, general de Lattre de Tassigny, Tedder e Spaatz. Todos assinaram os documentos de rendição às 0h28. Com a rendição incondicional da Alemanha nazista, a parte européia da Segunda Guerra Mundial foi finalmente encerrada às 23h01 de 8 de maio de 1945.

Embora não tenha se passado muito tempo entre as várias assinaturas, isso

deixou uma importante brecha para que centenas de milhares de soldados alemães fizessem uma marcha controlada para oeste para se render aos aliados ocidentais. Além disso a *Kriegsmarine* também pôde evacuar suas posições no Báltico na mesma direção.

Os exércitos aliados exerceram seu *direito de perseguição* e perseguiram as forças alemãs, ocupando territórios bem após a linha de demarcação. Essa linha havia sido delimitada no Tratado de Yalta e, para se ter uma idéia, Montgomery avançou por cerca de 45 milhas - quase noventa quilômetros - enquanto Bradley, por aproximadamente cento e vinte e cinco milhas - quase

duzentos e quarenta quilômetros.

No dia seguinte, depois de assinarem as rendições oficiais, Stalin insistiu na execução imediata dos acordos de Yalta e exigiu a volta das tropas ocidentais para trás da linha demarcada. A NKVD, agência soviética de inteligência, estava em processo de eliminação de qualquer possível oposição ao estabelecimento do regime comunista na Europa do Leste, e os exércitos aliados ocidentais poderiam ser um entrave nesse processo.

Naquelas circunstâncias, Churchill escreveu, em 4 de junho, para o novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, indicando que a retirada dos exércitos ocidentais para as linhas de

demarcação não deveria ser executada sem terem sido resolvidas várias questões entre as grandes potências.

Alguns dias depois, o apreensivo Churchill se viu obrigado a escrever novamente devido ao comportamento das autoridades de ocupação na Áustria e à interferência das missões das potências ocidentais. Truman ignorou os argumentos de Churchill e decidiu que o exército americano iniciaria sua retirada em 21 de junho, enquanto os chefes militares fariam a ocupação quadripartite de Berlim e estabeleceriam o acesso a ela por estrada, trem e ar. Em 15 de julho de 1945, quando a conferência de Potsdam havia começado, o Exército Vermelho já

tinha tomado posições avançadas.

Veza por outra eu me deparo com algum saudosista da extinta União Soviética, com alguém que se diz seguidor da doutrina comunista ou, ainda, com alguém que é contra os regimes ditos *ocidentais*. A eles faço apenas uma pergunta: por que nunca ninguém tentou fugir da Alemanha Ocidental para a Oriental, mas sempre o inverso?

Se não puderem responder à minha pergunta, então deixo outra, mais curiosa: por que o antigo nome da Alemanha Oriental era República *Democrática Alemã*?

Churchill já previa o que aconteceria e por isso, em relação ao recuo forçado

dos exércitos aliados, disse:

"Foi uma decisão fatal".

CAPÍTULO

LXXVI

Se os fatos não se encaixam na teoria, mude os fatos.

Albert Einstein

Segundo dizem, Einstein morreu triste. Alguns dizem que foi por ter contribuído decisivamente com uma super arma que matou centenas de milhares de inocentes. Mas nada o deixou mais triste do que a carta da senhora Sarah, recebida no final de 1942. Ali ela

contou que ficara hospitalizada por várias semanas e, ainda pior, contou como seu marido havia sido brutalmente tratado e, por fim, assassinado. Einstein sabia, claro, que a desnecessária morte de seu amigo Isaiah era culpa sua, e até o final de seus dias não conseguiu se perdoar.

Einstein, conforme suas ordens expressas, foi cremado após a morte. Diz-se que junto a si também foram queimados um ou mais de seus projetos, para os quais ele considerava que a humanidade não estava preparada. Para aumentar as suspeitas, suas cinzas foram colocadas em local desconhecido.

Seu cérebro foi preservado em uma jarra pelo doutor Thomas Stoltz Harvey,

o patologista que executou a autópsia em Einstein. Harvey declarou:

"Não encontrei nada incomum no cérebro".

Mas em 1999, análises posteriores feitas por uma equipe da Universidade McMaster revelou a ausência do opérculo parietal. A natureza se manifestou e, para compensar o espaço vazio, fez com que o lobo parietal de Einstein fosse quinze por cento maior do que o normal. A região inferior parietal é responsável pelo raciocínio matemático, cognição espaço-visual e pelo imaginário do movimento.

Por alguns anos tudo isso foi classificado como *lenda* e, com exceção

da morte de Einstein e da preservação de seu cérebro, tudo o mais foi *oficialmente* desmentido, por conveniência.

Mas a maior lenda sobre Einstein tem ganhado muita repercussão recentemente. Acontece que, durante a Segunda Guerra Mundial, foi conduzida uma experiência na base naval da Filadélfia. Em inglês, escreve-se Filadélfia com *Ph*, e a abreviação para experimento ou experiência é comumente adotada como *X*. Daí essa experiência ficou conhecida como *PX*. A experiência também foi conduzida no mar e, por pelo menos uma vez, sob a vista do USS Andrew Furuseth, um navio da marinha mercante, e de outros

navios de observação. O Andrew Furuseth é especialmente importante porque um de seus marinheiros é a fonte da maior parte do material disponível na internet, bem como outros textos e até mesmo documentários na televisão a respeito do *PX*.

Carlos Allende escreveu uma série de estranhas cartas para o doutor Morris K. Jessup na década de 1950, nas quais diz ele ter testemunhado pelo menos uma das diversas fases do Experimento Filadélfia.

O Projeto Arco-íris foi, conforme alegado, uma experiência conduzida em um pequeno navio da classe destróier durante a Segunda Guerra Mundial, tanto na base naval da Filadélfia quanto no

mar. O objetivo era fazer o navio se tornar invisível à detecção inimiga. Há divergências quanto ao real objetivo do projeto, se apenas tornar o navio invisível ao radar ou se realmente visualmente invisível.

De qualquer modo, se acredita que o mecanismo envolvia a geração de um campo magnético de força monstruosa ao redor do navio, que causaria a refração ou a curvatura da luz ou das ondas de radar, efeito parecido ao de uma miragem criada pelo ar aquecido em uma estrada, durante um dia muito quente.

Dizem que a experiência foi um completo sucesso.

Exceto por algo que não saiu como o previsto. O navio teria desaparecido fisicamente por alguns instantes e depois retornado. Eles queriam tirar o navio de vista, mas tudo indica que, em vez disso, desmaterializaram e teletransportaram o destróier.

Alega-se que o Experimento Filadélfia era, parcialmente, uma investigação da Teoria Unificada da Gravitação e Eletricidade, de Albert Einstein. E que essa teoria foi utilizada no desenvolvimento de camuflagem eletrônica para navios no mar. Einstein, de fato, publicou sua Teoria Unificada entre 1925 e 1927, após uma viagem de navio à América Latina. A primeira publicação foi em alemão, em um jornal

científico, mas foi posteriormente retirada por estar "incompleta".

Essa pesquisa focou o uso de um intenso campo eletromagnético, formado para mascarar um navio contra projéteis que estivessem vindo em sua direção, principalmente torpedos pela água. Isso foi, posteriormente, estendido para incluir um estudo para se criar invisibilidade no radar por um campo similar no ar, em vez de na água.

A história começa em junho de 1943, com o USS Eldridge, destróier de escolta, sendo carregado com toneladas de equipamento eletrônico experimental. Isso incluiu, de acordo com uma fonte, dois enormes geradores de 75 KVA cada, montados onde estaria o canhão de

proa, distribuindo sua energia por quatro espirais magnéticas montadas no convés do navio. Havia ainda mais uma série de equipamentos para conseguir gerar os campos eletromagnéticos, que seriam capazes de desviar a luz e as ondas de rádio ao redor do navio, tornando-o assim invisível a observadores inimigos.

Às 9h do dia 22 de julho de 1943, a energia dos geradores foi ligada e os campos magnéticos começaram a se formar. Uma neblina esverdeada foi vista envolvendo o navio devagar, bloqueando sua imagem. Então a própria neblina desapareceu, levando o Eldridge com ela, deixando apenas água parada onde o navio estava ancorado momentos

antes.

Oficiais de elite da Marinha e cientistas envolvidos observaram atônitos seu maior triunfo: o navio e a tripulação não estavam apenas fora do radar, mas eram também invisíveis opticamente. Tudo funcionou como planejado, e cerca de quinze minutos depois eles ordenaram aos homens para que desligassem os geradores. A neblina esverdeada lentamente reapareceu, e o Eldridge começou a reaparecer, mas era evidente que algo dera errado.

Quando abordada pelo pessoal da costa, a tripulação no convés parecia estar desorientada e com náuseas. A Marinha removeu a tripulação e logo em seguida conseguiu sua reposição. A Marinha,

precavida, decidiu que apenas buscariam invisibilidade contra radar e o equipamento foi alterado.

No dia 28 de outubro de 1943, às 17h15, o teste final no Eldridge começou. Os geradores de campo magnético foram ligados novamente e o Eldridge ficou *quase* invisível aos olhos humanos. Percebia-se apenas uma tênue linha no contorno do navio. Tudo esteve bem nos primeiros segundos e então, em um ofuscante *flash* azul, o navio desapareceu completamente. Em segundos, reapareceu milhas distante, em Norfolk, Virginia, onde foi visto por vários minutos. O Eldridge então desapareceu de Norfolk tão misteriosamente quanto tinha chegado e

reapareceu novamente na base naval de Filadélfia. Só que, dessa vez, a maioria dos marinheiros estava gravemente doente. Alguns deles simplesmente desapareceram e nunca mais foram vistos. Alguns enlouqueceram mas o mais estranho de tudo é que cinco homens ficaram fundidos na estrutura de metal do navio.

Os sobreviventes nunca mais foram os mesmos e foram descartados como *mentalmente inúteis* para o serviço, a despeito de sua real condição.

Então, aquilo que começou como uma experiência eletrônica de camuflagem terminou como o teletransporte acidental de todo um navio e de sua tripulação para uma localidade distante e posterior

retorno, tudo em questão de minutos.

Apesar de tudo isso parecer fantástico, deve-se lembrar que, em 1940, uma bomba atômica também parecia ser fantástica.

Esse é o projeto *PX*, como se conhece em nossos dias. Alguns detalhes têm sido acrescentados quando certas fontes dizem ter-se "lembrado de algo" acontecido durante sua própria participação no projeto, após anos de lavagem cerebral para remover tais memórias. Mais recentemente houve várias reportagens sobre esse caso até mesmo em canais ditos sérios da televisão.

CAPÍTULO

LXXVII

O coronel Franz von Wiesen era candidato certo ao julgamento de crimes nazistas, feito em Nuremberg após o término da guerra. No entanto, escapou por ter sido morto em Berlim nos últimos dias da guerra, em maio de 1945, junto a outros fanáticos que ainda lutavam desesperadamente pela cidade. Não houve, entretanto, julgamento para os assim alegados crimes de guerra dos países aliados. Isso incluiria o ataque a civis - que já havia sido definido como

crime de guerra por leis internacionais - tais como os bombardeios de Dresden e Tóquio, ou o Incidente Lacônia, quando submarinos com a Cruz Vermelha foram atacados, ou ainda os maus tratos a prisioneiros de guerra.

A credibilidade dos julgamentos de Nuremberg, entretanto, não foi afetada. Mas o espírito da época foi bem refletido em Nuremberg: uma guerra longa, brutal e enormemente custosa foi ganha, e o lado que perdeu não poderia esperar simplesmente abandonar o desastre que eles mesmos criaram.

Von Wiesen teria tido, afinal, mais uma punição *exemplar* dada pelos países aliados aos perdedores da guerra. Falando nisso, Johannes Stark, físico

nazista laureado com o Prêmio Nobel, que denunciara o projeto de Einstein aos agentes da Gestapo, foi levado a julgamento no fim da guerra. Foi declarado culpado em julho de 1947, como "grande criminoso", e condenado a quatro anos de trabalhos forçados, embora a sentença fosse suspensa mais tarde. Morreu em 1957, em sua propriedade na Baviera.

John Wislow casou-se com Bertha Loch em 18 de maio de 1946. Ambos continuaram a trabalhar na embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro e especializaram-se como brasilianistas. Depois de fortes indícios de que teriam participado do movimento que culminou na queda e suicídio de Vargas, em 1954,

ambos deixaram, convenientemente, o serviço secreto no Rio de Janeiro e voltaram para os Estados Unidos. Curiosamente o casal foi mais uma vez designado para trabalhar na embaixada do Rio de Janeiro, no final de 1962, dessa vez apenas como civis. Mas após o golpe de março de 1963, uma manobra política fez com que eles fossem definitivamente aposentados do serviço público. John foi trabalhar com consultoria em segurança e Bertha foi, afinal, exercer de fato a profissão de professora de línguas.

A senhora Sarah faleceu em paz na década de 1960 e está enterrada ao lado de seu marido no Rio de Janeiro. Não tiveram filhos mas a comunidade judaica

brasileira, reconhecida, faz homenagens freqüentes ao casal.

A também professora Lourdes e seu marido, o pescador José Carlos, vivem até hoje na mesma casa. Quando a professora Lourdes voltou da cidade, contou a seu marido como resolvera bem a questão da misteriosa pasta. Depois daquele dia nunca mais falaram nela. Ambos se aposentaram e vivem uma vida tranqüila. Vez por outra o senhor José Carlos, até hoje, ainda sai para pescar no mar com seus amigos.

Quando vai comprar isca para a pescaria, o vendedor utiliza jornal velho para embrulhar camarão, a isca utilizada. Em uma dessas idas à peixaria, o camarão veio embrulhado,

caprichosamente, com a foto de um senhor com bigode e cabelos brancos. O jornal era de algum mês do princípio de 2005 mas a foto era antiga, em preto e branco, tirada há mais de cinquenta anos antes. Embaixo da foto havia um nome: Albert Einstein. Curioso, o senhor José Carlos ajeitou os óculos - sim, agora precisava de óculos para enxergar de perto - e, orgulhoso, mostrou que aprendera a ler. Leu algumas linhas sobre o homem da foto, que contavam ter sido ele o "maior cientista do século passado" e que no ano corrente, 2005, é feita a comemoração do "Ano Miraculoso de Einstein". Um pouco frustrado, o senhor José Carlos não entendeu direito o que o artigo falava

sobre Física mas entendeu bem a importância daquele homem. Passou os dedos sobre a foto do jornal e pensou consigo mesmo:

"Este é o mais próximo que eu chegaria de algo vindo de um homem tão importante como ele."

FIM